



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Gisele Pinheiro da Cunha

**A continuidade histórica dos ideais políticos de José Martí: uma análise a partir dos discursos de Fidel Castro (1959-1965)**

Rio de Janeiro

2024

Gisele Pinheiro da Cunha

**A continuidade histórica dos ideais políticos de José Martí: uma análise a partir dos discursos de Fidel Castro (1959-1965)**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Política.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Pinheiro de Araujo

Coorientadora: Profa. Dra. Érica Sarmiento da Silva

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/A

C972

Cunha, Gisele Pinheiro da.

A continuidade histórica dos ideais políticos de José Martí: uma análise a partir dos discursos de Fidel Castro (1959-1965) / Gisele Pinheiro da Cunha. – 2024. 202 f.

Orientador: Rafael Pinheiro de Araújo.

Coorientadora: Érica Sarmiento da Silva.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Martí, José, 1853-1895 - Teses. 2. Cuba - História - Revolução, 1959 - Teses. 3. Análise do discurso - Cuba - Teses. 4. Revoluções - Cuba - Teses. I. Araújo, Rafael Pinheiro de. II. Silva, Érica Sarmiento da. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.

CDU 316.423.3(729.1)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Gisele Pinheiro da Cunha

**A continuidade histórica dos ideais políticos de José Martí: uma análise a partir dos discursos de Fidel Castro (1959-1965)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Política.

Aprovada em 26 de março de 2024.

Banca examinadora:

---

Prof.º Dr. Rafael Pinheiro de Araújo (Orientador)  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

---

Prof.ª Dr.ª Érica Sarmiento da Silva (Coorientadora)  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

---

Profº Dr. Maikel Pons Giralt  
Universidade de Santa Cruz do Sul

---

Prof.ª Dr.ª Izabel Pimentel da Silva  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Rio de Janeiro

2024

## DEDICATÓRIA

À minha avó Neusa  
que sempre quis fazer História.

## AGRADECIMENTOS

Aos professores Rafael Araujo e Érica Sarmiento por me orientarem e estarem sempre à disposição nesses últimos anos. Eles me acompanham desde a graduação e são fundamentais na minha formação acadêmica e no meu desenvolvimento enquanto pesquisadora. Agradeço muito pelas conversas, pelas leituras detalhadas dos capítulos e pelas correções. Sou muito grata por poder aprender com eles e tê-los na minha trajetória.

Aos professores Maikel Giralt e Izabel Pimentel por comporem a banca de qualificação e a banca de defesa. Seus comentários e sugestões bibliográficas foram fundamentais para aprimorar a minha escrita e o meu trabalho. Sem dúvidas, continuarei levando em consideração suas dicas nos meus futuros trabalhos.

À Ana Paula Calegari pelas valiosas indicações e pela gentileza em me ceder livros que foram importantes na pesquisa.

Ao professor Ricardo Mendes, cujas correções no meu trabalho final da sua disciplina foram essenciais para pensar a minha delimitação temporal e desenvolver o meu tema. E por dividir seus conhecimentos sobre a Revolução Cubana em suas aulas e ser uma das grandes influências na escolha do meu tema de pesquisa.

À Bianca Dias, também orientanda da professora Érica, minha amiga desde a graduação. Nossos almoços no bandejão são um dos pontos altos da minha semana, momentos de desabafo, fofocas e apoio mútuo. Fico muito feliz em poder compartilhar com ela tudo o que senti nos últimos dois anos, desde a ansiedade com os prazos até os desânimos e alívios no processo de escrita. Ela, sem dúvidas, foi essencial para tornar tudo isso mais leve e prazeroso.

Agradeço também aos amigos Ana Luíza, Gabrielle e Thomás pelas risadas, pelas problematizações e por estarem sempre presentes quando eu precisava sair ou espairecer.

Aos funcionários da secretaria do PPGH-UERJ, muito solícitos e dispostos a tirar dúvidas. Ao Denilson, dono da xerox do 9º andar da UERJ, pela paciência e pela disponibilidade em procurar livros e textos que eu precisava. E aos funcionários e bolsistas do LABIMI-UERJ, em especial Cláudia e Bruno. Eles sempre foram muito simpáticos quando eu passava por lá e nossas conversas foram muito enriquecedoras.

E, finalmente, agradeço aos meus pais, Kátia e Sérgio, por estarem sempre do meu lado, me apoiando e me incentivando em tudo o que eu faço. Desde pequena, eles me ensinaram a ter gosto pela leitura e a valorizar o estudo. E me deram todo o suporte emocional que eu precisei ao longo da minha vida escolar, da graduação e da pós-graduação. Se hoje eu consigo

terminar esta pesquisa, é graças a eles.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## RESUMO

CUNHA, Gisele Pinheiro. *A continuidade histórica dos ideais políticos de José Martí: uma análise a partir dos discursos de Fidel Castro (1959-1965)*. 2024. 202 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Esta pesquisa pretendeu analisar a continuidade histórica dos ideais políticos de José Martí, expressos na obra “Nuestra América” (1891). Buscou-se compreender como e em que contextos seus ideais sobre independência, nacionalismo, educação, igualdade racial e desenvolvimento econômico influenciaram Fidel Castro e seu projeto revolucionário, antes e depois da declaração do caráter socialista da Revolução Cubana. Para isso, foram feitos debates historiográficos abordando as principais características da vida e da obra de Martí e a construção do socialismo em Cuba e uma análise dos discursos de Fidel Castro nos primeiros sete anos da Revolução, entre 1959 e 1965. Em relação à metodologia, seguiu os procedimentos e etapas da Análise do Discurso. Quanto ao aporte teórico utilizei, principalmente, as contribuições de Franz Fanon, como base para analisar a questão da descolonização, de Florestan Fernandes, Álvaro García Linera e Alberto Aggio que abordam as noções de revolução e rebeldia e de Quentin Skinner e John Pocock que trabalham com os conceitos de ideias políticas, discursos e linguagem. A partir destas contribuições, o tipo de abordagem que conduzirá a pesquisa é a História Política, mais especificamente, a vertente história das linguagens políticas.

Palavras-chave: José Martí; “Nuestra América”; Revolução Cubana; discurso.

## RESUMEN

CUNHA, Gisele Pinheiro. *La continuidad histórica de los ideales políticos de José Martí: una análisis basado en los discursos de Fidel Castro (1959-1965)*. 2024. 202 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Esta investigación tuvo como objetivo analizar la continuidad histórica de los ideales políticos de José Martí, expresados en la obra “Nuestra América”. Buscamos comprender cómo y en qué contextos sus ideales sobre independencia, nacionalismo, educación, igualdad racial y desarrollo económico influyeron en Fidel Castro y su proyecto revolucionario, antes y después de la declaración del carácter socialista de la Revolución Cubana. Para eso, se realizaron debates historiográficos abordando las principales características de la vida y obra de Martí y la construcción del socialismo en Cuba y un análisis de los discursos de Fidel Castro en los primeros siete años de la Revolución, entre 1959 y 1965. En relación con la metodología, seguí los procedimientos y pasos del Análisis del Discurso. En cuanto al aporte teórico, utilicé, principalmente los aportes de Franz Fanon, como base para analizar el tema de la descolonización, de Florestan Fernandes, Álvaro García Linera y Alberto Aggio que abordan las nociones de revolución y rebeldía y de Quentin Skinner y John Pocock que trabajan con los conceptos de ideas, discursos y lenguaje políticos. A partir de estos aportes, el tipo de enfoque que llevará a cabo la investigación es la Historia Política, más específicamente, la historia de los lenguajes políticos.

Palabras clave: José Martí; “Nuestra América”; Revolución Cubana; discurso.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>1</b>	<b>JOSÉ MARTÍ E OS IDEAIS POLÍTICOS DE “NUESTRA AMÉRICA” .....</b>	<b>22</b>
1.1	<b>José Martí: vida e obra.....</b>	<b>22</b>
1.2	<b>A Guerra de Independência.....</b>	<b>35</b>
1.3	<b>A questão nacional em Cuba.....</b>	<b>40</b>
1.4	<b>Os ideais políticos de “Nuestra América”.....</b>	<b>43</b>
<b>2</b>	<b>OS DISCURSOS DE FIDEL CASTRO ENTRE 1959 E 1961 E AS CONTRIBUIÇÕES DOS IDEAIS POLÍTICOS DE JOSÉ MARTÍ PARA O PROCESSO REVOLUCIONÁRIO CUBANO.....</b>	<b>58</b>
2.1	<b>Revolução Cubana: contextualização e referenciais teóricos.....</b>	<b>58</b>
2.2	<b>Revisão bibliográfica.....</b>	<b>68</b>
2.3	<b>Os impactos da Revolução na América Latina e no Caribe.....</b>	<b>74</b>
2.4	<b>1959: o ano da libertação.....</b>	<b>80</b>
2.5	<b>1960: o ano da reforma agrária.....</b>	<b>100</b>
2.6	<b>1961: o ano da educação.....</b>	<b>115</b>
<b>3</b>	<b>OS DISCURSOS DE FIDEL CASTRO ENTRE 1962 E 1965 E AS CONTRIBUIÇÕES DOS IDEAIS POLÍTICOS DE JOSÉ MARTÍ PARA A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO.....</b>	<b>127</b>
3.1	<b>A construção do socialismo em Cuba.....</b>	<b>127</b>
3.2	<b>1962: ano do planejamento.....</b>	<b>146</b>
3.3	<b>1963: ano da organização.....</b>	<b>161</b>
3.4	<b>1964: ano da economia.....</b>	<b>171</b>
3.5	<b>1965: ano da agricultura.....</b>	<b>176</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>189</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>194</b>

## INTRODUÇÃO

A Revolução Cubana de 1959 é um dos temas mais exaustivamente estudados na historiografia latino-americana. Encontrar lacunas ou pontos pouco abordados dentro desse assunto já é um desafio. As pesquisas mais recentes estão seguindo, principalmente, as perspectivas de gênero, raça e memória ou se centrando nas relações entre o governo e a imprensa e os impactos da Revolução nas esquerdas latino-americanas.<sup>1</sup> A maioria se insere no campo da História Política, da História Cultural ou da História do Tempo Presente.

Esta pesquisa, inserida no campo da História Política, foca na análise de discursos e perpassa por questões como memória, linguagens e ideias políticas. O objeto de estudo são ideais políticos, relacionados aos sistemas de representações da sociedade (WINOCK, 2003, p. 285), e são investigados em pronunciamentos de um líder revolucionário e político. Toda essa esfera do político está relacionada à própria sociedade, já que influencia diretamente nas formas de vida da população e na gestão do social e do econômico (RÉMOND, 2003, p. 10). Segundo Sonia Mendonça e Virgínia Fontes:

Uma história política envolve definir os contornos do que se chama “política”, envolve identificar formas culturais, midiáticas, linguísticas, ideológicas e representacionais sob as quais os agentes significam suas existências; envolve ainda as inúmeras interações sociais nas quais estão imersos os seres históricos (economia, família, instituições etc.). Todavia, nenhum desses traços pode ser isolado e analisado de forma estanque em si mesmo, como se nada devesse ao conjunto social no qual afirma, adquire e produz sentido (MENDONÇA; FONTES, 2012, p. 60-61).

Assim, a política é definida como a resultante de todos os fenômenos implicados na conquista e no exercício do poder (CARDOSO, 2012a, p. 38).<sup>2</sup> Mas “também tem relação com outros domínios: liga-se por mil vínculos [...] a todos os outros aspectos da vida coletiva. O político não constitui um setor separado: é uma modalidade da prática social” (RÉMOND, 2003, p. 35-36). Seu “fim mínimo” é a ordem pública nas relações internas e a defesa da

---

<sup>1</sup> No Brasil, considero que uma das obras mais importantes para entender as novas abordagens sobre a Revolução é “Revolução Cubana: perspectivas históricas e desafios atuais” (2021). O livro é resultante dos debates ocorridos no Seminário Internacional “60 anos da Revolução Cubana: perspectivas históricas e desafios atuais”, organizado pelo Núcleo de Pesquisa em História das Américas (NUPHA), em 2019, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Outra obra interessante nesse sentido é “Revolução Cubana: ecos, dilemas e embates” (2019) produzida pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS), também na efeméride dos 60 anos da Revolução.

<sup>2</sup> O poder, para se consolidar, precisa aliar o monopólio da coerção, a legitimidade e a socialização, ou seja, as interações entre a sociedade e o poder e a crença partilhada na autoridade (CARDOSO, 2012a, p. 42). Enquanto uma das formas de poder do homem sobre outros homens, o poder político se volta para o interesse dos governantes e governados e por se fundar sobre o consenso. Essa relação é expressa de diversas formas, nas quais se reconhecem expressões típicas da linguagem política (BOBBIO, 2000, p. 161-162).

integridade nacional diante de outros Estados (BOBBIO, 2000, p. 167). Portanto, a História Política, não se fecha em si mesma, é importante para a compreensão e articulação do todo social.

Nesse campo de estudo, já é consolidada a ideia de que a Revolução Cubana teve caráter nacionalista e anti-imperialista e foi a primeira revolução latino-americana a se tornar socialista. Mas ao longo da minha graduação em História, pude perceber uma questão ainda pouco explorada nesses estudos. A maioria dos trabalhos com que tive contato tratava a influência de José Martí, um dos principais símbolos do nacionalismo cubano, de forma ainda superficial. A sua importância na legitimação da Revolução e nas medidas colocadas em prática,<sup>3</sup> assim como a atualidade de sua obra, costumam ser retratadas de maneira introdutória.

Partindo dessa inquietação, trabalhei na minha monografia de graduação a questão do legado de Martí na Revolução Cubana. Escolhi como fonte os discursos de Fidel Castro, disponíveis online. Naquele momento, analisei os discursos entre 1959 e 1961. Mas o tema não se esgotou em um trabalho de conclusão de curso. Durante o processo, me deparei com uma grande quantidade de discursos que citavam Martí, pronunciamentos longos e complexos que mereciam uma maior atenção e tempo de pesquisa. Seria necessário aumentar a delimitação temporal, analisando os anos de maior estabilidade da Revolução, e aprofundar diversos pontos como a reforma agrária e a construção do socialismo. Foi isso que me propus a fazer no mestrado.

Esta dissertação, portanto, tem como objeto de estudo os ideais políticos de José Martí (1853-1895). O advogado e jornalista cubano foi o organizador da guerra de independência de Cuba no final do século XIX. E é retratado pela historiografia como um dos principais intelectuais latino-americanos daquela época. Por ter vivido em vários países do continente, ele tinha um olhar atento para os problemas sociais e políticos de seu tempo e desenvolveu uma perspectiva crítica sobre o expansionismo dos Estados Unidos e a permanência da colonização espanhola na América. Assim, se dedicou a escrever sobre os acontecimentos internacionais, rompendo com paradigmas da época e afirmando seus posicionamentos contrários aos dos países dominantes.

Foi escritor, publicando em diversos jornais e revistas; educador, dando aulas de espanhol nos Estados Unidos; cônsul, representando a Argentina e o Uruguai; e advogado, profissão que exerceu por pouco tempo em Cuba. Também foi fundador e diretor do Partido Revolucionário Cubano (PRC) no período de preparação da guerra de independência contra a

---

<sup>3</sup> Não é aprofundada, por exemplo, o uso de Martí como base teórica para o desenvolvimento da reforma agrária ou da campanha de alfabetização.

Espanha. Essas e outras funções foram desempenhadas tendo em mente a luta pela soberania da América Latina, que, segundo ele, tinha características específicas e contrárias às dos Estados Unidos, caracterizada por ele como a “América Europeia”.

Diante da sua vasta produção literária e jornalística, foi preciso escolher um texto específico para extrair seus ideais políticos. O texto selecionado foi “Nuestra América”, de 1891, uma de suas obras de referência. Cabe destacar que, no pensamento de Martí, a expressão que dá nome ao título faz referência não só à uma identificação geográfica da América Latina, mas à uma nova forma de ser e estar no mundo (STRECK, 2008, p. 12).

Em “Nuestra América”, encontramos as ideias centrais de seu pensamento político: a necessidade de união dos povos latino-americanos contra o colonialismo e o imperialismo; a importância de se conhecer a história, as raízes e as especificidades do continente; a crítica ao desconhecimento da América do Norte sobre nossa realidade; a necessidade de superação dos “estrangeirismos” e da imitação de fórmulas alheias; o desenvolvimento de modelos políticos nacionais e democráticos que incorporem o índio, o negro e o camponês e garantam a soberania nacional; a criação de novas ideias nas esferas políticas, culturais e educacionais; a crítica à oposição entre civilização e barbárie; a crítica ao racismo e ao conceito de raça desenvolvido no século XIX. Dessa forma, identificando os perigos do colonialismo espanhol e do imperialismo norte-americano, Martí reivindicou a necessidade da independência de Cuba e um novo projeto de sociedade (CASAS, 2006, p. 104-105).

Nesta pesquisa, esses ideais políticos são investigados nos discursos de Fidel Castro dos anos de 1959, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964 e 1965. Fidel Castro foi um dos principais líderes do movimento guerrilheiro da Revolução Cubana. Nos primeiros anos, assumiu os cargos de comandante das forças armadas e de primeiro-ministro do governo revolucionário. Despertando a crítica ou a admiração, foi se tornando um dos políticos mais influentes do século XX e que por mais tempo permaneceu no poder.<sup>4</sup>

O recorte cronológico corresponde aos primeiros sete anos após a vitória da Revolução. Abrange o período de experimentações e de consolidação, incluindo as duas leis de reforma agrária, a declaração do caráter socialista em abril de 1961, o início do planejamento e organização do Estado socialista, a aproximação com a União Soviética e o estabelecimento de um partido único.

---

<sup>4</sup> Dominando a oratória, Fidel se comunicava facilmente com as massas e muitos de seus discursos chegavam a mais de cinco horas de duração. Sobre sua produção discursiva, “os anos iniciais da Revolução foram os mais férteis para a criação de uma nova simbologia de poder que lograsse legitimá-lo perante a opinião pública” (RODRIGUES, 2021, p. 410-411).

Na perspectiva de diversos historiadores, entre eles Silvia Miskulin (2003), Richard Gott (2006), Luiz Fernando Ayerbe (2004) e Gilliard Prado (2018), o ano de 1965 foi decisivo para a afirmação da Revolução. Neste contexto, ocorreu a desarticulação dos focos contrarrevolucionários, o estreitamento das relações comerciais com a União Soviética e a centralização dos diferentes grupos políticos em torno do Partido Comunista (PCC). Delimitei o espaço temporal até 1965, portanto, para incluir esse processo de estabilização da Revolução. Também foi entre 1959 e 1965 que Che Guevara esteve à frente da economia do país e que Castro procurou justificar e legitimar sua Revolução e manifestou os projetos colocados em prática para a sua solidificação e para a construção do socialismo.

Tendo como base esse recorte e o objeto, a problemática desta pesquisa é: como e em que contextos os ideais políticos de José Martí, expressos em “Nuestra América”, contribuíram para o projeto revolucionário de Fidel Castro, antes e depois da declaração do caráter socialista? Nessa pergunta, por ideais políticos entende-se os valores nacionalistas, libertários, anti-imperialistas, de igualdade racial e de desenvolvimento econômico autônomo desenvolvidos por Martí no processo de descolonização.

Quanto a projeto revolucionário, considera-se as políticas, reformas, decisões e compromissos assumidos ou realizados nos contextos libertário (1959), de reforma agrária (1960), de campanha de alfabetização (1961), de planejamento social (1962), de organização das forças produtivas (1963), de transformações na economia (1964) e de diversificação da agricultura (1965).<sup>5</sup> Estas metas a serem cumpridas ajudaram a definir como cada ano deveria ser chamado no calendário oficial da Revolução (PRADO, 2018, p. 51). O ano de 1959, por exemplo, ficou conhecido como o “ano da libertação”, o ano de 1960, como o “ano da reforma agrária”, e assim por diante.<sup>6</sup>

Sendo assim, ao longo da pesquisa procuro analisar quando o nome, os ideais, as metáforas e o simbolismo de Martí foram referenciados nos discursos e de que forma os usos políticos desse passado anticolonial ajudaram a legitimar a Revolução e a própria imagem de Fidel Castro. Os usos políticos se referem às ocasiões em que o poder estabelecido se apropria de ideias com objetivos políticos, como elaborar políticas públicas ou tomar decisões, por

---

<sup>5</sup> Segundo Florestan Fernandes, para a consolidação da revolução socialista, “a revolução dentro da revolução”, são necessários planejamento social, organização da produção e do Estado em bases socialistas, transformações na economia, diversificação da agricultura, unificação dos grupos políticos e criação de uma nova sociedade e um novo homem (FERNANDES, 2007, p. 150-151).

<sup>6</sup> Essa separação por anos e principais medidas tomadas em cada contexto foi uma forma de organizar a pesquisa, tendo como base também a própria organização das fontes na plataforma online. Mas as temáticas e medidas revolucionárias de um ano específico são citadas e retomadas em outros anos e isso será assinalado ao longo da pesquisa.

exemplo. Esses usos são determinados por intenções e contextos específicos.

Já o passado anticolonial significa o conjunto de ideias e linguagens desenvolvidas por Martí no final do século XIX. Para Rafael Araujo e Tiago Silva (2019, p. 278), os usos políticos do passado anticolonial estão relacionados ao uso recorrente do passado de resistência à colonização espanhola e das lutas de independência do século XIX nos discursos políticos de Fidel Castro e Hugo Chávez.

Logo, meu objetivo geral é analisar os usos políticos do passado anticolonial nos discursos de Fidel Castro. Já os específicos são compreender os ideais políticos desenvolvidos por Martí no processo de independência de Cuba; identificar os discursos de Castro, entre os anos de 1959 e 1965, como fonte de pesquisa documental e investigar as passagens que mencionem Martí e seus ideais políticos; e revelar a permanência da linguagem política de Martí em “Nuestra América” em contextos da Revolução Cubana e a atualidade da obra.

Minha primeira hipótese é que os ideais de Martí foram retomados por Fidel entre 1959 e 1965, nas principais medidas tomadas em cada ano. A segunda é que Martí continuou sendo o principal teórico que Fidel recorreu mesmo após o decreto do caráter socialista da Revolução. A terceira é que quando o nome e os ideais de Martí não estavam explícitos nos discursos, sua linguagem política estava presente. São esses pontos que pretendo provar nos capítulos que se seguem.

Para desenvolver a pesquisa, utilizei alguns referenciais teóricos para dar sentido às ideias e à guerra de independência de Martí e aos discursos de Castro. Recorro, principalmente, à Franz Fanon que desenvolve conceitos como descolonização e cultura nacional e examina o papel dos intelectuais nas lutas de libertação; Quentin Skinner e John Pocock que analisam as noções de ideias políticas, discursos e linguagens; e Florestan Fernandes, Álvaro García Linera e Alberto Aggio que definem o conceito de revolução a partir de diferentes perspectivas. Esses últimos, entre outros autores que trago no capítulo 2, são essenciais para entender qual o caráter da Revolução Cubana. E também para analisar quais suas principais características e por que ela pode ser considerada uma revolução.

O psiquiatra e filósofo martinicano Frantz Fanon é uma importante referência para a militância de esquerda da América Latina desde a década de 1960. Sua obra “Os condenados da terra” (1968) representa um balanço do processo de descolonização africano, tendo como foco a independência da Argélia entre 1954 e 1962 (FERNÁNDEZ RETAMAR, 2016, p. 80). Mas segundo Roberto Fernández Retamar (2016, p. 81), o livro contempla todos os países do chamado Terceiro Mundo que enfrentavam problemas comuns, como o colonialismo, o imperialismo e o capitalismo. Portanto, apresenta observações válidas para as lutas de

independência latino-americanas.

Além de conceituar descolonização e homem político, Fanon também é útil como ponto de partida para analisar a questão nacional. No capítulo 1, relaciono as ideias de Fanon sobre a cultura nacional com as ideias de autores cubanos como Walterio Carbonell, Fernández Retamar, Louis A. Pérez Jr e o próprio José Martí. Essa discussão é importante para entender a história de Cuba e a ideia de cultura nacional, considerada por Martí um dos elementos centrais na construção do novo país. Esta se tornou uma das principais reivindicações dos cubanos ao longo do século XX depois da independência frustrada.

Para Fanon, se durante o período colonial, convidava-se os povos para lutar contra a opressão, depois da libertação, os povos do Terceiro Mundo foram convocados a lutar contra a miséria, o analfabetismo e o subdesenvolvimento. “A luta, afirmam todos, continua. O povo verifica que a luta é um combate sem fim” (FANON, 1968, p. 73). Se o problema antes parecia ser o colonialismo e o capitalismo em desenvolvimento, na década de 1960 a necessidade era a distribuição das riquezas (FANON, 1968, p. 78). A Revolução Cubana e sua luta por justiça social estavam inserida justamente nesse contexto.

Para analisar a Revolução Cubana, trago a noção de revolução contra a ordem desenvolvida pelo sociólogo marxista Florestan Fernandes no artigo “O que é Revolução?”. Vale ressaltar que o texto, publicado originalmente em 1981, compõe a coletânea “Clássicos sobre a Revolução Brasileira” (2012) junto com um ensaio de Caio Prado Júnior. Escritos e publicados em plena ditadura militar no Brasil, os dois artigos tratam dos dilemas da luta de classes no Brasil após o golpe de 1964. Refletem sobre quem faz a revolução, como fortalecê-la, levá-la até o fim e quais os principais desafios nesse processo. Fernandes traz em sua abordagem críticas às revoluções burguesas e a necessidade de uma revolução operária e contra a ordem, apontando para o socialismo. Nesse sentido, inclusive, ele faz uma análise da Revolução Cubana.

Já Álvaro García Linera, também marxista, traz contribuições importantes no ensaio “¿Qué es una revolución?” (2020). O sociólogo foi vice-presidente da **Bolívia** durante os governos de Evo Morales, entre 2006 e 2019, e é um dos principais intelectuais dos movimentos sociais indígenas e do projeto de socialismo comunitário no país. No ensaio, publicado em uma coletânea de mesmo nome, o autor define o conceito de revolução, analisando desde a Revolução Russa de 1917 até os dias atuais, e reflete sobre seu caráter democrático, as inovações, o momento decisivo e o que deve ser feito para que ela não fracasse. Pensa, sobretudo, na possibilidade de uma revolução na América Latina no século XXI, em meio ao sistema capitalista neoliberal.

Nessa discussão, também recorro ao historiador brasileiro Alberto Aggio (2000) porque ele aprofunda a questão da rebeldia. O autor traz esse termo de cunho nacionalista que permeou todo o processo da Revolução, considerando a forma como os próprios guerrilheiros se reconheciam na década de 1950 e 1960. Seu texto “Repensando a rebeldia da Revolução Cubana” foi um dos capítulos de sua tese de livre docência intitulada “Pensamento político e estratégias democráticas da América Latina”, defendida em 1999 na Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Além destes referenciais sobre revolução, recorro ao contextualismo linguístico dos historiadores ingleses Quentin Skinner (2005) e John Pocock (2003).<sup>7</sup> Esses autores trabalham com os conceitos de ideias, discursos, contextos e linguagens políticas. E Skinner, principalmente, desenvolve etapas para atestar a influência de um autor sob o outro. Nessa perspectiva, as ideias e discursos são como atos de fala, atos de comunicação intencionais que estão inseridos em um contexto e determinados por uma linguagem específica. E estão sujeitos a usos ao longo da história, relacionados à questão da influência e da continuidade da linguagem (POCOCK, 2012). Essas definições são essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa e para entender a continuidade das ideias de Martí nos discursos de Castro.

Nesse sentido, é interessante trazer também a perspectiva da nova história cultural. Tendo em mente a noção de cultura política, os ideais de Martí seriam como “respostas dadas a uma sociedade face aos grandes problemas e às grandes crises de sua história, respostas com fundamento bastante para que se inscrevam na duração e atravessem gerações” (BERSTEIN, 1998, p. 355). Assim, seriam necessárias pelo menos duas gerações para que suas ideias fossem difundidas e se estabelecessem na sociedade sob forma de um conjunto de representações, como um fenômeno evolutivo, que se adapta e se enriquece com múltiplas contribuições. Essa cultura política torna-se um exemplo a seguir, um conjunto de valores que guia o comportamento e a ação política de uma geração, “numa leitura partilhada do passado, de uma perspectiva idêntica de futuro” (BERSTEIN, 1998, p. 362).

Mais especificamente sobre o uso das fontes e a metodologia, destaco que os discursos de Fidel Castro são dados originais da época, oficialmente reconhecidos e dotados de

---

<sup>7</sup> Segundo Francisco Falcon (1997a), a historiografia anglo-saxônica da década de 1960, associada ao campo da linguística, inovou na abordagem das ideias como objeto da história. As ideias não se esgotariam depois de entender o seu significado, “é necessário saber quem os maneja e com quais objetivos, o que só é possível através do (re)conhecimento dos vocabulários políticos e sociais da respectiva época ou período histórico, a fim de que seja possível situar os ‘textos’ no seu campo específico de ‘ação’” (FALCON, 1997a, s.p.). Nesse sentido, novas possibilidades teóricas se ofereceram aos historiadores da política a partir dos trabalhos de Skinner, Pocock e outros autores. Os estudos passaram a explorar a política não apenas em seu sentido tradicional, mas em nível das representações sociais, memórias coletivas, imaginários sociais, mentalidades e práticas discursivas associadas ao poder (FALCON, 1997b).

confiabilidade e autenticidade. Estão disponíveis online no formato de texto para consulta pública no site <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/>. Nesse site, estão digitalizados a maioria dos discursos proferidos entre 1959 e 2008.

Cabe enfatizar, inclusive, a boa organização e catalogação desse arquivo. Os discursos estão separados por ano e ordem cronológica, especificando data e local onde foram pronunciados. Todos estão transcritos, o que facilita a busca por palavras-chaves. E foram emitidos em espanhol, mas possuem tradução para outras línguas, incluindo o português. Considero este arquivo uma excelente iniciativa do governo cubano para divulgar os discursos e torná-los acessíveis, além de facilitar o trabalho dos pesquisadores.

Esta pesquisa, portanto, é exploratória e de cunho teórico-empírico. Para sua realização, foi utilizado o procedimento da pesquisa documental na abordagem qualitativa. Segundo Maria Marly de Oliveira, “na pesquisa documental, o trabalho do pesquisador(a) requer uma análise mais cuidadosa, visto que os documentos não passaram antes por nenhum tratamento científico” (OLIVEIRA, 2007 apud SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 6). E o que justifica o caráter qualitativo é a interpretação do fenômeno através das noções de processo, significado e contexto histórico.

Enquanto fonte histórica, os discursos podem ser definidos de diversas formas. Segundo Rosalind Gill, o termo costuma ser empregado para se referir a todas as formas de fala e textos, seja quando ocorre naturalmente em conversas ou quando é apresentado como material de entrevistas e textos escritos (GILL, 2002, p. 247). Ciro Flamarion Cardoso destaca que as definições mais teorizadas entendem o discurso como o conjunto das regras que encadeiam as frases para formar um enunciado dotado de coerência ou como o enunciado visto nas condições linguísticas e sociais de produção (CARDOSO, 2012b, p. 227).

Gill afirma que a noção de discurso não se trata apenas da transmissão de informações e mensagens a serem decodificadas: “os analistas de discurso veem todo discurso como prática social [...] as pessoas empregam o discurso para fazer coisas – para acusar, para pedir desculpas, para se apresentar” (GILL, 2002, p. 248). Nesse sentido, a linguista Eni Orlandi (2013) entende que o discurso envolve práticas e processos de argumentação, efeitos de sentidos que são produzidos em determinadas condições e que se delineiam na interação entre emissor e receptor. A língua é, assim, a condição de possibilidade do discurso.

Segundo Patrick Charaudeau (2008, p. 39), os discursos políticos, indissociavelmente ligados à ação política, representam a intervenção da palavra nos espaços públicos de discussão, decisão e persuasão, construindo-se como discursos de poder. No campo da persuasão, as palavras são usadas para gerar legitimidade e credibilidade, “para que a instância política possa

convencer a instância cidadã dos fundamentos de seu programa e das decisões que ela toma ao gerir os conflitos de opinião em seu proveito” (CHARAUDEAU, 2008, p. 21). Essas palavras enunciadas no campo político não devem ser interpretadas ao pé da letra, pois envolvem silenciamentos e estratégias retóricas (CHARAUDEAU, 2008, s.p.).

Na perspectiva de Skinner, os discursos são entendidos como atos de fala, elaborados com intenções e direcionados a um público específico. Situados em um contexto e influenciados por uma linguagem política na qual foram enunciados, podem também atuar ou inovar sobre ela. São transmitidos e retomados por atores do mesmo contexto histórico e depois por atores de outros contextos (SKINNER, 2005, p. 123). Para Pocock, a história dos atos de fala é de constante adaptação, continuidade e mudança em uma sucessão de contextos e agentes. Essa apropriação dos atos de fala em períodos posteriores a que foram enunciados está relacionada aos usos políticos apontados no objetivo desta pesquisa (POCOCK, 2003, p. 46).

Além destes, outros referenciais teóricos apresentados também fornecem uma base importante para pensar os atos de fala. Concordo com Álvaro García Linera (2020) quando afirma que, após a vitória da Revolução Cubana, a classe trabalhadora produziu novos esquemas discursivos e com Alberto Aggio (2000) de que os discursos estavam permeados pela noção de rebeldia e expressavam contestação e resistência.

Nesse sentido, problematizo a ideia do historiador espanhol Joan del Alcázar (2006, p. 827) ao afirmar que existia uma retórica marxista-leninista nos discursos de Castro. Tento comprovar que, principalmente nos três primeiros anos, a retórica do líder revolucionário estava mais associada à rebeldia e à linguagem política de Martí no final do século XIX. Quanto ao período entre 1962 e 1965, mesmo diante do caráter socialista, tento esmiuçar as influências de Martí e comprovar sua continuidade como o principal teórico da Revolução.

Além dos discursos, os volumes da obra “História de Cuba” foram utilizados como material de apoio. Estão divididos em três volumes, nos quais cada grupo de autores é responsável por um período específico. Cabe apontar que foram publicados em Cuba como materiais didáticos, voltados para o ensino de história pré-universitário. Em muitos pontos, os autores exaltam os feitos da Revolução e expõe uma história factual. Mas ajudaram, principalmente, a contextualizar os discursos e deram suporte quando estes não foram suficientes ou suscitaram questionamentos.

Para interpretar as fontes, utilizei o método da Análise de Discurso desenvolvido por Skinner (2005). Esta metodologia envolve algumas etapas, descritas a seguir, e possibilitou realizar os objetivos propostos e responder a pergunta norteadora dessa pesquisa. Determina, principalmente, que os discursos devem ser analisados a partir de seus contextos de produção e

das intenções de quem os emitiu. Cabe destacar que o intuito do analista “não é penetrar nos processos mentais de pensadores” (SKINNER, 2005, p. 4) mas reconstituir as intenções “publicamente apreensíveis” (SKINNER, 2005, p. 169) e que “estiveram na base da escrita de um texto” (SKINNER, 2005, p. 171).

Antes da análise propriamente dita, foi feito o levantamento das fontes e a familiarização com elas e o site em que se encontram. Como já foi visto, a documentação está organizada por ordem cronológica e separada por anos, o que facilita o trabalho do pesquisador. A primeira etapa da análise foi fazer uma leitura breve dos discursos, me familiarizando com o contexto e a linguagem utilizada. Envolveu perceber como a política era pensada naquele período e quais as palavras, metáforas e vocabulários eram mais frequentes.

Em seguida, selecionei nos discursos as passagens que faziam referência ao objeto de estudo. Identifiquei os trechos que mencionavam Martí e seus ideais políticos, direta ou indiretamente. Essa seleção foi feita a partir de palavras-chave na barra de busca do site. Entre as palavras procuradas estavam o nome de Martí, ou Apóstolo, e conceitos utilizados em “Nuestra América”, como independência, liberdade, homem natural, raça, criação de novas ideias e anos marcantes como 1895 e 1898.

Na hora da escrita, transcrevi essas passagens na língua em que foram emitidas, o espanhol, e coloquei-as entre aspas. Sinalizei também os locais em que os discursos foram feitos e para quais públicos se direcionavam. A partir dessas citações, fiz uma análise do conteúdo, entendendo as narrativas que Fidel estava criando em cima das ideias de Martí e quais eram os principais assuntos dos discursos.

Na etapa da análise do discurso mais a fundo, relatei as falas com o contexto, tendo em mente o que estava se passando em Cuba na época ou no contexto internacional que afetava o país. Tentei perceber a frequência de determinada citação, e para quais públicos isso ocorreu, ou o motivo de ter sido enunciada em uma situação específica. Nessa etapa, as noções de repetição e reforço de determinada ideia, assim como a interação com o público, devem ser levadas em consideração na análise dos usos políticos.

Também aprofundi a questão da linguagem e analisei se houve ou não uma retomada da linguagem política do final do século XIX. Tive um olhar atento para notar o uso das metáforas, ideias e formas de pensar a política de Martí, mesmo que estivessem implícitas nos discursos. Essa regularidade, variabilidade e usos políticos do passado anticolonial ajudaram a reconstituir as intenções de Castro ao retomar as ideias de Martí e perceber também outras influências e teóricos que contribuíram para o processo revolucionário.

Assim, tentei decodificar as intenções de Castro ao usar o nome e as ideias de Martí e o

que queria dar a entender com os discursos. Se queria defender, criticar, solucionar ou alertar sobre algo ou algum ponto. Busquei observar também os sentimentos e emoções que ele queria gerar nos ouvintes. Essas intenções, em alguns casos, foram apreendidas no início dos discursos quando Castro falava sobre seus objetivos naquelas ocasiões. Em outros casos, foi preciso uma leitura mais detalhada ou relacionar o tema do discurso com o público e o local. Segui esses passos para entender com que finalidade e em que contextos os ideais de Martí contribuíram para o projeto revolucionário de Castro e como esses resgates se fizeram presentes nos atos de fala.

Portanto, tendo como base essa metodologia e as teorias de Skinner (2005) e Pocock (2003), entendo que Castro se orientou pelo contexto em que se encontrava, seja o contexto nacional, internacional ou a tomada de alguma medida revolucionária, e construiu seus discursos para se ajustarem a esse contexto. Assim, pretendi analisar historicamente os discursos, reparando no seu conteúdo e sua construção a partir de recursos linguísticos de sua época ou preexistentes. E, principalmente, nos detalhes das passagens que fazem referência à Martí.

Dessa forma, esta pesquisa é relevante por analisar ideias da cosmovisão martiana que apontam para uma nova realidade possível, uma América Latina livre e soberana, e que podem ser mais divulgadas e servir de inspiração para lutas e resistências no continente. O objeto de estudo, portanto, traz como benefício o entendimento e a formulação de soluções para os problemas históricos da América Latina, associados, principalmente, ao colonialismo e ao imperialismo. No capítulo 1, deixo clara a atualidade do pensamento de José Martí, reverenciado como o Apóstolo da Revolução. E enfatizo a obra “Nuestra América” como uma chave para entender a Cuba de hoje e todo o continente, assim como as relações entre América Latina e América do Norte.

Quanto à relevância para a academia, minha pesquisa contribui para uma discussão que já vem sendo feita pela historiografia latino-americana. Diversos autores concordam com a influência de José Martí na Revolução Cubana e com a ideia de continuação das lutas de independência frustradas. Entre eles estão Luiz Fernando Ayerbe (2004), Sergio Guerra Vilaboy e Alejo Maldonado Gallardo (2005), Roberto Fernández Retamar (2006), Luiz Alberto Moniz Bandeira (2009), Martín López Ávalos (2014), Louis A. Pérez Jr. (2016), Fernando Martínez Heredia (2018), Izabel Pimentel da Silva (2019), Luis Eduardo Mergulhão Ruas (2019) e Rafael Araujo e Tiago Silva (2019).

Dialogando com esta bibliografia, esta pesquisa complementa o debate sobre a Revolução Cubana. Procurei esmiuçar e aprofundar as contribuições de Martí para a Revolução,

identificando as principais ações e medidas tomadas em cada ano e especificando a sua influência em cada etapa da Revolução. Considero esse tema fundamental para o estudo dos aspectos genuínos do processo cubano, já que o aporte teórico e ideológico utilizado pelos revolucionários se fundamentou, principalmente, em questões internas e Martí oferece boa parte desses pressupostos.

Quanto aos discursos de Castro, apesar de já terem sido usados como fonte em trabalhos de outros autores, poucos focaram suas análises nas passagens que mencionam Martí. Minha intenção é entender essa influência na prática, de ano em ano, estabelecendo uma comparação, inclusive, entre os períodos antes e depois da declaração do caráter socialista. Atesto, portanto, a relevância e a originalidade da minha pesquisa.

Sendo assim, no capítulo 1, faço uma apresentação de José Martí, analisando os principais aspectos de sua vida e obra poética, literária e jornalística. Em seguida, foco na sua atuação na guerra de independência de Cuba, incluindo seu papel de liderança dos exilados cubanos nos Estados Unidos. E trago alguns pontos importantes sobre o desenrolar e o desfecho da guerra e a intervenção norte-americana. Também faço um debate historiográfico sobre a questão nacional em Cuba, dialogando com trechos do próprio Martí em que ele fala sobre a cultura e a sua importância na formação do novo país. Depois, interpreto os ideais políticos e a linguagem do texto “Nuestra América”, trazendo as minhas considerações e as análises de outros autores.

Já no capítulo 2, apresento uma breve contextualização da Revolução Cubana e os referenciais teóricos para pensar o conceito de revolução. Em seguida, faço uma revisão bibliográfica com os principais fatos da Revolução, citando os autores que mais marcaram os estudos da história de Cuba, e com o que vem sendo pesquisado recentemente sobre o tema. Depois, faço um debate sobre os impactos da guerrilha cubana na América Latina e no Caribe. Este tópico foi levantado pois ajuda a entender melhor o significado da Revolução, a inserir no continente americano e é importante para compreender seu internacionalismo, uma questão recorrente nos discursos de Castro. Depois, foco na análise dos discursos de 1959, “o ano da libertação”, 1960, “o ano da reforma agrária” e 1961, “o ano da educação”. Nessas partes, contextualizo as principais medidas colocadas em prática em cada ano.

No capítulo 3, faço um debate historiográfico sobre a construção do socialismo em Cuba. Incluo as mudanças na estrutura agrária, a questão do homem novo, a atuação de Che Guevara na economia, a aproximação de Cuba com a União Soviética e alguns discursos de Castro que falavam sobre o socialismo. Em seguida, analiso os discursos de 1962, “o ano do planejamento”, 1963, “o ano da organização”, 1964, “o ano da economia, e 1965, “o ano da

agricultura”. Ao longo da análise, faço algumas comparações com os primeiros três anos da Revolução e considerações parciais sobre a continuidade dos ideais políticos de Martí no contexto de construção do socialismo. Depois, faço as considerações finais da dissertação. E feitos esses esclarecimentos, parte-se agora para o desenvolvimento da pesquisa.

## 1 JOSÉ MARTÍ E OS IDEAIS POLÍTICOS DE “NUESTRA AMÉRICA”

### 1.1 José Martí: vida e obra

Em 26 de julho de 1953, ocorreu um ataque ao Quartel de Moncada, em Santiago de Cuba. A ação foi empreendida por um grupo de revolucionários liderados por Fidel Castro, um jovem advogado filiado ao Partido Ortodoxo. Preso e levado a julgamento após o fracasso da operação, Castro fez a sua própria defesa. Argumentando com base na ilegalidade do governo de Fulgêncio Batista, que havia dado um golpe de Estado no ano anterior, justificou suas ações em um discurso que seria divulgado posteriormente com o título de “A história me absolverá”. Em 1983, o discurso foi publicado na coletânea “José Martí: el autor intelectual”, organizado pelo Centro de Estudios Martianos,<sup>8</sup> como um texto em que podemos perceber as influências de José Martí.

Nesse discurso, Castro falou sobre os problemas socioeconômicos da ilha caribenha e as leis que teriam sido colocadas em prática caso o ataque fosse bem-sucedido. Entre as medidas estavam o restabelecimento da Constituição de 1940, a garantia de uma propriedade de terra para os trabalhadores, a nacionalização das empresas estrangeiras e a divisão de parte dos rendimentos das empresas entre os trabalhadores. Declarou que “la política cubana en America sería de estrecha solidaridad con los pueblos democráticos del continente y que los perseguidos políticos de las sangrentas tiranías [...] encontrarían en la patria de Martí [...] hermandad y pan” (CASTRO, 1983, p. 25).

Fernando Martínez Heredia, revolucionário que atuou ao lado de Fidel no Movimento 26 de Julho (M26-7), considera que a noção de povo é um dos elementos centrais desse discurso. Fidel se baseava na ideia da massa trabalhadora humilde, explorada e capaz de se transformar e de mudar a própria ordem estabelecida (MARTÍNEZ HEREDIA, 2018, p. 517). Ela era, acima de tudo, a força motriz da Revolução. Nesse processo, Fidel “liberó el pueblo progresivamente del mito del ejército y de las ‘soluciones politiqueras’, y permitió a la Revolución acelerar su radicalización” (MARTÍNEZ HEREDIA, 2018, p. 515).

Na perspectiva de Silvia Giraudo (2010), essas ideias de Castro se aproximavam do

---

<sup>8</sup> Criado em 1977 pelo Ministério da Cultura cubano, o Centro de Estudios Martianos fez parte de um movimento de criação de novos espaços para investigações históricas, associadas não apenas aos estudos marxistas-leninistas. Em seus quadros, se debatiam distintas concepções sobre a ideologia e o papel de Martí na história de Cuba (IBARRA, 2005, p. 9).

pensamento de José Martí “en el concepto de pueblo y para quién se hacía la Revolución; en cuanto a la necesidad de repartir las tierras entre los trabajadores y en la importancia de la educación para la liberación y la dignidad de un país libre y soberano” (GIRAUDO, 2010, p. 117). Ao falar sobre a educação em Cuba, Castro citou Martí, referindo-se a ele como “Apóstolo”:

“Finalmente, un gobierno revolucionario procedería a la reforma integral de nuestra enseñanza, poniéndola a tono con las iniciativas anteriores, para preparar debidamente a las generaciones que están llamadas a vivir en una patria más feliz. No se olviden las palabras del Apóstol: ‘Se está cometiendo en América Latina un error gravísimo: en pueblos que viven casi por completo de los productos del campo, se educa exclusivamente para la vida urbana y no se les prepara para la vida campesina.’ ‘El pueblo más feliz es el que tenga mejor educados a sus hijos, en la instrucción del pensamiento y en la dirección de los sentimientos’. ‘Un pueblo instruido será siempre fuerte y libre’” (CASTRO, 1983, p. 30).

Ao longo de todo o texto, Castro fez referências diretas a Martí, como nesse caso. Em certo ponto, se perguntou se a censura na prisão era “porque yo dije que Martí era el autor intelectual del 26 de julio? Se impidió, además, que trajese a este juicio ninguna obra de consulta [...] ¡No importa en absoluto! Traigo en el corazón las doctrinas del Maestro” (CASTRO, 1983, p. 8). Nesse trecho, a expressão “autor intelectual” revelava que Martí era como um guia para as ações dos revolucionários da década de 1950. Representava a noção de continuidade e o empenho em concretizar a emancipação política sonhada por ele e impedida pela intervenção dos Estados Unidos (CENTRO DE ESTUDOS MARTIANOS, 1983). Em geral, Castro justificou suas ações afirmando que tinham como base o pensamento e as lutas de Martí.

Nesse sentido, no final do discurso, fez comentários sobre o centenário do Apóstolo, comemorado no início daquele ano: “Parecía que el Apóstol iba a morir en el año de su centenario [...] Pero vive, no ha muerto, [...] su pueblo es fiel a su recuerdo” (CASTRO, 1983, p. 64). E afirmou que “a los que me llaman por esto soñador, les dije como Martí: ‘El verdadero hombre no mira de qué lado se vive mejor, sino de qué lado está el deber; y ese es el único hombre práctico cuyo sueño de hoy será la ley de mañana’” (CASTRO, 1983, p. 31).

Segundo Girauo (2010), “A história me absolverá” é um dos textos fundamentais para entender a Revolução Cubana. Enquanto um discurso de resistência, nele Castro se opôs às decisões arbitrárias de Batista e denunciou como ilegais e injustas as condições sociais e políticas de Cuba. E, para além disso, propôs soluções para os problemas que observava. Segundo Girauo, “esto es lo que convierte el discurso de Castro en un discurso político: el ser una herramienta en la lucha por imponer un principio legítimo de visión y de división”

(GIRAUDO, 2020, p. 149), ou seja, de criar uma nova ordem social e de romper com o discurso político dominante. Para Martínez Heredia (2018), o documento:

“es el primer programa de la Revolución, aunque no solamente por las medidas que anuncia, sino sobre todo porque fija los objetivos del movimiento revolucionario [...] exponiendo además los métodos correctos de lucha [...]. Es un instrumento de politización para los militantes y las masas, por el conjunto de sus planteamientos políticos y por el impacto que producen sus denuncias de la tiranía y del sistema de opresión y explotación” (MARTÍNEZ HEREDIA, 2018, p. 513).

Anos depois, a Primeira (1960) e a Segunda Declaração de Havana (1962), documentos que estabeleceram as orientações da Revolução, também começaram se referindo à Martí (FERNÁNDEZ RETAMAR, 2019, p. 1). A Primeira Declaração foi apresentada ao público em um discurso de Castro no dia 2 de setembro de 1960. Estabelecia nove princípios de Cuba como um território livre na América, “junto a la imagen y el recuerdo de José Martí”.<sup>9</sup> Entre os pontos estava a condenação da Declaração de San José, “documento dictado por el Imperialismo Norteamericano”, da “intervención abierta y criminal que durante más de un siglo ha ejercido el Imperialismo [...] contra los símbolos más altos de la historia patria, como la efigie de José Martí” e do “intento de preservar la Doctrina de Monroe, utilizada hasta ahora, como lo previera José Martí, para extender el dominio en América de los imperialistas voraces, para inyectar mejor el veneno también denunciado a tiempo por José Martí”.<sup>10</sup>

O documento também estabelecia o respeito aos ideais independentistas dos povos e a política de solidariedade entre os países. Nesse sentido, Castro defendeu “la ayuda espontáneamente ofrecida por la Unión Soviética a Cuba en caso de que nuestro país fuera atacado por fuerzas militares imperialistas”. E deixou claro que, na Revolução, “la democracia no es compatible con la oligarquía financiera, con la existencia de la discriminación del negro, [...] el latifúndio, [...] la explotación del hombre por el hombre”. Por isso, “aquí está hoy Cuba para ratificar, ante América Latina y ante el mundo, como un compromiso histórico, su dilema irrenunciable: Patria o Muerte”.<sup>11</sup>

Já a Segunda Declaração de Havana foi aprovada em um discurso no dia 4 de fevereiro

---

<sup>9</sup> Discurso proferido no Magna Assembleia Popular realizado pelo povo de Cuba na Praça da República, em 2 de setembro de 1960. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f020960e.html>>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

<sup>10</sup> Discurso proferido no Magna Assembleia Popular realizado pelo povo de Cuba na Praça da República, em 2 de setembro de 1960. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f020960e.html>>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

<sup>11</sup> Discurso proferido no Magna Assembleia Popular realizado pelo povo de Cuba na Praça da República, em 2 de setembro de 1960. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f020960e.html>>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

de 1962. Nela, Castro fez novas críticas à Organização dos Estados Americanos (OEA) e suas tendências imperialistas. Começou relatando um trecho da carta de Martí ao seu amigo Manuel Mercado, em que afirmou que “ya estoy todos los días en peligro de dar mi vida por mi país, y por mi deber”. Analisando a passagem, Castro considerou que “ya Martí, en 1895, señaló el peligro que se cernía sobre América y llamó al imperialismo por su nombre: imperialismo”.<sup>12</sup> Nessa declaração, mesmo afirmando os ideais marxistas da Revolução, Castro recorreu à Martí como um exemplo e um precursor das ideias anti-imperialistas.

Para além desses documentos históricos, vale observar também os espaços públicos. Atualmente, em vários locais de Havana, em praças, bibliotecas, escolas e repartições, há algum espaço dedicado a José Martí. Inclusive, uma das principais homenagens é o Memorial José Martí na Praça da Revolução, região central da cidade, que foi palanque de muitos discursos de Fidel (STRECK, 2008, p. 24). Mas, afinal, quem foi José Martí? Qual a importância desse homem conhecido como Apóstolo? E por que ele foi tão citado por Fidel Castro e é lembrado até hoje como símbolo do nacionalismo em Cuba? Essas são algumas das perguntas que pretendo responder neste capítulo.

José Martí foi um ativista revolucionário, teórico político, jornalista, escritor, poeta, educador e líder e organizador da independência de Cuba (1895-1898). Nascido em Havana em 1853, foi um dos intelectuais americanos mais importantes do século XIX. Em poucos anos de vida, reuniu uma soma de saberes e exerceu diversos ofícios, utilizando seus conhecimentos à serviço de seu povo (FERNÁNDEZ RETAMAR, 2019, p. 14). Escrevia regularmente sobre os acontecimentos de seu tempo e dedicou boa parte de sua vida e obra à luta pela soberania de Cuba e da América Latina (GOTT, 2006, p. 103).

Cabe destacar o ponto de vista de alguns autores sobre o pensamento de Martí e o contexto em que ele escrevia. O historiador Eugênio Rezende de Carvalho (1998) entende as ideias de Martí como uma das “visões de América” desenvolvidas no século XIX. Nesse período, as diferentes interpretações sobre o continente foram respostas ao filósofo alemão Friedrich Hegel que considerava a América como inferior e sem história. Autores latino-americanos como Domingo Sarmiento, José Martí, José Rodó e Manoel Bonfim contestaram essa visão e se preocuparam em definir uma posição e um sentido para o continente diante da modernidade (CARVALHO, 1998, p. 25).

---

<sup>12</sup> Discurso marcado na Segunda Assembleia Nacional do Povo de Cuba, realizada na Plaza de la Paz, a Revolução, 4 de fevereiro de 1962. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f040262e.html>. Acesso em: 19 de outubro de 2023.

Martí, por exemplo, buscou identificar os problemas<sup>13</sup> que afetavam o continente, as suas causas e propôs caminhos para solucioná-los (CARVALHO, 1998, p. 13-14). Foi o primeiro, entre os autores de sua época, a não inferiorizar a América por causa da miscigenação, a criticar a oposição entre civilização e barbárie e a valorizar nossa identidade cultural para alcançar o progresso (CARVALHO, 1998). Claudia Wasserman (2004, p. 60) entende que em Martí havia uma crítica ao pensamento determinista e positivista dominante no século XIX. Ao contrário dos autores de seu tempo, atribuiu as causas dos problemas da América ao processo histórico de exploração e submissão do continente.

Pedro Pablo Rodríguez, pesquisador do Centro de Estudos Martianos, em seu livro “Martí e as duas Américas” (2006), também fala sobre essas questões. Considera que, ao longo de sua vida, Martí discutiu sobre “como se inserir no mundo da modernidade a partir de nossa própria identidade, em função de um verdadeiro desenvolvimento independente, não a serviço dos grandes interesses dominantes no planeta” (RODRÍGUEZ, 2006, p. 7-8). Nessa perspectiva, a América deveria se incorporar “criadora, original e defensivamente” aos novos tempos (RODRÍGUEZ, 2006, p. 75). Uma época de nacionalismos, industrialização e de consolidação das novas repúblicas independentes. E também de ascensão dos Estados Unidos como maior economia mundial, possibilitada pelo imperialismo.

Nesse contexto, considero que Martí foi um dos primeiros pensadores a identificar os problemas do imperialismo e do expansionismo dos Estados Unidos no final do século XIX. E mais do que analisar essas questões, Martí pensou em novas formas de viver em sociedade e de compreender o mundo. Seu sonho era cada país vivendo de forma autônoma, criativa, com relações igualitárias e em equilíbrio interno e externo. Para ele, ninguém deveria se submeter a estrangeiros ou a quem desconhecesse as regiões. Tendo isso em mente, nesta seção apresento a trajetória política de Martí e os principais aspectos de sua obra poética e ensaística.

Mas antes, cabe fazer algumas considerações sobre o período colonial em Cuba. Segundo Richard Gott (2006), desde o século XVI, a presença espanhola na ilha foi marcada por escravidão, massacres e pirataria. A formação de uma população mestiça, a partir das relações entre espanhóis e mulheres indígenas, também foi uma das marcas desse período. Inicialmente estabelecendo fazendas de gado, a partir do século XVII os espanhóis passaram a investir num negócio mais lucrativo, a produção em larga escala de açúcar e tabaco. E durante

---

<sup>13</sup> Entre eles, problemas sociais, políticos e econômicos como as violências e lutas internas, a debilidade das instituições políticas, a fragilidade da democracia, a falta de liberdade e de originalidade, a desigualdade, a discriminação racial e o atraso no desenvolvimento econômico em comparação à Europa e a América do Norte e em contraste com as enormes riquezas do continente (CARVALHO, 1998).

séculos, Cuba teve sua economia primário-exportadora sendo explorada pela Espanha e voltada para as demandas do mercado internacional, principalmente dos Estados Unidos.

Assim, enquanto as jovens repúblicas do continente estavam conquistando suas independências, as ilhas de Cuba e Porto Rico ainda eram colônias espanholas (STRECK, 2008, p. 16). Os movimentos anticolonialistas na América ocorreram, principalmente, entre 1808 e 1826. Em Cuba, este processo foi adiado justamente pelo auge da produção açucareira e pelos interesses comerciais dos Estados Unidos. A oligarquia cubana também recebia concessões econômicas da Coroa espanhola e temia a repetição de uma revolução negra, como a ocorrida no Haiti no final do século XVIII (VILABOY; GALLARDO, 2005, p. 23).

Luiz Alberto Moniz Bandeira (2009), entretanto, considera que, em meados do século XIX, a presença da Espanha no Caribe começou a incomodar os Estados Unidos. Cresceu nos estadunidenses o desejo de anexar Cuba e Porto Rico e contaram, inclusive, com o apoio de segmentos favoráveis à anexação, principalmente os grandes proprietários de terra. Durante a Guerra dos Dez Anos, por exemplo, entre 1868 e 1878, a luta pela independência de Cuba significava a incorporação aos Estados Unidos (BANDEIRA, 2009, p. 58-59). Devido à sua posição geográfica, Cuba era vista como uma “fronteira natural” dos Estados Unidos, indispensável para o estabelecimento de uma base naval, para a segurança das rotas no Golfo do México e do canal que projetavam no Panamá (BANDEIRA, 2009, p. 62).

Ricardo Mendes, no artigo “América Latina - Interpretações da origem do imperialismo norte-americano” (2005), aponta que o imperialismo teve sua origem no “prolongamento direto do expansionismo iniciado ‘internamente’ [...] sob inspiração do Destino Manifesto” (MENDES, 2005, p. 185). Segundo o autor, o imperialismo se desenvolveu, principalmente, no final do século XIX, no contexto do pós-guerra civil e de industrialização, e estava relacionado à fatores econômicos, políticos, culturais e estratégicos. Estes incluíam a busca por mercados consumidores e matérias primas, a ideia de superioridade anglo-saxônica, a cultura expansionista baseada na “missão divina” e a preocupação em garantir áreas de influência diante do expansionismo europeu. Nesse sentido, o anti-imperialismo surgiu como uma forma de resistência política e cultural ao poderio norte-americano.

Rafael Araujo e Rafael Alonso (2018) destacam que, durante esse processo de construção imperial, o governo estadunidense “fez a opção preferencial pela constituição de uma rede de estados satélites e clientes em vez da constituição formal de colônias, como foi observado na experiência das potências europeias” (ARAUJO; ALONSO, 2018, p. 140). Essa política externa se materializou, principalmente, na 1ª Conferência Pan-Americana, ocorrida em Washington entre 1889 e 1890. Tinha como objetivo aproximar a América Latina da esfera

de influência dos Estados Unidos, através da união aduaneira, da proposta de livre comércio e da intervenção em negociações de conflitos na região. Apesar das reuniões não terem sido bem-sucedidas, os Estados Unidos continuaram organizando conferências da mesma natureza nas décadas seguintes (ARAÚJO; ALONSO, 2018, p. 143-144).

Nesse contexto internacional, Martí iniciava sua trajetória na política e na literatura. Entre os autores que analisam suas origens estão Rodríguez (2006), Roberto Fernández Retamar (2019), Richard Gott (2006) e Danilo Streck (2008). Fernández Retamar (2019) destaca que Martí era filho de imigrantes espanhóis e vinha de uma família humilde. Na juventude, sob orientação do professor Rafael Maria de Mendive, teve contato com a literatura centro-americana e mexicana dos tempos coloniais e republicanos (RODRÍGUEZ, 2006, p. 32-33) e com pensadores cubanos independentistas, como Felix Varela<sup>14</sup>, José de la Luz y Caballero<sup>15</sup> e o próprio Mendive (FARHAT; MIGLIOLI; VIEIRA, 2019, p. 211-212).

Martí também foi influenciado pelos escritos do libertador venezuelano Simón Bolívar, líder das independências da Venezuela, Colômbia e Bolívia (CASAS, 2006, p. 99) e de Eugenio María de Hostos e Ramón Emeterio Betances que no final do século XIX lutavam pela libertação de Porto Rico (FERNÁNDEZ RETAMAR, 2006, p. 43). Com base nessas influências, concordo com Wasserman (2004) que as ideias que Martí desenvolveu estavam mais próximas do anti-imperialismo e “de um clamor contra as desigualdades oriundas das deficiências do desenvolvimento capitalista latino-americano, do que da igualdade socialista” (WASSERMAN, 2004, p. 65).

No discurso “Bolívar” (1893), Martí falou sobre sua admiração pelo libertador venezuelano. Caracterizou Bolívar como “um homem realmente extraordinário”, um lutador e escritor hábil e um amigo fiel que “quando morre o homem honrado a quem queria”, “ordena que tudo cesse ao seu redor” (MARTÍ, 1983, p. 239). Ele acreditava “no gênio da América, e no seu destino”, ou seja, na cultura específica do continente e no seu dever com a independência, que não poderia ser adiada. Para Martí, essas eram as principais qualidades de um verdadeiro libertador. Influenciando outros revolucionários do século XIX, imaginou que Bolívar estaria “no céu da América, vigilante e severo, sentado ainda na rocha da criação, com o inca ao seu

---

<sup>14</sup> No início do século XIX, o padre Félix Varela foi defensor da ilustração do povo e um dos primeiros educadores cubanos a assumir uma atitude revolucionária, em especial na crítica à escravidão (CALDAS; LEITE, 2019, p. 239).

<sup>15</sup> Discípulo de Varela, José de la Luz y Caballero, foi defensor da escola destinada às necessidades do país e à formação moral dos jovens. Tinha uma percepção ampla do processo educativo, não restrito ao ato de ensinar, mas também ao cultivo dos sentimentos (BUENAVILLA RECIO, 1995, p.12 apud CALDAS; LEITE, 2019, p. 239).

lado e o feixe de bandeiras aos seus pés; [...] ainda com as botas de campanha, pois aquilo que ele não deixou feito ainda está para fazer: Bolívar ainda tem muito o que fazer pela América!” (MARTÍ, 1983, p. 240).

Em 1868, eclodia em Cuba a chamada Guerra dos Dez Anos, a primeira guerra de independência contra a Espanha. Nesse período, Martí, então com 15 anos, realizava suas primeiras publicações, como os poemas “Abdala” e “El diez de octubre”. Eram versos sobre o amor e o sacrifício pela pátria e contra o colonialismo (FERNÁNDEZ RETAMAR, 2019, p. 3). Em “Abdala”, escreveu que “o amor, mãe, à pátria não é o amor ridículo à terra, nem à erva que pisam nossos pés; é o ódio invencível a quem oprime, é o rancor eterno a quem ataca” (MARTÍ, 2001, v. 18, p. 19 apud STRECK, 2008, p.18).

Nesses versos, percebe-se a noção de amor à sua terra como um sentimento que podia mover o povo naquele momento. Muito mais do que idealização, amor significava se questionar e se conscientizar sobre a realidade vivida e se dedicar a defender as terras diante da tirania do colonizador. Identificado como subversivo com essas ideias, Martí foi detido pelas autoridades espanholas e condenado a seis anos de prisão. Em 1871, teve sua pena comutada para o exílio e foi deportado para a Espanha (FERNÁNDEZ RETAMAR, 2019, p. 4).

A partir deste ano, Martí viveu grande parte de sua vida em países estrangeiros, como Espanha, México, Guatemala, Venezuela e Estados Unidos. Por onde passava, demonstrava interesse por diversos assuntos, desde agricultura, educação até grandes eventos internacionais, e observava criticamente a realidade de cada país (STRECK, 2008, p. 12). As razões para essas viagens foram diversas. Fernández Retamar aponta para os exílios políticos, as funções que assumiu para ganhar a vida, as divergências políticas com os caudilhos<sup>16</sup> e a preparação da guerra de independência (FERNÁNDEZ RETAMAR, 2019, p. 5-6). Nesse sentido, Elizabeth Jelin destaca que a América Latina era marcada por:

“una larga historia de fronteras porosas que incluyen movimientos permanentes de exilados políticos. Desde comienzos del siglo XIX, los exilados políticos se caracterizaron por participar en la organización de movimientos de oposición e intentos de cambio en sus países de origen. Al mismo tiempo, y en parte con ese objetivo, mantuvieron contactos y vínculos cercanos con fuerzas políticas de los demás países de la región, donde formaron alianzas y desarrollaron lazos de solidaridad duraderos” (JELIN, 2017, p. 39).

<sup>16</sup> Nos novos Estados independentes da América Latina, os caudilhos eram figuras militares que se destacaram em batalhas no século XIX e que passaram a fazer parte de uma nova elite, desempenhando o papel de chefes locais. O caudilhismo, portanto, era uma forma de centralização do poder que visava manter a ordem social e compensar a debilidade da estrutura interna de poder. Representava um elemento de continuidade da mentalidade colonial, pois estava baseado no mandonismo, na hierarquia social, na preservação da escravidão, no catolicismo, nos direitos políticos limitados, na discriminação racial e na negação do autóctone (CARRERA DAMAS, 2007). Para Martí, assim como as falsas democracias liberais, os regimes caudilhistas eram incapazes de resolver os problemas do continente (RODRÍGUEZ, 2006, p. 119).

Vivendo na Espanha, Martí estudou Direito, Filosofia e Letras. Publicou sua autodefesa “El presidio político en Cuba” e o ensaio “La Republica Espanhola ante la Revolución Cubana”, denunciando a situação precária da prisão em Cuba e pedindo para que a Espanha, já derrotada em outras partes da América, libertasse a ilha (STRECK, 2008, p. 19). Nesse contexto, surgia na Europa o termo intelectual. Fazia referência aos homens conhecedores da cultura e da ciência que passaram a intervir no debate público através de manifestos e da presença constante na imprensa. Eram, geralmente, críticos dos interesses burgueses e dos sistemas políticos vigentes (LHERA, 1994 apud CAPELATO, 2003, p. 39).

Segundo Elzimar Goettner Costa, no artigo “O papel dos intelectuais na América Latina” (2004), o intelectual é aquele que detém um saber e que exerce funções que podem estar relacionadas ou não com sua profissão. Ele trabalha, em geral, no campo das ideias, da reflexão e da análise crítica. Por isso, na América Latina, seu papel é “discutir, esclarecer e denunciar o que impede a plenitude da vida humana” (COSTA, 2004, p. 36). Cabe a ele também “debater as questões que inquietam a sociedade e contribuir na busca de soluções para os problemas” ou então “mediar situações delicadas que envolvem o bem comum” (COSTA, 2004, p. 37). Na Espanha, Martí começou a se consolidar como um desses intelectuais.

Depois de formado, Martí se mudou para o México, onde se dedicou ao jornalismo (FERNÁNDEZ RETAMAR, 2019, p. 4). Nesse período, se manifestou contra a tomada de poder pelo general Porfírio Díaz e se viu forçado a um novo exílio, dessa vez na Guatemala (STRECK, 2008, p. 19). Sobre suas experiências no México, na Guatemala e depois na Venezuela, Rodríguez (2006) traz contribuições importantes. Para o autor, o México representou o encontro de Martí com a realidade do continente e com as culturas indígenas vivas naquele país. Gott (2006) complementa que Martí se atentou para os conflitos entre os homens brancos e os povos indígenas e para a desigualdade social entre as áreas rurais e urbanas (GOTT, 2006, p. 104-105). Inclusive, foi nessa época que utilizou pela primeira vez a expressão “Nuestra América” (RODRÍGUEZ, 2006, p. 39).

Já na Guatemala, houve a “revelação” da identidade latino-americana. Lá, Martí trabalhou como professor de História e Literatura e em seus textos pensou sobre a educação, o desenvolvimento da agricultura e, principalmente, as contribuições dos indígenas para a identidade da região. Na Venezuela, se dedicou à escrita de crônicas para o jornal *La Opinión Nacional* e criou a *Revista Venezolana* para difundir a cultura do país. Na evolução de seu pensamento, foi na Venezuela que percebeu a necessidade de transformações sociais para alcançar o equilíbrio do continente (RODRÍGUEZ, 2006, p. 168).

Enquanto isso, em 1878, o Pacto de Zanjón representava o fim da Guerra dos Dez anos e incluía a anistia aos exilados cubanos. Nesse contexto, Martí retornou para Cuba, onde se engajou novamente em grupos revolucionários. Acusado de conspiração durante os preparativos da Guerra Chiquita,<sup>17</sup> foi, mais uma vez, sentenciado ao exílio na Espanha. Com o movimento de independência sediado em Nova York, pouco tempo depois ele partiu para a cidade norte-americana (GOTT, 2006, p. 105).

Em Nova York, Martí assumiu diversos cargos. Presidiu e lecionou na “Liga de Instrucción”, sociedade de negros para a formação de quadros revolucionários, ofereceu aulas de espanhol, foi cônsul da Argentina, do Uruguai e do Paraguai em Nova York, presidente da Sociedade Literária Hispano-Americana, representante da Associação de Imprensa de Buenos Aires nos Estados Unidos e representante do Uruguai na Conferência Monetária Internacional em Washington (FERNÁNDEZ RETAMAR, 2019). Neste evento, criticou a proposta dos Estados Unidos de criação de uma moeda única para os países da América. Afirmou que “a todo convite entre povos é preciso procurar as razões ocultas [...] Se duas nações não têm interesses comuns, não podem unir-se. Se se unem, se chocam” (MARTÍ, 1983, p. 203).

Nesse período, também trabalhou intensamente nos seus escritos, principalmente nos do gênero jornalístico. Segundo Fernández Retamar (2019), este era o gênero “utilitário” que tinha a função de informar temas relevantes no contexto de expansão do imperialismo. Os ensaios para a imprensa, por exemplo, atendiam aos objetivos políticos de transmitir seus ideais de uma forma acessível e alcançando o maior número de pessoas possível. A criação da revista para crianças “La Edad de Oro” (1889) também pode ser incluída nessa tarefa utilitária. Tinha a função pedagógica de falar sobre história e ciência, explicar coisas do cotidiano e estimular o amor à pátria (FERNÁNDEZ RETAMAR, 2019, p. 33-34).

Durante a década de 1880, Martí escreveu para diversos jornais. Entre eles, destaco o argentino *La Nación*, onde foi comentarista de assuntos americanos (GOTT, 2006, p. 106), incluindo suas considerações sobre exposições de arte e sobre a morte de Karl Marx.<sup>18</sup> Também

---

<sup>17</sup> Movimento bélico liderado pelo general Calixto Garcia em 1879 que tentou reestabelecer a guerra de independência. Decepcionado após os dez anos de combates infrutíferos contra a Espanha, Calixto Garcia abortou o movimento meses depois (FERNÁNDEZ RETAMAR, 2019, p. 6).

<sup>18</sup> No texto “Karl Marx morreu” (1883), Martí prestou homenagens ao filósofo alemão no ano de sua morte. Reconheceu a importância de Marx como observador crítico das desigualdades e o elogiou por ter se colocado no “lugar dos mais fracos”, despertado os trabalhadores europeus para a luta e estudado “modos de assentar o mundo em novas bases”. Mas fez críticas ao método da luta de classes que, segundo ele, colocaria homens contra homens. Para Fernández Retamar, Martí não estava totalmente familiarizado com a obra de Marx. Não houve nos escritos de Martí referências às obras de Marx nem aos métodos relativos à luta de classes (FERNÁNDEZ RETAMAR, 2019, p. 24-25). A revolução de Martí tinha um “caráter transclassista ao convocar todos os cubanos para a luta emancipatória” (STRECK, 2006, p. 88).

publicou na *Revista Venezolana* e no jornal *Patria*, fundados por ele. Neste último, lançou o texto “La verdad sobre los Estados Unidos” (1894), criticando o imperialismo norte-americano. Já nos nova-iorquinos *La América* e *The Evening Post* publicou “Maestros ambulantes” (1884), falando sobre a educação no campo, e “Vindicación de Cuba” (1899) em defesa do povo cubano e contra a anexação aos Estados Unidos. Para o mexicano *El Partido Liberal*, escreveu ensaios como “El cisma de los católicos en Nueva York” (1887), “El poeta Walt Whitman” (1887)<sup>19</sup> e “Nuestra América” (1891) (MARTÍ, 1983). Este último foi sua obra de referência e será analisado na terceira parte deste capítulo.

Martí também se dedicou às crônicas e cartas, nas quais também expunha seus ideais políticos de forma intimista e poética (FERNÁNDEZ RETAMAR, 2019, p. 33). Entre elas, estavam as crônicas “Escenas norte-americanas” sobre as relações políticas e econômicas entre os Estados Unidos e os centro-americanos (RODRÍGUEZ, 2006, p. 56). Aponto também as cartas endereçadas ao intelectual dominicano Federico Henríquez y Carvajal, no dia do decreto da independência de Cuba, e ao amigo Manuel Mercado, escrita no dia anterior à sua morte. Nesta, Martí falou sobre seu dever para com seu país e escreveu a famosa frase “vivi no monstro e lhe conheço as entranhas:- e minha funda é a de Davi” (MARTÍ, 1983, p. 252) em referência aos anos em que viveu em Nova York.

Sua oratória e discursos, principalmente como representante político, também assumiram papel importante em sua obra (FERNÁNDEZ RETAMAR, 2019, p. 33). Entre elas, destaque sua fala na Conferência Monetária das Repúblicas da América em 1888, os discursos “Bolívar” (1893), em homenagem ao libertador, “Madre América” (1889) na “Sociedad Literária Hispanoamericana” e “Con todos y por el bien de todos” (1891) no “Liceo Cubano” em Tampa, na Flórida. Este último discurso se tornou emblemático pela sua última frase: “levantamo-nos para a república verdadeira [...] E ponhamos ao redor da estrela, na bandeira nova, esta fórmula do amor triunfante: ‘Com todos e para o bem de todos’” (MARTÍ, 1983, p. 228).

Para além dessa literatura utilitária, as obras de Martí são mais escassas. Escreveu apenas um romance, o “Amistad Funesta” (1885), algumas traduções e incursões teatrais. Quanto à poesia, a única parte de sua obra que foi publicada em coletâneas, escreveu “Ismaelillo” (1881) e “Versos sencillos” (1891). Pelo menos dois volumes foram deixados sem publicar, “Versos libres” e “Flores del desierto” (FERNÁNDEZ RETAMAR, 2019, p. 34). Enquanto nessas poesias Martí focou, principalmente, na perspectiva dos cubanos, nos ensaios

---

<sup>19</sup> Em homenagem ao poeta norte-americano, pelo qual Martí nutria grande admiração (WASSERMAN, 2004, P. 56).

havia uma visão que transcendia Cuba e abarcava todo o subcontinente (TORRES, 2006, p. 118). Dessa forma, seus textos ficaram conhecidos em toda a América Latina (WASSERMAN, 2004, p. 57).

Considerando a diversidade de seus escritos e de sua atuação política, Martí pode ser fonte para diversas áreas. Na literatura, como poeta e escritor; no jornalismo como observador atento, crítico e engajado; na ciência como promotor de um espírito inventivo; na política e na história como militante revolucionário e pensador de sua realidade (STRECK, 2008, p. 27). Como pensador, concebeu a estratégia de libertação nacional e como político colocou em prática seu ideal de tornar Cuba e Porto Rico independentes e fundar novas Repúblicas (RODRÍGUEZ, 2006, p. 70-71).

A obra de Martí, portanto, foi marcada pelos seus interesses políticos e seu posicionamento contra o imperialismo. Por isso, considero que seus textos estão interligados e, de certa forma, se complementam. Mesmo que ele não tenha aprofundado determinada ideia em um de seus escritos, pode-se encontrar explicações mais completas em outros artigos ou discursos. Ao mesmo tempo, lendo qualquer um de seus textos, temos um bom panorama de seus estudos. Cada um revela a “unidade de seu pensamento plural e diverso” (STRECK, 2006, p. 12), onde várias áreas se encontravam. Isso demonstra também a capacidade de síntese do autor.

Para Martí, escrever significava sensibilizar as pessoas sobre o que estava acontecendo no continente. Fazer com que elas refletissem sobre suas realidades e pensassem por si mesmas, sem a interferência da imprensa hegemônica pró-Estados Unidos. Segundo Wasserman, Martí se dirigia principalmente à juventude. Confiava mais na geração “jovem e criadora” ao invés da “antiga e imitativa” na construção de um pensamento genuinamente latino-americano (WASSERMAN, 2004, p. 62). Para isso, Martí se expressava de forma poética e envolvente, mas não necessariamente de maneira fácil. Muitas vezes, suas ideias ficavam subentendidas no texto, exigindo uma leitura ativa e atenta.

Isso fica visível no seguinte trecho do discurso “Con todos y por el bien de todos”, de 1891, em que falou sobre a luta de independência: “Torno a ver, diante de mim, as bandeiras desfraldadas; e me parece que o mar que de lá vem, carregado de esperança e dor, rompe a vala da terra alheia em que vivemos e arrebenta, contra essas portas, suas ondas alvoroçadas...” (MARTÍ, 1983, p. 227). Nessas linhas, Martí fazia referência às ideias nacionalistas, “as bandeiras desfraldadas”, que chegavam e conscientizavam os exilados cubanos que viviam nos Estados Unidos, “a terra alheia”. Essas ideias se disseminavam como “ondas alvoroçadas” e seus efeitos eram a luta pela libertação de Cuba, durante séculos “sufocada nos braços que a

esmagam e corrompem!” (MARTÍ, 1983, p. 227). Com essas imagens, Martí quis conscientizar e convocar os exilados para essa luta que ele considerava inevitável.

Outro exemplo é uma passagem no final de “Vindicación de Cuba”, de 1899. Nesta, Martí estava se referindo ao medo da expansão dos Estados Unidos e às dificuldades em manter suas lutas: “nossos esforços ter-se-iam renovado com êxito [...] se não fosse [...] pelo temor justo de outros, de que nossos mortos, nossas memórias sagradas, nossas ruínas encharcadas de sangue chegassem a ser apenas o adubo do solo para o crescimento de uma planta estrangeira” (MARTÍ, 1983, p. 151-152). A imagem das “ruínas” se referia à Cuba, com suas estruturas desabando por causa do colonialismo ou de uma possível guerra de independência mal sucedida. E a “planta estrangeira” representava os Estados Unidos, como um organismo que se fortaleceria com um “adubo” vindo do sofrimento cubano. Essa era uma das maiores incertezas dos revolucionários em prosseguir com os planos de independência.

Durante a leitura de seus escritos para jornais, por exemplo, percebe-se que Martí não se limitava apenas em noticiar. Em “La verdad sobre los Estados Unidos”, por exemplo, além de divulgar uma nova sessão do jornal *Patria*, falou sobre os perigos da “República autoritária e cobiçosa” do Norte. Destacou que “as idéias, como as árvores, devem vir de longa raiz e estar em chão propício para que brotem e prosperem” (MARTÍ, 1983, p. 247). Nessa reflexão, ele quis dizer que o povo cubano não deveria copiar as ideias dos Estados Unidos, pois isso só enfraqueceria a cultura nacional. As ideias deveriam ser cultivadas e desenvolvidas localmente para que crescessem fortes e permitissem a emancipação.

Já em “Nuestra América”, utilizou as imagens do “aldeão vaidoso” e dos “gigantes que usam botas de sete léguas” para representar aqueles que deveriam ser derrotados nas guerras de independência. Queria conscientizar os leitores sobre a libertação e a reconciliação dos povos locais e fez isso através de histórias que faziam sentido em suas realidades: “os que se enfrentam como irmãos ciumentos, que querem os dois a mesma terra, ou o da casa menor que tem inveja do da casa melhor, devem se dar as mãos para que sejam um só” (MARTÍ, 1983, p. 195). Criticou também os homens que não acreditavam em sua terra como “estes filhos de marceneiro, que se envergonham que seu pai seja marceneiro! Estes nascidos na América que se envergonham de levar indumentária indígena, da mãe que os criou e que renegam” (MARTÍ, 1983, p. 195).

Nesses trechos, pode-se perceber que estão entre as marcas de sua obra a construção de narrativas, relatando algum pensamento, algo que já tinha ocorrido ou que ele imaginava que poderia acontecer. A descrição cuidadosa, o uso de metáforas, as referências à sentimentos como amor, medo, inveja e vergonha também formavam sua linguagem original e crítica. Com

ela, Martí atraía crianças, adultos, a população mais pobre e os políticos. Conscientizava sobre as lutas de independência, gerava reflexões sobre condutas individuais e coletivas e despertava o interesse pela natureza, pela ciência, pela história e pela política. Há mais de um século e meio, sua obra inspira diversas gerações sobre esses temas, entre crianças, jovens e revolucionários.

Partindo dessas características de sua vida e obra, pode-se focar agora na atuação de Martí na guerra de independência de Cuba. A seguir, faço uma contextualização da guerra e o motivo pelo qual ela foi frustrada. Além disso, apresento as perspectivas de alguns autores sobre a questão da cultura nacional no país, em voga no final do século XIX. Esses aspectos são importantes para compreender os ideais políticos desenvolvidos por Martí em “Nuestra América”, objeto de estudo desta pesquisa e analisados na terceira seção deste capítulo.

## 1.2 A Guerra de Independência

Outra importante tarefa de Martí em Nova York foi a renovação da guerra de independência de Cuba.<sup>20</sup> Entre as décadas de 1880 e 1890, conseguiu unir a comunidade exilada, incluindo Antonio Maceo e Máximo Gómez,<sup>21</sup> líderes populares da Guerra dos Dez Anos, em torno da sua ideia de independência e contra a anexação aos Estados Unidos (GOTT, 2006, p. 105). Nesse processo, fundou o Partido Revolucionário Cubano (PRC) em 1892, uma frente ampla para preparar a guerra, (RODRÍGUEZ, 2006, p. 71) e inaugurou o jornal *Patria* para divulgar as bases do Partido (FERNÁNDEZ RETAMAR, 2019, p. 10). Sobre o PRC, Martí afirmou que foi:

a iniciativa, americana pelo alcance e espírito, de promover com ordem e de auxiliar com todos os seus elementos reais [...] a revolução de Cuba e Porto Rico para sua independência absoluta. É lindo, na desordem que acompanha uma longa e infortunada emigração, ver unidos em torno de uma obra voluntária e disciplinada de pensamento ativo aos homens de todas as condições e graus de fortuna [...] e ver todos [...] reiterar à sua pátria, com sua confirmação livre do partido de independência, a promessa de preparar por ela no desterro, a redenção que ela não pode preparar no medo, no desmaio, e na paixão de sua escravidão. [...] Todo partido político deve ajustar-se a seu povo e a política é a arte de guiar, com sacrifício próprio, os fatores diversos ou opostos de um país de modo que, [...] vivam sem atritos e em liberdade de aspirar ou de resistir (MARTÍ, 1983, p. 232-233).

---

<sup>20</sup> Rodríguez (2006) e Fernández Retamar (2006) destacam que Martí também incluiu em seus planos a independência de Porto Rico.

<sup>21</sup> Em diferentes momentos, Maceo e Gómez dialogaram com Martí, ora concordando, ora discordando entre si sobre a organização da guerra e o caráter do novo governo (FERNÁNDEZ RETAMAR, 2019, p. 6).

Para o historiador espanhol Javier Fernández Sebastián, na obra “Historia conceptual en el Atlántico” (2021), o conceito de independência significa não depender de outra coisa ou de outra pessoa. É liberdade de ação em relação a outros países, instituições e circunstâncias que poderiam subordiná-lo ou que o haviam dominado no passado. Quando a independência é total e absoluta, pode-se dizer que foi alcançada a soberania. Essa é a verdadeira essência e a razão de ser das revoluções (FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, 2021, p. 322-323). O autor destaca também o aspecto separatista da emancipação, o corte dos vínculos de subordinação com a metrópole. Nesse processo, o principal desafio dos líderes das independências é reconstituir a coesão e a unidade em um novo corpo político (FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, 2021, p. 324-325), dotado de estabilidade e legitimidade (FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, 2021, p. 336).

Para compreender melhor essa luta de Martí, recorro também às contribuições de Franz Fanon no livro “Os condenados da terra” (1968). De acordo com o autor martinicano, a descolonização é um processo histórico de encontro entre duas forças antagônicas cuja primeira confrontação foi a exploração dos colonizados pelos colonos através dos saques e da escravidão. É um fenômeno necessariamente violento que, a partir do projeto de libertação nacional e da luta do povo, resulta na criação de uma nova nação, uma nova linguagem e uma nova humanidade (FANON, 1968, p. 26). Fernández Retamar (2016, p. 80) complementa que o projeto de libertação se origina da violência e da tomada de consciência do colonizado. E deve ser original, ou seja, formulado a partir da realidade, das necessidades e da cultura nacional.

Nesse cenário, cabe ao homem político, como José Martí, assumir um papel revolucionário. Ele deve se colocar à disposição do povo, convocar para a ação, ter ideias claras em relação à realidade social de seu país e garantir a produção intelectual (FANON, 1968, p. 164-165). Precisa lutar pela cultura não apenas nacional, mas de todo o continente, preparando o terreno para as lutas de independência (FANON, 1968, p. 175). Também tem o papel de ajudar na construção da nação, atender aos anseios do povo e promover valores universalizantes (FANON, 1968, p. 206-207). O esforço conjugado do povo e de intelectuais como Martí garante a união nacional contra o colonialismo e a burguesia inútil e nociva (FANON, 1968, p. 144).

Seguindo essas funções do homem político, Martí criou o ambiente propício para a eclosão da guerra de independência. Em março de 1895, lançou o “Manifiesto de Monticristi” anunciando a guerra contra a Espanha que classificou como necessária. E seguindo o acordo do PRC, convocou o povo a aderir ao movimento, enfatizando que se tratava da continuação da luta iniciada em 1868. Se posicionou contra o racismo e a tirania e indicou que o novo governo deveria pautar-se no respeito e no bem-estar de todos (STRECK, 2008, p. 22).

Os principais fatos da guerra são analisados por autores como Eliane Anconi (1998),

Luiz Fernando Ayerbe (2004), Benedicto Cuervo Álvarez (2016) e os já citados Gott (2006), Bandeira (2009) e Fernández Retamar (2006; 2019). Concordo com a perspectiva de Álvarez (2016) de que o processo de independência de Cuba foi longo, com mais de meio século de tentativas e negociações. Além de complexo, foi tardio e custoso em vidas humanas e em termos materiais. Em uma das primeiras batalhas, o próprio Martí, que não tinha muita experiência como guerrilheiro, acabou caindo em uma emboscada e faleceu no dia 19 de maio de 1895 (FERNÁNDEZ RETAMAR, 2019, p. 12).

No dia anterior à sua morte, Martí escreveu uma carta ao amigo Manuel Mercado, em que relatou: “estou todos os dias em perigo de dar minha vida por meu país e por meu dever [...] de impedir a tempo, com a independência de Cuba, que os Estados Unidos se alastrem pelas Antilhas” (MARTÍ, 1983, p. 252). Nessa passagem, percebe-se que ele tinha consciência de que o principal desafio da guerra não era enfrentar “o inexperiente exército espanhol”, mas conter a expansão ou a anexação aos Estados Unidos. Conhecendo bem as políticas do país, sabia que uma das duas opções poderia acontecer. Uma aliança entre Espanha e Estados Unidos também se tornaria um grande problema para a soberania de Cuba.

A guerra continuou mesmo sem a liderança de Martí. Após um ano e meio, no final de 1896, os combatentes cubanos já acumulavam vitórias e conseguiram ocupar boa parte das áreas rurais do país. As táticas de guerrilha utilizadas contra os espanhóis eram ações violentas e de surpresa como incêndios em casas, usinas, canaviais e plantações de tabaco pertencentes aos colonizadores ou a fazendeiros cubanos favoráveis à Espanha. Prejudicaram, principalmente, o comércio e destruíram grande parte dos investimentos norte-americanos (BANDEIRA, 2009, p. 62). Nesse processo, Anconi (1998, p. 16) destaca também que muitas cidades foram tomadas pelos rebeldes, inclusive Havana.

Sobre essas vitórias consecutivas, Ayerbe (2004, p. 23) considera que se deveram às ações planejadas e comandadas por Antonio Maceo, o principal organizador dos guerrilheiros.<sup>22</sup> Já Gott (2006, p. 111-112) aponta para o forte apoio popular, principalmente da população negra, como o principal fator para as vitórias. Segundo ele, entre os 30 mil combatentes mobilizados até o final de 1896, cerca de 80% eram negros. Por causa dessa participação ativa dos negros, Fernández Retamar (2006, p. 41) considera que socialmente a guerra foi uma das mais avançadas da América, atrás apenas da haitiana, e politicamente foi a primeira guerra anti-

---

<sup>22</sup> Maceo acabou morrendo em combate em dezembro de 1896 (AYERBE, 2004, p. 23). Com a morte de Martí e Maceo, a direção do PRC passou para os setores encabeçados por Tomás Estrada Palma, representante das oligarquias pró Estados Unidos e o primeiro presidente eleito de Cuba, em 1902. A partir desse momento, os libertadores cubanos passaram a ficar divididos em relação à anexação aos Estados Unidos (ANCONI, 1998, p. 16-17).

imperialista do mundo.

Quanto ao desfecho da guerra, discordo de Álvarez (2016, p. 102) de que se deveu ao intervencionismo norte-americano e não aos rebeldes cubanos. Me posiciono a favor de Ayerbe (2004, p. 23) quando ele afirma que no momento em que os Estados Unidos resolveram entrar no conflito, a vitória dos cubanos já era iminente. As forças guerrilheiras já tinham enfrentado e derrotado o principal contingente do exército espanhol que contava com cerca de 200 mil soldados. E naquele momento, a guerra em Cuba não era a única que os espanhóis tinham que se preocupar. Desde meados de 1896, a Espanha vinha lidando com uma insurreição colonial nas Filipinas e estava ficando sem tropas disponíveis (GOTT, 2006, p. 117).

No início de 1898, portanto, os espanhóis já estavam enfraquecidos e preparando sua retirada da ilha. Em fevereiro, o naufrágio do navio de guerra Maine desencadeou a intervenção dos Estados Unidos. Ancorado no porto de Havana, o barco havia sido enviado pelos Estados Unidos como “medida de precaução” diante da radicalização dos confrontos entre os cubanos e os espanhóis (AYERBE, 2004, p. 23). O governo norte-americano tomou como válida a hipótese de um ato de sabotagem dos espanhóis e declarou guerra contra a Espanha em abril.<sup>23</sup> Nesse contexto, os interesses dos Estados Unidos eram a realização de transações comerciais diretamente com a ilha sem a intervenção espanhola e o aumento da sua influência na região (ÁLVAREZ, 2016, p. 101).

A guerra hispano-americana durou poucos meses e as lutas foram desiguais. Ao todo, menos de mil espanhóis enfrentaram mais de 3 mil soldados norte-americanos que haviam invadido Cuba e Filipinas (GOTT, 2006, p. 118). Nesse período, Máximo Gómez, o principal comandante cubano, recusou a proposta de negociação dos espanhóis que sugeria uma aliança entre Cuba e Espanha contra os Estados Unidos (GOTT, 2006, p. 121). Sem saída, em dezembro de 1898, a Espanha assinou o Tratado de Paris declarando a independência de Cuba, Porto Rico e Filipinas e o pagamento de 20 milhões de dólares aos Estados Unidos (ÁLVAREZ, 2016, p. 103).

Após o acordo, os Estados Unidos iniciaram uma ocupação em Cuba, declarando que seria por tempo limitado e sem qualquer intenção colonialista (ÁLVAREZ, 2016, p. 103). O argumento usado foi a manutenção da paz e da independência da ilha, mas nenhum representante cubano foi consultado ou autorizado a participar dessas negociações (ANCONI, 1998, p. 17). Por cinco anos, Cuba foi governada por generais norte-americanos. A estrutura da administração espanhola foi mantida, a segregação racial foi instituída nas escolas e nas

---

<sup>23</sup>Após uma investigação sobre as causas da explosão, concluiu-se que esta, provavelmente, foi um acidente e ocorreu por causa de uma mina submarina, sem relação com a Espanha (AYERBE, 2004, p. 23).

instituições e as primeiras eleições do país foram controladas pelos Estados Unidos (GOTT, 2006). E, como Martí temia, Cuba serviu de ponte para a expansão dos Estados Unidos que passou a dominar também as ilhas de Porto Rico e Filipinas (FERNÁNDEZ RETAMAR, 2019, p. 17).

Ao final da intervenção, Cuba foi obrigada a incorporar a Emenda Platt em sua primeira Constituição republicana. Considerado uma das maiores humilhações da história de Cuba, o documento proibia tratados com países estrangeiros sem a autorização do governo norte-americano, permitia que os Estados Unidos supervisionassem as finanças públicas de Cuba, estabelecessem bases militares permanentes na ilha e que os governos cubanos recebessem ajuda militar para enfrentar greves e rebeliões internas, principalmente dos trabalhadores pobres (GOTT, 2006, p. 132-133).

Para Daiana Pereira Neto (2012, p. 217), 1898 foi o marco do fim do Império Ultramarino Espanhol e a emergência dos Estados Unidos como a nova potência mundial. Na perspectiva de Ayerbe (2004, p. 25-26), o ano significou uma grande frustração para a maior parte da população cubana e um dos fatores para a formação de uma consciência nacionalista e a reivindicação de uma terceira guerra de independência. Sobre o tema, Maria Helena Rolim Capelato (2003) revela que o ano marcou um descontentamento em relação à política espanhola e criou um intercâmbio entre a intelectualidade espanhola e hispano-americana.

Segundo Capelato (2003), a independência de Cuba e a crise do colonialismo contribuíram para a consolidação de uma literatura crítica na Espanha. Intelectuais como Miguel Unamuno e Rafael Altamira, começaram a se posicionar contra os valores burgueses e militaristas e o estado de decadência em que se encontrava a Espanha. O recrutamento de jovens pobres para a guerra, por exemplo, causou indignação entre eles e os setores populares. Os intelectuais da “geração de 98”, então, passaram a refletir sobre a necessidade de regeneração do país, principalmente no sentido cultural. Para eles, a solução para a crise seria a recuperação da verdadeira essência nacional e da tradição latina, acompanhada da construção de uma imagem negativa dos anglo-saxões.

A partir disso, foi resgatada a ideia de “hispanidad”. A origem hispânica seria o componente real e legítimo da cultura espanhola e americana e o elemento de encontro entre esses povos. A salvação da cultura espanhola estaria justamente na afirmação dessa identidade em comum e na criação de uma comunidade espiritual. Essas ideias facilitaram a reaproximação entre intelectuais espanhóis e americanos, principalmente diante da intervenção dos Estados Unidos em Cuba. A circulação de obras e o diálogo entre autores enriqueceu o cenário cultural nos dois lados do Atlântico no início do século XX (CAPELATO, 2003). Esse debate sobre a

questão nacional, fazendo frente ao imperialismo, será retomado na próxima seção.

Sendo assim, vimos que a morte prematura de Martí o impediu de ver o desfecho da guerra que havia preparado. Além da intervenção e da independência limitada, a imposição da Emenda Platt em 1901 permitiu que os Estados Unidos interferissem nos assuntos internos da ilha ao longo das décadas seguintes (AYERBE, 2004, p. 24). Era isso que Martí mais temia. E mesmo depois de sua anulação na década de 1930, a Emenda Platt continuou impactando a política cubana, como será visto no próximo capítulo. Por isso, a questão nacional e a soberania foram temas que atravessaram a sociedade cubana ao longo do século XX.

### 1.3 A questão nacional em Cuba

Como foi visto nas duas últimas seções, Martí lutou ao longo de anos pela descolonização e pela autonomia política de Cuba e da América Latina. Em seus escritos, procurou alertar sobre os perigos do imperialismo e conscientizar os povos sobre novas possibilidades de progresso. Como líder da independência, uniu os exilados em uma frente ampla contra a anexação e partiu para o campo de batalha, mesmo sem muita experiência.

Segundo Neto, a guerra de independência “intensificou uma posição que José Martí já vinha defendendo anteriormente, sendo ele um precursor da defesa de uma cultura própria latino-americana em oposição ao norte” (NETO, 2012, p. 225). Rodríguez (2006) e Mergulhão Ruas (2019) concordam que, para Martí, a cultura nacional era um dos elementos centrais na construção do novo país.

Para Fanon, a cultura nacional deve situar-se no centro da luta de libertação nacional, como foi no caso de Cuba. A cultura nacional “é o conjunto dos esforços feitos por um povo no plano do pensamento para descrever, justificar e cantar a ação através da qual o povo se constituiu e se manteve” (FANON, 1968, p. 194). Nesse sentido, a consciência nacional é a forma mais elaborada de cultura (FANON, 1968, p. 207) e a luta organizada e consciente para restabelecer a soberania constitui a manifestação mais plenamente cultural que existe (FANON, 1968, p. 205).

Também escrevendo no início da década de 1960, o intelectual afro-cubano Walterio Carbonell, no livro “Cómo surgió la cultura nacional” (2005), discute as origens e a definição da cultura nacional em Cuba e inclui os negros nesse processo. Ele questiona a permanência da ideologia burguesa e de “una concepción aristocrática e libresca de cultura” mesmo em contextos revolucionários (CARBONELL, 2005, p. 33). Além disso, contraria a ideia de que os

conflitos entre os proprietários de terra e a metrópole no século XIX formaram a consciência e a cultura do país (CARBONELL, 2005, p. 102).

Para ele, a cultura nacional surgiu a partir da luta de classes entre escravizados e escravistas, do conflito entre a cultura africana e a cultura espanhola. Por isso, sem o conhecimento das particularidades das culturas africanas, não é possível compreender o processo de formação do povo cubano. O autor também cita que a criação da cultura se deu através da ruptura do equilíbrio entre os povos e fala sobre o papel das massas como criadoras de cultura (CARBONELL, 2005, p. 61- 62), pontos que também foram trabalhados por Martí.

Em relação à consciência nacional, Carbonell critica os historiadores burgueses que acreditavam no papel progressista da classe dominante, principalmente durante a Guerra dos Dez Anos. Segundo o autor, a política dos escravistas do século XIX não pode ser considerada uma expressão do sentimento nacional. Eles representavam a cultura espanhola e o colonialismo e eram a favor da anexação a um país estrangeiro. Quem estava na vanguarda do nacionalismo eram os escravizados e negros libertos, cujos interesses iam de encontro ao da maioria da população (CARBONELL, 2005, p. 65-66). Esta perspectiva está de acordo com o pensamento martiano de que são os povos originários que possuem o papel revolucionário em “Nuestra América”.

Sobre o tema, cabe destacar também o ensaio “Todo Calibán” (2004) de Fernández Retamar. Segundo o autor, a cultura cubana tem como expressão simbólica o personagem shakespeariano Caliban, escravizado em sua própria ilha por um feiticeiro estrangeiro. Nesse sentido, “asumir nuestra condición de Caliban, de povos mestiços implica repensar nuestra historia desde el otro lado, desde el otro protagonista” (FERNÁNDEZ RETAMAR, 2004, p. 37). Ressalta que essa concepção de cultura foi defendida por Martí em “Nuestra América”. O Apóstolo pensou na cultura através da perspectiva do mestiço e era contra a imposição de culturas estrangeiras (FERNÁNDEZ RETAMAR, 2004, p. 43).

Martí também criticava a oposição entre civilização e barbárie, relacionada por Fernández Retamar às imagens de Próspero e Caliban (FERNÁNDEZ RETAMAR, 2004, p. 44). Explica que “la supuesta barbarie de nuestros pueblos ha sido inventada con crudo cinismo por ‘quienes desean la tierra ajena’; los cuales, con igual desfachatez, daban el ‘nombre vulgar’ de ‘civilización’ al ‘estado actual’ del hombre ‘de Europa o de la América europea’” (FERNÁNDEZ RETAMAR, 2004, p. 45). Essa questão é essencial para entender o próprio título da obra “Nuestra América” e será retomada na próxima seção.

Por fim, destaco Louis A. Pérez Jr. que em seu livro “Ser cubano” (2016) debate questões de identidade, nacionalidade e cultura em Cuba e o intercâmbio com os Estados

Unidos. Na introdução da obra, o autor destaca que o século XIX foi decisivo para a formação da nacionalidade cubana. Caracteriza esse período pelos contatos com os norte-americanos e pela experiência direta dos intelectuais cubanos nos Estados Unidos, entre eles Martí. Devido à essa imigração, “mucho de lo que integró el sentido cubano del futuro y de su lugar en ese futuro, fue moldeado por o de alguna manera derivado del encuentro con el Norte” (PÉREZ JR., 2016, p. 3). Essa familiaridade com a cultura norte-americana fez crescer a consciência do que se queria ser e também do que não se queria ser enquanto cubano.

Pérez Jr. também traz uma boa definição de cultura. Para ele, cultura é “la acumulación del conjunto de valores, comprensiones y prácticas empleadas por los cubanos para vivir y mantenerse” (PÉREZ JR., 2016, p. 4). Mais especificamente, são os “valores más o menos compartidos, que contribuyeron a la definición de un pueblo con intereses comuns”, através dos quais se criou um sentido coerente de realidade e se formou a nacionalidade e a identidade (PÉREZ JR., 2016, p. 5). Martí, ao mesmo tempo em que estava inserido nesse debate de definição da cultura, ele mesmo também se consolidou como parte da cultura nacional e como símbolo de libertação no país.

Para Martí, a cultura significava a consciência de si próprio e o conhecimento da composição e da harmonia da natureza. Em “Maestros ambulantes”, por exemplo, escreveu sobre o papel da educação em “revelar aos homens sua própria natureza” através do “exercício prudente da razão, com o conhecimento da harmonia do universo e com a prática constante da generosidade” (MARTÍ, 1983, p. 84). Por isso, o culto para ele não era o que tinha o conhecimento dos livros, mas aquele que tinha o “conhecimento direto e fecundo da natureza”, como o camponês que trabalhava na terra. Afirmou que “o único caminho aberto à prosperidade constante e fácil é o de conhecer, cultivar e aproveitar os elementos inesgotáveis e infatigáveis da natureza” e que “ser culto é a única forma de ser livre” (MARTÍ, 1983, p. 84).

Já no texto “Las ruinas indígenas”, Martí exaltou as culturas indígenas da América. Descreveu a diversidade de sociedades com grandes palácios, comércios, pirâmides, com senso artístico apurado e registros em pinturas e hieróglifos. Além do espírito guerreiro e da defesa de suas terras, existiam povos que mantinham rivalidades entre si e alguns fizeram alianças políticas com os espanhóis. Enquanto isso, os europeus “exageravam e inventavam os defeitos da raça vencida, para que a crueldade com que a trataram parecesse justa e conveniente ao mundo” (MARTÍ, 1983, p. 155). Martí, portanto, deu novos significados e interpretações aos povos indígenas e suas experiências. Terminou o escrito afirmando: “Que romance tão lindo a história da América!” (MARTÍ, 1983, p. 160).

Por isso, considero que o debate sobre a questão nacional em Cuba se iniciou no final

do século XIX. Mesmo antes da independência política de fato, já se discutia uma definição de nação e de identidade cultural. Nesse contexto, Martí refletiu sobre novos valores para a população e quis dar um novo sentido à cultura, associada à originalidade, aos povos autóctones e ao conhecimento da natureza. A cultura seria, antes de tudo, a consciência histórica e a lucidez em perceber o que existia de genuíno na nação. E viver desfrutando da liberdade, da felicidade, da ternura e do orgulho em fazer parte das terras de “Nuestra América”.

Sendo assim, pode-se afirmar que Martí, enquanto intelectual e homem político, se preocupou em conscientizar, mobilizar e libertar seu povo. Nesse processo, criou um novo modelo nacional, uma nova forma de se ver no mundo, rompendo com o colonialismo e o imperialismo. A afirmação de uma cultura latino-americana autêntica também era um aspecto importante de seus ensaios. Além disso, vimos que a guerra de independência preparada por ele, mesmo tendo um desfecho desfavorável para a Espanha, não significou o alcance da soberania em Cuba. A verdadeira libertação teve que ser adiada para o século seguinte. Tendo como base essas informações, cabe agora analisar mais especificamente o objeto de estudo desta pesquisa.

#### 1.4 Os ideais políticos de “Nuestra América”

Após essa exposição sobre José Martí, a guerra de independência e a questão nacional em Cuba, nesta seção interpreto os ideais políticos desenvolvidos em “Nuestra América”. Além das minhas considerações sobre o texto, apresento as análises de alguns autores sobre as ideias de Martí na obra.

Publicado pela primeira vez em 30 de janeiro de 1891 no jornal *El Partido Liberal*,<sup>24</sup> “Nuestra América” é um texto curto, de cerca de 8 páginas. Escrito em uma linguagem

---

<sup>24</sup> Periódico de circulação diária no México entre 1885 e 1896. Publicava cartas, crônicas, artigos de opinião e divulgava concursos literários e notas sobre o progresso do país. Tinha como diretor o político liberal mexicano Apolinar Castillo, como redator chefe o poeta modernista Manuel Gutiérrez Nájera e recebia ajuda financeira de Porfirio Díaz (Disponível em: [https://blog.santillana.com.ec/wp-content/uploads/2021/12/inicios\\_del\\_movimiento\\_modernista\\_la\\_revista\\_azul.pdf](https://blog.santillana.com.ec/wp-content/uploads/2021/12/inicios_del_movimiento_modernista_la_revista_azul.pdf). Acesso em 10/01/2023). A partir de 1894, o jornal iniciou a publicação da *Revista Azul* aos domingos, contendo notícias sobre livros e textos de escritores modernistas, como Martí, Nájera e Rubén Darío (Disponível em: <http://www.elem.mx/institucion/datos/1752>. Acesso em 10/01/2023). No início do século XX, o Partido Liberal se reorganizou em torno da atuação revolucionária dos irmãos Ricardo, Jesús e Enrique Flores Magón, anarquistas e precursores da Revolução Mexicana e da oposição ao governo de Porfirio Díaz. Algumas edições do jornal estão disponíveis em: [https://repositorio.unam.mx/contenidos?c=pQ8wXB&i=9&d=false&t=search\\_0&v=0&as=0&q=e1%20partido%20liberal](https://repositorio.unam.mx/contenidos?c=pQ8wXB&i=9&d=false&t=search_0&v=0&as=0&q=e1%20partido%20liberal). Acesso em 10/01/2023.

metafórica, é denso, profundo e mostra um olhar sensível para os povos invisibilizados do continente. Reflete as principais problemáticas do pensamento martiano, como a autonomia política e intelectual de Cuba e da América Latina, a igualdade racial e o governo, a sociedade e a educação ideais para o continente. Em resumo, Martí apresentou um projeto de emancipação e de sociedade lógico e útil e em respeito à natureza e à originalidade dos povos.

Antes de analisar suas ideias, é preciso definir o que são ideias políticas. O historiador inglês Quentin Skinner, no livro “Visões da política” (2005), considera as ideias como atos de fala, atos de comunicação intencionais que não possuem um significado fixo e que estão inseridos em um determinado contexto histórico (SKINNER, 2005, p. 120). São como ações na história, cada ideia desencadeando suas próprias consequências, sendo recebida e compreendida por diferentes atores, em diferentes contextos. Assim, a história das ideias políticas deve ser a história dos usos a que as ideias estão submetidas (SKINNER, 2005, p. 123).

Na mesma linha de reflexão, John Pocock, em “Linguagens do ideário político” (2003), compreende a história do pensamento político como a história do discurso. Para ele, o discurso é o ato de enunciação do pensamento político, apresentado como uma atividade e dotado de historicidade. O autor considera, então, as interações entre ação e linguagem (POCOCK, 2003, p. 64). Seguindo essa perspectiva, vejo os discursos impressos de Martí e os discursos políticos orais de Castro em suas historicidades, nas suas relações entre linguagem e ato de fala. A linguagem e o contexto em que foram anunciadas dão sentido às ações discursivas.

Para Pocock, a linguagem é o conjunto de recursos disponível para a enunciação do discurso. São as ideias, vocabulários, metáforas, retóricas e maneiras de falar de política específicos de uma época (POCOCK, 2003, p. 65). Por exemplo, Martí desenvolveu seus ideais a partir de paradigmas do século XIX e de estilos e vocabulários disponíveis naquele período. Da mesma forma, Castro construiu seus discursos a partir de questões presentes no seu contexto histórico. Mas segundo Pocock, quando os paradigmas de uma linguagem política antiga são aplicados em contextos mais recentes, um dos processos que podemos observar é o da continuidade da linguagem (POCOCK, 2003, p. 76). Essa questão será vista nos próximos capítulos durante a análise dos discursos de Fidel Castro.

Skinner, contudo, enfatiza que o conceito de influência deve ser utilizado com cautela. São necessárias algumas condições para atestar a influência de um autor sobre outro. Inclui o reconhecimento de que o autor mais recente estudou as obras do autor mais antigo; que se refere explicitamente a ele; que não poderia ter encontrado as ideias e doutrinas em outro autor clássico; e que não poderia ter chegado sozinho a essas doutrinas (SKINNER, 2005, p. 107-

108).<sup>25</sup> No estudo da influência das ideias de Martí nos discursos de Castro, essas questões serão levadas em consideração para atestar a continuidade do pensamento martiano.

Tendo como base essas definições de Skinner (2005) e Pocock (2003), entendo os ideais políticos de Martí a partir do contexto em que foram elaboradas e das suas intenções ao expressá-las. Levo em consideração as transformações que essas ideias geraram na própria linguagem do período e as utilizações a que estão submetidas no campo do político. Os ideais foram, portanto, o conjunto de valores e situações pensadas por Martí no contexto de preparação da guerra de independência. Foram o resultado do que ele imaginou a partir da observação da realidade da América. Por isso, para ele, esses ideais representavam os modelos adequados para alcançar a autonomia dos países recém-independentes.

Vale destacar que esses ideais não se restringiam apenas ao campo do político e da tomada de decisões. O que ele aspirava para o continente perpassava também questões sociais, educacionais e econômicas. Concordo com Streck quando afirma que no pensamento de Martí, o político, o social e o estético se encontravam (STRECK, 2006, p. 45). Ele articulava “ciência e espiritualidade, ideias e ação, razão e emoção, rigorosidade crítica e ternura, fontes clássicas da tradição ocidental com o pensamento dos povos autóctones” (STRECK, 2006, p. 30).

Ao expressar seus ideais, Martí tinha a intenção de alertar e conscientizar os povos sobre os perigos do colonialismo espanhol e, principalmente, do imperialismo estadunidense. Também buscou resolver a noção de inferioridade da América Latina e criar possibilidades de desenvolvimento autônomo para as novas nações. Como ações na história, essas ideias geraram consequências, como a própria independência de Cuba. Além disso, se adaptaram a novos contextos e influenciaram outras gerações revolucionárias, como a de Fidel Castro.

Quanto à linguagem de “Nuestra América”, Martí seguiu o vocabulário de sua época. Utilizou imagens nacionalistas, como as bandeiras, os couraçados, os fundadores, falou em “homens” para se referir à população em geral e em “índio” para se referir aos povos indígenas. Mas também inovou ao incluir o mestiço e criar metáforas para se referir à união e à resistência. Falou sobre o universal e o local, a razão e o espírito e rompeu com discursos centrados na Europa como modelo de civilização. A partir de uma perspectiva crítica, articulou liberdade, criatividade e amor de uma forma até então inédita.

Um exemplo disso é o trecho de “Nuestra América” em que afirmou que quando os povos estavam “cansados do ódio inútil, da resistência do livro contra a lança [...] começa-se a experimentar o amor. Os povos se levantam e se cumprimentam [...] o pensamento começa a

---

<sup>25</sup> Para Skinner, não se sabe muito bem até que ponto é possível passar neste último teste (SKINNER, 2005, p. 108).

ser da América [...] Entendem que se imita demais e que a solução é criar” (MARTÍ, 1983, p. 199). Percebe-se que, para Martí, se libertar significava se desprender do pensamento e de todas as formas de organização estrangeiras que subjogavam a América. A partir disso, os povos do continente conseguiriam respeitar uns aos outros, desenvolver uma irmandade e debater suas próprias ideias. E, assim, eles poderiam criar algo novo. Repetir ou imitar o que já existia em outras localidades não geraria a verdadeira emancipação de “Nuestra América”.

Destaco também o discurso “Con todos y por el bien de todos” que mostra bem as características de seu vocabulário. Martí exaltou os símbolos da liberdade, da república, do patriotismo e da bandeira. Descreveu como “bravo e rebelde, um coração cubano”, “o ímpeto nativo que o levanta para a guerra”, “uma irmandade tão fervorosa”, “uma falange de inteligências plenas, fecundadas pelo amor ao homem”, “amor de justiça, unânime e abrasador” contra “governos de tesouras e figurinos” (MARTÍ, 1983, p. 224). Com essas expressões, Martí elogiava os cubanos, utilizando uma linguagem descritiva e rica em adjetivos. Articulou termos associadas à razão, como a guerra e a justiça, com referências ao espírito e às emoções dos nativos, como a irmandade, o amor e as inteligências genuínas.

De acordo com Carvalho (1998), os ideais de Martí devem ser inseridos em uma tradição de pensamento americanista e de discursos de identidade. No século XIX, a questão das identidades ganhou destaque a partir das independências hispano-americanas, assim como as reflexões sobre a colonização espanhola, a constituição dos Estados Nacionais e a existência ou não de uma especificidade cultural latino-americana. A intelectualidade da época buscava definir o que considerava como “traços essenciais da América e o modo de ser dos americanos”. Tentava “apresentar uma visão e uma interpretação do contexto e da realidade americana, em conformidade com o projeto de identidade que se queria construir” (CARVALHO, 1998, p. 8).

Esses projetos de identidade estavam em constante disputas entre si (CARVALHO, 1998, p. 8). Ao longo do século XIX, a corrente de pensamento dominante era a dos escritores argentinos Domingos Faustino Sarmiento e Juan Baptista Alberdi. Suas teorias consideravam que o passado latino-americano era responsável pelo atraso do continente e por isso deveria ser rechaçado e substituído pela importação de culturas estrangeiras. Se opondo a essa perspectiva, Martí defendeu a construção de uma identidade a partir das nossas raízes e dos elementos naturais. Para ele, os povos não deveriam sentir vergonha de seu próprio passado, por mais doloroso que ele fosse (CARVALHO, 1998, p. 14-15).

Rodríguez (2006) também analisa “Nuestra América” como um texto centrado na identidade e na unidade. Para o autor, a principal questão era explicar as razões do fracasso de determinadas instituições e formas de governo na América. Martí considerou que elas não

foram criadas nos países da região e não correspondiam às suas necessidades (RODRÍGUEZ, 2006, p. 69-70). Por isso, “o desconhecimento da identidade baseada na autoctonia levou as repúblicas ao malogro” (RODRÍGUEZ, 2006, p. 70).

A identidade foi vista como uma forma de defesa, como um “processo que se projetava para o futuro e que seria a garantia do continente frente aos perigos de uma nova dominação, desta vez pelo vizinho do Norte” (RODRÍGUEZ, 2006, p. 69). A materialização dessa identidade garantiria a unidade do continente. Esta era entendida como um processo mais ou menos longo e que não implicava imediatamente na união entre os Estados (RODRÍGUEZ, 2006, p. 73). Tratava-se, principalmente, de uma unidade de espírito, de alma, mais do que uma unidade político-estatal (RODRÍGUEZ, 2006, p. 64).

Já Filipe Farhat, Aline Miglioli e Carlos Alberto Vieira (2019) focam, principalmente, na questão do equilíbrio em “Nuestra América”. Martí falou em equilíbrio de forças como uma forma de questionar as relações desiguais na política internacional, a má distribuição do poder econômico e a concentração fundiária. Além da liberdade e da democracia, o equilíbrio era um pré-requisito para atingir a justiça social nas novas Repúblicas (FARHAT; MIGLIOLI; VIEIRA, 2019, p. 212).

Para garantir o equilíbrio social, Martí defendia a liberdade para que os indivíduos pudessem atingir todas as suas potencialidades, independentemente de raça e classe social (FARHAT; MIGLIOLI; VIEIRA, 2019, p. 228). Quanto ao equilíbrio econômico, considerou a remuneração justa do trabalho, a valorização dos pequenos produtores, a diversificação da produção agrícola, o livre comércio internacional e a cooperação entre os povos (FARHAT; MIGLIOLI; VIEIRA, 2019, p. 215).

Vale destacar também o ponto de vista de Ricardo Romo Torres (2006) que analisa “Nuestra América” a partir de uma perspectiva poética e das noções de solidariedade, sofrimento e dignidade. Segundo ele, o pensamento martiano entendia a dor como um recurso de encontro e de aproximação entre as pessoas. Para compartilhar essa dor e transformá-la em alegria, era necessário desenvolver a solidariedade (TORRES, 2006, p. 124-125). Essas experiências exigiam, principalmente, decoro e dignidade, sendo este o principal conceito da ética em Martí (VITIER, 2002, p. 106 apud TORRES, 2006, p. 125). A ternura e a crítica também eram características importantes da solidariedade (TORRES, 2006, p. 127).

Já Fernández Retamar (2019) entende a utilidade como a palavra-chave do pensamento de Martí. Segundo o autor, o termo percorreu toda a sua preocupação política e social, as normas de conduta, a espiritualidade, a educação e a função da arte. “E essa utilidade remetia diretamente às tarefas urgentes e delas nascia” (FERNÁNDEZ RETAMAR, 2019, p. 31). As

formas úteis eram as que se acomodavam, acima de tudo, ao espírito do país.

Fernández Retamar também explica o título da obra. Aponta que, ao longo de suas viagens, Martí pôde observar criticamente as realidades locais e os problemas históricos da América Latina. Nos países em que visitou, se abriu à compreensão de uma unidade maior que ele chamaria de “Nuestra América”. Já nos Estados Unidos, onde permaneceu por mais tempo, se familiarizou com o que chamaria de “América Europeia”. Esta seria marcada por vícios europeus, pelo capitalismo monopolista, pelos desejos de anexar Cuba e Porto Rico e pelo desconhecimento e desprezo em relação à história da América Latina. A partir da criação dessas nomenclaturas, Martí enfatizava as diferenças de estrutura e de espírito entre as duas Américas (FERNÁNDEZ RETAMAR, 2019, p. 5-6).

Nesse sentido, considero que o principal conceito de “Nuestra América” está no próprio título da obra. Todo o ensaio gira em torno da composição singular do continente e do orgulho que deveríamos ter dele. A expressão significa independência, liberdade para se autodeterminar, se autogovernar e poder chamar o continente de “nosso”. Concordo com Streck (2008) que não era apenas uma identificação geográfica da América Latina. Era um conceito que fazia referência “à alma de um povo, à sua forma de ser no mundo com uma natureza própria, ou seja, com suas raízes e sua construção histórica” (STRECK, 2008, p. 12).

Após essas considerações, pode-se analisar mais a fundo o conteúdo de “Nuestra América”. Já nas primeiras linhas do texto, Martí convocou os aldeões do continente para lutarem juntos contra o colonialismo e o imperialismo. Para isso, recorreu a imagens associadas à natureza, aos laços fraternos e à realidade latino-americana. Falou sobre o “aldeão vaidoso”, com ambição de poder, e os “gigantes que possuem botas de sete léguas”, em referência à Espanha e aos Estados Unidos. Descreveu as “trincheiras de ideias que valem mais que trincheiras de pedra”, a reconciliação e união de “irmãos ciumentos”, as “árvores que devem formar fileiras para que não passe o gigante de sete léguas” e a marcha unida “como a prata nas raízes dos Andes” (MARTÍ, 1983, p. 194).

Para entender essas expressões, vale recorrer aos estudos recentes de Fernández Sebastián. O autor analisa o uso das metáforas em épocas revolucionárias. Para ele, longe de ser apenas um adereço retórico, as metáforas são recursos cognitivos usados para compreender o mundo e o desconhecido e ajudam na construção dos discursos políticos (FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, 2021, p. 316-317). Em contextos de instabilidade, por exemplo, para facilitar o entendimento de um objeto, de um conceito abstrato ou de algum fato complexo, cria-se analogias com algo mais acessível e familiar. As metáforas são, portanto, um meio de produzir significado em condições de incerteza, a partir de associações entre distintas áreas e conceitos,

e envolve aspectos emocionais e afetivos (FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, 2021, p. 318-319).

Por isso, as revoluções são o momento mais fecundo para a criação de metáforas. Diante da insuficiência de definições antigas, é necessário improvisar novas imagens para garantir as esperanças no futuro (FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, 2021, p. 317). Nesses períodos, as retóricas são permeadas por imagens referentes à violência, à urgência de mudanças, metáforas ígneas, vulcânicas, sísmicas, de aprendizagem e de relações familiares (FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, 2021, p. 330). O próprio Martí usou uma retórica fraternal e igualitária, como pode ser percebido na metáfora dos “irmãos ciumentos”, por exemplo.

Para lutar contra as ameaças expressas nas metáforas, os povos deveriam, primeiramente, conhecer a si mesmos. Isso significava tomar consciência da exploração sofrida, dos elementos naturais e das potencialidades da região. Assim, as pessoas teriam orgulho, acreditariam em suas terras e conseguiriam avaliar sua situação com bom senso e clareza. Perceberiam a urgência da emancipação. Para Martí, esses eram tempos decisivos para a luta, para criar coragem e defender a “Nuestra América” com as “armas do discernimento, que vencem as outras” (MARTÍ, 1983, p. 194).

Determinados com a ideia de independência, os povos se mobilizariam e venceriam as forças estrangeiras. É nesse sentido que Martí afirmou que “trincheiras de ideias valem mais que trincheiras de pedra” (MARTÍ, 1983, p. 194). Essa expressão significava que sonhos e ideais de liberdade não desapareceriam tão facilmente. As ambições coletivas dos povos de “Nuestra América” eram mais fortes que as armas dos inimigos. Assim, “não há proa que possa cortar uma nuvem de ideias. Uma ideia enérgica, acesa na hora certa neste mundo, detém, como bandeira mística do juízo final, um esquadrão de couraçados” (MARTÍ, 1983, p. 194).

Portanto, para iniciar a emancipação, era preciso a tomada de consciência e a união dos povos. Para ele, “os povos que não se conhecem devem ter pressa em se conhecer, como aqueles que vão lutar juntos” (MARTÍ, 1983, p. 194). Essa marcha unida representava um processo de conciliação entre povos que permaneceram afastados devido ao colonialismo. E, principalmente, o reconhecimento de uma origem, de um passado e de uma identidade em comum. Com a recuperação dessa “América original”, o continente encontraria sua força e conseguiria fazer frente ao imperialismo. Assim, “as árvores devem formar fileiras, para que não passe o gigante das sete léguas” (MARTÍ, 1983, p. 194).

Segundo Torres, quando se remetia à essas árvores, Martí fazia referência aos países latino-americanos. Estes deveriam se colocar solidariamente em fila para impedir as ações imperialistas da “outra América” (TORRES, 2006, p. 124). Uma metáfora que fazia alusão também ao nosso subcontinente unido pela cultura (WEINBERG, 1993, p. 34-36 apud

TORRES, 2006, p. 124). Mas isso não significava “la uniformidad, ideal de imperialismos estériles; sí la unidad, como armonía de las multánimes voces de los pueblos” (HENRÍQUEZ UREÑA, 1925 apud CASAS, 2006, p. 112). Para Martí, a união significava o convívio pacífico, o fortalecimento dos países diante das ameaças e a valorização dos elementos culturais que antes eram desprezados, como a autoctonia e a mestiçagem. Isso sem desconsiderar as diferenças e as especificidades de cada local.

Em relação à mestiçagem, Giraudo considera que, para Martí, “la heterogénea composición étnica de su pueblo es factor de mayor riqueza y así lo afirma repetidas veces en sus escritos” (GIRAUDO, 2010, p. 118). Em “Nuestra América”, por exemplo, afirmou que “na mistura de povos, na aproximação com outros povos diversos, se condensam características peculiares e ativas de idéias e de hábitos” (MARTÍ, 1983, p. 200) que poderiam “transformar-se numa grave ameaça para as terras vizinhas, isoladas e fracas” (MARTÍ, 1983, p. 201). Ele quis dizer que o continente, se reconhecendo como a “nossa América mestiça”, se fortaleceria diante dos povos que ainda não tinham consciência de sua formação social.

Nessa batalha pela independência, os povos originais, entre eles mestiços, indígenas, negros e camponeses, passaram a ter consciência de que conhecer o país, e governá-lo conforme esse conhecimento, era a única forma de lutar contra os inimigos. Os povos deveriam ter em mente que “a incapacidade não está no país nascente, que pede formas adequadas e grandeza útil, e sim naqueles que querem reger povos originais, de composição singular e violenta”, com leis criadas em outros países e herdadas de séculos atrás (MARTÍ, 1983, p. 195). Unidos, os autóctones derrubariam estes governos, porque não dialogavam com os habitantes locais e não administravam de acordo com suas necessidades.

Para Martí, a América sofria com a má representação daqueles que denominou de “letrados artificiais”. Estes estavam no poder e buscavam soluções para os problemas em modelos oferecidos pelos livros importados. Fontes que não eram úteis e próprias para a “Nuestra América”, por isso eram a “falsa erudição”. Nesse sentido, Martí afirmou que “os homens naturais venceram os letrados artificiais” e que “não há batalha entre a civilização e a barbárie, mas sim entre a falsa erudição e a natureza” (MARTÍ, 1983, p. 196).<sup>26</sup> Natureza, para ele, tinha o caráter daquilo que fundava e que remetia às raízes (STRECK, 2008, p. 36).

É nesse sentido que os povos conquistariam a independência. Se conhecendo,

---

<sup>26</sup> Em referência ao pensamento de Domingo Sarmiento de que a história da América Latina se situava entre a civilização e a barbárie e que a saída estava em imitar a civilização, o progresso europeu para combater a barbárie e o atraso (CARVALHO, 1998, p. 15; STRECK, 2008, p. 35-36). Também havia uma crítica ao pensamento liberal e positivista que entendia a modernidade capitalista como o elemento civilizador (RODRÍGUEZ, 2006, p. 69).

valorizando suas qualidades e inteligências, se unindo para a batalha, não perdoando a exploração e estando dispostos a recuperar sua autonomia. Conseguiriam derrubar a tirania a partir de suas forças naturais. Um trabalho conjunto que se fortaleceria pelas próprias virtudes e pela indignação dos homens. A “Nuestra América” livre seria construída, então, através do respeito pelos elementos naturais e derivando deles uma forma de governo lógica e útil (MARTÍ, 1983, p. 196).

Quanto a esse novo governo, Martí fez uma série de considerações. Para ele, o governo deveria nascer do país e concordar com a constituição própria do país. Sua função seria atender aos interesses e necessidades do povo, garantir o equilíbrio dos elementos naturais e o livre desenvolvimento dos homens. Um sistema político que guiasse, conjuntamente, o povo para chegar ao objetivo desejado. Uma sociedade em que cada homem se conhecesse, cumprisse sua função e todos pudessem desfrutar da abundância da natureza (MARTÍ, 1983, p. 196).

Para ele, um bom governante queria dizer criador. Aquele que formularia métodos e instituições originais. Que elaboraria soluções específicas que fizessem sentido para o local e o contexto, se comprometendo em resolver os problemas e se baseando nos recursos disponíveis no país (MARTÍ, 1983, p. 196). Assim, “o bom governante na América não é o que sabe como se governam o alemão e o francês, mas sim aquele que sabe de quais elementos está constituído seu país” (MARTÍ, 1983, p. 195). Nesse sentido:

Resolver o problema depois de conhecer seus elementos é mais fácil do que resolver o problema sem conhecê-los. Vem o homem natural, indignado e forte e derruba a justiça acumulada nos livros, porque não é administrada de acordo com as necessidades patentes do país. Conhecer é resolver. Conhecer o país, e governá-lo conforme o conhecimento é o único modo de livrá-lo da tirania (MARTÍ, 1983, p. 196-197).

Mas para formar políticos que conhecessem o país, seria necessário o estudo da história e dos temas locais. Por isso, a educação ganhou lugar de destaque na obra de Martí. O autor afirmou que a universidade europeia precisava ser substituída pela universidade americana. Esta deveria ensinar a história da América, dos incas até o século XIX, pois a “nossa Grécia é preferível à Grécia que não é nossa. Nos é mais necessária” (MARTÍ, 1983, p. 197). Quando se tratava da educação em “Nuestra América”, a advertência da originalidade e da utilidade era ainda mais reforçada (FERNÁNDEZ RETAMAR, 2019, p. 23).

Para Martí, a educação era o começo de todo o processo de mudança política. Ela deveria priorizar o passado indígena e resgatar a grandeza das civilizações pré-colombianas, assim como não esquecer da história de exploração durante a colonização espanhola (CARVALHO, 1998, p. 26-27). O sistema educacional deveria ter como base o contexto social

e não modelos e fórmulas de instituições estrangeiras. Estas não eram úteis para a nossa realidade. Mas mesmo se forem consultadas, deveriam ser lidas com senso crítico: “Exerte-se em nossas repúblicas o mundo; mas o tronco terá que ser o de nossas repúblicas” (MARTÍ, 1983, p. 197).

Camilo Caldas e Maria do Carmo Leite (2009, p. 240-241) explicam a concepção educativa que Martí desenvolveu ao longo de sua trajetória como político e educador. Marcada pelo humanismo e contrariando os ideais positivistas, seu pensamento foi sintetizado na escola obrigatória, gratuita, laica e universal e na educação como um dever e um direito de todos. Tinha o papel de assegurar a liberdade de consciência ao aluno e ao professor, garantir o ensino das ciências e o contato com a natureza e preparar os alunos para o trabalho e para a vida.

Aprofundando mais o assunto, Streck (2008) analisa a educação martiana como um dos precursores da educação popular, termo que ficou conhecido na segunda metade do século XX na América Latina. Entre os princípios de Martí, estava a educação como ato político. A prática do ensino como autoformação da sociedade, como um lugar de encontro de pessoas e de saberes diferentes, de práticos até científicos, e a ignorância como um risco para a liberdade. Nesse sentido, os principais eixos da educação eram a formação científica, a formação técnica e manual e a formação do espírito. O que Martí defendeu era que para haver uma sociedade verdadeiramente livre, os homens e mulheres deveriam ser críticos e ter condições de pensar por si mesmos.

Desse modo, Martí considerou que o processo de independência estava relacionado não apenas a uma mudança de forma e de regime político, mas à uma “mudança de espírito” (MARTÍ, 1983, p. 198). Isso significava que a luta e a educação deveriam causar uma transformação na mente e na disposição das populações latino-americanas. Deveriam desenvolver a razão, a inventividade, a criatividade, a coragem e a inteligência dos povos, preparando-os para dar novos significados aos seus países e culturas.

Nesse sentido, Martí enfatizou a importância da criação de novas ideias. Para ele, após a independência, “os jovens da América arregaçam as mangas, põem as mãos na massa e a fazem crescer com a levedura de seu suor. Entendem que se imita demais e que a salvação é criar. Criar é a palavra-chave desta geração” (MARTÍ, 1983, p. 199). Queria dizer que a juventude tinha um espírito inventivo e estava apta para elaborar novas formas de governo e medidas para melhorar a vida coletiva. Criar uma nova República, adequada às necessidades da população, era um exemplo.

Acreditava, portanto, em um desenvolvimento baseado na criatividade. Esta era contrária à acomodação e à adaptação. Exigia do povo uma atitude rebelde, de não repetir ideias

antigas. E essa questão também passava pela própria noção de educação para a vida. Educar significava estimular a imaginação, a originalidade, o senso crítico, a autonomia intelectual e a busca por soluções para os problemas locais. Nessa perspectiva, “a superação da colonização, que se estende a todas as esferas da vida, só pode dar-se através da liberação e do desenvolvimento da criatividade” (STRECK, 2008, p. 50).

Assim, Martí defendeu a criação de uma nova República. Esta deveria ter o caráter nativo e democrático e romper com a ordem colonial. Teria a função de garantir a mudança de espírito, a liberdade plena para todos e um governo lógico que tivesse como base a razão. Mas não a razão universitária se sobrepondo à razão camponesa. A República precisaria, principalmente, dar espaço para os índios, os negros e os camponeses e valorizar seus saberes e técnicas próprios. A conquista da liberdade significava instaurar um sistema de acordo com os hábitos e interesses dessas populações e oposta aos opressores (MARTÍ, 1983, p. 197-198).

Fica subentendido que as Repúblicas deveriam assegurar a autonomia política, econômica e intelectual aos povos de “Nuestra América”, passando pela distribuição de terras, pelas reformas educacionais e pelo incentivo à igualdade nas relações sociais. O exercício de sua razão, modos de vida e formas culturais seria um direito dos autóctones. Estas deveriam ser incorporadas, com respeito, às novas formas de governo. As Repúblicas, assim, formariam países verdadeiramente livres, com equilíbrio social e de braços abertos para todos. E cada um deveria trabalhar pelo desenvolvimento de seu país e continuaria “criticando-se, porque a crítica é saúde” (MARTÍ, 1983, p. 199). Esta passagem mostra a importância do senso crítico e do questionamento como forma de constante atualização e mudança dos hábitos e estruturas antigas.

Aos poucos, as sociedades se adequariam aos novos tempos. Os governantes entenderiam que governar significava estar à disposição do povo e se adaptar aos elementos naturais: “Os governantes, nas repúblicas de índios, aprendem a linguagem dos índios” (MARTÍ, 1983, p. 199). Já os profissionais liberais e acadêmicos aprenderiam a estudar os problemas nas suas origens, discutiriam temas novos e valorizariam os personagens nativos em seus trabalhos (MARTÍ, 1983, p. 199).

Segundo Martí, com a consolidação dessas Repúblicas, os povos começariam a experimentar o amor (MARTÍ, 1983, p. 199). Na sua perspectiva, o amor significava a aproximação, a irmandade e o respeito entre as pessoas. Nesse sentido, criticava as antigas estruturas de poder por destilarem o ódio, promoverem relações desiguais e divisionismos entre os nativos e os estrangeiros, o campo e a cidade, o livro e a lança. Diferentemente dos europeus, os povos de “Nuestra América” poderiam construir uma sociabilidade baseada no amor, a partir

da formação de uma identidade própria e em comum entre eles (FARHAT; MIGLIOLI; VIEIRA, 2019, p. 214). Por isso, para Martí, o amor era “o grande sentimento capaz de trazer os humanos à comunhão universal” (STRECK, 2006, p. 52).

Essa aproximação entre os povos estava relacionada à questão do enigma hispano-americano. Martí via a América Latina como um continente complexo, com diversos problemas a serem resolvidos e mistérios a serem desvendados. Estes passavam pela sua identidade, cultura, formação social e particularidades naturais. Mas “nem o livro europeu, nem o livro ianque davam a chave do enigma hispano-americano” (MARTÍ, 1983, p. 199). O próprio continente deveria se questionar e tentar resolver o enigma, entender suas capacidades e suas origens.

Ao fazer perguntas como “quem somos?”, “quem éramos?”, “quem poderemos ser?”, os povos deveriam buscar respostas em referências locais. Entre elas, estudos de intelectuais nativos, a universidade americana, as novas ideias, o saber americano e alternativo (CARVALHO, 1998, p. 16). Além disso, a construção de uma sociedade a partir do amor geraria uma troca de ideias e experiências essencial nesse processo de descoberta de quem se era. Nessa sociedade, “os povos se levantam e se cumprimentam. ‘Como somos?’ se perguntam; e uns a outros vão dizendo como são” (MARTÍ, 1983, p. 199).

No reconhecimento da identidade e da cultura latino-americana, Martí também deu lugar de destaque à mestiçagem. Segundo ele, “na aproximação com outros povos diversos, se condensam características peculiares e ativas de ideias e de hábitos” (MARTÍ, 1983, p. 200). Estas deram origem à povos originais, autênticos americanos. Resultado desse processo, o homem mestiço foi visto como uma particularidade do continente. Forte, corajoso, criador e preparado para enfrentar o vizinho do Norte, o mestiço era o símbolo e a maior qualidade de “Nuestra América” diante da “América Europeia”. Por isso, Martí falou em “nossa América mestiça” (MARTÍ, 1983, p. 197), unida por essa característica em comum. Fernández Retamar complementa que Martí:

Antes de mais nada reconhece a autoctonia, a especificidade dessa América que ele chama de mestiça; dessa América onde se mesclaram descendentes de europeus, indígenas e africanos. O índio possui uma enorme importância para ele, como dono da terra e homem que já foi capaz de levantar sobre ela culturas originais e inteiramente próprias, não alimentadas, mas sim desfiguradas pelo europeu. O que adiante se faça terá que contar de maneira primordial com sua participação (FERNÁNDEZ RETAMAR, 2019, p. 20).

Nesse sentido, Martí negou a separação entre raças. Para ele, a ideia de raça foi a forma encontrada pelos “letrados artificiais” para incitar “ódios inúteis” (MARTÍ, 1983, p. 200) e

impedir “a união tácita e urgente da alma continental” (MARTÍ, 1983, p. 201). Afirmou que não existia divisões entre negros e brancos nem superioridade e inferioridade entre as pessoas, mas uma identidade universal dos homens. Eles estavam naturalmente unidos, em cooperação e todos possuíam os mesmos direitos e capacidade físicas e intelectuais. Por isso, “entre sus compatriotas, no hace distinciones de raza o color, tampoco de condición social; sin embargo, guarda en su corazón un lugar privilegiado para los obreiros y los trabajadores” (GIRAUDO, 2010, p. 118).

Essa igualdade pregada por Martí não significa que ele suavizava a escravidão e a luta dos negros. No texto “Mi raza”, por exemplo, Martí desenvolveu a questão da igualdade entre brancos e negros em Cuba: “a paz pede os direitos comuns da natureza: os direitos diferenciais, contrários à natureza, são inimigos da paz [...] nos campos de batalha, morrendo por Cuba, subiram pelos ares, juntas, as almas de negros e brancos” (MARTÍ, 1983, p. 230). Também se colocou contra a escravidão e a ideia de inferioridade dos negros. Mas para além das violências dos séculos passados, existia uma semelhança essencial entre os homens e isso que deveria ser levado em consideração para unir os povos na luta pela independência. Destacou que:

Não existe ódio de raças, porque não existem raças [...] na justiça da Natureza, onde se destaca no amor vitorioso e no apetite turbulento, a identidade universal do homem. A alma emana, igual e eterna, de corpos diversos em forma e em cor. Peca contra a Humanidade quem fomenta e propaga a oposição e o ódio entre as raças (MARTÍ, 1983, p. 200).

Criando sociedades autônomas, com igualdade e governos lógicos, “Nuestra América” iria se salvando e, aos poucos, recuperando os séculos perdidos (MARTÍ, 1983, p. 199). Retomaria sua força e equilíbrio e conseguiria “mostrar-se como é, unida em alma e intenção, vencedora veloz de um passado sufocante” (MARTÍ, 1983, p. 200). Daria oportunidade para “que o vizinho a conheça logo para que não a despreze [...] Por respeito, tão logo que a conhecesse, tiraria as mãos dela” (MARTÍ, 1983, p. 200). Assim, afastaria as ambições imperialistas dos Estados Unidos, “o maior perigo de nossa América” (MARTÍ, 1983, p. 200). No discurso “Madre América”, Martí definiu essa nova fase da seguinte forma:

vivemos aqui, orgulhosos de nossa América, para servi-la e honrá-la. Não vivemos como futuros servos nem como aldeões deslumbrados, e sim com a determinação e a capacidade de contribuir para que seja estimada por seus méritos, e para que seja respeitada por seus sacrifícios; porque as próprias guerras que, por pura ignorância lhe lançam no rosto os que não a conhecem, são o selo de honra de nossos povos, que não vacilaram em acelerar, com o adubo de seu sangue, o caminho do progresso e podem ostentar na frente suas guerras como uma coroa (MARTÍ, 1983, p. 192).

Sendo assim, para Martí, a guerra de independência representaria um orgulho para

“Nuestra América”. Ela seria a salvação de Cuba e da América Latina do “tigre de dentro e o tigre de fora” (MARTÍ, 1983, p. 199). Era urgente se distanciar dos imperialistas, colonialistas e da burguesia nociva que desprezavam a realidade dos homens naturais e atrasavam o seu desenvolvimento. Nesse processo de ruptura, mais do que uma mudança na forma de governo, era necessária uma mudança de espírito, uma tomada de consciência por parte do povo que passaria pelo conhecimento de si, de sua história e de suas necessidades. A independência significava viver sem medo de ameaças à espreita e estar consciente de quem se era.

Mas para além disso, independência significava ter a chance de criar. Um povo que se conhecia seria capaz de elaborar suas próprias leis e se libertar das fórmulas e ideias estrangeiras, pois estas corroboravam com as antigas formas de vida dos opressores. Isso era a verdadeira libertação. Se autogovernar a partir de soluções e leis nossas, descartando tudo que era inútil. Construir nossas Repúblicas igualitárias e adequadas aos elementos naturais e um espaço para que todos pudessem crescer livremente. E essa liberdade após a independência também deveria gerar senso crítico e questionamentos sobre si e sobre o povo. Para Martí, um povo saudável deveria estar constantemente se analisando de forma crítica.

Portanto, em “Nuestra América” Martí descreveu como deveriam ser essas novas Repúblicas. Mostrou um projeto de sociedade baseado no amor, na união, na igualdade racial e no respeito aos elementos naturais do país. Também resgatou o direito natural dos autóctones de tomarem suas próprias decisões. Assim, a política girava em torno da ideia do governo lógico e democrático e dos governantes criadores, administrando de acordo com as necessidades do país. A educação estava pautada no conhecimento da história da América e na formação do senso crítico. Quanto à economia, propôs o desenvolvimento baseado no equilíbrio de forças e de poder econômico e no trabalho agrícola do homem natural. Assim, os países de “Nuestra América” estariam prontos para entrar na modernidade.

Para além da sua importância naquele contexto histórico e na Revolução Cubana, autores como Rodríguez (2006) e Farhat, Miglioli e Vieira (2019) afirmam que esses ideais políticos de Martí continuam atuais. Concordo com esse ponto de vista e considero que Martí ainda pode ser um referencial teórico para pensar diversas questões do presente. Entre elas, destaco a união das esquerdas latino-americanas, a educação crítica e libertadora, os projetos de sociedade anticapitalistas ou contra a hegemonia norte-americana, as resistências indígenas e camponesas e as teorias e experiências decoloniais como movimentos quilombolas e dos sem terra. As ideias de Martí sobre lideranças criadoras, mudança de espírito e retorno ao autóctone também podem ser fonte de inspiração para as esquerdas não só de Cuba, mas de toda a América Latina.

Martí queria, acima de tudo, fortalecer o continente americano. Ele nos ensinou que os latino-americanos não deveriam negar suas origens e sua história, por mais dolorosa que ela fosse. Para se desenvolver, deveriam se conhecer, entender suas especificidades locais, e, ao mesmo tempo, criar uma rede de apoio. Esta levaria em consideração o passado em comum e a identidade universal do homem. E aí está uma das riquezas de seu pensamento, a complexa relação entre o universal e o local, a unidade e a diferença. Unidos, os países de “Nuestra América” seriam mais fortes para enfrentar qualquer desafio. Criando uma identidade continental, estariam em equilíbrio de forças e experimentando a valorização de suas culturas.

Mantendo vivas as ideias de Martí já estamos fazendo resistência ao capitalismo e aos modelos políticos europeus e norte-americanos que ainda subjugam a América Latina. Já estamos desenvolvendo uma nova mentalidade, uma nova forma de se ver e de estar no mundo. Uma alternativa ao ideal de modernidade pautado na imitação, na destruição da natureza e no apagamento dos povos indígenas. Um pensamento crítico que ainda planeja um futuro diferente para as novas gerações. É nesse sentido que “trincheiras de ideais valem mais que trincheiras de pedra”.

Portanto, neste capítulo foi feita uma exposição dos ideais políticos de José Martí em “Nuestra América”. Também foi feito um debate historiográfico sobre sua trajetória política, as características de sua obra, a guerra de independência e a questão nacional. A partir disso, analiso nos próximos capítulos discursos de Fidel Castro, proferidos entre os anos de 1959 e 1965, tendo como base o método da Análise de Discurso. Busco compreender os usos políticos do passado anticolonial, observando em que contextos os ideais de Martí contribuíram para o projeto revolucionário de Castro. Envolve compreender a apropriação e o uso das ideias e do símbolo de Martí nos discursos, quando e como recorre ao pensamento martiano e quais as suas funções.

## 2 OS DISCURSOS DE FIDEL CASTRO ENTRE 1959 E 1961 E AS CONTRIBUIÇÕES DOS IDEAIS POLÍTICOS DE JOSÉ MARTÍ PARA O PROCESSO REVOLUCIONÁRIO CUBANO

### 2.1 Revolução Cubana: contextualização e referenciais teóricos

Décadas depois de sua morte, os ideais políticos de José Martí continuaram servindo de inspiração para os líderes da Revolução Cubana, considerada um divisor de águas na história da América Latina (SILVA, 2019, p. 222). Esta afirmação é o ponto de partida para este capítulo. Tendo ela como base, podemos formular algumas questões: Em que contextos esses ideais políticos influenciaram o projeto revolucionário de Fidel Castro? É possível perceber o resgate destas ideias na prática, nos discursos e na execução de medidas revolucionárias? Esta influência se manteve depois da declaração do caráter socialista da Revolução? Quais mudanças e impactos políticos e sociais a Revolução empreendeu na América Latina? Resumidamente, estas são as perguntas que pretendo responder neste e no próximo capítulo através do debate historiográfico e da análise das fontes.

Como a primeira revolução que se tornou socialista na América Latina, no contexto internacional pós Segunda Guerra e marcado pelo acirramento da Guerra Fria, a Revolução Cubana suscita até hoje diversas interpretações (MISKULIN, 2003, p. 26). Mesmo que alguns autores considerem que ela representa a entrada da Guerra Fria na América Latina, o evento não deve ser compreendido apenas por esse prisma (MENDES, 2009, p. 2). Concordo com o ponto de vista de Moniz Bandeira (2009, p. 37) de que a Revolução não é uma operação da União Soviética na Guerra Fria, mas uma das manifestações do conflito Norte-Sul, relacionado aos problemas históricos entre os Estados Unidos e a América Latina:

A Revolução Cubana foi autóctone, teve um caráter nacional e democrático e, embora alguns de seus líderes, como Ernesto Che Guevara e o próprio Fidel Castro, acolhessem, em pequena medida, ideias marxistas, não era inevitável que ela se desenvolvesse a ponto de identificar-se com a doutrina comunista e sua forma de governo [...] A implantação de um regime segundo o modelo dos países do Leste Europeu foi uma contingência histórica, como resultado de uma política empreendida não pela União Soviética, mas pelos Estados Unidos, que, sem respeitar os princípios de soberania nacional e da autodeterminação dos povos, não aceitaram certos atos da revolução, como a reforma agrária, e transformaram contradições de interesses nacionais em um problema do conflito Leste-Oeste (BANDEIRA, 2009, p. 37).

Nesta contextualização, é interessante consultar o discurso de Fidel Castro de 10 de outubro de 1968, mesmo que não faça parte do recorte cronológico desta pesquisa. Segundo

Martín López Ávalos (2014, p. 47), este discurso se transformou em paradigma, em um modelo para as diversas orientações historiográficas, estabelecendo algumas coordenadas básicas. Neste dia, em comemoração ao centenário da luta revolucionária, Castro criou uma periodização das guerras de independência, destacou os heróis que definiam essa história e a dinâmica rebeldia-revolução desses últimos cem anos. Foi um dos discursos que mais influenciou a historiografia cubana e um dos mais referenciados para entender a Revolução em uma perspectiva histórica.

Na ocasião, Castro falou sobre a questão nacional e o que significava a revolução em seu país. Criando uma narrativa envolvente sobre a independência, afirmou que só havia uma revolução em Cuba, a que começou em 10 de outubro de 1868, com a Guerra dos Dez Anos.<sup>27</sup> Esta ajudou a desenvolver a consciência política, a nacionalidade,<sup>28</sup> a rebeldia do povo e a ideia de conquista de direitos por meio da luta armada. Iniciou um processo que inspirou José Martí, com suas “palabras proféticas” sobre o imperialismo, passou por 1895, pela resistência à Emenda Platt e culminou em 1959. Por isso, afirmou que “nuestra Revolución, con su estilo, con sus características esenciales, tiene raíces muy profundas en la historia de nuestra patria”.<sup>29</sup>

Nesse sentido, Castro destacou que, apesar dos diferentes contextos, as lutas, ideais e métodos se repetiam ao longo da história de Cuba. Em 1959, a luta conseguiu abranger todo o país e foi o resultado dessas movimentações dos últimos cem anos. Uma “guerra necesaria y útil como único camino para obtener la libertad”, como teorizava Martí, e que em seu desenvolvimento se muniu do marxismo, “arma que vino a completar el acervo, el arsenal de la experiencia revolucionaria y de la historia de nuestro país”. A história era tão importante que Castro falou que “no podríamos siquiera entender el marxismo, no podríamos siquiera calificarnos de marxistas si no empezásemos por comprender el propio proceso de nuestra Revolución”.<sup>30</sup>

A partir dessa perspectiva, entendo a Revolução Cubana em uma longa duração, tendo

---

<sup>27</sup> Como foi visto no capítulo anterior, a exaltação da guerra e do papel progressista da classe dominante, entre eles o líder Carlos Manuel Céspedes, foi criticada por Walterio Carbonell (2005).

<sup>28</sup> Segundo Castro, foi nessa época que, pela primeira vez, começou-se a utilizar o termo “cubano” para designar todos que tomavam em armas e lutavam contra o colonialismo espanhol.

<sup>29</sup> Discurso proferido na noite comemorativa dos cem anos de luta realizada em Manzanillo, em 10 de outubro de 1968. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1968/esp/f101068e.html>>. Acesso em: 15 de setembro de 2023.

<sup>30</sup> Discurso proferido na noite comemorativa dos cem anos de luta realizada em Manzanillo, em 10 de outubro de 1968. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1968/esp/f101068e.html>>. Acesso em: 15 de setembro de 2023.

raízes na trajetória histórica nacional, principalmente nas lutas contra o imperialismo e o colonialismo no final do século XIX. Nesse sentido, na historiografia latino-americana, diversos autores concordam com a influência das ideias de José Martí na Revolução Cubana. Entre eles estão Luiz Fernando Ayerbe (2004), Sergio Guerra Vilaboy e Alejo Maldonado Gallardo (2005), Roberto Fernández Retamar (2006), Martín López Ávalos (2014), Louis A. Pérez Jr. (2016), Izabel Pimentel da Silva (2019), Luis Eduardo Mergulhão Ruas (2019), Filipe Silveira Farhat, Aline Miglioli e Carlos Alberto Vieira (2019) e o próprio Moniz Bandeira (2009). Vale ressaltar que os historiadores Rafael Araujo e Tiago Silva (2019) vão ainda mais a fundo nessa questão. Estabelecendo uma relação entre a Revolução Cubana e a Revolução Bolivariana, na Venezuela, afirmam:

Simón Bolívar (1783-1830) e José Martí (1853-1895), foram largamente resgatados por Fidel Castro e Hugo Chávez para legitimar as duas revoluções. A história e a memória daqueles processos emancipatórios foram operadas para criar uma relação identitária com o passado e sustentar a retórica reivindicativa da segunda independência de Cuba e da Venezuela. A utilização das figuras simbólicas da luta contra o colonialismo espanhol também embasou o conteúdo anti-imperialista do castrismo e do chavismo. Assim, os atores simbólicos da resistência à colonização ressurgiram nos discursos dos comandantes com o intuito de legitimar as suas revoluções. A apropriação do passado atendeu ao desejo de construção da imagem de líderes revolucionários desses dois personagens e da própria validação dos seus projetos transformadores (ARAÚJO; SILVA, 2019, p. 278).

Nesta linha de reflexão, pretendo esmiuçar e aprofundar as contribuições de José Martí para a Revolução Cubana, analisando neste capítulo os anos de 1959, 1960 e 1961. Para isso, primeiramente, é necessário refletir sobre o que é uma revolução, tendo como norte a Revolução Cubana e o contexto latino-americano. O que não é uma tarefa simples. Pelo seu caráter único, a Revolução Cubana torna-se um objeto de análise complexo.

Uma revolução de libertação nacional que triunfou sem intervenções estrangeiras, rompeu com a dominação norte-americana na região, fortaleceu o protagonismo popular e garantiu conquistas sociais sem precedentes na América Latina. Inaugurou uma nova forma de tomada do poder, novos modelos políticos e econômicos, novos significados para o campo e para as ações do povo, novas formas de legitimar o poder e de transição para o socialismo. Empreendeu reformas que assumiram uma lógica própria, principalmente nos setores agrário, educacional, de saúde e de moradia. A Revolução Cubana atualizou a própria noção de revolução na América Latina.

Mas segundo Richard Gott (2006, p. 247), “os cubanos não estavam atuando num vácuo político ou histórico”. Ao longo de todo o século XX, a derrubada violenta de ditaduras foi discutida por cada nova geração “que chegava à idade do entendimento político”. Existiam

longas histórias de luta revolucionária na América Latina, em países como Guatemala, El Salvador e Nicarágua (GOTT, 2006, p. 303). Nesse sentido, é importante considerar a Revolução não como um evento isolado, mas como um fenômeno da América Latina, marcado por especificidades do continente e encadeado com revoluções anteriores (BANDEIRA, 2009, p. 35). A partir de sua inserção na região, compreendo a Revolução Cubana no contexto descrito por Daniel Valença, Giulia Cavalcante e Júlia Freitas (2019):

A América Latina é um continente complexo, marcado por uma diversidade de etnias, classes sociais, pelo colonialismo e imperialismo. Indivíduos e coletividades apropriados e expropriados em favor de potências europeias e norte-americanas. Exploração e expropriação, revoluções e contrarrevoluções, golpes de Estado, avanços e retrocessos. Essas são categorias que compõem o repertório da formação social latino-americana [...] se conforma a partir da inserção dependente no capitalismo internacional, na superexploração do trabalho e na ausência democrática, com recortes étnico-raciais e patriarcais (VALENÇA; CAVALCANTE; FREITAS, 2019, p. 9-10).

Nesse cenário, o conceito de revolução na História Política latino-americana adquire um caráter próprio. Para Christian Navas, Andrés Navas e Cumandá Labanda (2018, p. 171), as ideias de revolução na América Latina seguem padrões de pensamento e estruturas discursivas em comum. As próprias influências marxistas e socialistas em geral se desenvolveram com variadas interpretações e entrelaçadas com tendências nacionalistas e anti-imperialistas (BANDEIRA, 2009, p. 21). Tendo isso em mente, mobilizo referenciais teóricos que trazem essa perspectiva latino-americana. Além disso, os autores utilizados também refletem os impactos da Revolução Cubana no continente. Vale destacar que:

“Las ideas contemporáneas de revolución en América Latina se han dibujado a través de sentimientos en contra de imposiciones, intervenciones o doctrinas regionales decididas y debatidas en territorios extraños a la región. Las ideas de revolución se fortalecieron cuando encontraron intuitivamente la triada retórica adecuada: por un lado, el discurso que concibe un pueblo en miseria [...] por outro, la necesidad de sacrificar a los que son y a los que parecen culpables [...] y, por último, la revelación del mesías, el revolucionario [...] Estas herramientas vienen por herencia de un espacio imaginario y discursivo que se debe entender dentro de la lucha de clases” (NAVAS; NAVAS; LABANDA, 2018, p. 174-175).

Portanto, para analisar o fenômeno da Revolução Cubana e o significado do conceito de revolução, recorro às contribuições teóricas de Florestan Fernandes, Álvaro García Linera e Alberto Aggio. Enquanto os dois primeiros seguem uma perspectiva marxista, o terceiro segue uma perspectiva mais nacionalista. Segundo Ricardo Mendes (2009), os intelectuais marxistas atribuem grande importância à liderança de Fidel Castro e ao foco guerrilheiro, de orientação socialista, na vitória da Revolução. Já a perspectiva nacionalista considera que esse processo não pode ser resumido à ideia do foco, predominante na década de 1960. Ganha destaque o

amplo apoio da população rural e urbana no processo revolucionário, o caráter democrático e a atuação de outros movimentos para além do Movimento 26 de julho.

Para Valença, Cavalcante e Freitas (2019, p. 11-12), a principal contribuição da perspectiva marxista para a análise da realidade latino-americana é a ideia de revolução social. Corresponde à transformação profunda das relações sociais de produção e de propriedade, voltada para superação da desigualdade e da exploração do trabalho principalmente de negros, indígenas e mulheres. Entende-se que seria impossível superar a situação de dependência sem desatar revoluções que atacassem as estruturas e a essência da formação social do continente. Trata-se também de construir uma nova subjetividade, e aí o marxismo também traz aportes. O pensamento de Che Guevara, por exemplo, propõe conceitos como novo homem e nova mulher para superar os valores burgueses. Por isso, é interessante se apropriar do pensamento de Karl Marx e Friedrich Engels e de intelectuais latino-americanos que seguem e interpretam suas teorias (VALENÇA; CAVALCANTE; FREITAS, 2019, p. 16).

Considerando a ampla produção bibliográfica de Fernandes, Linera e Aggio, selecionei textos específicos e algumas teorias desenvolvidas por eles que se relacionam com meu tema e com a discussão proposta aqui. E apesar de apresentarem pontos de vistas diferentes, acredito que as três interpretações se complementam. Ajudam a dar sentido às lutas de Fidel Castro e do povo cubano e a entender por que a Revolução Cubana é considerada uma revolução. Neste debate, também incluo outras referências para pensar o conceito de revolução, dialogando com os teóricos escolhidos.

Primeiramente, recorro ao “Dicionário de Política” (1998), organizado por Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino. Nele, o verbete “Revolução” elucida algumas questões importantes. Pasquino diferencia a revolução de outros movimentos coletivos, como rebelião e golpe de Estado, e apresenta suas principais características. Destaca o uso da violência, a participação popular, os momentos de guerra civil, o choque entre dois campos distintos e as profundas transformações políticas e socioeconômicas que desencadeia (PASQUINO, 1998, p. 1121-1122). Como veremos, todos esses aspectos estavam presentes no processo revolucionário cubano.

Para ocorrer, a revolução depende de uma série de condições objetivas e subjetivas. Entre as objetivas estão a depressão econômica, a perda de legitimidade da elite governante e das velhas instituições e a crise de representatividade. Já os subjetivos são os desejos, as insatisfações e a conscientização da população (PASQUINO, 1998, p. 1129-1130). Além dessas causas, existem “aceleradores” que fazem deflagrar a revolução, como a guerrilha no caso cubano. Nesse exemplo, pequenos grupos de conspiradores, aliados aos camponeses, criaram

com suas atividades de luta, de propaganda e de elaboração ideológica uma situação objetivamente revolucionária em Cuba (PASQUINO, 1998, p. 1126).

Che Guevara (2016), como um dos principais teóricos da luta armada, também defende esse ponto de vista. Em “Guerra de Guerrilhas, um método” considera que nem sempre é preciso esperar pelas condições adequadas para a revolução, o foco guerrilheiro poderia criá-las. O foco seria um núcleo de militantes preparados política e militarmente, atuando no campo para a expansão da revolução. No seu discurso de 10 de outubro de 1968, Castro também considerou que “si para luchar esperamos primero reunir las condiciones ideales, disponer de todas las armas, asegurar un abastecimiento, entonces la lucha no habría comenzado nunca”.<sup>31</sup>

Segundo Pasquino, a revolução significa a derrubada do antigo poder político, em um processo longo e violento, e a subversão da ordem constituída. É movida por uma vontade de mudança completa nas relações sociais e de construção de algo novo. Por isso, a revolução não pode ser acalmada pela mera substituição de algumas autoridades políticas nem por concessões econômicas para satisfação imediata. Toda revolução é um “grande ato de criatividade política” (PASQUINO, 1998, p. 1130) e deve enfrentar a resistência das antigas classes depostas (PASQUINO, 1998, p. 1128).

Cabe destacar também a perspectiva de Nahuel Moreno. No livro “As revoluções do século XX” (2003), o militante marxista diferencia reforma e revolução. Segundo ele, revolução significa o surgimento de algo novo, enquanto reforma quer dizer melhorar, adaptar alguma coisa que já existe. As revoluções costumam passar por processos graduais e melhoramentos, ou seja, reformas, como veremos no caso cubano. Em relação à estrutura da sociedade e ao Estado, a única revolução possível é a que expropria a velha classe dominante, a burguesia e o imperialismo, e que muda o caráter do Estado. Uma classe destruindo o Estado de outra e construindo um regime distinto, com novas instituições (MORENO, 2003, p. 21-22).<sup>32</sup>

Nas revoluções, o plano simbólico adquire grande importância. No caso cubano, as imagens, estátuas e narrativas construídas em cima de Martí e da guerra de independência foram visíveis nos discursos e utilizadas com diversas finalidades. Na obra “O 18 de Brumário de Luiz Bonaparte” (2011), Karl Marx toca na questão dos símbolos ao analisar o processo revolucionário de 1848 na França e o golpe de Estado de Luiz Bonaparte em 1851. Aponta que,

---

<sup>31</sup> Discurso proferido na noite comemorativa dos cem anos de luta realizada em Manzanillo, em 10 de outubro de 1968. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1968/esp/f101068e.html>>. Acesso em: 15 de setembro de 2023.

<sup>32</sup> Moreno (2003) define o Estado como o instrumento da classe dominante, o regime como as instituições utilizadas para governar e o governo como o exercício do poder.

na Revolução de 1789, os antecessores dos burgueses republicanos da década de 1840:

havia feito com que o seu símbolo, a tricolor, percorresse toda a Europa. Estes, por seu turno, produziram uma invenção que por si mesma traçou o seu caminho por todo o continente, mas sempre regressou à França com amor renovado, até adquirir direito de cidadania na metade dos seus departamentos: o estado de sítio. Excelente invenção, periodicamente utilizada em cada crise subsequente no curso da Revolução Francesa (MARX, 2011, p. 46).

Após essas definições iniciais, trago a noção de revolução contra a ordem desenvolvida por Florestan Fernandes. No artigo “O que é Revolução?”, o autor caracteriza a revolução como “uma mudança que ‘mexe nas estruturas’, que subverte a ordem social” (FERNANDES, 2012, p. 46). Para ele, os trabalhadores, identificados com o socialismo, têm o papel de aprofundar o sentido de revolução burguesa e empreender uma revolução contra a ordem existente, de ruptura com a burguesia, o capitalismo e o imperialismo (FERNANDES, 2012, p. 50-51). É necessário a união ativa e organizada dos trabalhadores, assim como a conscientização política da população, com o objetivo de construir uma nova ordem social (FERNANDES, 2012, p. 81).

Para Fernandes, mesmo sendo uma revolução contra a ordem, o caso cubano apresentava algumas particularidades. Diferente de outras revoluções proletárias, a Revolução Cubana também teve caráter nacional. Para além da questão de classe, o nacionalismo libertário, construído a partir da memória viva da descolonização, reivindicou uma revolução nacional de forças organizadas e de alianças conjunturais. A situação “atingiu o seu primeiro apogeu sob palavras de ordem revolucionárias que serviam à burguesia e aos proletariados e no âmbito de uma transformação revolucionária que se fundava na nação e não na classe” (FERNANDES, 2012, p. 98). Silvia Miskulin concorda com essa perspectiva. A autora destaca que a luta contra a ditadura aglutinou diversos setores sociais, entre eles trabalhadores rurais e urbanos, estudantes, intelectuais, segmentos da classe média e da burguesia descontentes com o regime político de Fulgêncio Batista (MISKULIN, 2003, p. 25).

Fernandes (2012, p. 58) aponta que, em geral, a vitória de revoluções contra a ordem representa a criação de sociedades democráticas e igualitárias que atendam aos anseios coletivos. Isso inclui a substituição da dominação da minoria pela dominação da maioria e a destruição das formas burguesas de propriedade para eliminar as causas da desigualdade. Inicialmente de caráter democrático e libertário, a revolução nacional e contra a ordem em Cuba teve como prioridades essas conquistas sociais. Nesse sentido, em um discurso no dia 24 de fevereiro de 1963, Castro afirmou que: “los hechos indican que ha habido un cambio, pero no cualquier cambio; que ha habido un cambio profundo en la estructura y en la vida del país. Es

decir, eso se sintetiza con una sola afirmación: ¡Ha habido una Revolución!”<sup>33</sup>

Segundo Mendes (2009, p. 9), Fernandes foi um dos primeiros autores a assinalar a importância do nacionalismo no processo revolucionário cubano. Mas aponta que o autor ainda depositou uma grande importância no papel do foco guerrilheiro e considerou, no final, na obra “Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana” (2007), que o projeto socialista já estava esboçado desde o assalto ao quartel de Moncada em 1953. Aggio procurou ratificar e aprofundar essa perspectiva nacionalista.

Neste debate teórico, cabe destacar o balanço da Revolução Cubana feito por Caio Prado Júnior no mesmo livro em se encontra o texto de Fernandes. O autor afirma que o conceito de revolução é constantemente usado no sentido de insurreição ou definido pelo uso da violência. Mas para ele, seu significado está nas transformações políticas e sociais que acarretam, não no processo através do qual se realiza (PRADO JÚNIOR, 2012, p. 21). Entendida a partir de suas transformações e desdobramentos, a Revolução Cubana é vista como um modelo de revolução. É analisada como um processo evolutivo que partiu do constitucionalismo e do movimento antiditatorial, evoluiu para a revolução com reformas agrárias e anti-imperialistas, para desembocar na revolução socialista em 1961. Apesar de seguir a perspectiva socialista, Prado Júnior reconhece que o instinto revolucionário de Castro guiou o movimento revolucionário desde o princípio (PRADO JÚNIOR, 2012, p. 34-35).

Além de Prado Júnior, destaco os estudos de Gott e Bandeira sobre a Revolução Cubana. Seguindo uma perspectiva europeia diferente das usuais, Gott inova ao trazer a questão racial para o debate da Revolução. Descreve-a como uma insurreição popular que estabeleceu uma ruptura política e criou a nação cubana. Segundo ele, a Revolução deu um significado às lutas do passado e fez o povo cubano compreender pela primeira vez quem realmente era, através de uma identidade nova e nacional (GOTT, 2006, p. 172). Já Bandeira (2009) foca na conquista da verdadeira independência nacional a partir de 1959, inclusive na relação com a União Soviética, e na criação de uma nova forma de fazer política externa. Também inova ao inserir a Revolução Cubana numa perspectiva latino-americana e de longa duração.

Álvaro García Linera, sociólogo e político boliviano, também traz contribuições importantes para entender o porquê do evento cubano ser considerado uma revolução. No ensaio “¿Qué es una revolución?” (2020) considera que as revoluções são “explosiones volcánicas de lava social”, “momentos fundadores de las estructuras sociales duraderas” em

---

<sup>33</sup> Discurso proferido no encerramento do X Congresso Nacional de Medicina e Estomatologia, 24 de fevereiro de 1963. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f240263e.html>. Acesso em: 7 de novembro de 2023.

que a sociedade está em pleno “movimiento creativo en estado ígneo” (LINERA, 2020, p. 163-164). Para ele, “la revolución (ese hecho político-militar de las masas que toman por asalto el poder político, esa insurrección armada que demuele el viejo Estado y levanta el nuevo orden político), será la intermediaria privilegiada y portadora de una opción realizable de mundo” (LINERA, 2020, p. 161).

Nesse sentido, a Revolução Cubana representou essa luta do povo cubano para se autodeterminar, criar e construir novas hegemonias de longo prazo. Quando tomou o controle do Estado, o novo governo inaugurou instituições, esquemas discursivos, relações sociais e estruturas econômicas que se consolidaram e se sobrepuseram às estruturas anteriores, permanecendo pelas décadas seguintes. De acordo com Linera, essa nova ordem dominante representa a realização absoluta da democracia, já que garante a participação da sociedade em assuntos públicos (LINERA, 2020, p. 179). Além disso, estabelece métodos pacíficos de convencimento, pelo conhecimento, pela convicção lógica ou pelo exemplo prático (LINERA, 2020, p. 180), aspectos que podem ser percebidos nos discursos de Fidel Castro.

Segundo Linera (2020), existe um momento decisivo que determina o curso de toda revolução. Chamado de ponto de bifurcação ou momento jacobino-leninista, corresponde ao contexto de unificação e consolidação do poder estatal, da educação pública e das novas formas de produção a partir do enfrentamento com as antigas classes dominantes. Este momento na Revolução Cubana, por exemplo, foi a resistência à invasão da Baía dos Porcos em 1961. Nesse contexto, ocorreu uma grande mobilização do povo para estabelecer de vez o novo poder político e desmontar a oposição, garantindo a continuidade do processo revolucionário.

Além disso, Linera (2020, p. 236) entende que toda revolução precisa se juntar a outras, em escala mundial, para que suas possibilidades de continuidade se ampliem. Na Revolução Cubana, a questão do internacionalismo e do apoio a outros movimentos na América Latina reflete essa ideia de que são necessárias outras revoluções para não ficar isolada. Portanto, as ideias do autor boliviano são o ponto de partida para entender as atuações de Cuba no continente. Também ajudam a reafirmar o caráter democrático da Revolução, caracterizar a criação de novas ideias, instituições e estruturas duradouras e o momento decisivo da invasão à Baía dos Porcos.

Em seu texto “Repensando a rebeldia da Revolução Cubana”, o historiador Alberto Aggio (2000) aprofunda a questão da rebeldia para analisar o processo revolucionário cubano. O autor destaca que em Florestan Fernandes, na obra “Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana” (1979), a rebeldia já ganha lugar de destaque. A juventude rebelde é vista como a vanguarda da revolução e seria responsável por uma primeira etapa da revolução. Depois da

tomada do poder, deixaria o espaço aberto para as verdadeiras forças revolucionárias, a classe trabalhadora e socialista que iniciaria a construção do novo Estado (FERNANDES, 1979 apud AGGIO, 2000, p. 10). Concordo com Aggio (2000, p. 10) que essa interpretação de Fernandes ainda trata a questão da rebeldia de forma simplificada. Vale apontar também que Caio Prado Júnior cita o instinto revolucionário de Castro, mas sem falar em rebeldia ou aprofundar o tema.

Na perspectiva de Aggio (2000, p. 10), a rebeldia é um conceito de cunho nacionalista e popular que não está relacionado à uma definição de classe. Era a forma como os jovens se autodenominavam e concebiam a si mesmos naquele contexto e estava relacionada ao direito de resistência à tirania (AGGIO, 2000, p. 13). Também era uma forma de caracterização das ideias nacionalistas e democráticas da juventude, sem predeterminações ou interpretações ligadas ao socialismo. Esses jovens, entre eles Fidel Castro, eram filiados principalmente ao Partido Ortodoxo e tinham como principal motivação a defesa da democracia republicana e constitucional, interrompida pelo golpe de Estado de Fulgêncio Batista em 1952 (AGGIO, 2000, p. 12).

De acordo com Aggio (2000), durante a luta armada, a rebeldia também caracterizava os veículos de luta, como o exército revolucionário, identificado como exército rebelde, os discursos de Castro, a cultura política e o imaginário da Revolução Cubana. Outra marca da rebeldia foi a criação da Rádio Rebelde em Sierra Maestra, rompendo com o monopólio de informação na ilha (ALONSO JÚNIOR, 1998, p. 60). Martín López Ávalos (2005, p. 51) também fala em rebeldia ao assinalar que, nesse período, diante da censura do governo de Batista, repórteres internacionais foram os primeiros a noticiar os feitos dos guerrilheiros, mostrando-os como reflexo de uma nova rebeldia no contexto da Guerra Fria.

Depois da conquista do poder, a rebeldia continuou sendo um elemento central da Revolução, “um valor legítimo capaz de aglutinar, organizar, difundir e dar sentido aos sujeitos históricos naquele momento” (AGGIO, 2000, p. 6). Por isso, a rebeldia não deve ser entendida apenas como uma primeira etapa da revolução. É uma questão que permeou todo o processo revolucionário cubano, reforça sua origem democrática, a vanguarda da juventude e classifica as ideias, a atuação e os discursos de Fidel Castro.

Tendo como base esses referenciais teóricos, entendo a Revolução Cubana como uma revolução nacional e contra a ordem que teve como principais características o caráter democrático, a rebeldia e o internacionalismo. Esses pontos descrevem, inclusive, os próprios discursos de Fidel Castro, como será visto mais à frente. Quanto ao governo revolucionário, considero que este representou um movimento criativo de novas ideias, reformas, relações sociais e formas de fazer política que se tornaram hegemônicas a partir de 1959. Essas criações

foram influenciadas, principalmente, pelos ideais e pela linguagem política do líder da independência, José Martí.

Como um guia de todo esse movimento, a rebeldia é uma forma de entender o processo revolucionário a partir das denominações daquele período e de seu caráter democrático e de resistência. Quanto ao ponto do internacionalismo, separo uma seção neste capítulo para explorar melhor os impactos da Revolução no continente. É a partir dessa característica que a Revolução Cubana inaugurou uma nova forma de fazer revolução na América Latina. Também é uma questão recorrente nos discursos de Fidel Castro, principalmente nos de 1959 para públicos estrangeiros, e reflete uma das influências dos ideais de Martí. Mas antes de aprofundar a questão do internacionalismo, é necessário analisar a história da Revolução Cubana e as principais referências sobre o tema.

## 2.2 Revisão bibliográfica

Existe uma extensa bibliografia sobre a Revolução Cubana que passa por estudos tradicionais e atuais sobre o tema. Nesta seção, trago algumas dessas referências que considero importantes para entender o contexto e os fatos do processo revolucionário e construo um debate historiográfico. Também aponto algumas pesquisas recentes que trabalham com os discursos de Fidel Castro. Busquei, portanto, levantar estudos que tive contato ao longo da minha trajetória acadêmica e que foram relevantes na construção desta pesquisa.

Inicialmente, é importante fazer algumas considerações sobre o período republicano, ao longo da primeira metade do século XX, ainda sob o efeito da Emenda Platt. Gott (2006) descreve uma república para os norte-americanos e espanhóis, negada aos negros e marcada por ditaduras. Tadeu Nunes (1998, p. 25) caracteriza a política nesse período pelo fenômeno da teoria dos ciclos. Nessa perspectiva, partidos conservadores e liberais se alternavam no poder com o apoio dos Estados Unidos ou abriam espaço para intervenções diretas dos norte-americanos. Mergulhão Ruas (2019, p. 39) destaca nesse contexto a superexploração do trabalho, as desigualdades sociais, a intervenção política e econômica dos norte-americanos, as fraudes eleitorais, a corrupção e a repressão aos movimentos sociais. Segundo o autor, esses fatores caracterizavam Cuba como uma república neocolonial.

Neste cenário, a questão nacional passou a ser tema central para os segmentos populares que buscavam a soberania. Esta questão estava presente, por exemplo, na Revolução de 1933 que derrubou o ditador Gerardo Machado (MERGULHÃO RUAS, 2019, p. 39). Odir Alonso

Júnior (1998) e José Mao Júnior (2005) analisam a fundo esse movimento como parte da trajetória de lutas que antecedeu a Revolução Cubana, gerando uma instabilidade política que se perpetuou ao longo das décadas de 1940 e 1950. Mas Gott (2006, p. 167-168) assinala que uma das realizações tardias dessa Revolução foi a Constituição de 1940, de caráter social-democrata.

A ascensão política de Fulgêncio Batista e a ditadura dos anos 1950 também são temas bem explorados pela historiografia. Gott (2006, p. 165) destaca que Fulgêncio Batista foi uma das principais figuras da Revolução de 1933 e controlou a política cubana, direta ou indiretamente, pelos 25 anos seguintes. Abordando esse contexto, Gillian McGillivray (2012, p. 134-135) descreve o governo de Batista na década de 1940 como um populismo autoritário. A partir do golpe de Estado em 1952, houve um esvaziamento do pacto populista e uma volta à política de favorecimento individual. A ditadura é caracterizada por Vilaboy e Gallardo (2005, p. 37) como um regime militar, antipopular e autoritário que representou uma entrega sem precedentes aos interesses dos Estados Unidos.

Ao longo da década de 1950, ocorreu as “explosiones volcánicas de lava social” analisadas por Linera. Sobre esse processo, autores como Ayerbe (2004), Gott (2006), Bandeira (2009) e Vilaboy e Gallardo (2005) têm trabalhos consistentes sobre os antecedentes e causas da Revolução Cubana. Para Ayerbe (2004, p. 26), a Revolução representou justamente a luta contra uma ditadura que favorecia os interesses norte-americanos, na direção de uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse sentido, Fernandes (2007, p. 88) deixa claro que a Revolução brotou “de dentro do homem para fora, dos sentimentos e ações mais profundos dos humildes e condenados da terra”. Segundo Pedro Álvarez Tabío (2015):

“En este sentido debe tenerse en cuenta que la lucha revolucionaria en Cuba llegó a ser un empeño de todo el pueblo. Fue la expresión de la vinculación de los objetivos de carácter político frente a la ilegalidad y la naturaleza opresiva y criminal del régimen tiránico, con los intereses reivindicadores de carácter social y económico frente a la explotación de las masas, y de estos a su vez con los propósitos de carácter nacional frente a la situación de dependencia neocolonial del país” (TABÍO, 2015, p. 311).

Entre os jovens rebeldes que fizeram parte dessa vanguarda da Revolução estava Fidel Castro. Em suas pesquisas, Alonso Júnior (1998) e Gott (2006) exploram detalhadamente a vida e a trajetória política de Castro. Dialogando com esses autores, destaco também a análise de Caio Prado Junior (2012, p. 34) de que a ditadura de Batista estimulou a oposição de Castro e do partido em que era filiado, culminando na luta armada em Sierra Maestra. Valter Pomar (1998, p. 192) complementa que, além do golpe de Estado, o impacto do suicídio de Eduardo Chibás, fundador do Partido Ortodoxo, também empurrou Castro para a militância

revolucionária. Concordo com o ponto de vista de Pomar quando afirma que:

Politicamente, Fidel era então um nacionalista e um democrata radical, com fortes ligações com os setores populares e médios de Cuba [...] suas referências não eram Marx ou Lênin, mas sim José Martí – “autor intelectual” do assalto ao Quartel de Moncada. Foi com essa bagagem ideológica que ele enfrentou o tribunal de Batista, a prisão, o exílio e organizou a “invasão” de Cuba (POMAR, 1998, p. 192).

Quanto ao processo revolucionário, entre Moncada e Sierra Maestra, Alonso Júnior (1998), Vilaboy e Gallardo (2005), Joan del Alcázar (2006) e Tabío (2015) focam nesse período. Permeado pela noção de rebeldia, o assalto ao quartel de Moncada é considerado por Alonso Júnior (1998, p. 53) como o marco inicial da luta revolucionária. Apesar do fracasso da ação, Gott (2006, p. 171) aponta que o evento permaneceu como fundamento do Movimento Revolucionário 26 de julho (M26-7), organização que tomaria o poder seis anos mais tarde.

Sobre ao desembarque do iate Granma, especificamente, Gott (2006, p. 179) atesta a influência de Martí ao afirmar que Castro tinha conhecimento das guerras de independência e estava consciente dos paralelos históricos daquele evento. Sabia que Martí havia desembarcado na parte oriental da ilha, envolvido numa tarefa semelhante, deslocando-se para as montanhas e unindo-se à população camponesa. Além disso, a Revolução Cubana, assim como a guerra de independência, foi organizada em forma de guerrilha e financiada por cubanos no exílio contra a dominação estrangeira e em busca de soberania nacional (GOTT, 2006, p. 241). Nesse sentido, Giraudó (2010) adiciona que:

“Tanto Martí como Castro son hijos de padre español; ambos fueron enviados como castigo a la islã de Pinos (Martí, deportado; Castro, prisionero); los dos fueron en su juventud estudiantes aventajados y obtuvieron el título de abogado; ambos vivieron exilados en México; ambos regresaron a la isla a luchar por su independencia en un barco pequeño y mal equipado” (GIRAUDO, 2010, p. 127).

Entre os autores que se debruçam sobre a questão da luta armada estão Florestan Fernandes (2007) e Michael Löwy (2016). Segundo Fernandes (2007, p. 112), os cubanos acumularam, desde o século XIX, uma longa experiência no uso da guerrilha como forma de luta armada. Para ele, esse método constituiu o elemento central da Revolução e o veículo através do qual as forças políticas de uniram (FERNANDES, 2007, p. 125). Nesse cenário, Löwy (2016, p. 41) destaca que o Partido Socialista Popular (PSP)<sup>34</sup> esteve praticamente ausente na preparação e na deflagração da luta armada, devido à orientação política do movimento comunista na época. Wasserman e Ribeiro (2009) concordam com essa resistência

---

<sup>34</sup> Passou da condenação da guerrilha no início da década de 1950 à participação ativa em 1958 através da incorporação de alguns membros ao exército rebelde. Além disso, o partido também esteve praticamente ausente na transição da Revolução Cubana para o socialismo (LÖWY, 2006, p. 40-41).

do PSP em relação à guerrilha. Sobre essas questões, cabe mencionar o amplo balanço historiográfico feito por Silvia Miskulin (2003).

Vale ressaltar também as perspectivas críticas de Gott (2006), Daniel Aarão Reis (2011) e Denise Rollemberg (2001). Diferentemente da historiografia tradicional que valoriza o papel dos guerrilheiros nas áreas rurais, Aarão Reis destaca a heterogeneidade da Revolução. Na frente contra a ditadura estavam estudantes, democratas, comunistas, militares insatisfeitos com o regime e até mesmo correntes liberais dos Estados Unidos apoiando o movimento. Nessa época, a figura de Martí passou a ser aclamada como o Apóstolo da independência, “com reverência e unção quase religiosas” (AARÃO REIS, 2011, p. 367), como se fizesse parte de uma pregação de fé. Era como se a Revolução tivesse sido anunciada por um “enviado”, cabendo a Fidel completar essa missão. Depois de apontar esse caráter nacional-democrata da Revolução, Aarão Reis critica a dinâmica autoritária que o governo foi assumindo ao longo dos anos.

Rollemberg (2001) afirma que, durante a construção da memória da revolução, ainda no calor dos acontecimentos, os revolucionários deram pouca ênfase à conjuntura, ao clima de descontentamento que havia levado à mobilização da sociedade. Foi criado o mito do foco guerrilheiro, uma vanguarda de revolucionários capaz de subverter a ordem e reorientar os rumos do país. Mas quando o Granma desembarcou em Cuba, um episódio narrado como épico e isolado, os guerrilheiros não estavam sozinhos. Eles encontraram uma situação favorável à sublevação na ilha (ROLLEMBERG, 2001, p. 8-9).

Segundo a autora, essa versão dos revolucionários “fortalecia Cuba, redirecionando a força da sociedade para a vanguarda, potencializando-a, colocando aquela como refém desta” (ROLLEMBERG, 2001, p. 9). Externamente, redefiniu o país no cenário internacional e serviu “como uma luva para os movimentos revolucionários dos chamados países do Terceiro Mundo, em especial da América Latina, que não contavam com a participação social na luta revolucionária ou o faziam com limites e contradições” (ROLLEMBERG, 2001, p. 9).

Gott também considera que os revolucionários nas cidades desempenharam um papel importante na organização da Revolução. Afirma que essa questão foi frequentemente ignorada pelos latino-americanos que acreditavam que o modelo cubano de revolução poderia ser repetido em outros países (GOTT, 2006, p. 179). Alcázar (2006) concorda com esse posicionamento. Ao criticar a ideia de guerrilha continental de Che Guevara, destaca que em países latino-americanos foi dada pouca importância ao trabalho político prévio com toda a população (ÁLCÁZAR, 2006, p. 829).

É nesse contexto que Fernandes (2007, p. 108) aborda o papel revolucionário da geração

de jovens rebeldes. Essa juventude estava atrelada à um forte sentimento de contestação de um estilo de vida e de um poder político estabelecidos. Assim, organizaram a luta armada e as táticas de guerrilha como a única saída para a sociedade cubana. Como já foi visto, Aggio (2000) analisa mais a fundo essa questão e não a restringe como uma etapa inicial da Revolução. Em relação à fase final da luta armada e à vitória da Revolução Cubana, em janeiro de 1959, Vilaboy e Gallardo (2005) e Tabío (2015) descrevem bem esse momento.

Sobre os trabalhos que abordam o discurso revolucionário, relacionado à minha fonte de pesquisa, destaco as pesquisas das linguistas argentinas Ana Maria Corraello (2006) e Silvia Giraudo (2010) e do historiador brasileiro Gilliard Prado (2018). Um ponto em comum entre os três autores é a questão do uso da memória nos discursos. Em sua dissertação de mestrado em Análise do Discurso, Corraello utiliza os atos de fala de Fidel para pensar as propriedades e regras de formação dos discursos políticos em geral. Ela explora como “la acción política no es comprensible fuera del orden simbólico que la genera y del universo imaginario que ella misma engendra” (CORRARELLO, 2006, p. 6).

Segundo a autora, o processo de legitimação de um novo espaço político, é dada em parte “por la ‘visibilidad’ de la enunciación política, que hemos llamado ‘enunciación mostrada’; no solo se escucha una voz sino que se ve un cuerpo” (CORRARELLO, 2006, p. 125). Nesse processo, ocorre a desconstrução de pontos de vista contrários ao da Revolução nos discursos e a criação da figura do enunciador que atua pelas mudanças políticas e da figura do povo como uma categoria soberana e unida. Os discursos políticos também revelam aspectos de discurso religioso “que marca jerarquias, que no cuestiona la Verdad, que es siempre una relación de alto a lo bajo, como aquel que disse un sermón y está en el púlpito y habla para los ‘otros’” (CORRARELLO, 2006, p. 45).

Giraudo, em “Revolución es más que una palabra” (2010) também analisa diversos aspectos do discurso de Castro, tendo como foco a sua autodefesa “A história me absolverá”. Citando trechos deste discurso, a autora pensa na sua tipologia, principalmente no caráter jurídico, e nas estratégias utilizadas para desenvolver o conceito de revolução. Analisa como Fidel definiu a si mesmo, enquanto sujeito individual ou coletivo, e seu oponente, Fulgêncio Batista. Para isso, percebe a forma como Castro recorreu às noções de liberdade, verdade, justiça e consciência do dever de Martí, ideais que motivaram seus atos em Moncada.

A autora também pensa em outras possíveis referências de Castro para elaborar seu discurso. Cita o pensador e revolucionário Julio Antonio Mella, um dos fundadores do Partido Comunista Cubano (PCC) em 1925, o político marxista Eduardo Chibás e até as lições de solidariedade que recebeu de seu pai. A partir dessas fontes, Giraudo caracteriza as estratégias

retóricas de Fidel e sua distribuição ao longo do discurso para comover e convencer o público de sua inocência. A analogia com as guerras de independência, a refutação da acusação de delito, tendo como base a lei, a apresentação de narrativas, dados e fotografias para comprovar a sua “verdade” e a ênfase no direito constitucional do povo de se rebelar contra um tirano foram algumas das estratégias usadas por Castro em sua autodefesa.

No livro “A construção da memória da Revolução Cubana” (2018), Gilliard Prado analisa as políticas de memória e as estratégias de legitimação da Revolução entre 1959 e 2009. Sua principal fonte são os discursos de Castro em cerimônias comemorativas, com foco no 26 de julho. Ao longo da obra, o autor destaca estratégias como a realização de festas nas efemérides, a criação de imagens de “amigos” e “inimigos” da Revolução e até a negação de discursos anteriores diante das mudanças ideológicas do governo. Aborda também as representações em torno das dimensões do presente, passado e futuro.

Segundo Prado, os discursos comemorativos, “nos diversos tempos presentes, empreendem um duplo movimento: de evocação e usos políticos do passado, bem como de antecipação e predileção do futuro, oferecendo-o como utopia” (PRADO, 2018, p. 281). Por isso, o autor afirma que Castro articulava significados do presente de êxitos da Revolução, do passado insurrecional e pré-revolucionário e de um futuro promissor e isso ajudou a legitimar a Revolução Cubana.

Também é importante destacar outros trabalhos relevantes como o de Rafael Araujo e Tiago Silva (2019), já citado anteriormente; de Ana Paula Cecon Calegari (2014) que analisa a representação feita por Fidel dos grupos oposição e como isso estava relacionado com o processo de centralização política; de Bruno Romano Rodrigues (2021) que analisa a produção discursiva de Fidel entre 1959 e 2006, focando na questão da memória histórica e na recorrência e no papel das efemérides; e de José Antonio Ferreira da Silva Junior (2012) que aborda os usos das ideias e da figura de Martí na revista cubana “Casa de las Américas”.

Já Júlio César Guanche (2011) entende a justiça social como o principal ideal político dos discursos oficiais e como a base da política democrática após 1959. Pensando nas limitações impostas e no próprio desenvolvimento da Revolução, o autor reflete sobre os desafios atuais para aprofundar a democracia em Cuba.

Quanto aos impactos da Revolução nas esquerdas latino-americanas, ponto que será explorado a seguir, assinalo as pesquisas de Izabel Pimentel da Silva (2019; 2021) que focam nas esquerdas da década de 1960 e 1970 e de Rafael Araujo (2019; 2022) que possui um olhar voltado para a História do Tempo Presente, sendo a Revolução Cubana um acontecimento-chave para definir esse campo da História.

### 2.3 Os impactos da Revolução na América Latina e no Caribe

Para entender ainda melhor o significado da Revolução Cubana, é interessante analisar o seu caráter internacionalista e as ações do governo revolucionário na América Latina. Considero esses aspectos importantes porque eles foram recorrentes nos discursos de Fidel Castro de 1959 e na sua vontade de fortalecer a Revolução em outros países. Além disso, atestam a influência dos ideais políticos de libertação e de união latino-americana expostos em “Nuestra América”. Como já foi visto, sigo a perspectiva de Álvaro García Linera de que é importante que uma revolução se junte a outras para sair do isolamento e de Bandeira de que a Revolução Cubana criou uma nova forma de fazer política externa.

Nesse sentido, penso a política externa cubana para além das relações com a União Soviética. Segundo José Cantón Navarro (2010, p. 89), as relações de Cuba com os países socialistas se fortaleceram entre 1962 e 1975. Mas a política externa da ilha se manteve independente e nem sempre houve um consenso desses países em relação às questões internacionais. Mesmo sendo expulsa da Organização de Estados Americanos (OEA), Cuba continuou mantendo relações estreitas com governos democráticos e grupos guerrilheiros latino-americanos. Sendo assim, delimito a minha pesquisa na América Latina, com foco na América Central, porque segundo Reyes:

“Para Cuba esta región es sumamente importante, por ser éste su medio natural. Cuba comparte con los países del área rasgos culturales similares, el mismo idioma, la misma historia (referente ao colonialismo español y a las intalaciones y neocolonialismo norteamericano) y condiciones socioeconómicas semejantes. Desde los comienzos de la revolución cubana, los dirigentes cubanos conocían las posibilidades revolucionarias de esta área” (REYES, 1990, p. 97).

Quanto aos princípios da política externa, cabe destacar a pesquisa de Izabel Pimentel da Silva (2021). Segundo a autora, a política externa cubana estava pautada, principalmente, nas noções de internacionalismo, solidariedade e colaboração. Aponta que a Revolução conferiu novas características ao internacionalismo, associadas ao latino-americanismo e ao terceiro-mundismo. Concordo com ela quando afirma que essa proposta de união dos povos já era defendida pelos libertadores da América, entre eles José Martí, mas foi ressignificada pelas esquerdas do século XX (SILVA, 2021, p. 108-109).

Che Guevara (2016) também é um nome importante para entender o internacionalismo cubano. Em seus escritos da década de 1960, entre eles “Guerra de Guerrilhas, um método” e

“Mensagem à Tricontinental”,<sup>35</sup> o revolucionário apresenta suas ideias sobre a guerrilha e desenvolve os conceitos de internacionalismo revolucionário e de revolução mundial. Para ele, o método da guerrilha deveria começar no campo e possuir caráter prolongado, continental e socialista. Tendo como base a união dos proletariados de vários países, a luta armada deveria se tornar uma revolução continental, levar à libertação dos povos e à instauração de um modelo socialista. Portanto, nestes documentos, Guevara define uma estratégia de internacionalização da revolução.

Löwy (2006, p. 47) considera que o pensamento de Guevara era inovador e se baseava na busca por um caminho alternativo ao socialismo, mais democrático e igualitário. Influenciou no surgimento de novos grupos guerrilheiros e correntes revolucionárias e representou uma mudança na história do marxismo latino-americano e na própria história da América Latina (LÖWY, 2016, p. 44). Ao romper com as correntes marxistas eurocêntricas, a Revolução Cubana e as ideias guevaristas demonstraram a possibilidade da realização de revoluções no continente por meio da luta armada, combinando tarefas democráticas e socialistas em um processo revolucionário ininterrupto (LÖWY, 2016, p. 45- 46).

Para Löwy (2016, p. 45-46), outra especificidade da Revolução Cubana foi a formação de uma frente ampla na luta contra a ditadura. Como um movimento em escala nacional, incluiu setores de origem pequeno burguesa que passaram a apoiar os proletariados e suas transformações democrático-radicalis. Assim, a Revolução inaugurou uma nova forma de fazer revolução na América Latina. Também sugeriu novas formas de luta armada, negando os esquemas etapistas defendidos pelo PSP, e demonstrou solidariedade com outros países. Mostrou que é possível um novo caminho para se chegar à Revolução nacional e contra a ordem e abrir caminho para o socialismo seguindo as especificidades da América Latina, com alianças táticas e sem a orientação dos partidos comunistas. Deixou claro que a América Latina era capaz de empreender revoluções bem-sucedidas.

Inicialmente, o governo revolucionário atuou na região apoiando lutas contra ditaduras, como a de Rafael Trujillo<sup>36</sup> na República Dominicana, de Anastasio Somoza na Nicarágua, de Miguel Ydígoras Fuentes<sup>37</sup> na Guatemala e de François Duvalier no Haiti, financiadas pelos Estados Unidos. Cuba encorajou e ofereceu refúgio, treinamento militar, apoio material,

---

<sup>35</sup> Carta endereçada aos dirigentes da Organização de Solidariedade dos Povos de Ásia, África e América Latina, criada na Conferência Tricontinental realizada em Havana em janeiro de 1966 (AYERBE, 2004, p. 71).

<sup>36</sup> Trujillo foi um dos principais alvos do governo cubano pois ajudou militarmente Batista na campanha contra as guerrilhas e deu assistência à grupos de exilados treinados pela CIA (GOTT, 2006, p. 247).

<sup>37</sup> O governo Ydígoras Fuentes também permitiu que a CIA instalasse no país campos de aviação e treinamento para preparar a invasão à Cuba. (BATISTA, 2009, p. 285-286).

logístico e, principalmente, intelectual, à diversos grupos desses países (NAVARRO, 2010, p. 95-96).<sup>38</sup> Conduziu também expedições pela América Central guiadas por cubanos voluntários, sem grandes resultados, mas permitindo a organização de alguns grupos castristas (REYES, 1990, p. 96; BANDEIRA, 2009, p. 229).

Rolleberg (2001), analisando o apoio de Cuba à luta armada no Brasil, traz algumas contribuições importantes. Ela divide esse apoio em três momentos diferentes e traça um panorama de como eram feitos os treinamentos oferecidos por Cuba. Num primeiro momento, durante o governo de João Goulart, o governo cubano apoiou as ligas camponesas em defesa da reforma agrária. O treinamento das ligas consistia em cursos preparatórios de luta de guerrilha em vários pontos do Brasil, em sítios e fazendas e com professores militares treinados em Cuba. A instrução contava com exercícios de manejo de armas e tiro ao alvo, manobras de guerrilha em montanhas, preparação de explosivos e orientação ideológica. O exemplo da Revolução também influenciou posições anti-partidos dentro das ligas (ROLLEMBERG, 2001, p. 16-17).

Após o golpe civil-militar, o apoio foi dado, principalmente, ao Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) liderado por Leonel Brizola. Mas as tentativas de implantação da guerrilha ligada a esse grupo acabaram desmobilizadas. A partir de 1967, o dirigente da Ação Libertadora Nacional (ANL), Carlos Marighella, se aproximou do governo cubano. Foi nessa nova fase que o maior número de militantes brasileiros foi treinar em Cuba. Eles eram escolhidos e enviados por suas organizações para países europeus ou diretamente para Cuba, geralmente de forma clandestina (ROLLEMBERG, 2001).

Chegando na ilha, eram recebidos por agentes do governo e recebiam codinomes. Nesse período, o treinamento continuou sendo feito com instruções sobre armas e munições e com acampamentos na serra de Pinar del Rio. Lá eram feitos exercícios militares e de sobrevivência, marchas, táticas e recebiam noções de topografia e de enfermagem. E terminava em uma simulação de luta armada, com os guerrilheiros enfrentando parte do exército cubano (ROLLEMBERG, 2001, p. 35-36). A importância e a validade do treinamento não estavam propriamente na habilidade de formar militares, mas no desenvolvimento da autoconfiança e da coragem dos grupos (ROLLEMBERG, 2001, p. 62). Sobre as intenções do governo

---

<sup>38</sup> Entre eles, as forças revolucionárias constitucionalistas da Guatemala, lideradas por Francisco Caamaño, as Forças Armadas Rebeldes da Guatemala, lideradas por Turcios Lima, o grupo guerrilheiro na fronteira entre Bolívia e Argentina, organizado pelo jornalista Jorge Ricardo Masetti, a luta armada contra a ditadura militar no Brasil, as ações de Carlos Lamarca e Carlos Marighella e a luta pela independência de Porto Rico. Também manteve laços estreitos com governos socialistas da América Latina, como o de Salvador Allende no Chile (NAVARRO, 2010, p. 95-96).

revolucionário nesse processo, concordo com a seguinte afirmação de Bandeira:

Fidel Castro e Guevara não apenas difundiram o método de guerrilhas – a via cubana da insurreição – para que servisse de exemplo e modelo, como trataram de impulsionar materialmente sua aplicação em todos os países da América. De um lado, eles necessitavam que a revolução se alastrasse [...] de modo a aliviar as pressões que os Estados Unidos exerciam sobre Cuba. De outro, fizeram-no, porque, imbuídos de espírito messiânico, criam que, assim como Simón Bolívar [...] e José Martí lutaram, no século XIX, contra o domínio colonial [...] estavam predestinados à missão de libertar a América Latina do jugo imperialista (BANDEIRA, 2009, p. 334).

Vale apontar também a perspectiva de Mendes sobre o assunto. O autor destaca que independentemente da ação direta do governo cubano, já existia na América Latina uma cultura de violência como instrumento de mudança política. A propagação da luta armada estava relacionada, principalmente, ao desejo de transformação e à essa cultura da violência em meio ao capitalismo em crise. Nesse contexto, a guerrilha rural cubana tornou-se um modelo eficaz de ser reproduzido pelos grupos de esquerda (MENDES, 2009, p. 26-27). Cabe mencionar também os estudos de Gott (2006) e Alcázar (2006), já citados anteriormente, que enfatizam o papel da população urbana nesse processo e que em muitos casos isso não foi considerado nas revoluções latino-americanas.

Além das expedições e do método de guerrilha, a solidariedade cubana passou a abarcar diversos campos ao longo da década de 1960. Entre elas, as áreas de defesa, educação, construção, agricultura, alimentação, esportes e, principalmente, saúde, com o envio de milhares de médicos e doações de sangue para outros países (NAVARRO, 2010, p. 94). Em alguns casos, também houve a prestação de serviços para a população em geral e o cuidado com feridos em desastres naturais (NAVARRO, 2010, p. 97).

Outra expressão do auge dessas relações foi a participação de estrangeiros em eventos de medicina, política e educação em Cuba, assim como os convites recebidos pelos cubanos para participar de encontros internacionais (NAVARRO, 2010, p. 92). Também no campo da política, a Revolução estimulou o desenvolvimento da ciência social marxista. Pela primeira vez, o marxismo entrou em larga escala nas universidades latino-americanas, enriquecendo as pesquisas em Sociologia, Economia, Ciência Política e História (LÖWY, 2006, p. 49-50).

Destaco a Conferência de Solidariedade dos Povos de Ásia, África e América Latina (Tricontinental), realizada em Havana em janeiro de 1966, que contou com a participação de representantes de mais de 80 países. No ano seguinte, Cuba também foi palco da primeira conferência da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS) que tentou coordenar os esforços revolucionários na região (SILVA, 2021, p. 110-111). Através desses eventos, os cubanos construíram uma rede de compromissos e de colaboração com as esquerdas latino-

americanas (ARAUJO; SILVA, 2019, p. 285).

Entre essas esquerdas estava a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) que tomou o poder na Nicarágua em 1979. Os líderes do movimento, inclusive, haviam sido treinados em Cuba. Mas Reyes aponta que a principal contribuição de Cuba para a Revolução Sandinista ocorreu em 1978, quando os dirigentes cubanos mediarão a unificação do grupo, contribuindo para o seu fortalecimento (REYES, 1990, p. 98-99). Durante o governo sandinista, Cuba continuou oferecendo ajuda, sobretudo, nas áreas de saúde, educação e segurança (REYES, 1990, p. 102). Assim, mesmo com recursos limitados, Cuba assumiu o compromisso de garantir a sobrevivência da Revolução na Nicarágua, como uma aliada na região (REYES, 1990, p. 115).

Outra revolução apoiada por Cuba nesse contexto foi a de Granada, ilha caribenha recém independente da Inglaterra. O Movimento Nova Jóia, inspirado nos ideais marxistas e no exemplo cubano, venceu a revolução em 1979 contra o regime corrupto local. Se identificando com a luta, Castro garantiu bolsas de estudo em Cuba para estudantes granadinos, equipamentos militares e a construção de um aeroporto para garantir vôos diretos para Cuba e alavancar o turismo na ilha. Esta foi uma das tentativas de buscar um caminho alternativo para o desenvolvimento do Caribe, novamente ameaçado por invasões estadunidenses (GOTT, 2006, p. 305-306).

O guevarismo e a vitória da Revolução Sandinista também encorajaram movimentos guerrilheiros em El Salvador<sup>39</sup> e na Guatemala. Em El Salvador, a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMNL) iniciou uma luta armada em defesa da democracia e pela derrubada da ditadura militar no país. A FMNL recebeu apoio material tanto de Cuba quanto da Nicarágua. Na Guatemala, a União Revolucionária Nacional Guatemalteca (URNG) resgatou tradições indígenas e conseguiu se estabelecer em comunidades camponesas. Mas com a derrota eleitoral do sandinismo e a mudança da conjuntura política internacional, o fim da Guerra Fria e da União Soviética, os movimentos guerrilheiros decidiram aceitar acordos de paz (LÖWY, 2006, p. 58).

Cabe apontar a criação da Junta de Coordenação Revolucionária (JCR) no início da década de 1970, considerada por Silva como o momento do auge do internacionalismo revolucionário. Composta por grupos de esquerda sul-americanos, a organização representou uma tentativa de concretizar o projeto internacionalista de Che Guevara (SILVA, 2021, p. 104).

---

<sup>39</sup> Os feitos da Revolução Sandinista e a situação em El Salvador ajudaram a modificar a visão soviética em relação à América Central e a luta armada (REYES, 1990, p. 99).

Mas já na segunda metade da década de 1970, a JCR e quase todas as organizações já estavam dissolvidas e a maioria de seus militantes estavam presos ou exilados (SILVA, 2021, p. 113).<sup>40</sup>

Vale ressaltar também o significado da Revolução Cubana para experiências políticas mais recentes. Araujo e Silva (2019) destacam os usos do imaginário e dos ideais da Revolução pelos governos da chamada “onda rosa”.<sup>41</sup> Isso fica evidente quando examinam o caso do chavismo na Venezuela. Segundo os autores, Hugo Chávez via Fidel Castro como uma das principais referências para a realização da luta por soberania, justiça social e unidade latino-americana. Inclusive, um lema simbólico dos discursos de Castro, o “Patria o Muerte”, foi recorrentemente manuseado em períodos de lutas políticas. E a parceria das duas nações não se deu apenas por motivações revolucionárias. Houve objetivos políticos na relação, como a cooperação econômica e a integração regional.

Nesta seção, portanto, fiz uma breve exposição do internacionalismo cubano, citando o simbolismo e os impactos políticos e sociais da Revolução na América Latina. Fica claro que Cuba inspirou diversos grupos de esquerda na luta contra ditaduras. Consolidou uma cultura política guerrilheira, promoveu uma internacionalização da mobilização e estabeleceu relações próximas com países caribenhos, buscando aliados no continente. As próprias declarações de Havana de 1960 e 1962 representaram não apenas a defesa dos interesses cubanos, mas as reivindicações dos povos de todo o continente.

Apesar desse apoio direto, as revoluções na América acabaram sendo derrotadas rapidamente ou nos anos seguintes. Mas mesmo assim discordo do posicionamento de Eduardo Mizukami e Marcelo Buzetto (1998, p. 78) de que a Revolução Cubana permanece incompleta devido à derrota dessas esquerdas. Defendo que o internacionalismo não estava relacionado apenas à exportação da Revolução e do método de guerrilha de forma bem-sucedida.

O internacionalismo, para além da questão da luta armada, estava no apoio aos setores de saúde e educação dos países vizinhos e na valorização do potencial da região. Também estava relacionado aos impactos na intelectualidade, à circulação de ideias em eventos internacionais

---

<sup>40</sup> Os golpes de Estado na Bolívia em 1971, no Chile e no Uruguai em 1973, na Argentina em 1976 e o aumento da repressão restringiram a atuação das esquerdas e muitos militantes partiram para o exílio que seria marcado pela fragmentação política e pelas dificuldades de comunicação (SILVA, 2021, p. 105-106).

<sup>41</sup> A expressão “onda rosa” se refere ao período de ascensão de lideranças políticas de esquerda e de centro-esquerda na América Latina no início século XXI. A partir da eleição de Hugo Chávez para a presidência da Venezuela em 1998, houve uma sucessão de vitórias, incluindo a de Evo Morales na Bolívia, de Rafael Corrêa no Equador, de Nestor e Cristina Kirchner na Argentina e de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff no Brasil. Nas experiências mais radicalizadas, como as da Bolívia, Equador e Venezuela, a história da Revolução Cubana foi resgatada nos discursos e nos programas políticos. Os traços nacionalistas, pró-socialistas, anticolonialistas, antiimperialistas e de soberania nacional, que pareciam esquecidos nos anos neoliberais, foram constantemente retomados e ressignificados (ARAUJO; SILVA, 2019, p. 275-276).

e discursos de Castro, à renovação do significado de revolução e das correntes marxistas e às influências nos governos da onda rosa e nas esquerdas atuais. Foram esses aspectos que atestaram o sucesso da Revolução e que refletem seus impactos na América Latina e no Caribe. As ideias da Revolução permaneceram em nosso espírito revolucionário e imaginário político e, como afirmou Martí, “trincheiras de ideias valem mais do que trincheiras de pedra”.

Até aqui, portanto, já conhecemos as principais características da Revolução Cubana, seu contexto e seus impactos na região. Uma revolução nacional e contra a ordem que inovou ao tentar integrar a região e que se solidarizou com outras realidades. Buscou, acima de tudo, fortalecer nosso continente diante do imperialismo norte-americano. Também foram apresentadas as principais referências sobre o tema e o que tem sido investigado sobre o processo revolucionário.

Sendo assim, a partir de agora posso focar nos discursos de Fidel Castro e analisar as influências dos ideais políticos de José Martí, seguindo o método da Análise do Discurso. As próximas seções correspondem aos três primeiros anos da Revolução Cubana: “1959: o ano da libertação”, “1960: o ano da reforma agrária” e “1961: o ano da educação”. Em cada parte, há uma breve descrição do contexto nos quais os atos de fala foram proferidos, destacando os principais fatos e medidas tomadas em cada ano. A partir disso, analiso e reproduzo trechos de discursos de Fidel Castro e pretendo demonstrar a permanência das influências do pensamento martiano.

#### **2.4 1959: o ano da libertação**

Em 1959, ocorreu a vitória da Revolução Cubana, após anos de luta armada e de mobilização de diversos grupos sociais. A fuga de Fulgêncio Batista e a tomada do poder político por parte dos revolucionários representou a tão sonhada libertação do povo cubano. Já nos primeiros meses, o governo revolucionário se empenhou em fazer reformas, entre elas a reforma agrária, e trabalhou na consolidação do novo poder político. Foi um período de criação de novas ideias, de planejamento de novas estruturas de longo prazo e de ruptura com a ordem burguesa, capitalista e anti-imperialista. Segundo Navarro:

“En esta primera etapa de la Revolución, desde los días iniciales de enero de 1959 hasta finales de 1960 y principios de 1961, se toman numerosas medidas indispensables para convertir en realidad el viejo sueño de independencia económica, soberanía política, democracia real y justicia social que movió a nuestros más

preclaros mambises del siglo XIX, a los luchadores populares durante la república neocolonial y que guió a Fidel Castro y al grupo de dirigentes revolucionários que encabezaron la lucha contra la tiranía de Batista” (NAVARRO, 2010, p. 7).

Como parte desse processo, e uma forma de comunicação direta com a população, os discursos de Castro refletiram muitas dessas questões. Chegavam a atrair milhares de pessoas em praças, estádios e instituições públicas e consolidaram Castro como um dos líderes mais populares em Cuba e na América Latina. Segundo Andréa Schactae (2017, p. 4), voltar o olhar para essas fontes é fundamental para compreender as narrativas sobre a Revolução Cubana e o significado das políticas implementadas no período. Portanto, para analisar a influência dos ideais políticos de José Martí no processo revolucionário, é coerente recorrer à essa documentação.

Na linguagem desses discursos pode-se perceber paradigmas das décadas de 1950 e 1960. Entre eles, a questão da polarização da Guerra Fria, a descolonização de países africanos e asiáticos e a necessidade de fazer circular ideias sobre a revolução e evitar o isolamento. Mas apesar de estar em outro contexto, Castro se apropriou de expressões e metáforas que estavam presentes em “Nuestra América” e no pensamento de Martí em geral. Muitas palavras, termos e formas de falar de política foram resgatados da linguagem de Martí. Como veremos a seguir, mesmo quando seus ideais políticos não estavam explícitos nos discursos, fica subentendida a influência de Martí na formulação de ideias e medidas revolucionárias.

As tropas vitoriosas de Che Guevara e Camilo Cienfuegos chegaram em Havana no dia 1º de janeiro de 1959 e foram recebidas com grande entusiasmo popular. Esta data passaria a ser comemorada como a realização plena dos anseios de emancipação nacional acumulados desde as lutas pela independência (RODRIGUES, 2021, p. 421). Já percebendo a importância da data, Fidel Castro partiu em uma peregrinação de Santiago até Havana, a “Caravana de la Libertad” (NAVARRO, 2010, p. 2-3). Viajou toda a extensão da ilha ao longo de uma semana, realizando comícios, discursos e percorrendo trajetos em carros abertos para criar proximidade com a população. Castro chegou em Havana no dia 8 de janeiro (GOTT, 2006, p. 193).

Em frente ao Parque Céspedes de Santiago, no dia 1º de janeiro, Castro fez seu primeiro pronunciamento diante da vitória iminente da Revolução. Se direcionando à população da cidade, proclamou a tomada do poder pelo governo provisório, no qual assumiu, inicialmente, o cargo de comandante das forças armadas (NAVARRO, 2010, p. 3). Castro escolheu Santiago em reconhecimento à participação na luta em Sierra Maestra e para deixar claro que a humilhação infligida à Cuba em 1898 não se repetiria (GOTT, 2006, p. 190). Anunciou que:

“esta vez no se frustrará la Revolución [...] Esta vez, por fortuna para Cuba, la

Revolución llegará de verdad al poder. No será como en el 95 que vinieron los americanos y se hicieron dueños de esto [...] esta generación cubana ha de rendir, y ha rendido ya, el más fervoroso tributo de reconocimiento y de lealtad a los héroes de nuestra independencia. Los hombres que cayeron en nuestras tres guerras de independencia juntan hoy su esfuerzo con los hombres que han caído en esta guerra; y a todos nuestros muertos en las luchas por la libertad podemos decirles que por fin ha llegado la hora en que sus sueños se cumplan”.<sup>42</sup>

Neste trecho, Castro enfatizou que pretendia realizar os sonhos daqueles que lutaram pela independência, que daquela vez a Revolução seria completa. Estabeleceu uma noção de continuidade e de lealdade com as guerras do século XIX, não só em relação aos ideais semelhantes, mas comparando os esforços e a rebeldia das gerações do passado e do presente. A partir dessa aproximação entre a Revolução Cubana e o passado anticolonial, Castro teve a intenção de legitimar sua Revolução, mostrá-la como um movimento autêntico e verdadeiro que seguiu o caminho de outros movimentos já reconhecidos. E ao elogiar a rebeldia de sua geração, pretendeu despertar a identidade nacional e o anti-imperialismo, e principalmente, afirmar que os homens daquele contexto poderiam se reconhecer nos seus heróis do passado.

Esse passado foi constantemente lembrado nos discursos deste ano. Segundo Elizabeth Jelin (2017), o ato de recordar é a maneira pela qual os sujeitos constroem um sentido de passado, um passado que se atualiza na sua relação com o presente e com o futuro desejado (JELIN, 2017, p. 15). Michael Pollak (1989) afirma que toda reconstrução política pressupõe reinterpretação do passado. Por isso, na Revolução Cubana, essas reinterpretações são determinadas por uma intencionalidade e elaboradas por atores sociais em cenários de luta política frente a outras versões do passado.

Nesse contexto, Martí já era uma figura familiar entre os cubanos. Era visto como um libertador do século XIX e sua imagem ainda estava presa àquele período. Após 1959, ele foi escolhido pelo governo revolucionário para representar a libertação de Cuba. Mais do que isso, ele passou a ser usado como símbolo da Revolução, da sua memória oficial e do compromisso com o futuro de soberania. Passou a ser nomeado como Apóstolo, um enviado que havia previsto a revolução e tido contato com os guerrilheiros, cabendo a Fidel completar a sua missão. Assim, era retratado como uma figura próxima que estava testemunhando os acontecimentos e concordando com as medidas revolucionárias.

Segundo Jelin, durante a construção de uma memória oficial, os políticos costumam “presentar una narrativa del pasado en los escenarios públicos de su actuación, y luchan por imponer su versión del pasado como la dominante y convertirla en hegemónica, legítima,

---

<sup>42</sup> Discurso proferido no Parque Céspedes, Santiago de Cuba, em 1º de janeiro de 1959. Disponível em: <<<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f010159e.html>>>. Acesso em: 2 de maio de 2023.

‘oficial’ [...] uma narrativa que logre consenso” (JELIN, 2017, p. 17-18). Na Revolução, essa memória oficial tornava mais fácil o trabalho de construção de um novo governo. Era uma estratégia para legitimar a Revolução e esquecer o que se deixava de lado, como por exemplo as imagens de grandes proprietários de terra, banqueiros e imperialistas associadas à ditadura de Batista.

Através de uma narrativa dominante, os revolucionários buscavam dar sentido ao que estavam fazendo pelo país. Nesses casos, mais do que presa ao passado, a essência revolucionária do país, personificada em Martí, estava viva. A população se identificava com ele e sentia que ele estava presente, personificado em uma imagem no centro da Praça da Revolução, aprovando a atuação dos cubanos e do governo revolucionário. E nos anos seguintes, a construção dessa memória foi mudando e se consolidando, se adaptando aos novos tempos, como veremos mais adiante.

Essa memória oficial também é um fenômeno construído coletivamente e sujeito a mudanças. Partindo dessa ideia de Maurice Halbwachs, Michael Pollak (1989; 1992) define os elementos da memória coletiva e sua construção. Essa memória resume a imagem que uma sociedade ou um Estado desejam passar e impor, é uma operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar. Por isso, a memória coletiva fortemente constituída é a memória nacional, criada a partir de pontos de referência, como monumentos e a produção de discursos em torno de grandes personagens (POLLAK, 1989, p. 9-10).

Além dos acontecimentos vividos pessoalmente, a memória é constituída por pessoas que não pertenceram ao espaço-tempo da população. Essas personagens se transformaram quase que em “conhecidos”, de tanto que foram lembradas por sucessivas gerações (POLLAK, 1992, p. 201-202). Neste caso, Martí era sentido e evocado como um contemporâneo. A memória também é formada por lugares públicos de comemoração. Nesses locais, os monumentos aos mortos, por exemplo, servem de base para um período que as pessoas “viveram por tabela”, que estava presente no imaginário, como a guerra de independência (POLLAK, 1992, p. 201-202). Mas cumpre notar que Paul Ricoeur (2007), analisando as ideias de Pierre Nora, destaca que os lugares de memória não se resumem apenas às localidades e comemorações. Incluem diversos tipos de inscrições, como calendários, documentos, arquivos e museus (RICOEUR, 2007, 415).

Ainda no discurso de 1º de janeiro, Castro fez referência ao Pelotão Feminino Mariana Grajales. Criado em 1958, o quadro era composto apenas por mulheres e homenageava a guerrilheira que atuou na luta pela independência. Grajales foi um dos símbolos da mulher

cubana, de seu trabalho patriótico, de entrega à luta armada e de transmissão da autoconsciência nacional (LOYOLA VEGA, 2002, p. 360-361). Castro exaltou a força e a atuação das mulheres combatentes, igualando-as aos homens no espaço da guerra. Mas a luta armada permaneceu como espaço de poder dos homens e eles cediam parte desse espaço para as melhores soldados (SCHACTAE, 2017, p. 9).

A imagem da mulher guerrilheira nas lutas de independência foi essencial para o discurso oficial cubano, consagrando uma definição de nacionalismo e de lealdade feminina à nação (STONER, 2003 apud MULLER, 2021, p. 302-303). Mesmo assim, o papel das mulheres guerrilheiras foi um tema pouco abordado nos discursos de Castro, sendo retomado apenas em discursos dirigidos ao público feminino.

Em 4 de janeiro, durante sua passagem por Camagüey, Castro fez um pronunciamento para uma multidão reunida na praça da cidade. Em seu discurso, enalteceu as qualidades do povo e citou o Apóstolo para explicar o que seria uma boa política para ele: “la política como la entendía nuestro Apóstol: la política comunitaria, al servicio de la colectividad [...] como decía nuestro Apóstol, ‘todas las glorias caben en un grano de maíz’”.<sup>43</sup> Através dessa metáfora, Castro teve a intenção de criar uma imagem para si e para os dirigentes revolucionários, como homens honestos, à serviço do povo e que cumpririam seu papel sem ambições pessoais. Como foi explicitada por ele, a vontade de grandeza na política também foi criticada por Martí, considerando que os políticos não deveriam sacrificar seus ideais por ganância e egoísmo.

Dias depois, em 7 de janeiro no Parque La Libertad, em Matanzas, Castro falou sobre a derrubada da ditadura de Batista e a recuperação da liberdade e dos direitos do povo como propósitos da Revolução: “los derechos - como dijo el Apóstol - se toman, no se mendigan; se arrancan, no se piden.”<sup>44</sup> Mas supondo que a Revolução não tivesse sido vitoriosa, afirmou que se poderia declamar “los versos del Apóstol, que morir por la patria es vivir”.<sup>45</sup> Nestes trechos, fica claro que Castro tentou justificar as ações revolucionárias e despertar o nacionalismo e o

---

<sup>43</sup> Metáfora recorrente nos discursos. Cabe destacar que o milho é uma das principais fontes de alimento dos povos centro-americanos até hoje e era evocada por Martí como um símbolo da história e da realidade dos povos autóctones (STRECK, 2008, p. 34). Discurso proferido na Praça da Cidade de Camagüey, em 4 de janeiro de 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f040159e.html>>. Acesso em: 3 de maio de 2023.

<sup>44</sup> Discurso proferido no Parque La Libertad da cidade de Matanzas, a caminho de Havana, em 7 de janeiro de 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f070159e.html>>. Acesso em 3 de maio de 2023.

<sup>45</sup> Discurso proferido no Parque La Libertad da cidade de Matanzas, a caminho de Havana, em 7 de janeiro de 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f070159e.html>>. Acesso em 3 de maio de 2023.

sacrifício pela pátria. Para isso, se apropriou do símbolo e da linguagem de Martí.

Na semana seguinte à sua chegada em Havana, Castro fez um discurso no Clube Rotario para membros do governo revolucionário, incluindo o presidente Manuel Urrutia, dirigentes do clube e jornalistas. Na sua fala, mostrou que não estava disposto a se submeter às ordens dos Estados Unidos e que não era comunista, como já afirmavam os norte-americanos. Explicou que: “Hacemos aquí en nuestra patria lo mismo que estarían haciendo en este momento Maceo, Máximo Gómez, Martí y todos los que nos dieron nuestra independencia”.<sup>46</sup>

Neste fragmento, Castro teve a intenção de mostrar o caráter libertário, nacionalista e anti-imperialista da Revolução e buscou fugir da polarização da Guerra Fria, das disputas entre capitalistas e socialistas. Se afirmava como uma terceira via, cubana e latino-americana (BANDEIRA, 2009, p. 227). Mesmo citando Martí nessa ocasião, percebo que seu simbolismo não foi tão enfatizado e que não foi citado com tanto apelo emocional quanto nos discursos para a população em geral.

No dia 13 de março, no Estádio Universitário, Castro também se direcionou ao presidente, membros do governo e à população. Neste discurso, falou sobre a intelectualidade cubana e deixou claro que sua geração que foi à universidade aprendeu com os líderes da independência e assim pôde desenvolver ideias revolucionárias.<sup>47</sup> Mesmo sendo criada em ambientes escolares adversos, marcados pelos valores norte-americanos, afirmou que: “esta generación supo beber en la fuente de nuestra historia, en el heroísmo de los Ignacio Agramonte, de los Antonio Maceo, de los José Martí”.<sup>48</sup>

Fica evidente a construção de uma imagem para esta geração da Revolução Cubana, como guerrilheiros que se inspiraram nas lutas dos líderes mais radicais da independência. O uso do simbolismo de Martí, Maceo e Agramonte, citados inclusive com os artigos no plural, foi uma forma de criar uma identidade para os revolucionários, associada não apenas aos revolucionários da independência, mas a todos que se inspiraram neles. Essa identidade os fortaleceria enquanto grupo e os manteria motivados a defender a Revolução quando fosse preciso.

Esse discurso reforçou também que os jovens rebeldes que tomaram o poder receberam

---

<sup>46</sup> Discurso pronunciado no Clube Rotario de Havana em 15 de janeiro de 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f150159e.html>>. Acesso em: 3 de maio de 2023.

<sup>47</sup> Tendo em mente o método de Skinner, pode-se atestar a influência de Martí em Castro, que este estudou suas obras, se referiu explicitamente a ele, não poderia ter encontrado as ideias em outra geração de autores e que não poderia ter chegado a essas doutrinas sozinho.

<sup>48</sup> Discurso proferido no Estádio Universitário, 13 de março de 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f130359e.html>>. Acesso em: 4 de maio de 2023.

a melhor educação possível e estavam se guiando pelo modelo revolucionário original e legítimo dos heróis do passado. Mostrou que o novo governo era lógico e coerente, válido de estar no poder, pois conhecia a história local e os elementos naturais que constituem seu país.<sup>49</sup> Sendo assim, o governo revolucionário foi mostrado como uma realização do governo considerado ideal por Martí.

Na palestra realizada na Universidade Marta Abreu, em Santa Clara, o dirigente revolucionário falou sobre os investimentos em educação. Logo no início do discurso, para estabelecer uma proximidade com o público, ressaltou o patriotismo daquela região, cenário das principais batalhas da guerra de independência. Enfatizou que: “el Estado revolucionario está dispuesto a invertir lo que sea necesario a fin de crear universidades que tengan todos los medios para producir los profesionales que necesita la pátria”.<sup>50</sup> Nessa passagem, Castro resgatou a necessidade de ruptura com a “falsa erudição” e de criação da universidade americana.<sup>51</sup> Esta deveria tratar de “temas nossos”, úteis para formar cidadãos e profissionais capazes de se adaptar aos elementos naturais.

No dia seguinte, em uma assembleia no Colégio Nacional de Medicina, Castro destacou a dificuldade de falar para um auditório tão complexo, formado por representantes do Grupo de Instituições Cívicas. Apontou que: “es necesario que nosotros hagamos de alguna manera útil [...] la sangre de Martí [...] Muchas cosas que aquí parecían un sueño ayer [...] hoy se han convertido en leyes. Si trabajamos lo podremos todo”.<sup>52</sup> A partir desta passagem, pode-se afirmar que Castro tinha a intenção de motivar a população a honrar a memória e os sonhos de Martí através de leis revolucionárias. Isso significava mobilizar a população para o trabalho, principalmente no campo, e para a construção de uma nova sociedade, como um dever de todos: “siempre recuerdo aquella frase de Martí que decía, que el verdadero hombre no mira de qué lado se vive mejor, sino de qué lado está el deber. Ese es el único hombre práctico, cuyo sueño

---

<sup>49</sup> Sobre o governo lógico, ver as páginas 50 e 51 do capítulo 1.

<sup>50</sup> Palestra proferida na Universidade Central "Marta Abreu", Santa Clara, Las Villas, em 15 de março de 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f150359e.html>>. Acesso em: 4 de maio de 2023.

<sup>51</sup> Ver as páginas 50 e 51 do capítulo 1.

<sup>52</sup> Discurso proferido na Sessão Plenária realizada pela Comissão Mista das Instituições Cívicas Cubanas, na Sala da Assembleias do Colégio Nacional de Medicina, em 16 de março de 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f160359e.html>>. Acesso em: 4 de maio de 2023.

de hoy será la ley de mañana”.<sup>53</sup>

Além da questão educacional e libertária, cabe destacar a questão da igualdade racial que foi colocada em pauta nos discursos no início de 1959. Em março, após um ataque no qual sofreu o guarda-costas de Che Guevara, Castro convocou uma campanha contra o racismo (GOTT, 2006, p. 200). Segundo Navarro (2010) e Aviva Chomsky (2015), a superação da discriminação e das desigualdades raciais foi uma das prioridades do governo revolucionário. Navarro considera que a Revolução erradicou a discriminação racial, argumentando, principalmente, que o governo colocou em uso público áreas costeiras que antes eram permitidas apenas às pessoas brancas (NAVARRO, 2010, p. 12).

Mas por outro lado, existem as perspectivas críticas sobre o assunto. Segundo Giselle Cristina dos Anjos Santos (2021), o governo revolucionário não desenvolveu políticas para a superação do racismo e ainda extinguiu associações identitárias negras, como as “Sociedades de Instrucción y Recreo de Pardos y morenos”, existentes desde 1878. A revolução também não trabalhou na desconstrução de estereótipos racistas, associados, principalmente, às mulheres negras, representadas constantemente de forma sexualizada e subalternizada.

A autora também aponta a repressão sofrida por adeptos de religiões de matriz africana e por intelectuais como Walterio Carbonell, após a publicação de seu livro “Cómo surgió la cultura nacional” em 1961,<sup>54</sup> visto como uma postura contrária aos discursos dos líderes revolucionários. Foi nesse sentido que Júlio César Guanche (2011) questionou a estratégia da unidade revolucionária como unanimidade. Para ele, durante a Revolução este entendimento limitou as possibilidades democráticas e silenciou a diversidade na ilha.

No dia 22 de março, no Palácio Presidencial, se direcionando ao povo de Cuba, Castro afirmou que uma das principais batalhas da Revolução era justamente vencer o racismo. Reconheceu que esse era um problema estrutural, oriundo dos séculos de escravidão e colonização, valorizou a mestiçagem, criticou a noção de pureza racial e garantiu que a Revolução daria acesso aos negros ao mercado de trabalho. Para convencer o público de suas intenções e, principalmente, formar sua própria imagem de um líder comprometido com essas pautas, afirmou: “todo el mundo sabe que no soy demagogo, todo el mundo sabe que odio la

---

<sup>53</sup> Discurso proferido na Sessão Plenária realizada pela Comissão Mista das Instituições Cívicas Cubanas, na Sala da Assembleias do Colégio Nacional de Medicina, em 16 de março de 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f160359e.html>>. Acesso em: 4 de maio de 2023.

<sup>54</sup> Como foi visto no capítulo anterior, Carbonell discutia a participação dos negros na formação da cultura nacional e a permanência de uma concepção burguesa de cultura na Revolução. Defendeu a necessidade de tratar a desigualdade racial mesmo depois dos discursos sobre a sua erradicação (SANTOS, 2021, p. 268 apud CARBONELL, 2008).

demagogia, todo el mundo sabe que jamás toco un problema si no lo siento [...] si no lo hago con absoluta honradez”.<sup>55</sup>

Na sua argumentação, destacou que: “No debiera ser necesario dictar una ley contra un prejuicio absurdo [...] vamos a ponerle fin a la discriminación racial en los centros de trabajo, haciendo una campaña para que se ponga fin a ese odioso y repugnante sistema”.<sup>56</sup> A partir dessa campanha, o preconceito racial, e até falar sobre ele, passou a ser vinculado à uma postura anti-igualitária e, conseqüentemente, contra-revolucionária (SANTOS, 2021, p. 274). Mas como o próprio Castro afirmou, não foram criadas leis efetivas ou sanções penais contra o racismo. Foi feita apenas uma campanha pela igualdade, uma proposta discursiva de não-discriminação com sentido abstrato e que não surtiu efeito (SANTOS, 2021, p. 274-275).

Sobre esse tema, considero que Castro tinha conhecimento dos ideais de igualdade racial desenvolvidos por Martí. Mesmo não citando diretamente seu nome, é inegável que o discurso estava permeado pelas noções de mestiçagem, de modelos políticos que incorporassem os negros e críticas à ideia de inferioridade racial.<sup>57</sup> Essas questões faziam parte da linguagem política de Martí, do seu projeto de sociedade e estavam relacionadas à conduta que deveria ser tomada pelos bons políticos após a independência.

Nesse sentido, acredito que Castro teve acesso a esse pensamento antirracista, mas que não buscou verdadeiramente se engajar no tema racial. Mas é importante deixar claro que Castro não era uma exceção. O tema racial não mobilizava as esquerdas da década de 1960, esse debate não era forte na época, como era a questão agrária, por exemplo. Como um homem de seu tempo, suas decisões e discursos sobre o assunto foram escassos e pontuais. Dessa forma, qual era a intenção de falar sobre o racismo nessas ocasiões específicas?

O racismo foi abordado em atos de fala direcionados, principalmente, ao povo em geral, com grande presença de negros. E isso ocorreu logo nos primeiros meses após a vitória da Revolução. Castro tentou buscar o apoio dessa ampla parcela da população e criar a figura de um líder que pregava a igualdade. Mas como vimos, suas ações não foram condizentes com seus discursos, diferentemente de Martí que criou uma nova forma de abordar o assunto e propôs novas ideias, se contrapondo às teorias da época. Mais uma vez, os ideais políticos de Martí foram usados como estratégia de legitimação do poder, se limitando ao plano discursivo

---

<sup>55</sup> Discurso proferido no Palácio Presidencial em 22 de março de 1959. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f220359e.html>. Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

<sup>56</sup> Discurso proferido no Palácio Presidencial em 22 de março de 1959. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f220359e.html>. Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

<sup>57</sup> Sobre a questão racial, ver as páginas 54 e 55 do capítulo 1.

e não à prática.

Entre os meses de abril e maio, Castro fez uma série de viagens internacionais. Essa era a sua segunda viagem como líder revolucionário, a primeira foi em janeiro, para a Venezuela. Três meses depois, foi para os Estados Unidos, Canadá, Argentina e Uruguai. Nos países sul-americanos, seus discursos foram, principalmente, sobre o tema da unidade latino-americana (NAVARRO, 2010, p. 48). Já nos Estados Unidos, enfatizou os ideais nacionalistas da Revolução, já que foi questionado constantemente sobre o caráter da Revolução e a sua relação com os comunistas (MIZUKAMI; BUZETTO, 1998, p. 70). No geral, os discursos desse período refletiram a questão do internacionalismo e buscaram mobilizar as opiniões públicas a favor da Revolução.

No discurso em Nova York, o revolucionário se direcionou a todos os americanos, incluindo cubanos, latino-americanos e norte-americanos. Iniciou sua fala afirmando que aquela era uma noite histórica, um dos maiores atos políticos da história de Nova York, reunindo muitos estrangeiros, mas também um número considerável de norte-americanos. Justamente no país que naquele momento já organizava campanhas difamatórias e ataques contra Cuba (NAVARRO, 2010, p. 23-24). Isso mostrava, principalmente, a capacidade de Fidel Castro em atrair as massas, para além do apoio ou não à Revolução. Ele era visto como porta-voz de uma nova forma de fazer política, uma política libertária e independente da polarização da Guerra Fria.

Neste discurso, Castro criticou as intervenções históricas dos Estados Unidos em Cuba e as relações comerciais injustas com os países latino-americanos (NAVARRO, 2010, p. 48). Nesse sentido, afirmou que a Revolução se tornou uma esperança para o continente, preparando o terreno e conscientizando os povos para uma luta continental que libertasse a América Latina do imperialismo. Para convencer o público, falou sobre seu internacionalismo e esclareceu os fatos e ideais da Revolução nacional:

“Hagamos lo que hicimos en Cuba: conquistar pueblo. Fue posible nuestra victoria, porque unimos a todos los cubanos de todas las clases y sectores en una sola aspiración [...] Y unamos a todos los pueblos del continente en una gran aspiración continental. Esta es la doctrina de nuestra Revolución. Nuestra Revolución es una revolución de mayorías. [...] Nuestra Revolución lo primero que hizo fue unir a toda la nación en un gran anhelo nacional y nuestra Revolución desea que también los pueblos de América se reúnan en un gran anhelo americano. Nuestra Revolución practica el principio democrático, pero una democracia humanista. [...] Humanismo significa justicia social con libertades [...] democracia real, derechos humanos con satisfacción de las necesidades del hombre [...] Gobierno de pueblo sin dictadura y sin oligarquía. Libertad con pan, pan sin terror, ese es el humanismo”.<sup>58</sup>

---

<sup>58</sup> Discurso proferido no Central Park de Nova York, Estados Unidos, em 24 de abril de 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f240459e.html>> Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

Esta declaração de Castro pagou um alto tributo ao pensamento libertário e nacionalista de Martí. Ele falou abstratamente em união dos povos latino-americanos, liberdade, democracia, justiça social, humanismo e direitos humanos, princípios que encontramos no pensamento de Martí.<sup>59</sup> Estes ideais políticos também estavam relacionados à qualidade de vida, aos meios de conseguir comida, ao respeito à dignidade do homem e ao próprio caráter da Revolução (MIZUKAMI; BUZETTO, 1998, p. 71). Esses aspectos, e o próprio discurso de Fidel, faziam parte do ideal internacionalista de circulação de ideias e de renovação do significado de revolução. Pensando, principalmente, no público latino-americano, Castro buscou engajar e conquistar apoio para a Revolução.

Nessa ocasião, também ficou claro o resgate de uma linguagem política muito parecida com a de Martí em “Nuestra América”. Em outros trechos, reforçou a necessidade de união dos povos latino-americanos, como aqueles que possuem raízes em comum e que vão lutar juntos:<sup>60</sup> “nosotros somos esclavos no de un deber cubano, sino de un deber americano; somos esclavos de un anhelo de todos los pueblos de nuestra América”.<sup>61</sup> Assim, “los cubanos, dondequiera que estemos, seremos solidarios con los anhelos de liberación de nuestros hermanos oprimidos”.<sup>62</sup> Para isso, ressaltou a importância de os Estados Unidos conhecerem a Nuestra América, para que não a desprezassem e não intervissem:<sup>63</sup> “El valor de esta concentración es lo que significa de esperanza futura [...] se abra paso para encontrar comprensión para que nos entiendan mejor, para que se nos trate mejor”.<sup>64</sup>

Em Buenos Aires, no dia 2 de maio, Castro participou de um encontro sobre economia com membros do governo. Na ocasião, falou sobre a necessidade de soluções para os problemas econômicos da América Latina: “podremos elevar extraordinariamente nuestros niveles si explotamos nuestros recursos naturales, si creamos un mercado interno en cada nación y un

---

<sup>59</sup> Em outras passagens também fez referência à amizade, solidariedade e compreensão.

<sup>60</sup> Ver a página 49 do capítulo 1.

<sup>61</sup> Discurso proferido no Central Park de Nova York, Estados Unidos, em 24 de abril de 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f240459e.html>> Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

<sup>62</sup> Discurso proferido no Central Park de Nova York, Estados Unidos, em 24 de abril de 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f240459e.html>> Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

<sup>63</sup> Ver a página 55 do capítulo 1.

<sup>64</sup> Discurso proferido no Central Park de Nova York, Estados Unidos, em 24 de abril de 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f240459e.html>>. Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

mercado común entre todas nuestras naciones.”<sup>65</sup> Essas soluções, consideradas por ele adequadas e úteis, deveriam estar pautadas na valorização de elementos nacionais e na criação de novas ideias, como afirmava Martí.<sup>66</sup>

Sobre esse assunto, considerou que: “no veo cómo pueda separarse el ideal económico del ideal político [...] si resolvemos nuestros problemas económicos estaremos estableciendo las verdaderas bases para una democracia humanista”.<sup>67</sup> Este fragmento também nos remete ao pensamento plural e diverso de Martí que articulava economia, política e relações internacionais para criar um horizonte possível para o continente.

Dias depois, em Montevidéu,<sup>68</sup> Castro enfatizou que a união latino-americana era a melhor forma de alcançar a liberdade e a autonomia política e econômica do continente. Para validar seu argumento, garante que “si se presentaran hoy ante nosotros, desde Bolívar hasta Martí [...] nos reprocharían al ver cómo nos encontramos todavía y se preguntarían si esta es la América que ellos soñaron, grande y unida”.<sup>69</sup> O uso dos nomes de Martí e Bolívar foram estratégicos aqui. Como afirma Silva Júnior, a figura de Martí, principalmente, se prestou à constituição de uma identidade que superou o contexto cubano, envolveu toda a América Latina. E mais do que marcar a unidade dos povos explorados, estabeleceu um inimigo em comum, os Estados Unidos e sua política imperialista (SILVA JÚNIOR, 2012, p. 70).

Assim, Castro recorreu aos líderes libertários como símbolos que não poderiam ser decepcionados e que, se estivessem lá, estariam reprovando a conduta dos latino-americanos. É interessante destacar o uso da expressão “si se presentaran hoy ante nosotros”, para que as pessoas realmente imaginassem aquelas figuras lá, presentes no ato, e qual seria a opinião delas sobre o que estava acontecendo no continente. Esse discurso mostrou, mais uma vez, a noção de proximidade que Castro tentava criar entre o público e os líderes da independência.

---

<sup>65</sup> Discurso proferido ao Conselho Econômico do dia 21, no Palácio da Indústria e Comércio de Buenos Aires, em 2 de maio de 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f020559e.html>>. Acesso em: 5 de maio de 2023.

<sup>66</sup> Sobre a criação de novas ideias, ver a página 52 do capítulo 1.

<sup>67</sup> Discurso proferido ao Conselho Econômico do dia 21, no Palácio da Indústria e Comércio de Buenos Aires, em 2 de maio de 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f020559e.html>>. Acesso em: 5 de maio de 2023.

<sup>68</sup> No discurso de 21 de junho, em Santa Clara, Castro relembrou sua viagem pela América do Sul e destacou que a cidade mais bem organizada foi Montevidéu. Segundo ele, havia uma multidão de cem mil pessoas ouvindo o discurso e todas prestavam atenção (Discurso proferido na Cidade de Santa Clara, em 21 de junho de 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f210659e.html>>. Acesso em: 11 de maio de 2023).

<sup>69</sup> Discurso proferido na Esplanada Municipal de Montevidéu, Uruguai, em 5 de maio de 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f050559e.html>>. Acesso em: 21 de dezembro de 2022.

Nesse sentido, Martí também foi citado diretamente nas seguintes passagens: “solo unidos podemos lograr las grandes ansias de América [...] Nuestra América, la que decía Martí, la América que sustenta los mismos sentimientos, que habla el mismo idioma”<sup>70</sup> e “todas las glorias del mundo, como dijera nuestro Apóstol Martí, caben en un grano de maíz. [...] Ni Cuba ni sus líderes sacrificarán jamás grandes ideas ni grandes sueños a ambiciones bastardas”.<sup>71</sup>

Neste último trecho, pode-se perceber a utilização da metáfora do milho e da noção de “trincheiras de ideias” que fazem parte da própria linguagem política de Martí.<sup>72</sup> Criando essa identificação com os ideais de um herói do século XIX, reconhecidos e reverenciados em outros países da América Latina, Castro garantiu a formação de uma imagem para si como um homem público honesto e dotado de ideais. Isso gerou a credibilidade de seu poder assim como conseguiu a projeção internacional dos valores da Revolução, pautados em Martí.

Outro ponto importante é que nesse discurso Castro se direcionou ao público como “irmãos do Uruguai”, estabelecendo um sentimento de proximidade e igualdade com seus ouvintes. Assim, tentou conscientizar o público da importância da união da América Latina e do apoio que o Uruguai poderia oferecer a Cuba. Cabe mencionar que esse discurso foi muito bem recebido pelo público, como indicam as exclamações e aplausos entre parênteses no discurso transcrito no site. Essas reações mostram que o uso do passado anticolonial no discurso foi bem-sucedido e que Castro conseguiu alcançar seus objetivos.

De volta à Cuba, Castro revelou os detalhes do plano de expropriação e distribuição de terras, um dos principais objetivos da Revolução desde o início. No dia 17 de maio, anunciou a implementação da primeira lei de reforma agrária, em um discurso em Sierra Maestra.<sup>73</sup> A região foi escolhida por ser uma das zonas rurais mais pobres do país, com população predominantemente camponesa, e por ser o berço da luta armada contra Batista e palco das principais batalhas.

Afetando diretamente os interesses dos Estados Unidos na ilha, a reforma agrária também acentuou a crise governamental. Muitos membros da burguesia saíram do país nesse período e setores moderados, entre eles o presidente Manuel Urrutia, criticaram a radicalização da Revolução e abandonaram o governo. Urrutia foi substituído pelo advogado Osvaldo

---

<sup>70</sup> Discurso proferido na Esplanada Municipal de Montevideú, Uruguai, em 5 de maio de 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f050559e.html>>. Acesso em: 21 de dezembro de 2022.

<sup>71</sup> Discurso proferido na Esplanada Municipal de Montevideú, Uruguai, em 5 de maio de 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f050559e.html>>. Acesso em: 21 de dezembro de 2022.

<sup>72</sup> Ver as páginas 48 e 49 do capítulo 1.

<sup>73</sup> Apesar da lei já ser aplicada de imediato, ganhou mais eficácia durante o ano de 1960 (GUTELMAN, 1975, p. 83 apud MIZUKAMI; BUZETTO, 1998, p. 74).

Dorticós (GOTT, 2006, p. 198). Em julho, Castro também renunciou ao cargo de primeiro-ministro que havia assumido em fevereiro, voltando dias depois (BANDEIRA, 2009, p. 233).

Em Sierra Maestra, Castro afirmou que, com a aplicação da lei, o povo cubano poderia “recuperar sus tierras [...] que [...] habían caído en manos de empresas extranjeras, contradiciendo el ideal de los próceres de nuestra independencia”.<sup>74</sup> Nesta frase, e ao longo do discurso, Castro tentou criar uma consciência sobre o que é a reforma agrária e a justificou como um direito constitucional e, mais ainda, como um desejo dos líderes da independência. A partir dessas influências, afirmou que “no puede quedar la menor duda de la sinceridad del propósito del Gobierno Revolucionario de satisfacer efectivamente, sin perjuicios ni pasiones, las medidas que se tomen en relación con la Reforma Agraria”.<sup>75</sup>

Sem dúvidas, Martí considerou a distribuição de terras como um dos pressupostos para uma República livre e democrática. Para ele, esta deveria garantir a pequena propriedade rural e as condições necessárias para a libertação e o desenvolvimento do homem natural e para a diversificação da agricultura. A resposta de Martí para o contexto da economia cubana do século XIX foi, justamente, a formação de uma sociedade agrícola de pequenos produtores. Defendo que esse projeto de sociedade proposto por Martí<sup>76</sup> foi resgatado e adaptado por Castro ao seu contexto.

Complementando o pensamento de Martí, Castro assegurou que a reforma agrária também contribuiria para o desenvolvimento industrial do país. Assim, era uma medida necessária e útil para a realidade cubana, “para salir del círculo vicioso y del estancamiento en que había caído la economía de nuestro país [...] se aconseja también como fase inicial para propiciar su desarrollo en todos los países de la América Latina”.<sup>77</sup> Isso mostrou que a formulação da reforma agrária também estava associada ao internacionalismo cubano e à ajuda aos outros países da região.

Em 7 de junho, em um encontro com jornalistas, Castro reiterou sobre a reforma agrária: “lo que estamos haciendo es cumpliendo las frases y cumpliendo la doctrina de nuestro Apóstol, que dijo que la patria era de todos y para el bien de todos [...] que quiere decir que todos tenemos

---

<sup>74</sup> Discurso proferido em La Plata, Sierra Maestra, em 17 de maio de 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f170559e.html>>. Acesso em: 8 de maio de 2023.

<sup>75</sup> Discurso proferido em La Plata, Sierra Maestra, em 17 de maio de 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f170559e.html>>. Acesso em: 8 de maio de 2023.

<sup>76</sup> Ver as páginas 52 e 53 do capítulo 1.

<sup>77</sup> Discurso proferido em La Plata, Sierra Maestra, em 17 de maio de 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f170559e.html>>. Acesso em: 8 de maio de 2023.

derecho a disfrutar las riquezas de nuestra pátria”.<sup>78</sup> Tratando-se de um discurso para a imprensa, Castro teve a intenção de disseminar informações verdadeiras diante de campanhas caluniosas contra o governo. Elogiou a integridade desses jornalistas e que, àquela altura, quem estava presente no ato não precisava mais ser convencido das medidas revolucionárias. Deixou implícito, portanto, que os jornalistas que estavam lá apoiavam a Revolução e que estava contando com a publicação de notícias a favor da reforma agrária.

Observa-se que, mais uma vez, Castro citou o Apóstolo para falar sobre as bases da lei de reforma agrária. Na passagem acima, apesar de não se aprofundar muito, ficam implícitos os ideais de Martí de igualdade, de nacionalização do território e de desenvolvimento econômico equilibrado, garantindo aos homens naturais o direito à terra.<sup>79</sup> É mais um discurso que comprova que a reforma agrária foi formulada e executada tendo como principal influência o pensamento martiano. Contando ainda com a disseminação de notícias sobre o assunto, a citação do Apóstolo também foi uma estratégia de legitimação e justificativa da reforma para o público cubano.

Três semanas depois, Castro falou sobre a reforma para os camponeses de Santa Clara. Diferentemente do discurso para a imprensa, Castro supôs que a população mais pobre precisava de maiores esclarecimentos sobre a lei. Buscou, portanto, explicar o que era, como seria feita e quem seria beneficiado com a medida, para que os camponeses não se confundissem e nem se deixassem levar por comentários contra-revolucionários. Utilizou uma linguagem bem clara e acessível e logo no início enfatizou que “esta lucha es la continuación de las luchas de nuestra independência”.<sup>80</sup>

Apesar de não citar Martí diretamente, percebe-se que o simbolismo da independência foi resgatado por ser de fácil assimilação pelos camponeses. E cabe mencionar que ao longo do discurso, Castro teve a intenção de convocar a população para o ato do dia 26 de julho, cuja palavra de ordem era reunir quinhentas mil pessoas na capital.

Considerado o “dia da rebeldia nacional”, o 26 de julho era a data do aniversário do assalto ao quartel de Moncada. Segundo Prado, era o dia mais importante no calendário da Revolução e a principal festa do país, recebendo inclusive visitantes estrangeiros. E o ápice das comemorações era o discurso oficial de Fidel que reunia multidões em praças públicas. Ao

---

<sup>78</sup> Discurso proferido no banquete dos Editores de Jornais, por ocasião do Dia da Liberdade de Imprensa, no Palácio de Cristal, em 7 de junho de 1959. Disponível em:

<<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f070659e.html>>. Acesso em: 10 de maio de 2023.

<sup>79</sup> Ver a página 50 do capítulo 1.

<sup>80</sup> Discurso proferido na Cidade de Santa Clara, em 21 de junho de 1959. Disponível em:

<<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f210659e.html>>. Acesso em: 11 de maio de 2023.

longo dos anos, Castro foi construindo vários simbolismos em torno do 26 de julho, como um exemplo do espírito combativo e rebelde dos cubanos e um sentido de vitória da moral e das ideias revolucionárias ao invés de apenas uma derrota militar (PRADO, 2018, p. 43). O termo “Moncada” também passou a ser utilizado para simbolizar todos os desafios que precisavam ser vencidos no processo revolucionário (PRADO, 2018, p. 58).

Essa e outras efemérides passaram a fazer parte da nova escrita da história do país após 1959. Os discursos determinavam quais personagens e eventos deveriam ser lembrados e quais os seus significados, como a versão oficial e autorizada dos processos históricos. As efemérides tornaram-se, assim, “tempo da memória”, de orientação das recordações, e momentos privilegiados para legitimar o novo governo e fomentar a consciência revolucionária e a coesão nacional. Elas formavam “uma história cujas condições de possibilidade são orientadas, no presente, pela relação entre as lembranças das experiências passadas e as projeções das expectativas futuras” (PRADO, 2018, p. 49).

Rodrigues também destaca que Castro explorava de forma muito particular essas datas. Desenvolveu um calendário com diversas comemorações, mobilizando a população, atribuindo um sentido positivo ao passado de luta armada e fazendo discursos recorrentes nesses dias, como propaganda oficial do governo (RODRIGUES, 2021, p. 417-418). Nessas datas, seus discursos poderiam chegar, inclusive, a cinco horas de duração (PRADO, 2018, p. 44). E as comemorações de uma mesma data costumavam ocorrer em cidades diferentes a cada ano (PRADO, 2018, p. 46). Acredito que esses pontos caracterizam, inclusive, os novos esquemas discursivos após a vitória da Revolução Cubana.

Para Jelin (2017), o calendário oficial de um país é um espaço privilegiado para trazer o passado para o presente. É um espaço destinado à construção de símbolos para a comunidade e permitem a realização de comemorações públicas. Estas são uma maneira de expressar sentimentos de pertencimento e de identificações coletivas e geram um forte impacto emocional na população. Também são veículos de transmissão desses sentimentos e sentidos de passado para os jovens, já que geralmente as datas são adotadas pelos calendários escolares (JELIN, 2017, p. 156).

Além disso, as datas escolhidas têm o papel de romper com o antigo calendário da ditadura. O novo governo reconhece novos eventos ou grupos sociais e narrativas antes ignorados (JELIN, 2017, p. 160-161). O que passa a ser lembrado são datas associadas à resistência, ao processo revolucionário e aos trabalhadores que a colocam em prática. Essas comemorações condicionam o cotidiano da população, pois são feitas todos os anos. Elas unem o povo em um corpo coletivo, incluindo diversas gerações, aqueles que viveram o evento e os

que não viveram, e criam um sentimento de proximidade entre figuras públicas e a população em geral. Por isso, também acabam se tornando espaços de demandas sociais.

Os lugares públicos onde são comemorados também são escolhidos cuidadosamente pelo governo. Nesse sentido, a praça central de Havana, em frente ao memorial de Martí, torna-se um lugar privilegiado. O comício do 26 de julho ocorreu lá, contando com a participação de milhares de camponeses, trabalhadores urbanos e guerrilheiros que atuaram na tomada da capital. Estavam presentes também políticos latino-americanos que traziam mensagens de apoio e solidariedade à Revolução. Justamente neste dia simbólico, Castro anunciou que reassumiria o cargo de primeiro-ministro que havia abdicado dias antes (NAVARRO, 2010, p. 6). No discurso, afirmou que esta era a vontade do povo e o que ele fazia era governar para o povo.<sup>81</sup>

Se dirigindo aos “heróicos camponeses”, dirigentes revolucionários da América Latina e compatriotas em geral, Castro proferiu um discurso elogiando aquele momento, tentando deixar o evento na memória da população. Uma marcha unida que representava a confraternização, a integração entre campo e cidade, a identificação com as lutas do passado e o apoio à Revolução como respostas às campanhas caluniosas. Falou também sobre a reforma agrária e que esta fazia parte da recuperação das riquezas nacionais e da libertação econômica do povo cubano. Se explicava, principalmente, pelo sentimento em comum de que “no queremos vivir de la riqueza de otros pueblos, sino de la riqueza de nuestra tierra; no queremos vivir del esfuerzo de otros pueblos, sino del esfuerzo y del sudor de nuestro pueblo”.<sup>82</sup>

Nesse sentido, Castro valorizou a visita dos camponeses à capital e a própria figura do camponês, considerado por ele o herói do país. Esta imagem, associada à ideia de homem natural de Martí,<sup>83</sup> foi usada para despertar o nacionalismo e a consciência revolucionária e mostrar que existia um modelo de homem que se esforçava, trabalhava, que não se intimidava e não queria ser submisso.

Para Fidel, a Revolução significava não apenas a luta desses homens, mas a trajetória dos homens do passado: “en este 26 de Julio de la libertad [...] al fin se comienzan a ver los frutos no del sacrificio de nosotros, sino del sacrificio de todos los hombres que lucharon desde

---

<sup>81</sup> Discurso proferido no comício camponês em Havana, realizado em 26 de julho de 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f260759e.html>>. Acesso em: 22 de dezembro de 2022.

<sup>82</sup> Discurso proferido no comício camponês em Havana, realizado em 26 de julho de 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f260759e.html>>. Acesso em: 22 de dezembro de 2022.

<sup>83</sup> Ver as páginas 50 e 51 do capítulo 1.

mediados del siglo pasado”.<sup>84</sup> Com essa passagem, Fidel criava uma aproximação e uma continuidade entre os homens da década de 1950 e do final do século XIX. E despertava uma forte carga emocional, já que as lutas eram chamadas de sacrifícios, como sofrimentos e suplícios em favor do país. Mas considerou que: “al fin estamos practicando aquellas ideas del Apóstol de nuestra independencia, al fin hemos aprendido a vivir de pie y al fin hemos comprendido que más vale morir de pie que vivir de rodillas”.<sup>85</sup>

Em 14 de setembro, na abertura do ano letivo, Fidel entregou ao Ministério da Educação a fortaleza militar de Columbia para a inauguração da Cidade Escolar Liberdade. O evento tornou-se um dos símbolos da nova Cuba (NAVARRO, 2010, p. 18). Na ocasião, Castro exaltou o nome de Martí e a importância do estudo dos temas locais.<sup>86</sup> Se dirigiu aos estudantes com a intenção de, principalmente, despertar o nacionalismo: “¿Ustedes no han leído la vida de Martí, de todos los sacrificios que hizo, de lo noble y lo bueno que era? A ustedes no les gusta leer toda aquella historia de lo que tuvieron que hacer los cubanos para ser independientes?”<sup>87</sup> Para essas perguntas recebe um coro de “¡Sí!”<sup>88</sup>

Em um dos últimos pronunciamentos do ano, na cerimônia de abertura do Primeiro Plenário Revolucionário da Federação Nacional dos Trabalhadores do Açúcar, Castro fez uma análise do “ano da libertação”. Se direcionando aos trabalhadores como “compañeros azucareros” e estabelecendo uma proximidade, enfatizou que os ideais políticos de Martí estavam sendo cumpridos e seu projeto de sociedade estava sendo realizado: “por primera vez la república es del pueblo y no de unos cuantos, y por primera vez en Cuba se cumple aquella idea de Martí cuando dijo que la patria era de todos y para el bien de todos.”<sup>89</sup> Nessa ocasião, Fidel quis mostrar aos trabalhadores que as soluções para os seus problemas se encontravam nos escritos do Apóstolo.

---

<sup>84</sup> Discurso proferido no comício camponês em Havana, realizado em 26 de julho de 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f260759e.html>>. Acesso em: 22 de dezembro de 2022.

<sup>85</sup> Discurso proferido no comício camponês em Havana, realizado em 26 de julho de 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f260759e.html>>. Acesso em: 22 de dezembro de 2022.

<sup>86</sup> Ver a página 51 do capítulo 1.

<sup>87</sup> Discurso proferido na cerimônia de abertura do Ano Letivo, em Ciudad Liberdade, 14 de setembro de 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f140959e.html>>. Acesso em: 29 de dezembro de 2022.

<sup>88</sup> Discurso proferido na cerimônia de abertura do Ano Letivo, em Ciudad Liberdade, 14 de setembro de 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f140959e.html>>. Acesso em: 29 de dezembro de 2022.

<sup>89</sup> Discurso proferido na cerimônia de abertura do Primeiro Plenário Revolucionário da Federação Nacional dos Trabalhadores do Açúcar, no Palácio do Trabalhador, em 15 de dezembro de 1959. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f151259e.html>>. Acesso em: 14 de maio de 2023.

Dessa forma, a partir da análise dos discursos de 1959, podemos tirar algumas conclusões prévias. Este primeiro ano foi marcado pela vitória da Revolução Cubana, pelo entusiasmo popular e pela necessidade de formação da opinião pública nacional e internacional. Isso diante de crises governamentais e campanhas difamatórias disseminadas pelos Estados Unidos. Nesse contexto, “en sus intervenciones públicas Fidel explica los puntos fundamentales de la reforma agrária que se prepara, deja sentado el derecho de Cuba a gobernarse sin tutela estraña y señala cuáles son las medidas inmediatas que deben adoptarse” (NAVARRO, 2010, p. 4).

Em sua maioria, essas declarações possuíam caráter rebelde e libertário, contestando o imperialismo e mostrando que os revolucionários estavam seguindo os passos dos líderes da independência, em especial José Martí. Mas para além do nome de Martí, Simón Bolívar, Máximo Gómez, Antonio Maceo, Calixto García, Mariana Grajales e Ignacio Agramonte também foram citados. Estes eram os revolucionários mais radicais das lutas do século XIX, incluindo negros e antiescravistas. Inclusive, em alguns discursos ao longo do ano, Castro tentou se mostrar engajado com as pautas raciais. Como já foi visto, acredito que essa era uma estratégia de formação da imagem de uma liderança preocupada com o racismo e que poucas medidas foram colocadas em prática nesse sentido.

Na análise dos discursos, percebe-se também a retomada da linguagem política de Martí. No exterior, principalmente, foi utilizada uma linguagem metafórica, rebelde, anticolonialista e anti-imperialista, pautada na unidade latino-americana e em uma retórica internacionalista. Em várias ocasiões, notei que foram usadas palavras como liberdade, democracia, humanismo, mestiçagem e utilidade e ideais políticos sobre a união das nações irmãs, o governo lógico, o desenvolvimento do homem natural, o equilíbrio de forças e dos elementos naturais, o estudo dos temas locais, a criação de ideias, universidades e instituições novas e o desprezo e o desconhecimento dos Estados Unidos em relação à América Latina. Destaco também a repetição de expressões como “todas las glorias caben en un grano de maíz”, “con todos y para el bien de todos” e “morir por la patria es vivir”, típicos do pensamento martiano.

Sendo assim, Castro buscou não apenas ligar a Revolução ao século XIX e à imagem do Apóstolo, mas utilizou o próprio vocabulário político daquele período. Essa linguagem também foi utilizada em discursos em países latino-americanos, pois era como uma linguagem em comum entre os povos, demonstrando a universalidade do pensamento de Martí. A partir dela, a política foi pensada como uma forma de libertação nacional e de não-alinhamento aos Estados Unidos e aos países europeus no contexto da Guerra Fria. E, nesse sentido, Castro assumiu o papel internacional de porta-voz dos interesses latino-americanos e ganhou

credibilidade. Nesta posição, buscou valorizar o potencial da região, levantar a autoestima dos povos e encorajá-los a se libertarem da servidão e da exploração.

Observa-se que cada discurso e uso político das ideias de Martí tiveram uma intenção e foram direcionados à um público específico. Em praças públicas, por exemplo, Castro tentou criar uma imagem para si mesmo de liderança comprometida e honesta e representante de uma política libertária. Quis se mostrar como uma nova forma de exercer a liderança naquele período, governando para o povo e sendo guiado pelos ideais do Apóstolo. Além disso, buscou conscientizar o povo sobre o que é reforma agrária, com explicações claras e didáticas sobre a criação e a aplicação da lei, e mobilizar a população para o trabalho ou para os comícios. Nos discursos para a população mais pobre, o nome de Martí e seus ideais políticos foram mais enfatizados e aprofundados do que em discursos para outros públicos, como jornalistas e membros do governo.

Em auditórios compostos pela imprensa, Castro teve a intenção de difundir informações verdadeiras em meio às campanhas difamatórias e assegurar notícias a favor da Revolução. Em outros países, buscou também criar uma imagem para si, convencer a população da importância da união latino-americana e conquistar apoio para a Revolução, evitando seu isolamento. Sendo assim, no exterior, o uso da linguagem política de Martí e de seu internacionalismo também foi visível.

Em geral, Castro pretendia criar uma imagem para si e convencer a população de que o governo revolucionário era ideal para Cuba. Em um período de legitimação da Revolução, mostrou constantemente que o governo revolucionário nasceu do país, que governava segundo conhecimento do país e de seus elementos naturais. Essas intenções foram percebidas, principalmente, nos atos de fala em locais públicos e direcionados à população em geral, incluindo os segmentos mais pobres. Também tentava justificar suas ações, entre elas a reforma agrária, e seu próprio governo, utilizando o nome e os ideais de Martí. O uso desse passado anticolonial era uma estratégia que atraía e convencia os públicos, pois resgatava símbolos de fácil assimilação que a população conhecia e se identificava.

Portanto, ao longo do ano de 1959, Castro retomou os ideais políticos de Martí relacionados à liberdade, à questão racial e à autonomia intelectual para criar uma imagem de si e legitimar a Revolução Cubana e a reforma agrária. Nesse sentido, os usos do passado ajudaram na formulação e execução da reforma agrária, foram a base para a questão da democracia humanista e do internacionalismo e convenceram a população de que o novo governo estava realizando a verdadeira independência nacional, retomando o projeto original do século XIX.

Nos discursos destinados aos trabalhadores e à população mais pobre, principalmente, Fidel reivindicou e construiu uma imagem do Martí poeta e guerrilheiro. Ele era como um exemplo, um guia que era seguido pelos líderes da Revolução e uma figura próxima com que o povo poderia se identificar. Martí foi evocado não apenas como um personagem do século XIX, mas como um homem que havia ultrapassado seu tempo histórico. Era como se ele estivesse presente na década de 1950, personificado na principal praça de Havana, um homem com lutas parecidas com as de qualquer outro e que concordava com o que estava sendo feito na Revolução. E esse uso do nome de Martí era acompanhado por palavras de forte apelo emocional para comover a população, como sacrifícios, sonhos, sangue e a citação de versos do próprio Martí.

Dessa forma, fica claro que os ideais políticos de libertação expressos em “Nuestra América” influenciaram Fidel Castro neste primeiro ano. As passagens em destaque evidenciaram que Castro recorreu diversas vezes ao passado de lutas para estabelecer uma continuidade entre as guerras de independência e a Revolução Cubana. Enquanto nos discursos para a população cubana o simbolismo de Martí foi mais enfatizado, em discursos para estrangeiros sua linguagem política estava mais presente. Nesses e em outros casos, mesmo quando o nome de Martí não foi citado diretamente, percebe-se que Castro usou suas ideais com objetivos políticos. Essas estratégias envolvem diversas intenções, públicos e ocasiões diferentes que devem ser considerados na Análise do Discurso.

## **2.5 1960: o ano da reforma agrária**

O ano de 1960 representou, principalmente, a aceleração da reforma agrária, iniciada no ano anterior. Segundo Michael Löwy, a reforma agrária foi uma medida radical e democrático nacionalista que gerou a desapropriação de toda a grande burguesia e a nacionalização das empresas privadas e estrangeiras, levando ao fim do capitalismo na ilha. Dentro e fora de Cuba, essas medidas encontraram grande hostilidade das classes dominantes proprietárias. Para o autor, esse processo já marcava a transição para o socialismo entre os anos de 1960 e 1961 (LÖWY, 2006, p. 45). Mas considero que essa transição foi mais lenta, se deu a partir da organização do Estado socialista nos anos seguintes, ainda influenciado pelos ideais políticos de Martí.

Resumidamente, a reforma agrária foi implementada em duas fases. A primeira lei,

decretada em maio de 1959, teve como objetivos extinguir a propriedade latifundiária e garantir ao camponês a posse da terra onde trabalhava (FARHAT; MIGLIOLI; VIEIRA, 2019, p. 217). Em relação à agricultura, buscou diversificar a produção para garantir a soberania alimentar e reduzir as importações de alimentos, estratégias enfatizadas por Martí em suas recomendações políticas (FARHAT; MIGLIOLI; VIEIRA, 2019, p. 229). Em 1963, a segunda lei determinou medidas ainda mais radicais, entre elas a expropriação de todas as propriedades com mais de 67 hectares (MIZUKAMI; BUZETTO, 1998, p. 77), como uma necessidade de maior controle social diante da utilização de terras para dar suporte à luta contrarrevolucionária (FARHAT; MIGLIOLI; VIEIRA, 2019, p. 219)

Navarro analisa a fundo esse processo. Segundo o autor, a primeira lei beneficiou mais de cem mil famílias camponesas. Determinou o limite máximo de 402 hectares de terra, podendo se ampliar em caso de áreas produtoras de arroz e açúcar; a proibição da propriedade ociosa; a anulação do direito de estrangeiros de possuir terras em Cuba; a divisão e distribuição das terras expropriadas entre os camponeses; a indenização aos desapropriados, com pagamento em até 20 anos; a criação do Instituto Nacional de Reforma Agrária (INRA), encarregado de aplicar toda a legislação referente à reforma agrária. Os latifúndios que utilizavam mão de obra assalariada também foram expropriados, mas suas terras não foram divididas. Se mantiveram como grandes unidades de produção que se transformaram em granjas do povo, sob controle do Estado, e cooperativas agrícolas, com o estímulo à organização autônoma e união dos trabalhadores (NAVARRO, 2010, p. 13-14):

“Con la aprobación y ejecución de la Ley de Reforma Agraria se cumple uno de los puntos fundamentales del Programa del Moncada. Ella no tenía en sí misma carácter socialista. El máximo de 30 caballerías que quedó en poder de los propietarios de tierras, era una extensión apreciable que permitió la supervivencia de una fuerte burguesía agraria. Pero dicha ley era profundamente radical: liquidaba el control de la tierra cubana por poderosas compañías extranjeras y por sus aliados y servidores, los latifundistas cubanos. De ahí su carácter nacional-libertador, antiimperialista y revolucionario. Y de ahí también que a partir de su promulgación, el imperialismo y la reacción interna decidieran enfrentarse directamente a la Revolución. Esta ley – basada en el principio de que la tierra debe pertenecer a quien la trabaja –, respondía a una necesidad histórica: sin reforma agraria no podía haber diversificación de la producción, ni desarrollo económico, ni erradicación del desempleo, la miseria y el analfabetismo” (NAVARRO, 2010, p. 16-17).

Nesse contexto, as tensões com os Estados Unidos aumentaram consideravelmente. Para além das campanhas difamatórias, foram implementadas as primeiras agressões econômicas, como a suspensão da compra de açúcar e do abastecimento de combustíveis na ilha. Por isso, Cuba se aproximou da União Soviética como uma possível parceira comercial. E diante da recusa das refinarias norte-americanas de processar o petróleo soviético, em agosto o governo

revolucionário expropriou e nacionalizou as refinarias e companhias de telefonia e eletricidade norte-americanas (NAVARRO, 2010, p. 32-33).<sup>90</sup> No mesmo mês, sob pressão dos Estados Unidos, Cuba foi condenada pela OEA por receber ajuda da União Soviética (NAVARRO, 2010, p. 31). Em setembro foi a vez da desapropriação dos bancos e até outubro todas as grandes empresas industriais e agrárias dos Estados Unidos foram nacionalizadas (NAVARRO, 2010, p. 33).

Em 19 de outubro de 1960, os Estados Unidos decretaram o embargo econômico, proibindo relações comerciais e exportações para a ilha (GUERCIO; CARVALHO, 1998, p. 127). E em 3 de janeiro de 1961, ocorreu o fim das relações diplomáticas entre os dois países (NAVARRO, 2010, p. 53). Sobre esse assunto, concordo com a perspectiva de Bandeira de que o embargo econômico não representou nada de novo e excepcional. A política dos Estados Unidos contra Cuba foi coerente com os objetivos imperialistas e a intolerância que os norte-americanos demonstravam em sua relação histórica com a América Latina (BANDEIRA, 2009, p. 30). Além do embargo, se multiplicavam também outras formas de agressão contra Cuba:

“Además de organizar y dirigir la subversión interna, desarrollar una poderosa ofensiva diplomática y entrenar mercenarios para atacar a Cuba, los gobernantes norteamericanos desatan una cadena de agresiones económicas con el fin de paralizar la vida del país y destruir la Revolución [...] van implementando un férreo bloqueo económico hasta el punto de prohibir, incluso, la venta de medicinas y alimentos a la pequeña isla antillana. A la vez, desatan una brutal ofensiva para llevarse de Cuba a médicos, ingenieros [...] Por un lado, les ofrecen cargos y sueldos elevados, y por outro, tratan de hacerlos huir atemorizados, propalando los más increíbles rumores” (NAVARRO, 2010, p. p. 31-32).<sup>91</sup>

Nesse contexto, um dos principais desafios do governo revolucionário foi garantir o apoio da população e a defesa da Revolução Cubana. Ao longo do ano, Castro buscou fazer com que o povo não se abalasse com as agressões e continuasse trabalhando. Com esses objetivos foram criadas as organizações populares de defesa da revolução. Elas agruparam segmentos da sociedade em movimentos de massa de acordo com suas funções e interesses específicos. Segundo Navarro, essas organizações foram um dos fatores decisivos para o avanço da Revolução e para a união e o fortalecimento do povo (NAVARRO, 2010, p. 35).

Em um dos primeiros discursos do ano, Fidel prestou homenagens a José Martí no

---

<sup>90</sup> O primeiro acordo comercial entre Cuba e União Soviética se deu em fevereiro de 1960, através da compra de açúcar cubano e envio de petróleo (NAVARRO, 2010, p. 34-35). Até aquele momento, a União Soviética não se interessava explicitamente pela ilha (GOTT, 2006, p. 209).

<sup>91</sup> Destaca-se a Operação Peter Pan, campanha iniciada em 1960 de retirada de crianças de Cuba e envio para os Estados Unidos. O rumor era que o governo revolucionário planejava tirar dos pais os direitos sobre seus filhos menores e enviá-los para a União Soviética, onde estariam expostas aos “perigos do comunismo” (NAVARRO, 2010, p. 32).

primeiro aniversário da Cuba revolucionária. Aproveitando a proximidade da data, também comemorou os 107 anos do nascimento do Apóstolo. Direccionando seu discurso para as “mães e parentes dos caídos pela liberdade”, destacou que este dia representava a vitória da “geração do centenário do Apóstolo”.<sup>92</sup> Nesta “noche tan martiana y tan cubana”, exaltou a trajetória, os ideais e a influência de Martí:

“Nuestro pensamiento se remonta a aquel día, afortunado para nuestra patria, del año 1853 en que nació el apóstol Martí. Ciento siete años han transcurrido. Toda la vida de aquel hombre extraordinario que cayó en Dos Ríos después de dedicar su pensamiento y su energía, casi desde niño, a la causa de la libertad de su patria; toda una vida, no solo de aquella generación, sino de varias generaciones; 107 años de sacrificio de nuestro pueblo, porque la importancia de aquella fecha es que de nuestro pueblo surgió aquel hombre que habría algún día de señalar con claridad meridiana el camino a seguir”.<sup>93</sup>

Ao longo do discurso, feito em praça pública e voltado para parentes de revolucionários, Castro enfatizou a importância das lutas do século XIX para a sua geração. Tinha como intenção, principalmente, estabelecer uma continuidade entre a geração que lutou no final do século XIX e a que lutou pela vitória da Revolução Cubana. Usando o nome de Martí, criou uma proximidade e uma identificação entre elas, seguindo o mesmo caminho, os mesmos ideais e o mesmo espírito rebelde. Nesse sentido, tentou criar uma memória sobre os que morreram na Revolução, como heróis que se sacrificaram pela nação, e uma imagem para si mesmo, pois Castro também fazia parte daquela geração.

Além disso, quis criticar os políticos que evocavam falsamente o nome de Martí, como Fulgêncio Batista. Contou que, ao longo da República neocolonial, “a pesar de lo mucho que aquel pensamiento había sido prostituido en labios de hipócritas, en labios de malos cubanos”,<sup>94</sup> suas ideias se difundiram aos poucos por livros escassos e pelas escolas que imortalizaram seus versos. Nesse sentido, Castro criou uma imagem de si como o político que falava em nome de Martí, que citava-o de forma correta e honrava sua luta. Seu pensamento teria resistido e se tornado familiar para todos os cubanos, provando que ainda era “útil” e mostrando “el valor de las ideas y la verdad de aquel pensamiento que decía que ‘trincheras de ideas valían más que

<sup>92</sup> Pois foi em 1953, no ano do centenário de Martí, que começou a luta armada.

<sup>93</sup> Discurso proferido no jantar martiano oferecido pelo Instituto Nacional de Poupança e Habitação, realizado na Plaza de la Revolución, em 27 de janeiro de 1960. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f270160e.html>>. Acesso em: 17 de maio de 2023.

<sup>94</sup> Discurso proferido no jantar martiano oferecido pelo Instituto Nacional de Poupança e Habitação, realizado na Plaza de la Revolución, em 27 de janeiro de 1960. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f270160e.html>>. Acesso em: 17 de maio de 2023.

trincheras de piedra”<sup>95</sup>.

Para Castro, as virtudes do povo cubano “fueron el fruto [...] de la abundante semilla que sembró nuestro apóstol José Martí”<sup>96</sup>. Exaltou a coragem, o espírito rebelde e heróico, o amor pela liberdade e afirmou que os cubanos se conheciam e possuíam segurança em si mesmos. Assim, “tenemos que agradecer al ejemplo de nuestros fundadores, y a la prédica de nuestro Apóstol e, para isso, lo que nosotros tenemos que jurar ante el recuerdo y ante la estatua de Martí, es ser un pueblo digno”<sup>97</sup>. Nesse trecho, era como se o próprio Apóstolo estivesse lá presente, a população podendo agradecê-lo e jurando diante da sua imagem. Graças à essas qualidades do povo, Castro tinha confiança no sucesso da Revolução e da execução das medidas revolucionárias:

“Fomentemos, pues, la virtud, fomentemos la dignidad, reverenciamos cada vez más a nuestros fundadores, recordemos cada vez más a nuestro Apóstol, más cada año y no por un motivo solo de gratitud, sino por ser necesidad [...] en la seguridad de la certeza de aquel pensamiento, de que ‘trincheras de ideas valen más que trincheras de piedra’ [...] Y así, marcharemos adelante, reafirmando nuestra soberanía, haciendo leyes justas, dándoles tierra a los campesinos, escuelas a los niños [...]. Así continuaremos derribando fortalezas, y haciendo escuelas, con optimismo y con seguridad, porque creo en nuestro Pueblo, porque estoy seguro de que [...] tiene virtudes suficientes para marchar por este camino, porque tiene sobrados ejemplos que lo alienten, suficiente prédica martiana que lo anime y lo inspire [...] es cierto aquello de que aun después de muertos físicamente, siguen vivos en el fervor y en el cariño y en la fe del pueblo; es cierto aquello de que morir por la patria es vivir”<sup>98</sup>.

Na passagem acima, fica claro que Fidel teve a intenção de despertar o nacionalismo e criar uma nova identidade para o povo cubano.<sup>99</sup> Um povo que reconhecia suas origens e via a luta e a revolução como uma espécie de religião, capaz de garantir a vida eterna. Além de fortalecer a autoconfiança da população, essa nova identidade ajudaria na mobilização para o trabalho e na consolidação da própria Revolução. Para isso, Castro recorreu à figura do Martí

<sup>95</sup> Discurso proferido no jantar martiano oferecido pelo Instituto Nacional de Poupança e Habitação, realizado na Plaza de la Revolución, em 27 de janeiro de 1960. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f270160e.html>>. Acesso em: 17 de maio de 2023.

<sup>96</sup> Discurso proferido no jantar martiano oferecido pelo Instituto Nacional de Poupança e Habitação, realizado na Plaza de la Revolución, em 27 de janeiro de 1960. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f270160e.html>>. Acesso em: 17 de maio de 2023.

<sup>97</sup> Discurso proferido no jantar martiano oferecido pelo Instituto Nacional de Poupança e Habitação, realizado na Plaza de la Revolución, em 27 de janeiro de 1960. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f270160e.html>>. Acesso em: 17 de maio de 2023.

<sup>98</sup> Discurso proferido no jantar martiano oferecido pelo Instituto Nacional de Poupança e Habitação, realizado na Plaza de la Revolución, em 27 de janeiro de 1960. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f270160e.html>>. Acesso em: 17 de maio de 2023.

<sup>99</sup> Diferente da criada pela República neocolonial e pela ditadura de Fulgêncio Batista, associadas aos interesses dos Estados Unidos.

guerrilheiro e poeta, que o povo conhecia e que estava presente, inclusive, na praça pública em que estavam.

Na sua perspectiva, o povo tinha em comum com o Apóstolo não apenas as qualidades, mas a frustração do ideal de independência não ter sido cumprido no passado. É por isso que Castro afirmou que Martí continuava vivo na nova geração revolucionária e que as “trincheiras de ideias valiam mais do que trincheiras de pedra”. Ideias úteis como as de Martí prevaleceram mesmo diante das adversidades e davam sentido à luta dos cubanos no presente.

Vale destacar o simbolismo da Praça da Revolução de Havana, conhecida anteriormente como Praça Cívica. Além deste discurso em homenagem a Martí, o local foi cenário dos principais acontecimentos da história política do país. Muitos outros eventos, comemorações e discursos foram realizados lá. No centro da praça, há um memorial e uma estátua dedicados a Martí, cujas construções começaram em 1953, ano do centenário do Apóstolo. Se apropriando de um monumento criado durante a ditadura de Batista, a Revolução ressignificou e trouxe novos sentidos para o local.

Durante o processo de construção de uma memória oficial da Revolução, o monumento passou a simbolizar a liberdade, a independência e o próprio Martí, em contraposição ao regime de Batista. O governo também usou o local para mostrar que era ele que verdadeiramente pregava a palavra do Apóstolo. Assim, a praça passou a ser escolhida como cenário dos discursos e tornou-se uma marca da resistência e do encontro entre gerações.

Os antigos revolucionários como Martí, a geração de Fidel e a futura geração revolucionária, representada pelos jovens ouvintes, estavam lá reunidos como se fossem contemporâneos. Os discursos e comícios eram construídos como uma oportunidade de todas as gerações trocarem experiências. E esse simbolismo reforçou ainda mais os pronunciamentos de Castro. Era como se a figura de Martí, materializada na estátua, estivesse presente e corroborasse com o que estava sendo dito e proposto.

Tendo como base as ideias de Jelin (2017), pode-se definir esta praça como um lugar com sentido, um espaço de materialização da memória e de demandas sociais daquele contexto. Foi transformada em um lugar de memória tendo como base o memorial de Martí. Segundo a autora, em períodos pós ditatoriais, “las demandas y políticas de memorialización son también parte de las demandas de ‘verdad’ y ‘justicia’” (JELIN, 2017, p. 156). Entre essas reivindicações populares estão a criação de datas, símbolos, comemorações e marcas territoriais.

Os sentidos desses locais, como a Praça da Revolução, não estavam cristalizados e inscritos em textos gravados em placas. Nesse caso, por exemplo, a praça marcava o apoio popular à Revolução e a força do símbolo de Martí. As grandes multidões reunidas também

refletiam a conquista, o controle do território pela população após a ditadura. Como veículo de memória, as marcas territoriais são um suporte para a ação coletiva e política de atores específicos em determinados contextos (JELIN, 2017, p. 164). São espaços públicos físicos e simbólicos usados para afirmar a memória coletiva e são o resultado de lutas e conflitos políticos. Ligam o presente com o passado, como as lutas pela independência, e o futuro, transmitindo mensagens às novas gerações (JELIN, 2017, p. 162-163).

Em 28 de janeiro,<sup>100</sup> Castro participou da cerimônia de entrega do quartel de Moncada para a inauguração do Centro Escolar 26 de Julho (NAVARRO, 2010, p. 18). A transformação de prédios da ditadura em novos espaços fazia parte das reformas urbanas, implementadas desde o ano anterior (NAVARRO, 2010, p. 22). Vale ressaltar que tiveram objetivos parecidos com a reforma agrária, incluindo reivindicar a proposta do homem natural martiano, o pequeno proprietário individual, e a nacionalização do território cubano (FARHAT; MIGLIOLI; VIEIRA, 2019, p. 221).

Para o público composto por estudantes, Castro prestou mais homenagens a Martí e justificou a criação da escola. Segundo ele, a transformação de quartéis em escolas era uma vontade dos líderes da independência e a partir desta medida, a Revolução se fortaleceria e seria impossível derrubar o governo. Nesse sentido, falou sobre o pensamento de Martí e seu bom exemplo: “¿Quién fue uno de los que con su pensamiento...?<sup>101</sup> ¡Ah, ustedes saben que es Martí! Martí fue el que más se preocupó por los niños, el que más se preocupó por la educación y el que más deseó convertir las fortalezas en escuelas”.<sup>102</sup> Nesse trecho, tentou estimular os jovens a estudarem e irem à escola, argumentando que era uma vontade de Martí.

Sobre o ensino nessas novas escolas, defendeu uma concepção educativa de caráter humanista, inspirada em “Nuestra América”.<sup>103</sup> Na passagem abaixo, ficam subentendidas as noções de utilidade, de estudo da história local e de conhecimento dos elementos naturais do país. Castro buscou criar uma consciência revolucionária nos jovens e um hábito de agradecer e reverenciar o Apóstolo e a memória da independência. E mostrar que ele mesmo, enquanto bom governante, conhecia os elementos naturais de seu país. Em geral, queria gerar uma relação

---

<sup>100</sup> Dia da comemoração dos 107 anos do nascimento de Martí.

<sup>101</sup> Segundo a transcrição no site, este trecho foi interrompido pelos estudantes gritando “Martí!”. No discurso, Castro deixou claro que naquele contexto, todos conheciam Martí e sua obra, mas que durante muito tempo os cubanos não sabiam quem era o Apóstolo.

<sup>102</sup> Discurso proferido na cerimônia de entrega do quartel de Moncada, realizada em Santiago de Cuba, em 28 de janeiro de 1960. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f280160e.html>>. Acesso em: 17 de maio de 2023.

<sup>103</sup> Sobre a concepção educativa de Martí, ver as páginas 51 e 52 do capítulo 1.

de proximidade e identificação entre as crianças e os guerrilheiros e, assim, formar uma nova geração revolucionária:

“nosotros queremos que en el futuro ni un solo niño deje de aprender a leer ni a escribir; nosotros queremos además que los niños aprendan a trabajar y adquieran conocimientos que sean útiles a su patria, les sean útiles a sus padres y les sean útiles a ellos mismos. Y, además, queremos que los niños lleven una vida feliz, no solamente queremos que estudien [...] pero también es interesante conocer las montañas, conocer los ríos, también es interesante conocer el mar, conocer las cuevas, conocer los valles, conocer los paisajes. Es decir, ustedes tienen oportunidad de pasear, tienen oportunidad de divertirse, haciendo ejercicios, que eso también es educarse. Ustedes tienen oportunidad de aprender deportes. ¿Ustedes saben cómo nosotros aprendimos a hacer la guerra? No vayan a creer que nosotros aprendimos a hacer la guerra en la Sierra Maestra; nosotros aprendimos a hacer la guerra cuando éramos muchachos igual que ustedes”.<sup>104</sup>

Nesse contexto, os Estados Unidos preparavam planos cada vez mais ambiciosos para derrubar a Revolução. Se multiplicavam as emboscadas e atos de sabotagem empreendidos por grupos organizados e financiados pela CIA. Um dos casos mais graves foi o atentado ao cargueiro francês “La Coubre”. No dia 4 de março de 1960, o navio chegou ao porto de Havana trazendo armas adquiridas pelo governo revolucionário na Bélgica. Durante a descarga das mercadorias, o navio explodiu, deixando cerca de cem mortos e mais de duzentos feridos. A bomba havia sido colocada e acionada por agentes da CIA no porto (NAVARRO, 2010, p. 29-30).

No dia seguinte, no discurso em homenagem às vítimas da explosão, Castro teve a intenção de defender a Revolução e de protestar contra as agressões norte-americanas. Criticou os Estados Unidos por tentarem restringir a soberania de Cuba<sup>105</sup> e garantiu que a Revolução não iria parar, ela continuaria avançando. Anunciou que estava realizando medidas nacionalistas pensando no bem-estar e na libertação do povo cubano e que não pretendia atacar ninguém: “las medidas que nosotros tomamos son medidas de defensa de intereses nacionales [...] Y las medidas que ellos toman no son medidas para defender al pueblo norteamericano; son medidas de represalia contra el pueblo cubano”.<sup>106</sup> Apesar de não citar Martí diretamente neste discurso, sua linguagem nacionalista e anti-imperialista estava implícita neste e em outros

---

<sup>104</sup> Discurso proferido na cerimônia de entrega do quartel de Moncada, realizada em Santiago de Cuba, em 28 de janeiro de 1960. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f280160e.html>>. Acesso em: 17 de maio de 2023.

<sup>105</sup> Nessa ocasião, “lanzó por primera vez la consigna que ha sido divisa permanente de la Revolución en la lucha contra sus enemigos: ‘¡Patria o Muerte!’” (NAVARRO, 2010, p. 30).

<sup>106</sup> Palavras ditas nas honras fúnebres das vítimas da explosão do navio “La Coubre”, no cemitério do Cólón, em 5 de março de 1960. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f050360e.html>>. Acesso em: 18 de maio de 2023.

trechos.

Também pode-se perceber a retomada da linguagem política de Martí no discurso do dia 1º de maio, na comemoração do dia internacional do trabalho.<sup>107</sup> Em frente à estátua de Martí na Praça da Revolução, Castro se direcionou aos cubanos e latino-americanos presentes e afirmou que aquele era o dia de todos os revolucionários. Pediu para que cada um continuasse cumprindo seus deveres revolucionários e convencesse os outros a fazerem o mesmo. Nesse sentido, exaltou a rebeldia dos trabalhadores e camponeses sempre alertas e prontos para lutar em defesa da Revolução: “¡siempre el ánimo dispuesto a resistir ante cualquier ataque, sin inmutarse; siempre el espíritu firme! ¡Que lo que no puedan doblegar nunca sea el espíritu del pueblo cubano!”<sup>108</sup> Aproveitando a presença de estrangeiros, também falou sobre os impactos da Revolução na América Latina e a união dos “povos irmãos” na luta contra o imperialismo:

“solo me resta, en este Primero de Mayo, reafirmar ese propósito, ese propósito de seguir todos cumpliendo nuestro deber, en nuestros puestos, y pedirles a todos que hagan lo mismo. Expresarles nuestra fe en los destinos de la patria, nuestra fe en la solidaridad de los pueblos hermanos del Continente, por los cuales estamos luchando, porque ellos aprenderán de nuestra experiencia, aprenderán de los aciertos que tengamos, y aprenderán hasta de los errores que tengamos. Y así, nosotros seremos útiles para nuestros pueblos hermanos en nuestros aciertos y en nuestros errores. Tenemos fe en la solidaridad de esos pueblos hermanos y fe en la solidaridad de todos los pueblos del mundo”.<sup>109</sup>

No dia 4 de junho, Castro também fez um discurso para os trabalhadores do setor de comércio. Falou sobre as questões que estavam sendo debatidas no Ministério do Trabalho, principalmente o problema do desemprego e do pouco desenvolvimento da indústria e das riquezas nacionais ao longo da primeira metade do século XX. Afirmou que o governo revolucionário criaria oportunidades de trabalho e ajudaria a população que mais precisava. Assim, estaria “creando una conciencia nueva y un mundo nuevo, distinto del mundo egoísta y miserable de ayer [...] por la ley justa de todo para todos, que ya vislumbraba nuestro Apóstol cuando hablaba de que la patria era de todos y para el bien de todos”.<sup>110</sup>

---

<sup>107</sup> Assim como o dia 26 de julho, esta também é uma das efemérides cubanas.

<sup>108</sup> Discurso em comemoração ao Dia Internacional do Trabalho, na Praça da Revolução, em 1º de maio de 1960. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f010560e.html>. Acesso em: 18 de maio de 2023.

<sup>109</sup> Discurso em comemoração ao Dia Internacional do Trabalho, na Praça da Revolução, em 1º de maio de 1960. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f010560e.html>. Acesso em: 18 de maio de 2023.

<sup>110</sup> Discurso proferido na Assembleia de Empregados e Trabalhadores Comerciais, no CTC Revolucionário, em 4 de junho de 1960. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f040660e.html>>. Acesso em: 18 de maio de 2023.

Dias depois, em 7 de junho, em outro discurso para os trabalhadores de Havana, Fidel conversou com barbeiros e cabeleiros sobre o trabalho duro que custou ao povo chegar até aquele momento. Castro acreditava que, por lidarem diretamente com o público, esses trabalhadores falavam diariamente sobre a Revolução. Segundo ele, se os barbeiros encontrassem pessoas que não estavam muito ligadas à Revolução, deveriam convencê-las dos sucessos das medidas tomadas até então.

Demonstrando confiança nesses trabalhadores, considerou que o ofício significava não apenas a produção, mas o convencimento do público. Por isso, os trabalhadores do setor de serviços e comércio deveriam dialogar com os clientes, ser aliados na defesa da Revolução e, assim, estar constantemente fazendo algo por ela ao mesmo tempo que exerciam suas funções. Como incentivo para esses trabalhadores, Castro tentou criar uma identificação com os líderes da independência, falando do sacrifício das gerações anteriores e que a luta dos cubanos não era recente:<sup>111</sup>

“desde 1868 hasta 1898. Treinta años en la misma lucha, con breves reposos, treinta años luchando toda aquella generación de Céspedes y de Agramonte, Maceo, Máximo Gómez; después la generación de Martí. ¡Caro que le ha costado a nuestro pueblo su soberanía! ¡Dura que ha sido la lucha, desde hace más de un siglo! [...] Trabajo arduo nos ha costado llegar hasta aquí; generaciones enteras han luchado y se han sacrificado una tras otra. [...] Nosotros hemos sido la generación que recogió el fruto del esfuerzo de todas las generaciones que vivieron antes que nosotros”.<sup>112</sup>

Nesse contexto de aceleração da reforma agrária, no final de junho, Castro realizou um discurso para os agricultores da região de Artemisa. Chamou a atenção para as injustiças vividas pelos cubanos durante a República e para a força e resistência dos trabalhadores do campo. Estes não deveriam ser desprezados muito menos subjugados. Por isso, a Revolução simbolizava a libertação desses camponeses, determinados com a ideia de viverem do próprio trabalho e de serem donos de suas terras.

Castro reforçou sua perspectiva citando Martí em duas passagens: “como quería Martí, ¡hemos echado nuestra suerte con los pobres de este mundo! [...] Hasta el último ciudadano humilde sabe que esta lucha la estamos librando por él, por sus hijos” e “Martí dijo en aquellos versos: ‘Yo quiero cuando me muera, sin patria pero sin amo...’” e o público completou com:

<sup>111</sup> Mostrou que Cuba deveria ser o exemplo que encorajaria a união e a independência de “Nuestra América”, que a luta em Cuba ajudaria na libertação dos povos da América Latina, como planejava Martí.

<sup>112</sup> Discurso proferido na cerimônia de encerramento do primeiro congresso revolucionário da federação nacional de barbeiros e cabeleiros, realizado no teatro do CTC em 7 de junho de 1960. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f070660e.html>>. Acesso em: 19 de maio de 2023.

“tener en mi tumba un ramo de flores y una bandera”.<sup>113</sup> Nestes trechos, defendeu a Revolução, mostrando o trabalho que ela estava fazendo pelos mais pobres, inspirada em Martí, e a importância de se sacrificar pelo país e se libertar da tutela norte-americana.

Em agosto, em um discurso para líderes trabalhistas e representantes da juventude latino-americana, o revolucionário falou mais uma vez em nome dos povos de “Nuestra América”. Valorizou a igualdade, a união do continente e o desenvolvimento do homem ligado à terra, não se restringindo apenas aos camponeses. Falou que a Revolução pensava em todos, incluindo, brancos, negros e indígenas. Pode-se perceber que Castro quis mostrar o caráter popular e o comprometimento da Revolução com todos os povos independentemente de raça e etnia e, assim, conseguir mais apoio em um contexto de agressões imperialistas:

“América es una sola: campo de lucha por la libertad, campo de lucha por la dignidad y por la justicia. Aquí o allá, todos tendremos que decir también ‘¡Patria o Muerte!’; aquí o allá todos diremos a la larga: ‘¡Venceremos!’ [...] ¡Cuba habla para los trabajadores de América, Cuba habla para los campesinos sin tierra de América, [...] Cuba habla para los pueblos de América: los indios, los negros y los explotados sean blancos, sean indios o sean negros!”<sup>114</sup>

Nos discursos seguintes, Castro continuou exaltando a figura do homem natural descrita por Martí.<sup>115</sup> No dia 10 de agosto, informou que a reforma agrária era uma necessidade para que a população autóctone “se convirtiese en una población con recursos económicos, una población consumidora, una población productora al máximo de su capacidad”.<sup>116</sup> Segundo ele, o trabalho de conscientização sobre a reforma agrária já tinha sido feito no campo e na cidade e foi bem-sucedido. A intenção naquele momento era valorizar os camponeses para continuar garantindo o aumento da produção, derrotar os contrarrevolucionários e mostrar que ele sabia como se governava para o povo.

Em San Julián, no dia 21 de agosto, Castro discursou para os camponeses e elogiou sua resistência, seus conhecimentos e sua capacidade de organização. Se utilizando da linguagem martiana, recordou “el dominio que tienen los campesinos de su propio terreno [...] de las

---

<sup>113</sup> Discurso proferido na cerimônia de encerramento do Plenário do Açúcar, realizado em Artemisa, Pinar del Río, em 28 de junho de 1960. <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f280660e.html>. Acesso em 19 de maio de 2023.

<sup>114</sup> Discurso proferido na cerimônia de encerramento do I Congresso da Juventude Latino-Americana, em 6 de agosto de 1960. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f060860e.html>>. Acesso em: 19 de maio de 2023.

<sup>115</sup> Ver as páginas 50 e 51 do capítulo 1.

<sup>116</sup> Discurso proferido no encerramento da Reunião de Coordenadores das Cooperativas de Cana-de-Açúcar, no Teatro do CTC Revolucionário, em 10 de agosto de 1960. <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f100860e.html>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

montañas [...] de todos los arroyos, de todos los trillos [...] de la naturaleza [...] las ventajas extraordinarias que tiene el campesino frente a cualquier enemigo”.<sup>117</sup> Ao longo desse discurso, fica claro que Castro quis preparar os camponeses para lutar pela Revolução, já prevendo as futuras agressões imperialistas. Trabalhou a autoconfiança dos camponeses e garantiu que os invasores não venceriam os homens naturais, retórica que também foi utilizada por Martí em “Nuestra América”.

Na mesma linha de reflexão, Castro fez um discurso para professores recém-formados e se referiu aos camponeses como homens puros, “de inteligencias vírgenes [...] de una nobleza increíble, de una bondad natural extraordinaria, de una hospitalidad sincera y franca”.<sup>118</sup> Esses elogios foram feitos para aqueles que iriam trabalhar nas campanhas de alfabetização no campo. Para motivá-los, afirmou que os professores tinham a tarefa de fazer essas inteligências serem úteis ao país.

Vale ressaltar que desde o ano anterior, os Estados Unidos pressionavam os governos integrantes da OEA para que fizessem uma ação coletiva contra Cuba. Em agosto de 1960, em uma reunião realizada na Costa Rica, os Estados Unidos alcançaram seu objetivo. A OEA condenou Cuba por aceitar ajuda da União Soviética naquele ano, o que significava a intromissão de um país fora do continente americano em seus assuntos internos. A partir disso, grande parte dos governos latino-americanos romperam suas relações diplomáticas com a ilha (NAVARRO, 2010, p. 30-31).<sup>119</sup>

Como resposta à declaração da OEA, no dia 2 de setembro, Castro apresentou ao povo, reunido na Praça da Revolução, a Primeira Declaração de Havana. Esse documento criticava a decisão da OEA, por ser contrária à soberania de Cuba e aos interesses dos povos de “Nuestra América”. Denunciava as intervenções do imperialismo e defendia o direito de Cuba de receber ajuda da União Soviética. Condenava também os latifúndios, o analfabetismo, a discriminação contra negros e indígenas e a exploração colonial e neocolonial no mundo (NAVARRO, 2010, p. 31).

No final, a declaração mostrava a Cuba revolucionária como o “território livre da

---

<sup>117</sup> Discurso proferido na cerimônia de formatura das milícias camponesas, em San Julián, província de Pinar del Río, em 21 de agosto de 1960. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f210860e.html>>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

<sup>118</sup> Discurso proferido na Cerimônia de Formatura dos Professores Voluntários em seu retorno da Sierra Maestra, realizada no Teatro auditório, Havana, em 29 de agosto de 1960. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f290860e.html>>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

<sup>119</sup> No final da reunião, o governo norte-americano aprovou um crédito de 600 milhões de dólares para distribuir entre os representantes de governos presentes (NAVARRO, 2010, p.31).

América” e “como portaestandarte de los intereses, esperanzas y anhelos más profundos de las masas esquiladas y maltradas de la [...] región” (NAVARRO, 2010, p. 31). Como foi visto no capítulo anterior, neste dia, Castro estabeleceu alguns princípios e compromissos da Revolução, “junto a la imagen y el recuerdo de José Martí”:<sup>120</sup>

“aquí había un intruso, el intruso era el imperialismo yanqui, que trató de destruir nuestro espíritu nacional [...] Gracias a que hemos tenido un pueblo extraordinariamente virtuoso, gracias a que este pueblo empezó su lucha desde muy temprano, que luchó solo por su independencia hace un siglo [...] un pueblo que tuvo tan extraordinario Apóstol, un hombre de visión tan lejana, un hombre de entraña tan humana, un hombre de elocuencia y de sabiduría tan extraordinarias como José Martí, que forjó la nacionalidad de la patria [...] Por ello, [...] la Asamblea del Pueblo de Cuba proclama el latinoamericanismo liberador que late en José Martí y en Benito Juárez”.<sup>121</sup>

A Assembleia Geral do Povo de Cuba aprovou a declaração no final do discurso. Segundo Castro, aquela era a maior reunião popular desde o início da Revolução. Por isso, fez tantas referências a Martí como aquele que despertou o espírito nacional, inspirou o povo e foi a razão da aprovação do documento. Em seu nome, a população aprovou diretrizes que definiriam o futuro da Revolução. E ao falar em Martí, Castro teve como intenções convencer a população da importância da declaração, exaltar a participação popular e despertar nos cubanos um sentimento de união contra o imperialismo. Mostrou que, mesmo décadas depois de sua morte, seu pensamento continuava presente e determinando os caminhos da Revolução.

No dia 26 de setembro, Castro fez um pronunciamento na Assembleia Geral da ONU em Nova York. Nesta ocasião, se colocou a favor das lutas dos povos africanos pela liberdade e pelo fim da colonização, convocando-os para seguir o exemplo de Cuba. Quando falou sobre os direitos garantidos pela Revolução, relembrou pontos da Primeira Declaração de Havana. Mesmo sem citar diretamente o nome de Martí, resgatou ideais políticos presentes em “Nuestra América”. Nota-se a questão das necessidades dos povos autóctones, a nacionalização dos recursos naturais, o “equilíbrio de forças”, a igualdade racial e a formação escolar como meio de libertação:

“El derecho de los campesinos a la tierra; el derecho del obrero al fruto de su trabajo; el derecho de los niños a la educación; [...] el derecho de los estudiantes a la enseñanza libre, experimental y científica; el derecho de los negros y los indios a la 'dignidad plena del hombre'; el derecho de la mujer a la igualdad civil, social y

<sup>120</sup> Discurso proferido no Magna Assembleia Popular realizado pelo povo de Cuba na Praça da República, em 2 de setembro de 1960. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f020960e.html>>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

<sup>121</sup> Discurso proferido no Magna Assembleia Popular realizado pelo povo de Cuba na Praça da República, em 2 de setembro de 1960. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f020960e.html>>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

política; [...] el derecho de los Estados a la nacionalización de los monopolios imperialistas, rescatando así las riquezas y recursos nacionales; el derecho de los países al comercio libre con todos los pueblos del mundo; el derecho de las naciones a su plena soberanía”.<sup>122</sup>

Na chegada à Cuba, Castro deu suas impressões sobre os cubanos que moravam nos Estados Unidos. Segundo ele, muitos apoiavam a Revolução, contrariando as ideias de que os Estados Unidos recebiam apenas contrarrevolucionários e que suas campanhas eram sempre bem-sucedidas. Para ele, “los verdaderos héroes de la Revolución son en este minuto, los cubanos que allá en el norte revuelto y brutal, como lo calificara Martí, que ya no nos desprecia, como afirmara el propio apóstol, sino que nos respeta”.<sup>123</sup> Nesse sentido, resgatou os ideais de Martí sobre a “América europeia”,<sup>124</sup> para mostrar que o nacionalismo e o anti-imperialismo cubanos eram inabaláveis. Até os que viviam “en la entraña del monstruo imperialista” resistiam e eram fiéis à Cuba, honrando o que “Martí decía que nunca se debía hacer lo que el enemigo quería que hiciéramos”.<sup>125</sup>

Ao longo do ano de 1960, os atos de fala de Fidel Castro faziam referência constante ao nacionalismo cubano. Foram discursos direcionados em sua maioria para os trabalhadores do campo e da cidade e construídos em cima da exaltação dos elementos naturais e da figura do trabalhador e do autóctone. No contexto de ataques dos Estados Unidos e de aceleração da reforma agrária, Castro teve como intenções defender a Revolução, mobilizar a população para o trabalho e despertar ainda mais o nacionalismo baseado nas ideias e na linguagem de Martí.

Enquanto os discursos de 1959 citavam Martí principalmente para demonstrar a continuidade das lutas de independência e justificar a reforma agrária, os de 1960 estavam mais pautados na defesa da Revolução. Segundo o próprio Castro, o trabalho de conscientização sobre as medidas revolucionárias já tinha sido feito.<sup>126</sup> Aquele era o ano para preparar o povo para defender a Revolução e garantir o aumento da produção interna. Em 1959, o nome de Martí

---

<sup>122</sup> Discurso proferido na sede das Nações Unidas, Estados Unidos, em 26 de setembro de 1960. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f260960e.html>>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

<sup>123</sup> Discurso proferido ao chegar da Organização das Nações Unidas, no comício em frente ao Palácio, em 28 de setembro de 1960. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f280960e.html>. Acesso em: 21 de maio de 2023.

<sup>124</sup> Ver as páginas 47 e 54 do capítulo 1.

<sup>125</sup> Discurso proferido ao chegar da Organização das Nações Unidas, no comício em frente ao Palácio, em 28 de setembro de 1960. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f280960e.html>. Acesso em: 21 de maio de 2023.

<sup>126</sup> Discurso proferido no encerramento da Reunião de Coordenadores das Cooperativas de Cana-de-Açúcar, no Teatro do CTC Revolucionário, em 10 de agosto de 1960. <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f100860e.html>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

também foi citado diretamente mais vezes. No ano seguinte, foram feitas duas grandes homenagens a Martí, mas considero que sua influência continuava presente nos outros discursos. Como o Apóstolo já era um símbolo consolidado no imaginário cubano, Castro não precisava ficar citando sempre seu nome.

Em 1960, pode-se perceber ainda mais a utilização da linguagem política de “Nuestra América”. Castro fazia referência constante aos elementos naturais do país, às virtudes do autóctone, à defesa dos interesses nacionais, ao desprezo dos Estados Unidos pela América Latina, à mudança de consciência e espírito após a libertação e às noções de conhecimento e utilidade. Esses elementos foram estratégicos no convencimento da população para o trabalho. Assim como fez Martí durante a independência, Castro quis mostrar para o povo cubano que valia a pena lutar pela Revolução e pelo novo governo.

A linguagem de Martí também foi útil para criar uma aproximação entre os trabalhadores do passado e do presente. Seu exemplo foi evocado para gerar uma identificação dos trabalhadores com os sacrifícios dos líderes da independência, mostrando que aquela não era a primeira vez que os cubanos precisavam enfrentar desafios e agressões.

Castro também trouxe indiretamente a questão do enigma hispano-americano de Martí. A lei da reforma agrária foi criada para atender as necessidades dos camponeses e, nesse sentido, Castro também se preocupou em definir o povo cubano, suas capacidades e semelhanças com outros povos da região. A partir dessas reflexões, acreditou que poderia ser construído um país livre e democrático, com um governo que garantisse o equilíbrio dos elementos naturais. Esse novo governo se tornaria um exemplo e um encorajamento para as nações latino-americanas.

A construção de uma imagem para os camponeses estava diretamente relacionada ao resgate dessa linguagem política. Nota-se que em grande parte dos discursos, Castro insistiu em criar uma identidade para os trabalhadores rurais, transformá-los em heróis nacionais, nos sujeitos da Revolução. Isso foi visto, principalmente, nos discursos direcionados para os próprios camponeses. Nessas ocasiões, Castro reforçou a imagem de homens dignos e dotados de grandes virtudes, frutos da semente plantada por José Martí.

Esses trabalhadores eram o símbolo das medidas bem-sucedidas da Revolução, pois foram os mais beneficiados pela reforma agrária e os responsáveis pelo aumento da produção agrícola. Exaltar seus feitos e qualidades significava elogiar a própria Revolução. Fortalecendo a imagem e a função dos trabalhadores, Castro garantia aliados dentro do processo revolucionário e engajava toda a população para alcançar objetivos comuns. Em troca, as recompensas iriam além do individualismo e do ganho material, mas de encontro com um país

“con todos y para el bien de todos”.

Portanto, durante a implementação da reforma agrária em 1960, percebe-se que Castro seguiu os ideais políticos nacionalistas de Martí. O líder revolucionário resgatou as noções de desenvolvimento das forças produtivas nacionais, de governar conforme os conhecimentos do país e de enfrentamento ao domínio do capital estrangeiro. Mas diante do embargo econômico, uma das principais prioridades de Castro foi defender a Revolução. Para isso, precisava encorajar e fortalecer o povo. E Martí, novamente, como um dos símbolos nacionais que unia os cubanos, foi usado politicamente como estratégia de convencimento e de formação da identidade nacional.

## **2.6 1961: o ano da educação**

Enquanto a reforma agrária alterava as relações de produção e propriedade, outras medidas eram planejadas para garantir o desenvolvimento de Cuba. Entre elas, estava a reforma da educação, colocada em prática desde 1959. Segundo Navarro, o projeto incluía a reorganização de todo o sistema de ensino, a transformação de quartéis em escolas, a educação de jovens e adultos, a qualificação profissional para os professores, o aumento do número de professores e escolas em todas as regiões do país e a garantia do acesso à cultura. Nesse sentido, uma das principais medidas foi a campanha de erradicação do analfabetismo de 1961, considerado o “ano da educação” (NAVARRO, 2010, p. 104).

Influenciado pelos ideais de “Nuestra América”, a reforma educacional estava pautada em uma educação popular, integral, laica e gratuita na qual todos podiam ter acesso. Além de privilegiar a educação em um processo contínuo desde o pré-primário até o ensino superior (NAVARRO, 2010, p. 17-18). Se baseando na realidade local, a escola deveria garantir o ensino de “temas nossos”, o desenvolvimento da criatividade e dos conhecimentos necessários para o trabalho e para a vida. Nesse sentido, era importante o acesso à arte e à literatura para estimular as capacidades criadoras dos alunos. Também houve nas escolas um grande incentivo na área da educação física, sob o princípio de que o esporte era um direito de todos (NAVARRO, 2010, p. 19-20).

Camilo Caldas e Maria do Carmo Leite analisam como era a escola pública cubana antes da Revolução. Desacreditadas por cubanos de diversas classes sociais, recebiam poucos investimentos e eram vistas como ineficazes e incapazes de preparar os jovens para os desafios do futuro. Enquanto isso, as escolas privadas, acessíveis apenas para as classes média e alta,

tinham seus programas baseados no ambiente escolar norte-americano. Tornando a educação como um instrumento de “norte-americanização”, os Estados Unidos ensaiavam na ilha uma nova lógica de dominação neocolonial (CALDAS; LEITE, 2019, p. 248). Diante desse cenário, Navarro destaca que, em 1959:

“Ante el cuadro de un millón de analfabetos y 600 000 niños sin escuela en contraste con 10 000 maestros sin empleo, se dispone la creación de 10 000 nuevas aulas para cubrir principalmente el vacío existente en las zonas rurales, y se inicia la formación de maestros voluntarios que, tras breves cursos de preparación, irán a satisfacer las crecientes necesidades educacionales. Se rebaja hasta un 35% el costo de los libros de texto y se preparan las condiciones para iniciar una gran campaña que liquide el analfabetismo” (NAVARRO, 2010, p. 17-18).

Desde o ano anterior, o plano da campanha era recrutar estudantes para formação de um “exército” de cem mil professores alfabetizadores. Eles partiriam para as áreas rurais em abril e o analfabetismo deveria ser erradicado até dezembro de 1961. No campo, esses jovens seriam organizados em brigadas chamadas de “Conrado Benítez” em homenagem ao professor assassinado pelos contrarrevolucionários em janeiro de 1961. Além de ensinar a ler e escrever, a campanha visava inculcar nas crianças o amor à pátria e ao seu povo e formar uma nova geração que apoiasse a Revolução (NAVARRO, 2010, p. 105). Significou mais que uma estratégia educacional, mas a consolidação de um projeto de sociedade, no qual o desenvolvimento cultural caminhava junto às lutas contra o imperialismo (CALDAS; LEITE, 2019, p. 263-264).

Nesse sentido, Chomsky considera que a campanha de alfabetização, assim como o aumento dos investimentos em educação, foi influenciada pelas “ideias radicais de educação rural, vocacional, lírica e adulta” de José Martí (CHOMSKY, 2015, p. 62). Caldas e Leite afirmam que a Revolução seguiu o pressuposto de Martí de que o problema que a América Latina enfrentava era a herança colonialista. A ruptura com essa ordem exigia um trabalho de reeducação que despertaria nas massas novos valores retirados da realidade (CALDAS; LEITE, 2019, p. 251).

Este ano também marcou uma nova fase da crise entre Cuba e Estados Unidos. Depois do fim das relações diplomáticas em janeiro, mais de mil exilados cubanos treinados pela CIA desembarcaram na Baía dos Porcos em abril. Castro mobilizou unidades combatentes e afirmou que, em nome do governo dos camponeses e dos trabalhadores, a Revolução deveria ser salva. Seguindo a perspectiva de Linera, essa resistência cubana representou o momento de consolidação do poder revolucionário e da educação pública. Para Vilaboy e Gallardo:

“En medios de estos intensos conflictos y enfrentamientos se desarrolló una exitosa campaña de alfabetización – gracias a la entusiasta participación de unos 300 mil jóvenes -, que arranjó resultados espectaculares al conseguir enseñar a leer y escribir

a 707 mil personas em pocos meses, lo que redujo el analfabetismo en la isla a sólo el 3,9% de la población, el índice más bajo de América Latina. Además el 6 junio de 1961 fue prohibida la educación privada, actividad que se declaraba, junto al deporte, derecho del Pueblo, y se nacionalizaban todos los colegios y escuelas particulares y religiosas” (VILABOY; GALLARDO, 2005, p. 126).

No dia 23 de janeiro, Castro fez um discurso para os professores que estavam se formando na ilha. Um ponto importante dessa fala foi a ideia de que todos os professores deveriam ser a favor da Revolução, por tudo o que ela estava fazendo pela educação. Declarou que aquele era “el año de destruir el mejor aliado de la explotación, el mejor aliado del colonialismo, el mejor aliado del imperialismo, que es la ignorancia, que es la incultura”.<sup>127</sup> Neste trecho, Castro quis mostrar que estava preocupado com a questão do desenvolvimento cultural e com a solução dos problemas criados pelo imperialismo. Entre esses problemas estava a falta de professores nas áreas rurais e suas dificuldades de adaptação. Por isso, incentivou os professores a mudarem suas concepções sobre o campo e afirmou que a Revolução estava preparando-os para isso. Enfrentando esses desafios, os professores estariam contribuindo diretamente na luta contra o imperialismo.

Para Castro, a luta contra a ignorância era a luta contra os interesses imperialistas e colonialistas. Aqueles que desprezavam a “Nuestra América” tentavam manter as pessoas na ignorância, para que nunca aprendessem, se aproveitando dessa situação para explorar e saquear as terras. Lembrando que essa falta de conhecimento não estava relacionada à falta de erudição ou de estudo formal. O conhecimento significava a tomada de consciência de si próprio, de sua história e dos elementos naturais do país, como forma de resistência e libertação. Essa consciência da realidade local estava diretamente ligada à formação da cultura nacional. Essas questões, portanto, estavam relacionadas aos ideais políticos de Martí sobre o conhecimento e a resolução de problemas.<sup>128</sup>

Nesse sentido, a relação que Martí estabeleceu entre educação, cultura e emancipação, “ser culto é o único modo de ser livre”, serviu de base para uma concepção de educação orientada por novos fundamentos (CALDAS; LEITE, 2019, p. 253). Entre eles, “el principio de que la educación debe ser integral, desarrollar todas las capacidades potenciales del hombre (físicas, intelectuales, morales), conformar los sentimientos, el carácter y la conducta” (NAVARRO, 2010, p. 19).

---

<sup>127</sup> Discurso proferido na cerimônia de formatura dos professores voluntários, realizados no Teatro do CTC Revolucionário, no dia 23 de janeiro de 1961. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f230161e.html>>. Acesso em: 23 de maio de 2023.

<sup>128</sup> Ver as páginas 50 e 51 do capítulo 1.

Cinco dias depois, no dia da comemoração do aniversário de Martí, Castro alertou que os Estados Unidos estavam tentando criar uma base contrarrevolucionária em Santa Clara. Por isso, para combater os inimigos, a Revolução precisava de um esforço ainda maior dos habitantes da região. O ato daquele dia, segundo ele, já provava que a cidade estava a favor da Revolução e estava preparada para defendê-la.<sup>129</sup>

A reunião em Santa Clara foi para a inauguração da escola Abel Santamaría<sup>130</sup> onde antes era um quartel militar. Castro anunciou que na nova escola, considerada por ele como um “alto centro de cultura”, os alunos “van a aprender a producir, van a prepararse para aumentar extraordinariamente la riqueza y el bienestar de nuestro pueblo, donde antes se enseñaba a matar, donde antes se enseñaba a vivir de parásito”.<sup>131</sup> Esse trecho mostra o que significava a transformação de quartéis em escolas para a Revolução, a ressignificação dos antigos símbolos da ditadura. Por isso, Castro falou para os estudantes presentes que era necessário que “aproveche esta gran oportunidad nuestra juventud hoy, porque eso les va a enseñar mucho, eso les será de gran utilidad en la vida, y los familiares de todos ustedes se sentirán siempre satisfechos de esa prueba y de esa experiencia que van a adquirir”.<sup>132</sup>

Neste discurso, ficou claro que Fidel tinha a intenção de conscientizar os jovens da importância da educação e convencê-los a se inscreverem na campanha de alfabetização que se iniciava em abril. Para isso, recorreu aos ideais de “Nuestra América”, como a noção de utilidade e a produção de riquezas para o povo.<sup>133</sup> Também citou a satisfação e o orgulho da família e a realização dos sonhos de Santamaría e dos líderes da independência. Assim, confirmou que a Revolução que os chamava para o trabalho voluntário era “la Revolución que

---

<sup>129</sup> Discurso proferido na Cerimônia de Abertura da Escola Cidade "Abel Santamaría", onde ficava o Quartel Militar "Leôncio Vidal", na Cidade de Santa Clara, em 28 de janeiro de 1961. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f280161e.html>>. Acesso em: 23 de maio de 2023.

<sup>130</sup> Em homenagem ao operário e revolucionário vinculado ao Partido Ortodoxo. Ao lado de Fidel Castro, Santamaría organizou o assalto ao quartel de Moncada e ficaria responsável pela tomada do hospital Saturnino Lora durante a invasão do quartel. Com o fracasso da ação, foi capturado e morto pelas forças de Batista (MENCÍA; TABÍO, 2015, p. 274).

<sup>131</sup> Discurso proferido na Cerimônia de Abertura da Escola Cidade "Abel Santamaría", onde ficava o Quartel Militar "Leôncio Vidal", na Cidade de Santa Clara, em 28 de janeiro de 1961. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f280161e.html>>. Acesso em: 23 de maio de 2023.

<sup>132</sup> Discurso proferido na Cerimônia de Abertura da Escola Cidade "Abel Santamaría", onde ficava o Quartel Militar "Leôncio Vidal", na Cidade de Santa Clara, em 28 de janeiro de 1961. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f280161e.html>>. Acesso em: 23 de maio de 2023.

<sup>133</sup> Ver a página 51 do capítulo 1.

llevó a cabo la obra de Martí”.<sup>134</sup>

Em 11 de fevereiro, em uma reunião com trabalhadores, Castro os parabenizou por serem úteis ao país, sendo esta uma forma de serem livres e de garantirem a produção voltada para o bem comum. Foram esses trabalhadores que “han sustituido los intereses egoístas de unos pocos, por el interés absolutamente mayoritario de la nación”.<sup>135</sup> Com este exemplo, pediu a colaboração de todos no incentivo aos jovens para seguirem esse mesmo caminho e se alistarem no trabalho voluntário no campo. Argumentou que, com a campanha de alfabetização, se iniciaria “una era de estímulo para el estudio, una era extraordinaria de progreso cultural en nuestro país, porque a esos que aprendan a leer y escribir se les seguirá estimulando para que sigan estudiando”.<sup>136</sup> Isso iria de encontro à “la incesante labor de la Revolución para que toda la población compresiese la necesidad de estudiar” (NAVARRO, 2010, p. 110).

Em uma conversa com estudantes de Havana, Castro criticou os “inimigos da verdade” e o que fizeram com a população natural da ilha: “Masas de indios analfabetos, masas de obreros y campesinos que no sepan leer y escribir es precisamente lo que necesitan los explotadores de los pueblos [...] es un deber para todo hombre no ser un parásito miserable”.<sup>137</sup> Nesse sentido, a solução para o problema era a campanha de alfabetização. Aproveitou para elogiar a rebeldia da juventude, ainda maior que a das gerações anteriores, e destacou que o principal objetivo da educação de era “prepararlos para ser útiles a la sociedade”.<sup>138</sup> Assim, pretendeu encorajar e mobilizar os jovens professores com a ideia de que deveriam levar para o campo a “verdade” e a “luz”.

Na mesma linha de reflexão, Castro reiterou a noção de utilidade e de criação de novas

---

<sup>134</sup> Discurso proferido na Cerimônia de Abertura da Escola Cidade "Abel Santamaría", onde ficava o Quartel Militar "Leôncio Vidal", na Cidade de Santa Clara, em 28 de janeiro de 1961. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f280161e.html>>. Acesso em: 23 de maio de 2023.

<sup>135</sup> Discurso proferido na cerimônia de encerramento da Convenção Nacional dos Conselhos Consultivos Técnicos, realizada no Círculo Social dos Trabalhadores "Charles Chaplin", em 11 de fevereiro de 1961. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f110261e.html>>. Acesso em: 24 de maio de 2023.

<sup>136</sup> Discurso proferido na cerimônia de encerramento da Convenção Nacional dos Conselhos Consultivos Técnicos, realizada no Círculo Social dos Trabalhadores "Charles Chaplin", em 11 de fevereiro de 1961. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f110261e.html>>. Acesso em: 24 de maio de 2023.

<sup>137</sup> Discurso proferido no encerramento do Primeiro Plenário Estudantil de Jovens Rebeldes, no Teatro Payret, em 27 de março de 1961. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f270361e.html>>. Acesso em: 24 de maio de 2023.

<sup>138</sup> Discurso proferido no encerramento do Primeiro Plenário Estudantil de Jovens Rebeldes, no Teatro Payret, em 27 de março de 1961. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f270361e.html>>. Acesso em: 24 de maio de 2023.

ideias numa palestra realizada para profissionais em formação: “ser útil en la vida quiere decir todo [...] la Revolución les da precisamente esa oportunidad a ustedes: la oportunidad de ser ingenieros, la oportunidad de ser arquitectos, la oportunidad de ser creadores”.<sup>139</sup> Quis dar a entender que, graças à Revolução, esses jovens teriam uma profissão. E enquanto futuros trabalhadores, poderiam aplicar os conhecimentos adquiridos sem obstáculos. Adaptados aos elementos naturais do país, seriam criadores de novas formas e riquezas, como produtores de bens materiais e de serviços úteis para a sociedade. Falando sobre isso, Castro gerava uma autoconfiança nos jovens e um sentimento de agradecimento e retribuição pela Revolução.

Em abril, enquanto milhares de estudantes-professores partiam para o campo, Cuba vivia uma atmosfera tensa às vésperas da invasão à Baía dos Porcos (GOTT, 2006, p. 217). No dia 15, oito aviões norte-americanos,<sup>140</sup> pilotados por exilados cubanos, bombardearam os aeroportos de Havana, Santiago e San Antonio de los Baños. No dia seguinte, percebendo que a invasão era iminente, Castro condenou os atos criminosos dos Estados Unidos e decretou estado de alerta. Usou o funeral das vítimas dos bombardeios para anunciar, pela primeira vez, o caráter socialista da Revolução (NAVARRO, 2010, p. 56): “Compañeros obreros y campesinos, esta es la Revolución socialista y democrática de los humildes, con los humildes y para los humildes”.<sup>141</sup> Percebe-se então que, desde o princípio, as influências socialistas na Revolução se articulavam com tendências democráticas e nacionalistas.

Na madrugada do dia 17 de abril, começou a invasão na tentativa de derrubar o governo revolucionário. Um grupo de exilados apoiados pelos Estados Unidos, composto por mais de mil e quinhentos homens em sua maioria ex-militares, latifundiários, comerciantes e jovens de origem burguesa, desembarcaram em Playa Girón, na Baía dos Porcos, ao sul da ilha. O objetivo era formar um governo provisório que solicitaria de imediato a intervenção dos Estados Unidos. Mas os exilados e o governo norte-americano não levaram em consideração “la unidad indisoluble entre el pueblo y su Revolución, y la capacidad estratégica y táctica de Fidel y de la

---

<sup>139</sup> Palestra entregue aos Profissionais e Técnicos da Construção, feita no CTC, em 12 de abril de 1961. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f120461e.html>>. Acesso em: 24 de maio de 2023.

<sup>140</sup> Disfarçados com o símbolo da Força Aérea Revolucionária para dar a impressão de uma rebelião interna (NAVARRO, 2010, p. 54).

<sup>141</sup> Discurso proferido no funeral de honra às vítimas dos bombardeios, em frente ao Cemitério de Colombo, em 16 de abril de 1961. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f160461e.html>>. Acesso em: 25 de maio de 2023. “Así, los hombres que enfrentarían al enemigo horas después, combatirían ya conscientemente por el socialismo” (NAVARRO, 2010, p. 56).

dirección revolucionaria” (NAVARRO, 2010, p. 57).<sup>142</sup> Com o apoio do exército rebelde e das milícias operárias e camponesas de várias cidades, os invasores foram derrotados em menos de 72 horas (NAVARRO, 2010, p. 59). Para Navarro:

“La victoria de Playa Girón consolidó la confianza del pueblo cubano en sus propias fuerzas, corroboró el valor de la solidaridad internacionalista, acrecentó el prestigio de la Revolución Cubana en todo el planeta y reafirmó el papel dirigente de Fidel Castro. Fue no sólo una victoria de Cuba, sino de todos los pueblos de América en su lucha contra el dominio del imperialismo y las oligarquias” (NAVARRO, 2010, p. 60).

No mês seguinte, no ato do dia internacional do trabalho, Castro explicou para os trabalhadores e visitantes estrangeiros a essência de uma revolução socialista. Se referindo à reforma educacional, enfatizou mais uma vez “el derecho de los estudiantes a la enseñanza libre, experimental y científica; el derecho de los negros y los indios a ‘la dignidad plena del hombre’”.<sup>143</sup> Quantos aos deveres do Estado e do povo, mostrou que estavam relacionados ao nacionalismo e à igualdade social: “la Revolución se considera en el deber de organizar y establecer el principio de la enseñanza gratuita a todos [...] y el pueblo se considera en el deber de formar a las futuras generaciones en un espíritu de amor a la patria”.<sup>144</sup>

Nessas passagens, percebe-se o resgate de ideais de “Nuestra América”, como os direitos do homem natural, o ensino científico voltado para a realidade local e para o alcance da dignidade, a mudança de espírito e a sociedade baseada no amor ao próximo e ao país.<sup>145</sup> Nesse sentido, Castro citou Martí: “la patria que será de ahora en adelante y para siempre como la quería Martí, cuando dijo: ‘con todos y para el bien de todos’”.<sup>146</sup> Vale apontar que, em um ano em que foi pouco citado diretamente, o nome de Martí foi mencionado em um discurso no qual estavam presentes muitos estrangeiros. Considero que seu nome foi resgatado nesta ocasião pois era um símbolo de igualdade e de união entre os povos já reconhecido em outros

---

<sup>142</sup> O desembarque sem proteção aérea, o desconhecimento do local e o planejamento desorganizado também foram fatores que contribuíram para a invasão mal-sucedida (GOTT, 2006, p. 218).

<sup>143</sup> Discurso proferido resumindo os acontecimentos do Dia Internacional do Trabalho. Praça da Revolução, 1º de maio de 1961. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f010561e.html>>. Acesso em: 25 de maio de 2023.

<sup>144</sup> Discurso proferido resumindo os acontecimentos do Dia Internacional do Trabalho. Praça da Revolução, 1º de maio de 1961. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f010561e.html>>. Acesso em: 25 de maio de 2023.

<sup>145</sup> Ver as páginas 51, 52 e 53 do capítulo 1.

<sup>146</sup> Discurso proferido resumindo os acontecimentos do Dia Internacional do Trabalho. Praça da Revolução, 1º de maio de 1961. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f010561e.html>>. Acesso em: 25 de maio de 2023.

países. Ao citá-lo, Castro criava uma proximidade e uma identificação entre cubanos e estrangeiros, essenciais no princípio internacionalista da Revolução.

O mesmo pode ser percebido no discurso do dia 19 de maio. Na ocasião, Castro recebeu o Prêmio Lênin da Paz, concedido pela União Soviética em reconhecimento às lutas do povo cubano. Um dos aspectos destacados foi a união do povo cubano e sua capacidade de despertar a solidariedade de outros povos, entre eles, os soviéticos. Diante de embaixadores, turistas e da população cubana, Castro declarou que “la fecha nos trae el recuerdo de aquel gran luchador por la independencia de Cuba, por la soberanía de nuestro pueblo, por la paz y la justicia entre los hombres, que cayó un día como hoy, nuestro inmortal José Martí”.<sup>147</sup>

Mas também comentou sua admiração pelo povo soviético e suas semelhanças com os cubanos. Prestou homenagens a Lênin, demonstrando as influências democráticas e socialistas da Revolução. Segundo Navarro, essas influências eram evidentes no campo da educação e da formação das novas gerações, na “aplicación en gran escala del principio martiano y marxista de vinculación del estudio con el trabajo” (NAVARRO, 2010, p. 110). O autor destacou que ao longo das décadas de 1960 e 1970, os estudantes eram enviados para as zonas rurais não apenas como alfabetizadores, mas também como trabalhadores agrícolas. Isso fazia parte de uma formação integral que combinava estudo científico, prática docente e trabalho produtivo e que contribuísse para o desenvolvimento nacional e a produção de alimentos (NAVARRO, 2010, p. 110-111).

Ainda sobre essas influências socialistas, Martínez Heredia (2018) afirma que a educação deveria “ir al encuentro de nuevos modos de ser del trabajo intelectual” (MARTÍNEZ HEREDIA, 2018, p. 67). Antes da Revolução, a atividade intelectual era vista como uma forma de dominação de classe e desvinculada da situação concreta do país. Por isso, a Revolução precisava combater “la incapacidad, la formación de grupos burocráticos, el intelectualismo, la falta de criterios e iniciativa, la debilidad ante las formas de penetración ideológica capitalista, la resultante, en suma, de la cultura burguesa” (MARTÍNEZ HEREDIA, 2018, p. 67). Sendo assim:

“Los propósitos de la educación [...] consisten en desarrollar las capacidades de los individuos a la vez que la generación y socialización de actitudes nuevas, superiores a las que genera la sociedad burguesa, que brinden un sentido nuevo al ejercicio de aquellas capacidades. El capitalismo afianza su hegemonía en las sociedades que domina mediante el signo burgués impreso a las actividades sociales. El consumo de infinidad de productos se efectúa a partir de los mecanismos mercantiles de

<sup>147</sup> Discurso proferido na homenagem prestada a ele pelo CTC Revolucionário e pelo Movimento Nacional pela Paz, por ocasião de ter sido premiado com o "Prêmio Lênin pela Paz", realizado em 19 de maio de 1961. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f190561e.html>>. Acesso em: 26 de maio de 2023.

comercialización, y de la ideología burguesa acerca del consumo [...] la principal necesidad social del sistema es eternizar la dominación burguesa” (MARTÍNEZ HEREDIA, 2018, p. 62).

No mês de junho, Castro participou de uma reunião com membros da União Internacional de Estudantes. Comentou sobre sua política cultural, o intercâmbio que pretendia fazer com as “nações irmãs” da América Latina, os planos de conceder bolsas de estudo para jovens desses países e a conversão de bairros em residências de estudantes para recebê-los. Citou, também, o envio de brigadas de alfabetização para outros países e de instrutores de arte para os campos de Cuba. Segundo ele, esse “es el esfuerzo que la Revolución hace por resolver un mal secular en nuestro continente, y es la ignorancia, el analfabetismo”.<sup>148</sup> Percebe-se que Castro se guiava pelos valores internacionalistas e de solidariedade, típicos do pensamento martiano e guevarista. Se preocupava e se colocava à disposição dos outros países para solucionar problemas históricos e estender a reforma educacional para quem apoiava a Revolução.

No dia 18 de junho, ocorreu uma cerimônia de entrega de certificados à quatro mil pessoas recém-alfabetizadas. Durante o discurso, Castro elogiou a mobilização dos jovens alfabetizadores e fez uma comparação com os guerrilheiros do século XIX. E avisou que, diante da alta demanda por uniformes e equipamentos, “en el ánimo del alfabetizador debe estar su disposición a enseñar descalzo [...] en la Guerra de los Diez Años, la mayor parte de los mambises estaban descalzos; y, sin embargo, estuvieron guerreando 10 años”.<sup>149</sup>

Em sua fala, Castro teve a intenção de mostrar aos jovens que sacrifícios deveriam ser feitos em nome do país e que eles deveriam manter o trabalho apesar dos obstáculos. Nesse sentido, Navarro considera que um dos principais desafios dos professores em áreas isoladas eram as operações de grupos armados contrarrevolucionários. Muitos alfabetizadores e camponeses foram atacados, assim como seus locais de abrigo, e alguns assassinados (NAVARRO, 2010, p. 106-108).

Na mesma cerimônia, Castro leu mensagens de cubanos recém-alfabetizados direcionadas a ele. Entre elas, havia frases como “Orgulloso estoy de estudiar para progresar,

---

<sup>148</sup> Discurso proferido no encerramento da reunião do Comitê Executivo da União Internacional dos Estudantes, realizada no Capitólio Nacional, em 8 de junho de 1961. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f080661e.html>. Acesso em: 26 de maio de 2023.

<sup>149</sup> Discurso proferido na Cerimônia de Entrega dos Certificados dos 4.000 Alfabetizados, realizada na Ciudad Deportiva, em 18 de junho de 1961. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f180661e.html>. Acesso em: 27 de maio de 2023.

como lo soñó Martí: ‘Ser cultos es ser libres’”.<sup>150</sup> A partir delas, Castro imaginava a emoção de quem aprendia a ler e escrever e tentou comover o público com o trabalho que a Revolução estava fazendo. Para isso, criou uma aproximação com o passado anticolonial, chamando à tribuna uma senhora de mais de cem anos de idade recém-alfabetizada.

Durante a conversa com Castro, a idosa contou sua história de vida, lembrou de fatos do século XIX e agradeceu o dirigente revolucionário por libertar o país. Também reverenciou Martí, como Apóstolo e profeta, no qual Castro completou: “Yo soy un discípulo”.<sup>151</sup> Nesse sentido, Castro tentou criar uma imagem para si como um governante legítimo que seguia os ideais do profeta da população.

Em 5 de setembro, no encerramento do Congresso Nacional de Alfabetização, Fidel ressaltou que um povo alfabetizado estava disposto a criar seu próprio destino. E era isso que derrotava o imperialismo norte-americano. Chamou a atenção para o fato de que “los países más explotados económicamente y más oprimidos políticamente, son los países que tienen más analfabetos”.<sup>152</sup> Neste trecho, teve a intenção de mostrar que a educação e a Revolução andavam juntas. Segundo ele, a educação era um índice de opressão política, sua falta determinava o nível de atraso social e exploração econômica de um país. Por essa razão, sua Revolução se empenhava em nacionalizar a educação e desenvolver a autonomia intelectual dos cubanos.

Nessa perspectiva, no discurso proferido em 8 de novembro, esclareceu que a campanha de alfabetização era apenas o começo das reformas educacionais. A Revolução continuaria estimulando o estudo e “después vendrán nuevas batallas, porque nuestro pueblo tiene que proponerse estudiar, superarse, saber cada día más [...] estudiar cada vez más para comprender la verdad cada vez mejor”.<sup>153</sup> Para ele, compreender a verdade era entender os problemas políticos e econômicos causados pelo imperialismo. Sendo assim, era importante ler autores nacionais, ensinar a verdadeira história da independência e o papel do Apóstolo Martí.

---

<sup>150</sup> Discurso proferido na Cerimônia de Entrega dos Certificados dos 4.000 Alfabetizados, realizada na Ciudad Deportiva, em 18 de junho de 1961. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f180661e.html>. Acesso em: 27 de maio de 2023.

<sup>151</sup> Discurso proferido na Cerimônia de Entrega dos Certificados dos 4.000 Alfabetizados, realizada na Ciudad Deportiva, em 18 de junho de 1961. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f180661e.html>. Acesso em: 27 de maio de 2023.

<sup>152</sup> Discurso proferido no encerramento do Congresso Nacional de Alfabetização, no Teatro "Chaplin", em 5 de setembro de 1961. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f050961e.html>. Acesso em: 28 de maio de 2023.

<sup>153</sup> Discurso proferido no Parque Central de Melena del Sur, Primeiro Território Municipal Livre do Analfabetismo, em 8 de novembro de 1961. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f081161e.html>. Acesso em: 28 de maio de 2023.

Em 22 de dezembro, ao final da campanha, Castro proclamou Cuba como um território livre do analfabetismo, como havia prometido: “en medio de la agresión económica, el bloqueo imperialista [...] no solamente la Revolución ha permanecido en pie y firme [...] además, se ha cubierto con la gloria de haber ganado esta batalla por la educación”.<sup>154</sup> De acordo com Navarro, “se habían alfabetizado más de setecientos mil adultos, quedando unicamente los incapacitados para el aprendizaje. Estos analfabetos residuales constituían sólo el 3,9% de la población, uno de los índices más bajos de América Latina” (NAVARRO, 2010, p. 108).

Portanto, a Revolução Cubana praticamente eliminou o analfabetismo em um ano. O impacto sobre os camponeses foi significativo, além de um momento definidor para os jovens, que foram para localidades distantes e atuaram diretamente na luta revolucionária. O sucesso estimulou o governo a empreender uma campanha permanente de educação de adultos e de investimentos no ensino primário e superior, com a formação de professores, a construção de escolas, a concessão de bolsas de estudo e os incentivos em pesquisas. Nas décadas seguintes, com o apoio soviético, Cuba desenvolveu um sistema educacional popular e gratuito sem paralelos na América Latina (GOTT, 2006, p. 217).

Em 1959, o governo revolucionário já iniciava a reforma educacional transformando quartéis militares em escolas. Dois anos depois, a reforma se intensificou, a partir da campanha de alfabetização em massa. Ao longo dos discursos de 1961, pode-se ter uma noção melhor de como Castro entendia a educação, das soluções criadas para os problemas da incultura e do analfabetismo e nota-se semelhanças com o projeto educacional de Martí. A própria campanha de alfabetização foi colocada em prática como uma solução baseada nos problemas locais. E foi feita por um governo que se declarava lógico e adaptado aos elementos naturais do país.

Percebe-se que grande parte dos discursos deste ano foram direcionados à estudantes e professores. No contexto de alfabetização, Castro teve como intenções convencer os jovens a trabalharem no campo e conscientizá-los sobre a importância do estudo como forma de libertação. Essa mobilização foi pensada estrategicamente, evocando os sentimentos da família e os símbolos anticoloniais do século XIX. Durante os discursos, Castro afirmava que os jovens estavam respondendo plenamente ao seu apelo, garantindo o sucesso da campanha.

Diante dos desembarques norte-americanos, Castro também quis mostrar a firmeza ideológica da Revolução. Apesar do caráter socialista decretado em abril, continuou enfatizando a base democrática e martiana do governo. Sobre esse tema, autores como Caio Prado Junior e

---

<sup>154</sup> Discurso pronunciado en la concentración celebrada en la Plaza de la Revolución “José Martí”, para proclamar a Cuba Territorio Libre de Analfabetismo, el 22 de diciembre de 1961. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f221261e.html>>. Acesso em: 28 de maio de 2023.

Michael Löwy consideram que houve uma transição para o socialismo já naquele ano. Mas acredito que foi uma transição mais lenta, perpassando os anos seguintes, como será visto no próximo capítulo.

Destaco que, em comparação com os dois anos anteriores, o nome de Martí foi citado menos vezes em 1961. Foi mencionado, principalmente, em discursos para públicos estrangeiros, o que revela que o simbolismo de Martí era utilizado para estabelecer uma confiança e uma aproximação com outros países. Mas mesmo sendo pouco citado nos discursos em geral, pode-se inferir que Castro se apropriou de sua linguagem política e utilizou seus ideais relacionados à educação. Assim como o Apóstolo, Castro defendia a noção de utilidade, de necessidade, de criação de novas ideias e de desenvolvimento da cultura e da autonomia intelectual, relacionada à ideia de que todos deveriam ter condições de pensar por si mesmos.

Como um dos primeiros pensadores cubanos a criar um espírito nacional, José Martí idealizou um projeto revolucionário de libertação e um projeto de sociedade. Traçou em “Nuestra América” um caminho possível de soberania, igualdade e de defesa dos interesses nacionais, que incluía a reforma agrária e educacional. Seriam medidas necessárias para reverter os danos causados pela dominação estrangeira e garantir a autonomia econômica e intelectual dos povos latino-americanos. Ao nacionalizar os monopólios, garantir terras aos camponeses, abolir o analfabetismo e governar conforme os conhecimentos do país, Castro afirmava os preceitos de Martí, mais de cinquenta anos depois de sua morte em Dos Ríos.

Ao longo deste capítulo, portanto, vimos que os ideais políticos de José Martí foram retomados por Fidel nos primeiros anos da Revolução Cubana. Uma revolução nacionalista, contra a ordem, marcada pela rebeldia e pelo internacionalismo e que implementou medidas inspiradas no Apóstolo da independência. Nos discursos de 1959, o nome de Martí foi usado, principalmente, para criar uma imagem para o líder revolucionário e justificar a Revolução e a reforma agrária. Entre os três primeiros anos, foi em 1959 que Martí foi citado diretamente mais vezes. Isso pode ser explicado pelas tentativas de criar uma continuidade entre a Revolução e as lutas pela independência.

Mas as poucas citações do nome de Martí em 1961 não significam que sua influência foi se perdendo. Em 1960, Castro resgatou a linguagem política de Martí para defender a Revolução diante do embargo e das agressões imperialistas. Já em 1961, recorreu aos seus ideais políticos para convocar os jovens a se alistarem no trabalho voluntário no campo. Cabe agora, analisar os discursos dos anos seguintes para atestar a influência dos ideais de Martí durante a construção do socialismo.

### **3 OS DISCURSOS DE FIDEL CASTRO ENTRE 1962 E 1965 E A CONTRIBUIÇÃO DOS IDEAIS POLÍTICOS DE JOSÉ MARTÍ PARA A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO**

#### **3.1 A construção do socialismo em Cuba**

Após a declaração do caráter socialista da Revolução, Cuba iniciou um período de transição para o socialismo que perdurou até a década seguinte. Como foi visto no capítulo anterior, em 1961, por exemplo, a base democrática e martiana do governo ainda era mais enfatizada do que a base marxista. Mas a partir desse contexto, em um processo lento, Cuba foi se aproximando da União Soviética, com acordos econômicos e depois militares e políticos. Dentro do governo revolucionário, também começaram os debates sobre a organização da sociedade, da economia e da política em novas bases. As formas de propriedade, a consciência socialista e o partido unificado precisavam ser discutidos e planejados. E de 1962 em diante, esse novo alinhamento passou a ser cada vez mais explícito nos discursos de Fidel Castro.

Neste capítulo, analiso os discursos de Castro nessa nova fase, percebendo como e em que ocasiões os ideais de Martí foram retomados. Segundo Florestan Fernandes, o governo revolucionário cubano criou seu próprio caminho para o socialismo. Utilizou não apenas símbolos “externos” ou marxistas, mas recorreu a Martí e a uma linguagem original de exaltação do povo (FERNANDES, 2007, p. 223). Cabe especificar, de ano em ano, como se deu essa utilização do nome de Martí, se houve mudanças em relação aos primeiros anos da Revolução e se sua linguagem política ainda era recorrente.

Inicialmente, vale ressaltar que a bibliografia sobre os anos de 1962 em diante é mais escassa do que em relação aos anos anteriores. Na historiografia cubana e brasileira, com que tive contato, a maioria das obras não dão conta da complexidade desses anos. Ao abordar a história da Revolução, focam apenas nos três primeiros anos, passando pelas primeiras reformas até a declaração do caráter socialista em 1961. Sobre 1962, um dos únicos temas discutidos é a Crise dos Mísseis. Depois, algumas obras destacam apenas o ano de 1968, como um marco da “ofensiva revolucionária”. Foi nesse ano que se completou a estatização dos estabelecimentos privados e a liberdade de expressão foi limitada, com o fechamento de meios de comunicação e a campanha contra a “mentalidade individualista” (NAVARRO, 2010, p. 75).

Outros textos abordam direto a crise de 1970 e o resultado da expansão da cana de açúcar para tentar alcançar a safra de 10 milhões de toneladas. Incluem nessa etapa, a questão da

legitimidade do governo após o fracasso da meta, o forte alinhamento com a União Soviética e o crescimento econômico de 10% ao ano a partir de então (NAVARRO, 2010, p. 76). Ou destacam apenas os contextos de institucionalização de 1975, em que foi realizado o I Congresso do PCC, e de 1976, quando foi aprovada a nova Constituição. Neste ano, também foram realizadas as primeiras eleições nacionais e Cuba foi integrada ao Conselho Econômico de Ajuda Mútua (Came) do bloco soviético.

A maioria dos textos destacados nesse capítulo foge um pouco dessas tendências. Os autores analisam os anos entre 1962 e 1965 de forma mais detalhada, aprofundando, principalmente, a questão agrária, a atuação de Che Guevara na economia e o alinhamento crescente com a União Soviética. Mas, em geral, percebo análises que dialogam pouco com os três primeiros anos da Revolução e que não explicam os usos de Martí para a construção do socialismo.

Além dessa questão da bibliografia, percebi que a quantidade de discursos de Fidel nesse período foi menor e as falas também foram mais curtas. Em algumas datas, como no aniversário de Martí em 28 de janeiro, por exemplo, não aconteceram mais discursos. Isso se explica, principalmente, pelo novo período que a Revolução estava entrando. Ela já tinha o apoio popular e já estava se consolidando e buscando alternativas para enfrentar os desafios do embargo econômico.

Em suas falas, Fidel também não aprofundou questões importantes como o funcionamento dos partidos, as relações com a América Latina e a dinâmica dos acordos com a União Soviética. Em geral, seus discursos sobre o socialismo foram breves e repetitivos, como veremos mais adiante. Ele se ateve apenas aos principais conceitos do marxismo-leninismo, principalmente nos discursos para a população cubana.

Mas analisar os anos entre 1962 e 1965 é essencial para entender o processo de consolidação da Revolução. Foi nessa época que o governo conseguiu estabilizar a Revolução a seu favor através da criação de um partido único e da desarticulação dos grupos contrarrevolucionários. Um processo marcado, para além da Crise dos Mísseis, por uma nova reforma agrária, pela Segunda Declaração de Havana e por diversos debates econômicos que conferiram originalidade ao socialismo cubano. Também houve a definição de um “homem novo”, de novos estímulos sociais e formas de propriedade. Nesse período, Fidel fez sua primeira viagem para a União Soviética e conseguiu se consolidar como a principal liderança revolucionária, após tensões com as dissidências.

Portanto, para contextualizar os discursos, selecionei alguns autores que se debruçam sobre esses anos. Primeiramente, sobre a aproximação de Cuba com a União Soviética, destaco

os historiadores Joana Salém Vasconcelos (2016) e Gilliard Prado (2018). Em seguida, trago alguns debates sobre a questão agrária, o papel de Che Guevara na economia, a nova sociedade e o novo regime político, presentes, principalmente, nos livros de Luiz Bernardo Pericás (2018) e Florestan Fernandes (2007). Também coloco algumas passagens de discursos de Fidel em que ele falou sobre o socialismo. Serão levantados os principais aspectos que perpassam a construção do socialismo em Cuba. Os acontecimentos mais específicos de cada ano serão abordados nas próximas seções, como foi feito no capítulo anterior.

Segundo José Cantón Navarro, a partir de 1962, o intercâmbio com a União Soviética já constituía mais de 80% das relações internacionais de Cuba (NAVARRO, 2010, p. 87). Mesmo com esse dado, é importante destacar que o governo continuava com suas políticas de solidariedade, independente dos soviéticos. Em seus discursos, Castro oferecia apoio militar e financeiro a países que lutavam pela independência ou contra os Estados Unidos, como a Argélia e o Vietnã. Esses aspectos internacionalistas são visíveis, principalmente, em 1965, como veremos mais à frente.

Para Ayerbe (2004), essa aproximação com a União Soviética deve ser entendida a partir de uma perspectiva histórica. Diante do embargo econômico dos Estados Unidos, a única alternativa de Cuba foi se aliar a uma outra superpotência que conseguia fazer frente ao capitalismo. Era uma chance de garantia de mercados, de abastecimento de produtos necessários, com certa estabilidade nos preços, de acesso à tecnologia e de manutenção das reformas e da soberania conquistadas até então. Nesse sentido, Vasconcelos considera que “quanto maior a austeridade dos Estados Unidos, mais fortes se tornavam os vínculos entre a ilha e a União Soviética” (VASCONCELOS, 2016, p. 200).

Como foi visto no capítulo anterior, o primeiro convênio comercial com a União Soviética se deu em fevereiro de 1960. Nesse período, os soviéticos se comprometeram a comprar 1 milhão de toneladas de açúcar por ano e a conceder créditos para a aquisição de equipamentos agrícolas. E o petróleo soviético passou a ser vendido para Cuba a preços mais baixos do que os do mercado mundial. Mas, já no final do ano, diante do embargo norte-americano, este acordo já não era mais suficiente para proteger a economia cubana. Um segundo convênio foi anunciado em janeiro em 1964 (VASCONCELOS, 2016, p. 163).

Para entender mais a fundo esse processo, é preciso recorrer à Gilliard Prado (2018). O historiador considera que, durante o ano de 1959, não havia um interesse político mútuo entre os dois países. Isso se explica pelo próprio caráter nacionalista da Revolução, pela sua posição de neutralidade diante da Guerra Fria ou até pela política de coexistência pacífica dos soviéticos em relação aos Estados Unidos (PRADO, 2018, p. 145). Nesse período, os soviéticos tentavam

não interferir no continente americano, visto como tradicional zona de influência dos norte-americanos (PRADO, 2018, p. 149).

Mas a partir de 1960, com a reforma agrária e as constantes ameaças dos Estados Unidos, Cuba foi aos poucos estabelecendo vínculos com a União Soviética. O primeiro passo se deu no campo econômico, com o intercâmbio do açúcar pelo petróleo soviético. E diante da recusa do governo norte-americano em importar o açúcar cubano, a União Soviética se comprometeu em comprar toda a quantidade que antes era destinada aos Estados Unidos (PRADO, 2018, p. 145). Segundo Luiz Bernardo Pericás, nesse acordo comercial, Moscou comprou 1 milhão de toneladas de açúcar por ano até 1964, além de outros produtos cubanos como frutas, couro e pimenta. A União Soviética também concedeu um empréstimo de 100 milhões de dólares para Cuba, com um prazo de pagamento de até 12 anos (PERICÁS, 2018, p. 27).

No segundo semestre de 1960, houve uma aproximação de caráter mais político e militar, com o fornecimento de armas para Cuba. Foi nesse período que Fidel fez as primeiras referências públicas a uma política de amizade com os soviéticos e que o bloco mudou sua postura em relação à Cuba (PRADO, 2018, p. 146). Isso ocorreu porque os soviéticos queriam aumentar seu poder de negociação com os Estados Unidos e seu prestígio à frente do movimento comunista internacional. Naquele período, o governo de Mao Tsé-Tung na China estava criticando a política da coexistência pacífica da União Soviética, “como uma expressão da cumplicidade soviética com o imperialismo” (BANDEIRA, 2009, p. 233 apud PRADO, 2018, p. 150).

Nesse contexto, o primeiro-ministro Nikita Krushev declarou que a União Soviética poderia ajudar na defesa da ilha caso ela fosse invadida pelos Estados Unidos. Em um discurso em setembro de 1960, na ONU, Fidel retomou partes da declaração de Krushev e concordou com o posicionamento do governo soviético em relação a questões de política internacional na Guerra Fria (PRADO, 2018, p. 147-148). Castro defendeu a nova parceria, explicando que: “nosotros quisimos vender nuestros productos, y fuimos en busca de nuevos mercados, y concertamos un convenio comercial con la Unión Soviética [...] nadie dirá que eso es incorrecto”.<sup>155</sup>

Segundo Prado, diante do embargo econômico, o estreitamento dos vínculos com a União Soviética era útil pela proteção militar e pelo auxílio econômico, permitindo ao governo

---

<sup>155</sup> Discurso pronunciado na sede das Nações Unidas, nos Estados Unidos, em 26 de setembro de 1960.

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f260960e.html>>. Acesso em 23 de novembro de 2023.

cubano prosseguir com suas reformas. Era uma forma de garantir a continuidade e a sobrevivência da Revolução diante das circunstâncias (PRADO, 2018, p. 150). Mas o autor considera que ao longo da década de 1960, as relações entre Cuba e União Soviética foram marcadas por um equilíbrio instável. Construída sob bases pragmáticas e para atender a necessidades práticas, essa amizade foi marcada por tensões e por divergências políticas e ideológicas (PRADO, 2018, p. 151).

Por isso, a princípio, “a proclamação do caráter socialista não foi objeto de enaltecimento político-ideológico e tampouco esteve acompanhada de considerações teóricas ou da reivindicação de qualquer corrente de pensamento” (PRADO, 2018, p. 151). Aos poucos, o conteúdo marxista-leninista foi aparecendo nos discursos de Fidel, assim como as contradições ideológicas. Se em algumas ocasiões ele mostrava que não estava disposto a seguir o marxismo ortodoxo soviético e nem permitir que o PSP controlasse o governo, em outros dizia que o marxismo-leninismo era “a única teoria revolucionária verdadeira” (PRADO, 2018, p. 158). E Cuba continuava com seu internacionalismo e sua política externa independente e, às vezes, contrária à soviética (PRADO, 2018, p. 167).

Um dos principais acordos entre Cuba e União Soviética foi a ajuda militar em 1962 que culminou na Crise dos Mísseis. Foram instalados mísseis nucleares em território cubano para auxiliar na defesa da ilha e aumentar o poder de negociação da União Soviética com os Estados Unidos em meio a outros conflitos (PRADO, 2018, p. 168). Mas nem mesmo o desfecho da crise, apesar de ter gerado insatisfação entre os cubanos, afetou a aliança estratégica. Segundo Prado, em geral, os governos cubano e soviético conseguiram administrar com êxito as instabilidades (PRADO, 2018, p. 176).

Ao longo dos anos, a relação foi pautada por convênios de longo prazo, geralmente quinquenais e fora da lógica capitalista do mercado mundial (PRADO, 2018, p. 183). Entre eles, estava o convênio açucareiro de 1964 que garantia a mecanização da colheita de cana de açúcar e um mercado seguro para a venda do produto (PRADO, 2018, p. 189). O envio de armas e o oferecimento de mísseis nucleares também foi um ponto importante nesses primeiros anos. Mas de acordo com Prado, somente a partir de 1970 que Cuba se alinhou completamente às diretrizes soviéticas e as relações com a União Soviética se aprofundaram (PRADO, 2018, p. 187).

Já sobre a questão da agricultura de cana de açúcar, é interessante recorrer a Juan Valdés Paz, sociólogo e ex-vice-ministro da Agricultura. No artigo “A Revolução Agrária Cubana: conquistas e desafios” (2011), o autor estabelece uma periodização de 1959 até a atualidade. Define os anos entre 1959 e 1963 como o período das duas reformas agrárias e da constituição

de um setor estatal da agricultura. Entre 1963 e 1970 foi o período da adequação da agricultura às novas condições socialistas e de expansão da cana de açúcar, visando atingir a safra de 10 milhões de toneladas. Nesses anos, o desenvolvimento da produção agropecuária, principalmente de arroz, carnes, frutas cítricas e tubérculos, também garantiu o fornecimento racionado de alimentos para a população. Essa política de distribuição, ainda vigente, busca assegurar o consumo igualitário em meio ao bloqueio econômico.

Na obra “História agrária da Revolução Cubana: dilemas do socialismo na periferia” (2016), Vasconcelos também analisa as transformações da estrutura agrária. A autora entende o período entre janeiro de 1959 e outubro de 1963 a partir da primeira reforma agrária, do desmonte da “plantation” açucareira e do início da coletivização do trabalho. Nesse período, as propriedades se dividiram entre as cooperativas e granjas, de controle estatal e formas coletivas de produção, e as privadas, de posse dos pequenos proprietários e da burguesia rural remanescente. O cultivo foi marcado pela diversificação da agricultura para a produção de alimentos, concentrada nas cooperativas, e pela redução da superfície canavieira (VASCONCELOS, 2016, p. 40).

Como vimos no capítulo anterior, as terras expropriadas na reforma agrária foram distribuídas em forma de cooperativas agrícolas, granjas do povo e pequenas propriedades para os trabalhadores, o “mínimo vital”. As cooperativas tinham caráter híbrido, com certa autonomia local, de posse coletiva dos trabalhadores e foram criadas nas antigas fazendas de arroz e cana de açúcar. Enquanto isso, as granjas eram administradas diretamente pelo governo revolucionário e oriundas do setor pecuário. Em setembro de 1962, no processo de construção do socialismo, as cooperativas foram transformadas em granjas, já que estas eram mais próximas do modelo econômico socialista (VASCONCELOS, 2016).

Segundo Vasconcelos (2016), nos debates marxistas, a cooperativa representava a transição entre a pequena propriedade individual e a propriedade socializada. Nela, existia o controle privado dos excedentes e poderia gerar desigualdades sociais devido às diferenças de fertilidade das terras. A agricultura em pequena escala, feita pelos camponeses de forma autônoma, também seria ineficiente para a construção do socialismo (HUBERMAN; SWEEZY, 1960, p. 145 apud VASCONCELOS, 2016, p. 127). Nesse caso, a “condição de proprietário meramente nominal” afastaria os camponeses da classe operária industrial, no momento em que era necessário criar uma união (MARX, 1982 apud VASCONCELOS, 2016, p. 131).

As granjas eram consideradas o modelo ideal pois seguiam a “lógica da não fragmentação da terra” (VASCONCELOS, 2016, p. 133). Eram grandes propriedades subordinadas ao poder do Estado, sem concorrência e especulação e com produção em larga

escala. Assim, “passou a ser definida como uma forma superior de propriedade porque, como diziam os cubanos, ‘pertence a todo o povo, e não a uma parte do povo’” (CHONCHOL, 1961, p. 45 apud VASCONCELOS, 2016, p. 133).

Em Vasconcelos (2016), o período entre outubro de 1963 e setembro de 1966 é analisado a partir da segunda lei da reforma agrária, do Convênio da 1964 e da nova inserção no bloco soviético. Nesse período, houve a predominância das granjas estatais e dos pequenos proprietários. O regime de cultivo passou a ser baseado na diversificação especializada e na recuperação da superfície canavieira, vista para além da monocultura colonial. A nova estratégia de desenvolvimento combinava o aumento da produção açucareira com a produção de alimentos e o investimento em tecnologia.

A segunda lei da reforma agrária, iniciada em 10 de outubro de 1963, complementou a primeira lei de 1959 e estabeleceu pontos ainda mais radicais. Eliminou as propriedades da burguesia remanescente e garantiu a intervenção estatal em todas as contas bancárias dos expropriados com o objetivo de pagar suas dívidas com os trabalhadores e o Estado. Esta burguesia empreendia cada vez mais agressões contrarrevolucionárias, como incêndios e ataques a escolas rurais e casas de camponeses, e servia de base política para os atos de sabotagem dos Estados Unidos. A partir dessa lei, as bases da economia estatal se ampliaram, com mais terras sendo incorporadas ao plano econômico nacional (VASCONCELOS, 2016).

Vasconcelos destaca que o Convênio de 1964 consolidava a nova estratégia de priorização do açúcar. Nesse novo acordo, a União Soviética se comprometeu em comprar mais de 24 milhões de toneladas de açúcar entre 1965 e 1970 e garantir a estabilidade dos preços. Junto com o Convênio foi lançada a meta de 10 milhões de toneladas de açúcar para 1970, tendo como base o crescimento do consumo de açúcar nos países soviéticos (VASCONCELOS, 2016, p. 200-201).

Sobre a economia, Navarro considera que ao longo da primeira década da Revolução, o desenvolvimento foi lento. As contínuas agressões dos Estados Unidos e a atuação de grupos contrarrevolucionários dentro da ilha obrigaram o governo a dedicar a maior parte de seus recursos para a defesa e não para as atividades produtivas. A estratégia inicial de industrialização a curto prazo também foi logo impossibilitada pelo embargo, pela falta de recursos naturais e pela pouca experiência dos revolucionários. Diante dessas circunstâncias, depois de anos os cubanos perceberam que a agricultura seria a “vía menos costosa y más rápida para lograr resultados económicos notables” (NAVARRO, 2010, p. 76).

Ayerbe (2004) analisa esse processo de construção do socialismo, focando, principalmente, na atuação de Che Guevara na economia. O autor destaca que, entre 1959 e

1965, Che Guevara esteve à frente da economia de Cuba, ocupando os cargos de chefe do Departamento de Indústrias do INRA, de presidente do Banco Nacional e de ministro da Indústria. As principais metas econômicas de Guevara eram o estreitamento das relações com a União Soviética, como uma alternativa de acesso a mercados e abastecimento; a independência econômica e a autossuficiência baseadas na industrialização, na produção de bens manufaturados e na diversificação da agricultura; o estabelecimento de uma nova ética nas relações de trabalho pautada na solidariedade, no espírito coletivo e no incentivo ao trabalho voluntário como um dever social (AYERBE, 2004, p. 64).

Quanto ao projeto de industrialização, Ayerbe destaca que os resultados não foram promissores. As limitações estruturais, como a dependência em relação à monocultura de cana de açúcar, e a improvisação de Guevara na condução da economia provocaram o baixo desempenho da produção interna entre 1961 e 1963 (AYERBE, 2004, p. 66). Em 1962, já estava claro que a meta de substituição de importações e de rápida industrialização não alcançaria os resultados esperados (PERICÁS, 2018, p. 69). Até o final de 1964, metade da maquinaria e dos equipamentos importados da União Soviética não estava funcionando corretamente, devido à falta de manutenção (PERICÁS, 2018, p. 69):

De qualquer maneira, em 1961, Guevara traçara os planos para o desenvolvimento industrial da “mayor de las Antillas”. As intenções eram: uma produção anual de 500 mil toneladas de aço; a construção de várias estações geradoras de energia elétrica [...]; a duplicação na produção de cimento em cinco anos; autossuficiência na produção de tecidos; [...] capacidade de construir automóveis até 1965; e a criação de um estaleiro para a construção de barcos [...] Como se pode notar, os projetos eram ambiciosos e exigiam grande esforço da população para que fossem cumpridos (PERICÁS, 2018, p. 140).

Como ministro da Indústria, entre 1961 e 1965, Guevara implementou um plano chamado Sistema Orçamentário de Financiamento. Consistia na centralização do controle das indústrias nas mãos do Estado, sem estímulo material direto, fundos próprios ou transações comerciais entre elas. Esse plano encontrava resistência por parte de membros do antigo PSP e de economistas marxistas que defendiam o sistema baseado no cálculo econômico. Este seria menos centralizado, com maior autonomia para as empresas e com estímulo à produtividade e ao lucro (AYERBE, 2004, p. 70). Foi uma tese basicamente importada da União Soviética e das sociedades de economia planificada do Leste Europeu, tendo suas origens na Nova Política Econômica de Lênin (BANDERA, 1998, p. 83).<sup>156</sup>

Ainda sobre a atuação de Guevara, é interessante trazer as contribuições de Tirso W.

---

<sup>156</sup> Com a saída de Che Guevara do ministério em 1965, os defensores do cálculo econômico ganharam mais força no debate público (AYERBE, 2004, p. 70).

Sáenz (2019), ex-vice-ministro para o Desenvolvimento Técnico que o acompanhou no Ministério. Sáenz acredita que Guevara foi essencial para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia em Cuba. Destaca que o revolucionário estimulou pesquisas sobre temas relacionados à economia do país, promovendo programas de colaboração entre universidades; a participação dos trabalhadores na solução dos problemas das fábricas; a modernização e recuperação de antigas instalações; o projeto de automatização e criação de novas capacidades industriais; e a criação da série de revistas *Nuestra Industria* para debater os problemas econômicos e o papel da ciência e da tecnologia.

Também houve a criação de institutos de pesquisa dentro do Ministério da Indústria. Entre eles, estavam os institutos de pesquisa dos recursos naturais do país e de busca por minerais e petróleo; de estudo dos derivados da cana de açúcar; de desenvolvimento de maquinarias agrícolas, da indústria química e da qualidade dos produtos industriais. Assim como também foi estimulada a organização de exploradores populares, principalmente jovens, na busca por minerais, com finalidade educativa e vocacional. Ao longo desse processo, buscou-se “conjugar as tarefas de solução imediata com os trabalhos e estudos prospectivos” (SÁENZ, 2019, p. 47). E “ante a falta de pessoal capacitado, havia de utilizar companheiros sem preparação técnica, mas com capacidade de direção e entusiasmo para dirigir centros de pesquisa” (SÁENZ, 2019, p. 54).

Luiz Bernardo Pericás, em “Che Guevara e o debate econômico em Cuba” (2018), também discute as ideias econômicas de Guevara e seu posicionamento no debate econômico de 1963 e 1964. Segundo o autor, suas ideias para a construção do socialismo eram marcadas por um marxismo heterodoxo, centrando-se na realidade específica de Cuba. Também criticava alguns processos que ocorriam em países soviéticos, como a descentralização na gestão das indústrias e a aproximação com práticas capitalistas.

De acordo com Everaldo de Oliveira Andrade, Guevara também se inspirou em experiências revolucionárias da América Latina para desenvolver suas ideias. Em sua passagem pela Bolívia em 1953, por exemplo, presenciou o desenrolar da Revolução Boliviana. Nesse período, refletiu sobre os processos de reforma agrária e de nacionalização das minas e sobre os embates entre a pequena burguesia nacionalista e o movimento operário. No ano seguinte, na Guatemala, com a derrubada do governo de Jacob Arbenz, Guevara passou a se dedicar aos estudos marxistas na defesa do governo nacionalista e na transformação social pelas vias revolucionárias, e não institucionais (ANDRADE, 1998, p. 113-114). Por essas e outras razões, mesmo que não fosse um economista e mesmo que muitas de suas propostas tenham sido substituídas posteriormente, as ideias de Guevara tinham aspectos concretos e conferiram

originalidade ao processo cubano (PERICÁS, 2018).

No livro de Pericás, o debate econômico é caracterizado como uma série de diálogos realizados por teóricos e membros do governo sobre os rumos que a economia deveria tomar (PERICÁS, 2018, p. 99). Segundo Vinicius Bandera, as duas questões que nortearam o debate foram a organização das empresas públicas e a questão envolvendo os estímulos morais e materiais na construção do socialismo. Para Guevara, a maior preocupação “era evitar que a competitividade embutida na gestão descentralizada fosse afastando a revolução do rumo à segunda fase da sociedade comunista” (BANDERA, 1998, p. 84). Por isso, defendia justamente a consolidação do Sistema Orçamentário de Financiamento que vigorava em Cuba desde o final de 1960 (BANDERA, 1998, p. 82).

Pericás esclarece que esse sistema era uma forma de substituição do monopólio privado pelo estatal e de financiamento unificado, em que as indústrias não tinham recursos próprios. O dinheiro era disponibilizado pelos órgãos centrais e direcionado para onde fosse necessário, visando uma eficácia produtiva geral (PERICÁS, 2018, p. 58). Também não havia concorrência entre as empresas na busca por lucro. Lembrando que o então Departamento de Indústria do INRA tinha sob sua administração uma série de fábricas confiscadas ou nacionalizadas que precisavam voltar a produzir (BANDERA, 1998, p. 82-83).

O conceito do homem novo<sup>157</sup> também é essencial para entender o projeto econômico de Guevara. Para além da questão da moral, Pericás analisa os aspectos práticos desse conceito. Para garantir a diversificação agrícola e industrial em pouco tempo, seria necessário formar homens e mulheres conscientes de seu dever social e que participassem ativamente no trabalho em prol da sociedade. Entre os principais elementos para entender essa nova sociedade estão o sistema de incentivos, a emulação socialista e o trabalho voluntário (PERICÁS, 2018, p. 139).

O sistema de incentivos era um dos pontos mais debatidos nos primeiros anos da Revolução Cubana. Na formação do homem novo, Guevara defendia que os incentivos morais eram os mais eficientes para criar um espírito de grupo e dar importância a todos os trabalhadores na construção do socialismo. Esses estímulos eram prêmios simbólicos como medalhas e diplomas concedidos aos trabalhadores que mais se destacavam em suas funções. A intenção de Guevara era, aos poucos, desenvolver uma consciência socialista e eliminar os incentivos materiais, como prêmios em dinheiro e bens de consumo (PERICÁS, 2018, p. 154-

---

<sup>157</sup> Conceito que tinha influência do marxismo. A transformação dos homens estava no centro das preocupações de Marx. Pensava na construção de um homem que rompesse com as amarras do capitalismo “para construir um mundo onde pudesse desenvolver plenamente suas capacidades” (PERICÁS, 2018, p. 149).

155).<sup>158</sup> Estes estariam relacionados com o individualismo burguês e a competição entre os indivíduos (BANDERA, 1998, p. 87-88). Por isso:

O sistema de incentivos está intimamente relacionado à emulação socialista, que seria uma maneira de erigir o socialismo por meio do aproveitamento máximo da mão de obra do país, assim como um instrumento para elevar a consciência. O método consistia em agraciar os melhores funcionários e mostrá-los aos outros como exemplo, por meio de uma forte campanha publicitária. Os demais operários, então, se sentiriam motivados a apresentar maior rendimento, inspirados pelos companheiros. Tanto na União Soviética [...] como na China, a ideia foi usada para promover um desenvolvimento mais rápido daquelas nações (PERICÁS, 2018, p. 157-158).

O trabalho voluntário<sup>159</sup> também era essencial para o desenvolvimento do homem novo. Podia ser de vários tipos e desempenhado de diversas maneiras, mas, em geral, era um trabalho não remunerado realizado fora do horário normal de serviço e que pressupunha a participação consciente dos envolvidos. Eram feitos, principalmente, na colheita de cana de açúcar, visando compensar a falta de mão de obra na agricultura (PERICÁS, 2018).<sup>160</sup>

Cabe destacar que, a partir de 1962, essas atividades passaram a ser regulamentadas e os voluntários passaram a ser organizados em batalhões e brigadas. E em 1963, foi instituído também o serviço militar obrigatório para os homens acima de 16 anos (PERICÁS, 2018, p. 159-160). Pericás aponta que “o trabalho voluntário deveria permear a vida dos cidadãos cubanos desde a infância e ser uma forma efetiva de expô-los a valores de companheirismo e ajuda mútua” (PERICÁS, 2018, p. 163). Para Bandera, “Guevara também tinha como meta fundamental o máximo desenvolvimento das forças produtivas da sociedade de transição”, como condição para a passagem ao comunismo (BANDERA, 1998, p. 88-89).

Nessa discussão, é imprescindível abordar o livro “Da guerrilha ao socialismo” (2007) de Florestan Fernandes. O autor traz aspectos da economia e da sociedade nos primeiros anos do socialismo, passando pela questão do planejamento, das transformações na economia e da construção do homem novo. Também caracteriza a década de 1960 como um período de acumulação de forças e experiências políticas. Segundo ele, foi só a partir da década de 1970

---

<sup>158</sup> Em 1965, após o afastamento de Guevara do Ministério da Indústria, os incentivos materiais voltaram a ser proeminentes (PERICÁS, 2018, p. 157).

<sup>159</sup> Segundo Pericás, Guevara se inspirou nos “sábados comunistas” instituídos por Lênin nos primeiros anos da Revolução Russa, quando milhares de operários eram deslocados para funções militares, administrativas e de abastecimento (PERICÁS, 2018, p. 163-164).

<sup>160</sup> No início da Revolução, ocorreu uma forte migração interna para cidades como Santiago e Havana. Esse contingente foi em parte absorvido pelas Forças Armadas, por diversas organizações de massa e pelo ramo da construção. Mas boa parte dos cubanos não encontrou ocupação, decorrentes, principalmente, dos problemas na industrialização. A partir da necessidade de incrementar o setor agrícola, parte desse excedente de mão de obra teve que ser deslocado para o meio rural. Os trabalhadores voluntários na agricultura, portanto, eram recrutados nos centros urbanos (PERICÁS, 2018, p. 165).

que a Revolução formou as estruturas políticas de um regime socialista e se institucionalizou como poder popular organizado (FERNANDES, 2007, p. 265).

Segundo o autor, para criar um Estado socialista em Cuba, era necessário adotar um planejamento social centralizado e em escala nacional que abrangesse todas as instituições, normas e valores. Exigia o emprego sistemático por parte do governo revolucionário e, principalmente, a disposição e a organização do povo (FERNANDES, 2007, p. 152). Esse processo, segundo Fernandes, era uma “revolução dentro da revolução” contra a ordem (FERNANDES, 2007, p. 154).

Inicialmente, o governo contava com a sua vanguarda revolucionária e com o entusiasmo das massas para organizar o planejamento. Algumas medidas adotadas foram a criação de fundos para a industrialização e a produção açucareira, os incentivos morais, o racionamento e o trabalho voluntário. Para Fernandes, “o plano, no início e por muitos anos, constituía muito mais uma intenção prospectiva que uma possibilidade concreta” (FERNANDES, 2007, p. 169). Tanto que, os primeiros planos, anual e quadrienal, tiveram êxitos apenas parciais. A partir dos anos 1970, com uma base política, econômica e tecnológica mais sólida, Cuba conseguiu planejar melhor suas metas para o crescimento econômico (FERNANDES, 2007).

Sobre as transformações na economia, Fernandes foca na socialização da agricultura após a reforma agrária, na relação entre desenvolvimento agrário e industrial e entre trabalho e nível de vida. Na primeira etapa da construção do socialismo, foi delineada uma economia expansiva baseada em um produto agrícola principal, o açúcar. Ao mesmo tempo, o governo decidiu pelo açúcar, rompendo com a ideia de um “produto colonial”, “como uma fonte indireta de todos os males de Cuba”, e também pensou em um “futuro industrial” e em uma “economia diferenciada” (FERNANDES, 2007, p. 175-176). A diversificação da produção agrícola seria uma estratégia para o aumento da produção de alimentos para o povo e incremento do excedente comercializável (FERNANDES, 2007).

Nesse processo, Fernandes também aponta a transformação dos latifúndios em granjas do povo e a garantia das condições de pleno emprego. Destaca que a elevação do salário mínimo, o acesso a planos de seguridade social, aposentadoria e salários para os camponeses fora das épocas de colheita reduziram consideravelmente o subemprego e o desemprego em Cuba (FERNANDES, 2007, p. 207-208).

Quanto à construção do homem novo, Fernandes afirma que depois da conquista do poder e da universalização da consciência socialista, surgiria uma nova sociedade que conduziria o socialismo ao seu apogeu. Nesse processo, a homogeneização cultural e a

associação entre trabalho e educação seriam pontos centrais. O homem novo seria o trabalhador com responsabilidade coletiva, organizado politicamente e que seguia os valores culturais defendidos pela Revolução (FERNANDES, 2007).

Por isso, Fernandes aponta que “o homem e a nova sociedade não são entidades abstratas” (FERNANDES, 2007, p. 238). São “práticas coletivas concretas, que redefinem o significado de humano da revolução” (FERNANDES, 2007, p. 261). Eram o “ponto de partida do verdadeiro desenvolvimento do socialismo e da superação deste pelo comunismo: a garantia de que a revolução permanente persistirá e se fará na direção certa” (FERNANDES, 2007, p. 216). Também eram a base para a construção de novas instituições políticas. Guevara entendia que a ação consciente do homem novo era “uma forma de controle dos aparelhos políticos do Estado”, “de impedir que se transformassem em aparelhos autônomos e burocráticos” (SADER, 1987, p. 160 apud ANDRADE, 1998, p. 118).

Ainda em relação à construção da nova sociedade, se desenvolveram intensos conflitos entre o governo revolucionário e os setores de oposição. Entre 1959 e 1965, o governo organizou uma forte ofensiva contra grupos armados que atuavam no interior do país e que atrapalhavam as colheitas e o trabalho de conscientização. Ayerbe caracteriza o ano de 1965 como uma nova etapa revolucionária, justamente porque esses grupos foram finalmente desarticulados. A estabilização da frente política interna, com a criação do Partido Comunista Cubano (PCC), também foi um marco desse ano. A partir disso, as ações de oposição se concentraram, principalmente, na comunidade exilada dos Estados Unidos (AYERBE, 2004, p. 65-66).

Sobre os aspectos políticos, Fernandes aponta para o processo de criação de novas instituições, que o governo revolucionário fez desde o início. E apesar da improvisação e da tendência à estatização, elas demonstraram maior eficácia que as instituições do governo de Batista, por exemplo. Outra preocupação foi a definição de uma estrutura política que os trabalhadores deveriam assumir posteriormente, em uma fase mais avançada do socialismo. Esse poder popular determinaria o fim do Estado democrático burguês e o início do Estado Socialista (FERNANDES, 2007, p. 264). Enquanto isso não ocorria, o governo revolucionário se ocupou com a organização do partido, para evitar dispersões entre as correntes políticas, e com a consolidação do novo caráter socialista (FERNANDES, 2007, p. 269).

Assim, foram criadas, primeiramente, as Organizações Revolucionárias Integradas (ORI), em 1961, e depois o Partido Unido da Revolução Socialista (PURS), divulgado em 1962 e criado em 1963. Em seguida, foi formado o PCC, em 1965. Nessas organizações, novos dirigentes eram selecionados entre os trabalhadores, enquanto os antigos membros do PSP

tentavam ao máximo monopolizar o controle, gerando embates com o primeiro-ministro Fidel Castro. Nesse processo, os trabalhadores também foram estimulados a demonstrar ações concretas de apoio e mobilização em relação às decisões políticas. Eles deveriam se engajar na militância a favor do PCC, nas organizações de massa e no combate à contrarrevolução (FERNANDES, 2007).

Sobre esse período, Andrade destaca a concentração de poder político no núcleo guerrilheiro e os meios de participação popular limitados. O autor foca, principalmente no posicionamento político de Che Guevara. Para o revolucionário, os órgãos de poder deveriam se inspirar na organização do exército rebelde nas zonas guerrilheiras, já que “as instituições políticas fundamentais do novo Estado operário eram [...] o próprio exército revolucionário, ao mesmo tempo partido e embrião do novo Estado” (ANDRADE, 1998, p. 119). Nesse sentido:

Talvez o desejo de distanciamento em relação à degeneração burocrática dos Estados operários tenha feito Guevara pouco se valer da rica e original experiência da Primeira República dos soviets e de outras experiências onde os operários deram início à construção de seus órgãos próprios de poder. A ausência de efetivos órgãos de poder de massa surgidos ao longo do processo revolucionário cubano, permitiram ao aparelho stalinista do PSP em aliança com o MR 26 de Julho, engolfarem e subordinarem a Revolução Cubana através da constituição de um Estado burocrático, adiantando-se às possibilidades de auto-organização das massas que apoiaram a revolução (ANDRADE, 1998, p. 121).

Segundo Fernandes, enquanto um período de passagem para o comunismo, “o socialismo confere, por si mesmo, a qualquer sociedade, desenvolvida ou subdesenvolvida, a possibilidade de isolar, conhecer e superar suas contradições” (FERNANDES, 2007, p. 214-215). Na mesma linha de reflexão, Pericás afirma que “a transição ao sistema socialista não acabaria de vez com as contradições, mas modificaria as formas de solucioná-las” (PERICÁS, 2018, p. 126).

Martínez Heredia define essa transição socialista como um movimento histórico “de cambios profundos y sucesivos de las relaciones y instituciones sociales, y de los seres humanos” (MARTÍNEZ HEREDIA, 2018, p. 746) e de “creación de una sociedade cuya base y despliegue son opuestos y diferentes al capitalismo” (MARTÍNEZ HEREDIA, 2018, p. 748). Nesse processo, o revolucionário privilegia o campo da cultura, para além do desenvolvimento técnico-material: “es un grave error [...] creer que el socialismo pueda ser una locomotora económica que arrastre trás de si a los vagones de la sociedade. El socialismo es un cambio cultural” (MARTÍNEZ HEREDIA, 2018, p. 748).

Nesse sentido, Castro e Guevara também foram críticos à ideia do marxismo do século XIX de que a economia deveria ser a base da construção do socialismo (MARTÍNEZ HEREDIA, 2018, p. 749). Entendiam que, diante do capitalismo, “el mayor potencial adverso

de su dominación es la enorme cultura acumulada de experiencias de contiendas sociales y políticas [...], cultura de resistencias y rebeldía que fomenta identidades, ideas y consciencia” (MARTÍNEZ HEREDIA, 2018, p. 757), “una nueva cultura, diferente, opuesta y más humana que la cultura del capitalismo” (MARTÍNEZ HEREDIA, 2018, p. 758). Para entender melhor esse processo, cabe destacar alguns trechos dos discursos de Castro em que ele falou sobre os significados do marxismo e do socialismo para o governo revolucionário.

Em abril de 1963, Castro afirmou que “el marxismo no es un conjunto de ‘formulitas’ para tratar de aplicar a la fuerza la explicación de cada problema concreto, sino una visión dialéctica de los problemas, una aplicación viva de esos principios”.<sup>161</sup> Meses depois, complementou que “el socialismo es la ciencia social y es, al mismo tiempo, una guía para la acción práctica, una guía para la política [...] del proletariado. Y el proletariado, enemigo de los privilegios, enemigo de los explotadores, busca la alianza de los demás explotados”.<sup>162</sup> Por isso, “es una ciência que se basa en realidades [...] enseña que el camino del triunfo es el camino de la alianza de los obreros y de los campesinos”.<sup>163</sup>

Para Castro, portanto, o marxismo era um corpo teórico e um método para a ação política e o socialismo era o regime social do proletariado, da cooperação entre os trabalhadores e da verdadeira interpretação da realidade. Em 1965, definiu o marxismo como “una explicación de los acontecimientos de la historia; [...] la ideología del proletariado, que debe orientar, hacer consciente su acción para derrocar a los explotadores, para establecer la sociedad sin clases”.<sup>164</sup> Guiando-se por essa ideologia do proletariado, o socialismo, e posteriormente o comunismo, aspirava que “con el trabajo del hombre, con la productividad de nuestro trabajo, con la técnica, la sociedad humana puede producir lo suficiente para satisfacer todas las necesidades del ser

---

<sup>161</sup> Discurso proferido nas conclusões do I Congresso Nacional de Professores de Vanguarda "Frank País", juntamente com a Cerimônia de Formatura da EBIR, realizada no Teatro "Chaplin", 10 de abril de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f100463e.html>>. Acesso em: 22 de dezembro de 2023.

<sup>162</sup> Discurso proferido no encerramento do II Congresso Nacional da ANAP, realizada no Teatro Chaplin em 9 de agosto de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f090863e.html>>. Acesso em: 22 de dezembro de 2023.

<sup>163</sup> Discurso proferido no encerramento do II Congresso Nacional da ANAP, realizada no Teatro Chaplin em 9 de agosto de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f090863e.html>>. Acesso em: 22 de dezembro de 2023.

<sup>164</sup> Discurso proferido na comemoração da Vitória de Playa Girón, realizado no Teatro Chaplin em 19 de abril de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f190465e.html>>. Acesso em: 22 de dezembro de 2023.

humano”.<sup>165</sup> Sobre o uso dos conceitos de socialismo e comunismo, cabe destacar que:

“Pocos conceptos han confrontado tanta hostilidade y falta de rigor al ser criticados [...] Las relaciones entre los conceptos socialismo y comunismo [...] no solo pertenecen al campo teórico y a las experiencias prácticas socialistas; el cuadro de hostilidade mencionado ha llevado muchas veces a preferir el uso exclusivo de la palabra socialismo, para evitar las consecuencias de incomunicación o malos entendidos que suelen levantarse cuando se utiliza la palabra comunismo. Durante una gran parte del siglo XX, esa desvantaja fue agravada por la connotación que le daba a ‘comunismo’ ser identificado con la tendencia más fuerte que ha habido dentro de las experiencias, organizaciones e ideas socialistas, la integrada por la Unión Soviética, el llamado movimiento comunista internacional y la corriente marxista que llamaron marxismo leninismo” (MARTÍNEZ HEREDIA, 2018, p. 732).

Entre 1962 e 1965, em várias ocasiões, Castro comparava o socialismo com o capitalismo. Diferentemente do capitalismo, em que os proprietários produziam para gerar lucro pessoal, no socialismo “se va a aumentar la producción para que se beneficie el pueblo, porque, ¿quién va a consumir todo lo que se aumente de producción? ¡El pueblo! Hoy todos los bienes de producción van al pueblo”.<sup>166</sup> Mesmo assim, alertou para o perigo da burocratização do regime: “debemos tener cuidado no produzamos para la burocracia, desde luego, y no vayamos a caer en la explotación del hombre por el burócrata”.<sup>167</sup> Também fez a seguinte comparação sobre o entendimento da realidade:

“Una de las características de la sociedad burguesa es el caos mental, la falta de una explicación de los problemas, la falta de una interpretación de las realidades; y donde existen mil explicaciones porque, en definitiva, no existe ninguna explicación. Es decir, no existe ninguna explicación verdadera porque de lo que se trata es de justificar un sistema de explotación y tratar de presentar como eterno un modo de producción que es sencillamente un producto de la historia, transitorio y condenado a desaparecer en un momento determinado. Caracteriza a la sociedad burguesa el caos, repito, la falta de una explicación clara de los fenómenos y de los hechos. Y caracteriza al socialismo científico y al régimen social inspirado en él precisamente por todo lo contrario. Por la posibilidad de tener una explicación verdadera, real, de los problemas, de cada problema, y del proceso de los problemas, y del desarrollo de la sociedad”.<sup>168</sup>

<sup>165</sup> Discurso proferido na cerimônia de inauguração do Hospital Lênin, Cidade de Holguín, em 7 de novembro de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f071165e.html>>. Acesso em: 22 de dezembro de 2023.

<sup>166</sup> Palestra proferida na Cerimônia de Encerramento de Curso do Instituto Tecnológico de Cana-de-Açúcar "Alvaro Reynoso", em Matanzas, 13 de novembro de 1964. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f131164e.html>>. Acesso em: 22 de dezembro de 2023.

<sup>167</sup> Palestra proferida na Cerimônia de Encerramento de Curso do Instituto Tecnológico de Cana-de-Açúcar "Alvaro Reynoso", em Matanzas, 13 de novembro de 1964. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f131164e.html>>. Acesso em: 22 de dezembro de 2023.

<sup>168</sup> Discurso proferido nas conclusões do I Congresso Nacional de Professores de Vanguarda "Frank País", juntamente com a Cerimônia de Formatura da EBIR, realizada no Teatro "Chaplin", 10 de abril de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f100463e.html>>. Acesso em: 22 de dezembro de 2023.

Entre os problemas que ele citou, estavam, principalmente, aqueles criados pelo colonialismo e pelo imperialismo. Sobre isso, em maio de 1963, na União Soviética, Castro falou sobre a dependência de Cuba em relação a um único produto agrícola, o pouco investimento em industrialização ao longo da República neocolonial e a necessidade de importação de matérias-primas e bens manufaturados. Além desses problemas, “además con la hostilidad del imperialismo, nos obligó a invertir mucho tiempo en la defensa del país [...] Hemos tenido necesidad de un ejército grande, con una economía débil”.<sup>169</sup> Por isso, afirmou que essa etapa inicial de construção do socialismo estava sendo a etapa mais difícil da Revolução Cubana, “porque no solamente nos encontramos con los problemas de que es un país subdesarrollado económicamente, [...] incluso la dependencia de un solo mercado, que era realmente el que controlaba la economía de nuestro país”.<sup>170</sup>

Outra questão recorrente nos discursos, foi o significado da ditadura do proletariado. Segundo Castro, “el marxismo-leninismo entraña el concepto de dictadura del proletariado; y, efectivamente, el socialismo es una etapa de tránsito, que políticamente se caracteriza por ser la dictadura del proletariado”.<sup>171</sup> Diferentemente da concepção que costumava ser atribuída à palavra, “dictadura del proletariado significa la dictadura de una clase, no de una camarilla, no de un hombre”.<sup>172</sup> E esse conceito não estava em contradição com o conceito de democracia. No socialismo, “es necesario establecer las instituciones donde funcione cabalmente el concepto de democracia proletaria, dentro del concepto de dictadura del proletariado, dentro del concepto de dictadura de clases”.<sup>173</sup> Por isso, “el régimen socialista ha de ser dictadura para

---

<sup>169</sup> Discurso proferido no Comité Central do Partido Comunista de Uzbequista, Tashkent, URSS, 9 de maio de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f090563e.html>>. Acesso em: 22 de dezembro de 2023.

<sup>170</sup> Discurso proferido no Comité Central do Partido Comunista de Uzbequista, Tashkent, URSS, 9 de maio de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f090563e.html>>. Acesso em: 22 de dezembro de 2023.

<sup>171</sup> Discurso proferido no Comício do Sexto Aniversário da Revolução, realizada na Praça da Revolução, em 2 de janeiro de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f020165e.html>>. Acesso em: 22 de dezembro de 2023.

<sup>172</sup> Discurso proferido no Comício do Sexto Aniversário da Revolução, realizada na Praça da Revolução, em 2 de janeiro de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f020165e.html>>. Acesso em: 22 de dezembro de 2023.

<sup>173</sup> Discurso proferido no Comício do Sexto Aniversário da Revolução, realizada na Praça da Revolução, em 2 de janeiro de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f020165e.html>>. Acesso em: 22 de dezembro de 2023.

los explotadores, y ha de ser al mismo tiempo, una democracia proletaria”.<sup>174</sup>

O caráter socialista da economia também era abordado por Castro. Deixou claro que defendia “una política de libre comercio, como consecuencia de las relaciones de nuestro país con el campo socialista”<sup>175</sup> e uma economia que “no distingue entre obreros de una rama de la economía u otra, y que analiza y considera los intereses de conjunto del país”.<sup>176</sup> Por isso, Fidel destacava a necessidade de uma aliança operário-camponesa, como uma forma de unificação dos interesses dos trabalhadores do campo e da cidade.

Nesse sentido, foi visível a questão cultural destacada por Martínez Heredia. Castro afirmou que, em geral, “los países del campo socialista trabajamos y luchamos por los pueblos, por la elevación del nivel de vida material y cultural, contra la explotación del hombre por el hombre, por la independencia nacional, por el cese del imperialismo y del coloniaje”.<sup>177</sup> Essa passagem também comprova a perspectiva de Martínez Heredia ao afirmar que Castro e Guevara “pusieron el socialismo y el marxismo en español desde la América Latina, y lo hicieron antiimperialista e internacionalista [...] y rescataron y asumieron el socialismo que habían fundado Mella, Guiteras y las experiencias radicales de la Revolución de 1930” (MARTÍNEZ HEREDIA, 2018, p. 1175-1176).<sup>178</sup>

Em geral, essas foram as considerações e o teor dos discursos sobre o socialismo. Não foram muito aprofundados os aspectos políticos e econômicos de sua construção, como os processos de formação dos partidos e de negociações com a União Soviética. A maioria das

---

<sup>174</sup> Discurso proferido no Comício do Sexto Aniversário da Revolução, realizada na Praça da Revolução, em 2 de janeiro de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f020165e.html>>. Acesso em: 22 de dezembro de 2023.

<sup>175</sup> Discurso proferido na cerimônia de despedida dos Komsomols soviéticos no edifício Sierra Maestra, INRA, em 14 de maio de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f140565e.html>>. Acesso em: 22 de dezembro de 2023.

<sup>176</sup> Discurso proferido na cerimônia de despedida dos Komsomols soviéticos no edifício Sierra Maestra, INRA, em 14 de maio de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f140565e.html>>. Acesso em: 22 de dezembro de 2023.

<sup>177</sup> Discurso proferido na cerimônia de despedida dos Komsomols soviéticos no edifício Sierra Maestra, INRA, em 14 de maio de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f140565e.html>>. Acesso em: 22 de dezembro de 2023.

<sup>178</sup> Antonio Guiteras foi um dos principais nomes da esquerda radical da Revolução de 1933. O líder estudantil reivindicava o socialismo nos movimentos que organizava, como o Joven Cuba, e também tinha como influências o anarquismo e a política antiimperialista do período. Defendia a reforma agrária, a industrialização, a criação de uma companhia nacional de navegação e esperava alcançar os seus objetivos com a luta armada, os assaltos contra quartéis e a infiltração nas forças armadas (GOTT, 2006, p. 163). Julio Antonio Mella também foi um líder estudantil e um dos fundadores do Partido Comunista na década de 1920. Fazia oposição direta ao ditador Gerardo Machado, responsável pelo seu assassinato, e tinha como objetivo organizar a classe trabalhadora nas fábricas e plantações naquele contexto, dando importância também à participação dos negros nesse processo (GOTT, 2006, p. 155).

falas consistia em uma apresentação breve do marxismo como um guia e um método político e dos objetivos finais em adotá-lo. Apenas uma introdução do tema já seria o bastante para um povo acostumado com a linguagem nacionalista, que acreditava na Revolução e que já via os resultados de suas conquistas sociais.

O socialismo era apresentado, principalmente, como um regime distinto do capitalismo. Pressupunha a mudança dos meios e das relações de produção, com o fim da propriedade privada e a não mercantilização da força de trabalho. Esta não poderia mais ser como uma mercadoria comprada e explorada, mas uma ação consciente e, em certos casos, voluntária. E a produção deveria se basear no esforço coletivo e unificado e em um planejamento centralizado, independente de lucros e vontades individuais.

Por isso, a propriedade socialista significava “o uso dos meios de produção no interesse da sociedade como um todo e a participação democrática efetiva dos produtores e outros trabalhadores na administração dos meios de produção” (LANGE, 1981 apud PERICÁS, 2018, p. 86). E esses princípios socialistas eram reafirmados não apenas nos espaços de trabalho, mas na educação, na imprensa, na produção cultural e nas organizações de massa, abarcando a vida pública e privada (SANTOS, 2021, p. 262-263).

Segundo Castro, o socialismo também estava associado com a construção da democracia e com a resolução dos problemas associados ao imperialismo, questões que eram centrais nos primeiros anos da Revolução. Esses aspectos foram visíveis, por exemplo, na participação do povo nas aprovações da Primeira e da Segunda Declaração de Havana. Isso mostrava, principalmente, a originalidade da experiência socialista em Cuba. Assim como já foi visto, os debates quanto aos estímulos morais, o trabalho voluntário e a construção do homem novo, apesar de terem inspiração marxista, também perpassavam por experiências de Guevara em países latino-americanos e por críticas aos modelos soviéticos.

Em geral, pode-se perceber que, entre 1962 e 1965, a linguagem dos discursos de Castro mudou. Ele passou a utilizar expressões como lei dialética da história, relações de produção, ideologia, exploração feudal, fim da sociedade de classes, ditadura do proletariado e papel das massas na história. Esses e outros termos faziam referência direta ao marxismo e à construção do socialismo. E nos discursos, esse processo estava muito relacionado ao futuro do país e à realização de metas para os anos seguintes. Mas se os aspectos nacionalistas ainda eram importantes na experiência cubana, cabe analisar nesse novo contexto, quando a linguagem e os ideais de Martí foram utilizados. Ainda empregando a Análise do Discurso, tento entender em que ocasiões, para quais públicos e com quais intenções isso ocorreu.

Sendo assim, nas próximas seções faço a análise dos discursos entre 1962 e 1965. O ano

de 1962 ficou conhecido como o “ano do planejamento” da nova sociedade e da economia em bases socialistas; 1963 foi o “ano da organização” do PURS e das forças produtivas, principalmente diante da nova reforma agrária; 1964 foi o “ano da economia”, quando os debates econômicos se acirraram e se consolidou a retomada do açúcar; e 1965 como o “ano da agricultura”, em que foi estabelecida a diversificação da produção agrícola nacional. Mesmo não sendo os principais temas abordados por Castro nos discursos, essas denominações fazem referência a como cada ano ficou conhecido no calendário da Revolução. Como veremos a seguir, esses anos foram marcados por diversas outras questões e desafios a serem enfrentados.

### **3.2 1962: ano do planejamento**

Na historiografia tradicional, o ano de 1962 costuma ser lembrado como o ano da Crise dos Mísseis. Após a declaração do caráter socialista da Revolução, Cuba se viu envolvida em tensões militares entre as duas maiores potências do mundo na época, Estados Unidos e União Soviética. Internamente, a reforma agrária de 1959 ainda mantinha uma pequena parcela da burguesia proprietária. Novas medidas precisavam ser tomadas em relação a isso. E a campanha de alfabetização bem-sucedida no ano anterior, abria espaço para o incentivo em outros níveis da educação.

Ao longo do ano, os Estados Unidos incrementaram ainda mais suas ações contra Cuba. Aumentaram os grupos de sabotagem e espionagem na ilha, sequestraram aviões, introduziram doenças em animais, isolaram o espaço naval de Cuba e fizeram inúmeros atentados contra a vida de Fidel e de outros membros do exército rebelde. A maioria dessas ações faziam parte da “Operação Mangosta”, conduzida pela CIA. Tinha como objetivo desencadear uma rebelião em Cuba que serviria como pretexto para uma intervenção militar dos Estados Unidos (NAVARRO, 2010).

Nesse período, cresceu também a pressão sobre os demais países da América Latina para que apoiassem o embargo econômico. Para isso, os Estados Unidos ofereceram, inclusive, planos de ajuda aos países, como a Aliança para o Progresso. Esta, iniciada em 1961, foi como “una panacea para ‘resolver’ los graves problemas de la región” (NAVARRO, 2010, p. 61-62) e foi duramente criticada por Castro. No dia 19 de março de 1962, por exemplo, fez referência

à “Alianza, cacareada, para el Progreso”<sup>179</sup>, como um plano para alardear o medo em relação à Revolução. Sobre o assunto, afirmou que, em Cuba:

“vino el gobierno de Estados Unidos y fabricó una industria de níquel; esa industria era propiedad del gobierno de Estados Unidos, y la estuvieron explotando hasta que vino la Revolución y nacionalizó la industria del níquel. Aquí venían los imperialistas, las compañías imperialistas, construían fábricas, empezaban a explotar a nuestros trabajadores, y algunas, como la de electricidad y de teléfonos, estuvieron más de 40 años, extrajeron la inversión y varias veces el valor de la inversión. Y en la Alianza para el Progreso lo que ofrecen es eso”.<sup>180</sup>

Diante das ameaças e da iminência de invasão norte-americana, em maio de 1962, a União Soviética propôs um acordo militar ao governo cubano. O acordo foi aceito como parte de um projeto de “fortalecimiento estratégico del campo socialista en su conjunto y para la propia defensa de Cuba” (NAVARRO, 2010, p. 63). Em agosto, começaram a ser instalados mísseis nucleares de médio alcance na ilha, junto com o envio de um contingente de soldados soviéticos. Em outubro, aviões norte-americanos avistaram os armamentos e Cuba se viu diante de um possível conflito nuclear entre Estados Unidos e União Soviética. O episódio ficou conhecido como a Crise dos Mísseis (NAVARRO, 2010, p. 63).

Mas o quarto ano da Revolução também foi marcado pela Segunda Declaração de Havana, pela reforma universitária, pelas tensões entre os antigos membros do M26-7 e do PSP, pelo aprofundamento do bloqueio norte-americano e disseminação para outros países e pelo planejamento da economia e das forças produtivas em bases socialistas. Nessa transição, uma das principais medidas foi a transformação dos regimes de propriedade, substituindo as cooperativas por granjas do povo. Mas esta mudança, apesar de importante para entender o contexto, não era recorrente nos discursos de Fidel.

No primeiro discurso de 1962, na emblemática Praça da Revolução, Fidel Castro falou sobre os últimos três anos e a nova etapa socialista. A ocasião foi a comemoração do terceiro aniversário da Revolução. Se direcionando a um público heterogêneo, composto por estrangeiros, trabalhadores e várias camadas sociais, destacou que, após as etapas de libertação nacional, a Revolução entrava na fase de construção do socialismo, especificamente na tarefa de planejamento e de desenvolvimento da economia sob novas bases. Essa mudança de direcionamento significava que a Revolução não se acomodava ao que já foi conquistado e

<sup>179</sup> Discurso proferido na cerimônia em que recebeu o Prémio Lenin no Teatro Chaplin em 19 de março de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f190362e.html>>. Acesso em: 23 de outubro de 2023.

<sup>180</sup> Discurso na recepção de Osvaldo Dorticós Torrado, presidente da república, em seu retorno de a ONU, depois de ter participado na XVII Assembleia dessa Organização, 9 de outubro de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f091062e.html>>. Acesso em: 31 de outubro de 2023.

avançava em direção a novos objetivos:

“nuestro pueblo no solamente quiso conquistar su soberanía, su independencia, sus derechos sociales y democráticos, sino que quiso conquistar, además, un sistema social más justo, un sistema social acorde con la historia; un sistema social capaz de satisfacer todas las necesidades de nuestro pueblo y abrir vías de inusitado progreso a nuestra nación. Y por eso, una vez cumplidas las primeras etapas, la Revolución llegó a la segunda etapa”.<sup>181</sup>

Neste fragmento, Fidel considerou que as primeiras tarefas de libertação nacional estavam completas. A partir daquele momento, a Revolução focaria em novas metas para o desenvolvimento econômico que, segundo ele, eram a base para o futuro de Cuba. Mas ao mesmo tempo, ele quis dizer que o socialismo estava de acordo com os anseios da população desde o início do processo revolucionário. A etapa socialista completaria a conquista da justiça social, do progresso e da construção de um regime que atendesse as necessidades da população e que estivesse de acordo com a história de Cuba.

Pode-se perceber que esses ideais de José Martí<sup>182</sup> foram citados para justificar a mudança para o regime socialista. Esta era a escolha mais adequada para garantir as conquistas sociais e a defesa da Revolução e representava o seu desenvolvimento inevitável. Por isso, Fidel quis mostrar que o socialismo também era um desejo do povo. De certa forma, tentou tranquilizar a população de que as bases eram as mesmas, o socialismo não era uma aventura sem conexão com a etapa anterior. Disse que as reformas e medidas dos anos anteriores deram certo, o que significava que o novo desafio também daria. O governo revolucionário não decepcionaria o povo, estava preparado para assumir esse compromisso.

No discurso, Castro também falou sobre os ataques dos imperialistas que desprezavam os cubanos, que “no conocen, o se hacen los que no conocen la historia”.<sup>183</sup> Inclusive, fez reflexões importantes sobre o pretexto do ataque à Baía dos Porcos. Para ele, essas agressões, feitas antes mesmos da Revolução se declarar socialista, mostravam que os Estados Unidos não se incomodavam com um país socialista, mas sim com “las tareas de liberación nacional, a la Reforma Agraria, a la recuperación de nuestras riquezas y a la reafirmación de la soberanía

---

<sup>181</sup> Discurso para celebrar o terceiro aniversário da Revolução Socialista de Cuba, na Praça da Revolução, em 2 de janeiro de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f020162e.html>>. Acesso em: 17 de outubro de 2023.

<sup>182</sup> Sobre as questões de atender as necessidades do povo e estar de acordo com a história do país, ver as páginas 51 e 52 do capítulo 1.

<sup>183</sup> Sobre a questão do desconhecimento dos Estados Unidos em relação à América Latina, ver as páginas 38 e 50 do capítulo 1.

nacional”.<sup>184</sup> O socialismo era usado como justificativa para atacar e invadir Cuba, quando na verdade o real motivo era que a Revolução estava fazendo justiça social, contrariando o capitalismo hegemônico e desigual dos Estados Unidos.

Diante desses desafios, Fidel pediu o comprometimento do povo com o fortalecimento da consciência, da defesa e da economia naquele ano: “La conciencia, para inspirar la conducta de nuestras masas; la defensa, para conservar la oportunidad y el derecho a hacer el porvenir; y la economía, porque la economía será la base de nuestro porvenir”.<sup>185</sup> No contexto de construção do socialismo, Fidel tinha a intenção de deixar claros os deveres do povo. Segundo ele, enquanto o governo se esforçava para planejar a economia e se comprometia em atender os desejos do povo e os ideais martianos, com as quais a população já estava familiarizada e já se sentia segura, as pessoas deveriam cooperar para garantir a defesa e o desenvolvimento do país.

Dias depois, Castro participou do evento de inauguração do Palácio dos Pioneros, um centro de formação e de orientação profissional para estudantes. Na conversa, falou sobre os valores necessários para os jovens se tornarem bons revolucionários. Era preciso estudar, respeitar o próximo e entender que “para que los niños sean felices han tenido que dar su vida muchos patriotas, desde Martí, Maceo y todos los que han muerto”.<sup>186</sup> Nesse trecho, Castro quis dizer que homens como Martí eram os responsáveis pela felicidade dos jovens presentes. Além de Martí e Maceo, também foram citados jovens como Julio Antonio Mella e Paquito González, símbolos da resistência na Revolução de 1933, para gerar identificação entre as crianças.

Outro ponto que merece destaque é a proximidade que Castro criou com as crianças nesse dia. Segundo a transcrição do discurso no site,<sup>187</sup> as crianças responderam entusiasmadas às suas perguntas. Com a sua boa oratória e se aproximando da linguagem dos alunos, conseguiu promover uma interação e uma motivação essenciais para alcançar seus objetivos.

Foi uma ocasião oportuna, portanto, para conscientizar as futuras gerações. Prepará-las para o trabalho e a defesa do país era um dos objetivos de Castro. Essa defesa significava lutar

---

<sup>184</sup> Discurso para celebrar o terceiro aniversário da Revolução Socialista de Cuba, na Praça da Revolução, em 2 de janeiro de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f020162e.html>>. Acesso em: 17 de outubro de 2023.

<sup>185</sup> Discurso para celebrar o terceiro aniversário da Revolução Socialista de Cuba, na Praça da Revolução, em 2 de janeiro de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f020162e.html>>. Acesso em: 17 de outubro de 2023.

<sup>186</sup> Discurso na cerimônia de inauguração do Palácio dos Pioneiros, em 6 de janeiro de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f060162e.html>>. Acesso em: 18 de outubro de 2023.

<sup>187</sup> Discurso na cerimônia de inauguração do Palácio dos Pioneiros, em 6 de janeiro de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f060162e.html>>. Acesso em: 18 de outubro de 2023.

contra os norte-americanos e os contrarrevolucionários, pois “lo que quieren es que el pueblo sea pobre, que el pueblo pase hambre, que los niños no tengan nada”.<sup>188</sup> Nesse sentido, quis reforçar no imaginário das crianças os homens que eram inimigos e os que elas deveriam agradecer, honrar e manter na memória. Entre estes, estava Martí, símbolo da felicidade e da Revolução nacionalista.

Vale ressaltar que esse início de ano foi marcado pelo reconhecimento internacional dos bloqueios norte-americanos. Em uma reunião em Punta del Este, a OEA suspendeu definitivamente Cuba dos países-membros e os Estados Unidos colocaram oficialmente em vigor o embargo econômico, estendendo-o para outros países (NAVARRO, 2010, p. 62). No início, a proibição se dava para relações comerciais com a ilha, incluindo importação de produtos cubanos ou importados através de Cuba. A partir de março, os Estados Unidos estenderam o decreto também para a comercialização de produtos que possuíssem em sua fabricação algum material de origem cubana. Para dificultar ainda mais a situação econômica da ilha, em outubro o governo Kennedy impôs um bloqueio naval ao país (AYERBE, 2004, p. 63).

Uma das principais respostas ao cerco norte-americano foi a aprovação da Segunda Declaração de Havana, em 4 de fevereiro de 1962. Reunidos na Praça da Revolução, formando pela segunda vez a Assembleia Geral Nacional, o povo votou pela aceitação da declaração, apoiando seus princípios e que ela fosse amplamente difundida entre as massas trabalhadoras do mundo.<sup>189</sup> Nas considerações iniciais do discurso, Castro fez críticas à OEA por ser representante das vontades do imperialismo e, diante das circunstâncias, motivou o povo a continuar resistindo e a redobrar seu espírito de trabalho e sua consciência revolucionária. Em seguida, leu a proposta de declaração que começava fazendo referência a Martí:

“Visperas de su muerte, en carta inconclusa porque una bala española le atravesó el corazón, el 18 de mayo de 1895 José Martí, Apóstol de nuestra independencia, escribió a su amigo Manuel Mercado: “Ya puedo escribir... ya estoy todos los días en peligro de dar mi vida por mi país, y por mi deber... de impedir a tiempo con la independencia de Cuba que se extiendan por las Antillas los Estados Unidos y caigan, con esa fuerza más, sobre nuestras tierras de América. [...] Ya Martí, en 1895, señaló el peligro que se cernía sobre América y llamó al imperialismo por su nombre: imperialismo. A los pueblos de América advirtió que ellos estaban más que nadie interesados en que Cuba no sucumbiera a la codicia yanqui, despreciadora de los pueblos latinoamericanos. Y con su propia sangre, vertida por Cuba y por América, rubricó las póstumas palabras que, en homenaje a su recuerdo, el pueblo de Cuba

<sup>188</sup> Discurso na cerimônia de inauguração do Palácio dos Pioneiros, em 6 de janeiro de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f060162e.html>>. Acesso em: 18 de outubro de 2023.

<sup>189</sup> O documento se tornaria uma das principais fontes para entender a conjuntura daquele momento, desde o rompimento com os Estados Unidos até o compromisso socialista.

suscribe hoy a la cabeza de esta Declaración”.<sup>190</sup>

No documento, havia uma breve análise da exploração dos povos colonizados do mundo e da “gran batalla ideológica” travada em Punta del Este. Com uma linguagem política marxista, a declaração criticava a propriedade privada, a divisão da sociedade em classes, a concentração dos meios de produção nas mãos da burguesia e as associações entre grandes propriedades capitalistas. E ao mesmo tempo, reafirmava o caráter democrático e nacionalista da Revolução Cubana. A narrativa construída a partir de Martí no início do documento e a própria votação em praça pública já eram prova disso.

Pensando em sua circulação internacional e na união dos povos, com esta declaração o governo revolucionário teve a intenção de dar o seu exemplo e de mostrar para os povos que poderiam confiar na Revolução. Por mais que seguisse orientações socialistas, ainda mantinha a sua originalidade, suas raízes e sua independência, principalmente quando o assunto era imperialismo. E Martí era a principal referência sobre o tema e um símbolo conhecido em toda a América Latina, então citá-lo era essencial. Diante de condições objetivas para as revoluções, Cuba se mostrava firme quanto aos seus princípios e como um bom modelo para a via de solução dos problemas, a luta armada.

Nesse contexto, também havia uma tensão entre os ex-militantes do M26-7 e do PSP. Segundo Mendes e Calejari (2015), a origem desse conflito estava na criação das ORI em 1961, com o objetivo de agrupar as principais forças que participaram da Revolução, o M26-7, o PSP e o Diretório Revolucionário (DR). Representava o início da estruturação de um partido único. Mas tal iniciativa fez aumentar o número de membros do PSP dentro do governo revolucionário, entre eles Aníbal Escalante. Nas ORI, Escalante era uma das figuras mais influentes e passou a ser visto pelos membros do M26-7 como uma ameaça à consolidação de Castro como principal liderança da Revolução.

Em muitos discursos dos primeiros meses de 1962, Castro criticou o encaminhamento que os comunistas estavam dando à ORI, sem citar diretamente o nome de Escalante. Chamava esse processo de sectário, divisionista e contrarrevolucionário, como uma ameaça à democracia em Cuba. E, em março, Escalante foi destituído de seu cargo com essas justificativas (MENDES; CALEGARI, 2005, p. 377-378). Nessa disputa por hegemonia, o M26-7, grupo que dominava as principais estâncias do poder, conseguiu construir a nova cultura política e delimitar o que seria aceito ou não no processo revolucionário. A figura de Fidel se afirmou

---

<sup>190</sup> Discurso marcado na Segunda Assembleia Nacional do Povo de Cuba, realizada na Plaza de la Paz. a Revolução, 4 de fevereiro de 1962. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f040262e.html>. Acesso em: 19 de outubro de 2023.

como um elemento fundamental da unidade e da sobrevivência da Revolução e as posturas que iam contra deveriam ser combatidas e julgadas como crimes (MENDES; CALEGARI, 2005, p. 388).

Nesse sentido, no dia 13 de março, Castro fez um discurso para os estudantes da Universidade de Havana. Esta data é uma das principais efemérides cubanas, em referência ao ataque ao Palácio Presidencial feita pelos estudantes da Universidade em 1957. Em seu pronunciamento, Castro criticou algumas atitudes sectárias. Destacou a supressão de um trecho sobre religião durante a leitura pública de um escrito de José Antonio Echeverría, um dos organizadores do ataque. Para Castro, se a invocação de Deus fazia parte do pensamento do autor, esta deveria ter sido mantida. E a religião também não estava desvinculada da Revolução nem era um obstáculo para a filosofia marxista. Citou Martí como exemplo:

“¿Qué ideas influyeron en nuestros poetas de aquel tiempo, representantes de la cultura cubana, raíz de nuestra historia, sino las ideas de aquel tiempo? ¿Y entonces tendremos que suprimir los libros de Martí porque Martí no fuera marxista-leninista, porque Martí respondiera al pensamiento revolucionario que cabía en nuestra patria en aquella era?”<sup>191</sup>

Nesse questionamento, ressaltou que os jovens deveriam se atentar para o contexto de escrita dos textos. Desvincular um autor de seu momento histórico seria uma atitude contrarrevolucionária e antimarxista. Segundo Castro, esse exemplo foi dado para fortalecer o espírito comunista da juventude. Um comunismo que reconheceria as especificidades históricas locais e as lutas dos heróis cubanos, inseridos em seu tempo. Como afirma Navarro, nessa ocasião “Fidel planteó la necesidad de que la juventud fuese formada según la concepción marxista-leninista, pero sin ocultar ni falsear la verdad histórica” (NAVARRO, 2010, p. 140).

Mas diante do combate ao sectarismo, pode-se afirmar que, nesse discurso, a intenção de Castro era legitimar a política de condenação dos membros do PSP. Por isso, a escolha da Universidade de Havana também foi importante para esse pronunciamento. Muitos dos estudantes da instituição eram membros do DR que concordavam com o ponto de vista de Castro em relação ao partido.

O uso de Martí para argumentar contra o sectarismo também não foi por acaso. Suspender o estudo das obras de Martí ou desconsiderar suas influências e seu tempo histórico seria considerado uma atitude contrarrevolucionária, um atraso para o processo revolucionário. Isso reforçava o caráter nacionalista do M26-7, o grupo legítimo que reconhecia a importância

---

<sup>191</sup> Discurso proferido na Homenagem aos Mártires do Assalto ao Palácio Presidencial, nas escadarias da Universidade de Havana, em 13 de março em 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f130362e.html>>. Acesso em: 21 de outubro de 2023.

de consultar teóricos nacionais na construção do socialismo. Mas, ao longo do discurso, Castro focou mais em fundamentos marxistas, como a concepção dialética da história, a importância da participação dos jovens em partidos e a criação do PURS, do que especificamente em ideias políticas martianas.

Dias depois, Castro falou sobre educação na formatura de instrutores revolucionários. E cabe destacar que as reformas educacionais se ampliaram em 1962. Segundo Justo Alberto Chávez Rodríguez (2011), o sucesso da campanha de alfabetização estabeleceu as condições para elevar o nível da educação dos trabalhadores da cidade e do campo. As principais manifestações nesse sentido foram a criação de cursos de educação para adultos e de preparatórios que abriam as portas para a universidade. Também foi realizada uma reforma universitária, com a ampla concessão de bolsas de estudo e a organização dos cursos para o desenvolvimento de pesquisas científicas. Essas medidas marcaram justamente a transição para uma pedagogia socialista, na qual a finalidade da educação era combinar o trabalho produtivo com a orientação marxista.

Observando esse processo, Martínez Heredia (2018) considera que a universidade não deveria mais ser vista como um “templo laico de estúdios ‘superiores’”, “de la tradición de alta cultura”, com “verticalismo autoritário” e “conservación del sistema burgués” (MARTÍNEZ HEREDIA, 2018, p. 69). Ela deveria assumir o compromisso de romper com as soluções individualistas dos problemas do estudo e com a dominação e a sociedade de classes, baseadas na separação entre o trabalho manual e o intelectual (MARTÍNEZ HEREDIA, 2018, p. 71).

Sobre as escolas de instrução revolucionária, Castro falou da formação através do estudo do marxismo, da economia política, de um idioma e de um trabalho diário. Segundo ele, a Revolução depositava grandes expectativas nessas escolas, porque eram elas que preparavam a juventude para levar adiante a Revolução. Apesar de focar mais nos conhecimentos marxistas ao longo desse processo, também citou a criatividade, a utilidade, o “desarrollo incesante de las ideas” e a “lucha contra nuestros propios defectos”.<sup>192</sup> Apesar de não citar Martí diretamente, esses aspectos estavam relacionados aos seus ideais de criação e de autocrítica durante a formação.<sup>193</sup>

Então, se no ano anterior Castro usava Martí, principalmente, para convencer os jovens

---

<sup>192</sup> Discurso marcado na Cerimônia de Formatura de 300 Instrutores Revolucionários para as Escolas de Domésticas, realizado no Teatro Chaplin em 16 de março de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f160362e.html>>. Acesso em: 22 de outubro de 2023.

<sup>193</sup> Sobre a criação de novas ideias, ver a página 51, e sobre a crítica, ver as páginas 52 e 53 do capítulo 1.

a trabalharem nas campanhas de alfabetização, neste caso seu principal objetivo era preparar o povo para a consciência socialista. Falar sobre o marxismo, em um teatro que já tinha sido palco de muitas cerimônias de formatura, representava que a Revolução estava se desenvolvendo, dando passos adiante. Citar Martí nessa ocasião específica significaria que o processo revolucionário ainda estaria no começo, na sua etapa nacionalista ou que não teria se aprimorado.

Os ideais de Martí, contudo, ainda eram uma base para seu pensamento educacional e estavam subentendidos em seu discurso. Por outro lado, Castro não precisava mais mostrar os sacrifícios dos povos do século XIX e nem comover o público com o nome de Martí. Aquela era a hora de planejar a construção de uma sociedade socialista diante das circunstâncias e, de todas as formas, legitimá-la.

O discurso durante a entrega do Prêmio Lenin da Paz também foi uma prova disso. Dessa vez diante de embaixadores e membros do comitê internacional do prêmio, Castro falou sobre o caráter marxista-leninista da Revolução e não falou em Martí. Em referência à vitória na Baía dos Porcos, afirmou que “nuestro pueblo dio su aporte a la paz cuando derrotó a los mercenarios antes de setenta y dos horas”.<sup>194</sup> E garantiu que a Revolução continuaria firme porque “ilumina el camino de nuestro pueblo la ciencia del marxismo-leninismo [...] ¡bebamos de esa ciencia y apliquémosla correctamente, que cuando se aplica correctamente las revoluciones son cada vez más firmes, son cada vez más fuertes!”<sup>195</sup>

Neste dia, a prioridade de Castro era comprovar que assumiria, genuinamente, compromissos socialistas e que a Revolução era digna do apoio da União Soviética. Tentava, portanto, validar sua aproximação com o bloco. Em outras declarações de circulação internacional, principalmente na América Latina e que estavam relacionadas à expansão da luta armada, como a Segunda Declaração de Havana, Martí foi usado porque era um símbolo do nacionalismo e da união entre os povos. Era uma forma de atestar e dar credibilidade aos seus argumentos internacionalistas no continente.

Este discurso na cerimônia também é interessante para entender o que significava o socialismo para Castro. Segundo ele, o socialismo era sinônimo de paz e de “vivir del trabajo,

---

<sup>194</sup> Discurso proferido na cerimônia em que recebeu o Prêmio Lenin no Teatro Chaplin em 19 de março de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f190362e.html>>. Acesso em: 23 de outubro de 2023.

<sup>195</sup> Discurso proferido na cerimônia em que recebeu o Prêmio Lenin no Teatro Chaplin em 19 de março de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f190362e.html>>. Acesso em: 23 de outubro de 2023.

de nuestro propio trabajo”:<sup>196</sup> “ningún sistema socialista se nutre de la explotación del trabajo de otros pueblos ni de la explotación de los recursos naturales de otros pueblos. En un sistema socialista no existe la explotación del hombre por el hombre”.<sup>197</sup> No sistema capitalista, este seria um dos principais fatores que geravam guerras: “las guerras surgieron desde que surgió la explotación”.<sup>198</sup> Esta linguagem política marxista continuou nos discursos seguintes.

No dia 4 de abril, no I Congresso da União de Jovens Comunistas (UJC),<sup>199</sup> Castro afirmou que no socialismo, “viviremos en una sociedad sin egoísmos”:<sup>200</sup> “cada ciudadano podrá contar con la energía y con los recursos de todos sus semejantes, de toda la sociedad [...] Todos trabajaremos para todos”.<sup>201</sup> Já no dia 1º de maio, comentou que no socialismo “se congrega la clase obrera convertida en movimiento revolucionario, [...] convertida en vanguardia de la patria, [...] en constructora de la patria nueva”.<sup>202</sup> Nesse sentido, para Castro, o socialismo elevava e dignificava os trabalhadores. Estes deixariam de ser a classe oprimida para ser a classe que construiria o Estado revolucionário e governaria os destinos de Cuba.

No dia 14 de maio, Castro fez um pronunciamento para pequenos agricultores, em comemoração ao terceiro aniversário da lei de reforma agrária. Diferentemente dos discursos de 1960, em que ele exaltou a figura do camponês e quis mobilizá-lo para o trabalho, nessa

---

<sup>196</sup> Discurso proferido na cerimônia em que recebeu o Prêmio Lenin no Teatro Chaplin em 19 de março de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f190362e.html>>. Acesso em: 23 de outubro de 2023.

<sup>197</sup> Discurso proferido na cerimônia em que recebeu o Prêmio Lenin no Teatro Chaplin em 19 de março de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f190362e.html>>. Acesso em: 23 de outubro de 2023.

<sup>198</sup> Discurso proferido na cerimônia em que recebeu o Prêmio Lenin no Teatro Chaplin em 19 de março de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f190362e.html>>. Acesso em: 23 de outubro de 2023.

<sup>199</sup> Neste dia, os membros da Associação de Jovens Rebeldes (AJR), criada em 1960 para mobilizar os jovens para a produção e a defesa, decidiram mudar o nome da organização para UJC. Desde a vitória da Revolução, a UJC foi a primeira organização que levava em seu nome a palavra “comunista”. Com a nova orientação marxista-leninista, mudaram também a estrutura interna, os objetivos de trabalho e as normas de funcionamento da organização. O objetivo principal era formar jovens que tivessem uma atitude comunista diante da sociedade e diante da vida (NAVARRO, 2010, p. 144).

<sup>200</sup> Discurso proferido no Encerramento do Congresso da Associação de Jovens Rebeldes, no Estádio Latinoamericano, em 4 de abril de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f040462e.html>>. Acesso em: 23 de outubro de 2023.

<sup>201</sup> Discurso proferido no Encerramento do Congresso da Associação de Jovens Rebeldes, no Estádio Latinoamericano, em 4 de abril de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f040462e.html>>. Acesso em: 23 de outubro de 2023.

<sup>202</sup> Discurso no Ato Comemorativo do Primeiro de Maio, no Plaza de la Revolución, 1 de maio de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f010562e.html>>. Acesso em: 23 de outubro de 2023.

ocasião, a principal intenção de Castro era promover uma aliança operário-camponesa na construção do socialismo. Esta seria uma forma de resolver os principais problemas do país, como a “pobreza industrial y económica de nuestro país, no la pobreza en recursos naturales, que recursos naturales tenemos muchos, sino la pobreza en industrias, en técnica, en economía” e a “falta de preparación, de organización, para sacarles a esos recursos que tenemos - industriales y económicos - el mayor provecho”.<sup>203</sup>

Naquele momento, o camponês passou a ser um mero aliado dos trabalhadores das fábricas, um suporte para a sobrevivência daqueles que estavam na linha de frente para aumentar a produção e executando o plano de industrialização do país. Outro objetivo importante nessa aliança era a formação de uma frente para lutar contra “las agresiones económicas y las agresiones militares del imperialismo”<sup>204</sup> e os grupos armados que atuavam no interior do país.

Nesse sentido, Castro afirmou que “la Revolución socialista se hace mucho más fácilmente en las ciudades, en las grandes fábricas. En la gran fábrica se concentran cientos, miles de proletarios, la socialización prácticamente está hecha”.<sup>205</sup> E para convencer os camponeses de seu novo dever social na Revolução, quis mostrar que esta continuava a mesma “sobre el suelo de la patria de Martí y de Maceo”.<sup>206</sup> Citar esses símbolos nacionalistas nesse momento era uma estratégia de manter os trabalhadores do campo apoiando a Revolução na nova fase.

No mês seguinte, em 27 de junho, Castro discursou para diretores de escolas de instrução revolucionária. Afirou que naquela fase da Revolução, as funções da escola não eram mais as mesmas. As escolas deveriam se tornar espaços da classe trabalhadora e de divulgação do marxismo, “la única ciencia política y a la única ciencia revolucionaria verdadera [...] la única

---

<sup>203</sup> Discurso proferido no Plenária Nacional do Açúcar, realizada na Província de Camagüey, no dia 14 maio de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f140562e.html>>. Acesso em: 23 de outubro de 2023.

<sup>204</sup> Discurso proferido no Plenária Nacional do Açúcar, realizada na Província de Camagüey, no dia 14 maio de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f140562e.html>>. Acesso em: 23 de outubro de 2023.

<sup>205</sup> Discurso proferido no Encerramento da Plenária Nacional da Associação Nacional dos Pequenos Agricultores (ANAP), no Teatro Chaplin no dia 17 maio de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f170562e.html>>. Acesso em: 27 de outubro de 2023.

<sup>206</sup> Discurso proferido no Encerramento da Plenária Nacional da Associação Nacional dos Pequenos Agricultores (ANAP), no Teatro Chaplin no dia 17 maio de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f170562e.html>>. Acesso em: 27 de outubro de 2023.

interpretación verdadera del proceso de desarrollo de la historia humana”.<sup>207</sup> Também deveriam formar trabalhadores altamente qualificados, “con una gran educación política [...] capaces de orientar a sus compañeros, [...] de explicar el socialismo, [...] de salirles al paso a los argumentos del enemigo”.<sup>208</sup> Com o intuito de preparar os diretores para esses desafios, destacou apenas o caráter socialista da educação, deixando de lado as ideias de Martí.

No ato de 26 de julho, como de costume, Castro traçou um panorama da Revolução e das conquistas dos trabalhadores até aquele momento. Relembrou, inclusive, pela primeira vez no ano, as lutas pela independência nacional. O discurso foi feito na cidade de Santiago, na província que, segundo ele, “evoca los recuerdos más gloriosos de nuestra historia”.<sup>209</sup> Destacou eventos que ocorreram lá e que ajudavam a formar a memória coletiva da Revolução. Entre eles, estavam o início da Guerra dos Dez Anos, a saída de Maceo e Gómez para a guerra de independência, o assalto ao quartel de Moncada e as terras “donde yacen los restos gloriosos de nuestro Apóstol, caído en Dos Ríos”.<sup>210</sup>

Nesse caso, o Apóstolo foi um dos exemplos para explicar a escolha de Santiago para a realização do evento e para exaltar seu potencial revolucionário. Como será reforçado nas próximas seções, a criação de uma memória oficial sobre as lutas cubanas, incluindo a história de Martí, passou a ser reivindicada, principalmente, nas comemorações das efemérides. Nos discursos dos anos anteriores, sua história era reivindicada mais recorrentemente.

A ideia da Revolução como consequência de uma herança histórica era pouco enfatizada em 1962. Castro não tinha mais como objetivos justificar a Revolução ou criar uma imagem para si como continuador das lutas de independência. Sua intenção naquele momento era a construção de uma consciência e de uma economia socialistas.

Dentro dessa pauta urgente, é claro que Castro também buscou tranquilizar a população sobre os rumos da Revolução. Em alguns casos, quis legitimar suas ações, mostrar que a

---

<sup>207</sup> Discurso na reunião com os Diretores das Escolas de Instrução Revolucionário, realizado no Edifício da Direção Nacional da ORI, em 27 de junho de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f270662e.html>>. Acesso em: 28 de outubro de 2023.

<sup>208</sup> Discurso na reunião com os Diretores das Escolas de Instrução Revolucionário, realizado no Edifício da Direção Nacional da ORI, em 27 de junho de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f270662e.html>>. Acesso em: 28 de outubro de 2023.

<sup>209</sup> Discurso no comício realizado para comemorar o nono aniversário do 26 de julho, em Santiago de Cuba. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f260762e.html>>. Acesso em: 29 de outubro de 2023.

<sup>210</sup> Discurso no comício realizado para comemorar o nono aniversário do 26 de julho, em Santiago de Cuba. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f260762e.html>>. Acesso em: 29 de outubro de 2023.

Revolução ainda mantinha seu caráter nacionalista e gerar identificação entre os jovens e os que lutaram no século XIX. Mas cabe notar que essas intenções foram nos primeiros discursos do ano. Em geral, 1962 era o ano de começar a pensar no futuro comunista e as ideias martianas não eram tão úteis quanto a linguagem marxista.

Em outubro, no contexto da Crise dos Mísseis, os Estados Unidos decretaram um bloqueio naval à Cuba. Determinaram que nenhum navio que tivesse entrado em países soviéticos poderia aportar nos Estados Unidos e exigiram que os barcos cubanos fossem inspecionados pelas tropas norte-americanas e que nenhum navio entrasse na ilha. Castro comunicou às forças armadas revolucionárias que ficassem em “alerta de combate” e convocou uma reunião do Conselho de Segurança da ONU, denunciando os Estados Unidos. O governo soviético também colocou suas forças armadas à disposição de Cuba e advertiu John Kennedy sobre as possíveis consequências de suas agressões (NAVARRO, 2010, p. 64-65). No dia 1º de outubro, Fidel comentou sobre essas tensões e como elas eram lucrativas para os Estados Unidos:

“en cualquier país socialista, en la Unión Soviética, ¿el desarme qué significa? ¿Significa que se arruina alguna compañía? ¡No! ¿Que se queda alguien sin trabajo? ¡No! [...] el país lo que está gastando en artículos de guerra empezaría a gastarlo en bienes útiles y bienes productivos. No habría problema de ninguna clase [...] ¿qué ocurriría en Estados Unidos con un desarme? ¿Quiénes se oponen? Las compañías. Esas compañías son los primeros intereses afectados, les interesa el negocio de guerra [...] Esto, aparte de que a los imperialistas les interesa mantener fuerzas con que amedrentar a los países subdesarrollados, a los países colonizados. Y por eso se oponen intransigentemente a toda política de paz [...] Y que son los que ahora crean estas tensiones, estos problemas entre otros, los problemas con nuestro país; problemas que el pueblo cubano y el gobierno cubano están afrontando decididamente, con el apoyo de la Unión Soviética”.<sup>211</sup>

Nesse contexto, no dia 9 de outubro, Castro fez um discurso na cerimônia de recepção do presidente Osvaldo Dorticós que havia retornado dos Estados Unidos. Criticou a atuação do governo norte-americano na ONU e reafirmou que “el pueblo soviético es y será, por siempre, un pueblo amigo y un pueblo hermano de nuestro pueblo!”<sup>212</sup> Para ele, graças ao apoio da União Soviética, Cuba conseguia responder aos ataques de forma bem-sucedida. E mostrou que não estava disposto a renunciar a esse apoio, que “no estamos en 1898 [...] no estamos en aquellos años en que ellos pudieron hacer trizas las aspiraciones de nuestro pueblo, gobernar como

<sup>211</sup> Discurso marcado no Encerramento do I Congresso Nacional da Federação das Mulheres Cubanas, realizada no Teatro Chaplin em 1 de outubro de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f011062e.html>>. Acesso em: 31 de outubro de 2023.

<sup>212</sup> Discurso na recepção de Osvaldo Dorticós Torrado, presidente da república, em seu retorno de a ONU, depois de ter participado na XVII Assembleia dessa Organização, 9 de outubro de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f091062e.html>>. Acesso em: 31 de outubro de 2023.

invasores durante dos años a nuestro país, y retirarse dejándonos atrás una Enmienda Platt”.<sup>213</sup>

As tensões só diminuíram quando o secretário geral da ONU interveio para buscar uma solução para o conflito. O acordo se deu entre Estados Unidos e União Soviética e, sem o conhecimento de Cuba, os soviéticos retiraram seus mísseis e os Estados Unidos se comprometeram em não atacar a ilha. Impedido de participar das negociações, Castro lançou um documento chamado “Los Cinco Puntos” de Cuba. Nele, mostrou seu posicionamento sobre o conflito e as condições ideais para garantir a soberania do país, incluindo a suspensão de todas as violações ao seu espaço aéreo e naval (NAVARRO, 2010, p. 65).

Segundo Navarro, a Crise dos Mísseis confirmou que a soberania e “la defensa de la Revolución Cubana no puede confiarse a fuerzas externas, sino que depende de la disposición y el patriotismo de los cubanos” (NAVARRO, 2010, p. 66). Por outro lado, Castro garantiu que o público reunido no dia 9 de outubro “¡vino a decir que sí, que acepta las armas que nos ha enviado la Unión Soviética!”<sup>214</sup> Desfrutando de sua autonomia, “el pueblo ha venido a decir aquí, a expresar su satisfacción por el hecho de que la seguridad de la patria haya aumentado, por el hecho de que la patria no sea impotente”.<sup>215</sup> Nesse sentido, Vasconcelos considera que, diante das constantes inspeções dos Estados Unidos, a crise aproximou ainda mais Cuba e União Soviética. E abriu o caminho para a radicalização da Revolução com a segunda reforma agrária de 1963 (VASCONCELOS, 2016, p. 184).

Na análise desses discursos, pode-se afirmar que, ao longo de 1962, as influências de Martí se tornaram mais sutis nos discursos. Em comparação com os anos anteriores, as referências às suas ideias foram menos frequentes. A influência mais visível neste ano foi a do marxismo-leninismo. Castro focou mais no papel do trabalhador industrial, no sectarismo, na aliança operário-camponesa, na consciência socialista, na validação da sua aproximação com a União Soviética, nas tensões entre os membros do PSP e do M26-7, no internacionalismo proletário e na inserção da Revolução em um debate internacional sobre marxismo.

Mas tendo um olhar atento, percebe-se que as ideias e o nome de Martí ainda apareciam. Foram citados, principalmente, quando Fidel falava sobre educação, destacando as noções de

---

<sup>213</sup> Discurso na recepção de Osvaldo Dorticós Torrado, presidente da república, em seu retorno de a ONU, depois de ter participado na XVII Assembleia dessa Organização, 9 de outubro de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f091062e.html>>. Acesso em: 31 de outubro de 2023.

<sup>214</sup> Discurso na recepção de Osvaldo Dorticós Torrado, presidente da república, em seu retorno de a ONU, depois de ter participado na XVII Assembleia dessa Organização, 9 de outubro de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f091062e.html>>. Acesso em: 31 de outubro de 2023.

<sup>215</sup> Discurso na recepção de Osvaldo Dorticós Torrado, presidente da república, em seu retorno de a ONU, depois de ter participado na XVII Assembleia dessa Organização, 9 de outubro de 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f091062e.html>>. Acesso em: 31 de outubro de 2023.

criação, utilidade e autocrítica durante a formação, e nas efemérides, como o 1º de janeiro e o 26 de julho, e na Segunda Declaração de Havana. Nessas datas específicas, Martí foi uma estratégia para justificar o socialismo, convocar os trabalhadores para uma aliança ou criar uma memória da Revolução.

Como foi visto, nos primeiros discursos do ano, uma das principais preocupações de Castro era justificar o novo planejamento da sociedade em bases socialista. Para isso, usou ideais de Martí para dizer que o socialismo completaria as conquistas nacionalistas. Seus argumentos ajudavam a tranquilizar a população na nova fase e garantir o apoio dos mais pobres ou com menos acesso a informações sobre o socialismo. Outro ponto importante é que se antes o foco de Castro eram os trabalhadores do campo como principais figuras da Revolução, em 1962 os operários nas fábricas que eram os principais personagens. E cabia aos camponeses serem seus aliados para possibilitar o crescimento da indústria.

Quanto à formação de uma memória nacionalista, cabe apontar que nos anos anteriores, Martí era retratado como uma figura muito próxima. A forma como ele era citado nos discursos criava no público a sensação de que ele estava presente, testemunhando o que estava acontecendo, concordando com as medidas da Revolução. Ele era uma referência explícita para justificar as políticas públicas, caracterizar os camponeses e era chamado constantemente de Apóstolo, como um missionário que levou até a geração de 1950 as ideias revolucionárias.

Em geral, em 1962, Martí foi visto mais como uma memória. Ele ainda era uma figura importante que deveria ser lembrada e que a população deveria ser grata, mas que tinha ficado no passado. No dia 26 de julho, por exemplo, foi citado para explicar a escolha de Santiago para a realização do ato: aquela era a região “donde yacen los restos gloriosos de nuestro Apóstol, caído en Dos Ríos”.<sup>216</sup> Já no dia 13 de março, foi usado como um exemplo para defender o contexto de escrita dos textos: “¿Y entonces tendremos que suprimir los libros de Martí porque Martí no fuera marxista-leninista, porque Martí respondiera al pensamiento revolucionario que cabía en nuestra patria en aquella era?”<sup>217</sup>

Nesses casos, as citações a Martí foram diretas e objetivas, sem criar grandes narrativas a partir de seu nome. Aquela era a hora de focar na nova etapa, o socialismo, e Martí significava o começo da Revolução. Não precisava mais ser usado para explicar alguma medida

---

<sup>216</sup> Discurso no comício realizado para comemorar o nono aniversário do 26 de julho, em Santiago de Cuba. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f260762e.html>>. Acesso em: 29 de outubro de 2023.

<sup>217</sup> Discurso proferido na Homenagem aos Mártires do Assalto ao Palácio Presidencial, nas escadarias da Universidade de Havana, em 13 de março em 1962. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f130362e.html>>. Acesso em: 21 de outubro de 2023.

revolucionária nem convencer para o trabalho ou despertar o nacionalismo. Ele passou a ser mais um exemplo, um símbolo para deixar guardado na memória. A forma de citar Martí mudou justamente porque o foco da Revolução mudou.

Fidel estava construindo, portanto, um novo sentido de passado. Um passado mais distante, um passado que se atualizou na sua relação com o presente e com o futuro desejado. O que estava em questão em 1962 era a transformação das estruturas de propriedade, o combate ao sectarismo, a preparação da população para os desafios do socialismo e provar para a União Soviética que a Revolução era digna de seu apoio. Nesse contexto, Martí foi citado poucas vezes como o Apóstolo, ele era um símbolo histórico, nacionalista e latino-americano. Mas ainda havia resquícios de seu pensamento, principalmente na educação.

### 3.3 1963: ano da organização

O ano de 1963 também foi marcante para a Revolução Cubana. No auge dos debates econômicos, foi criado o PURS e colocada em prática a segunda lei de reforma agrária. O governo revolucionário assumiu que o projeto de industrialização rápida de Guevara não havia alcançado os resultados esperados no ano anterior. Ficou definida, então, a retomada do açúcar como a nova estratégia de desenvolvimento. Isso em meio à necessidade de organização das forças produtivas nas granjas controladas pelo governo e, principalmente, nas pequenas propriedades de cana-de-açúcar, onde boa parte da matéria prima ainda era produzida.

Nesse contexto, foi criado o Ministério do Açúcar como expressão da importância que se daria à produção canavieira e aos novos mercados socialistas. Demonstrava também o compromisso na instalação de maquinários no campo, para compensar a falta de mão de obra e acelerar a produção (NAVARRO, 2010, p. 80). Para Castro, a máquina era “el instrumento que libera al hombre de uno de los trabajos más duros que hay, tal como cortar caña en las condiciones de sol y de humedad del trópico”.<sup>218</sup> No passado, “era una enemiga, instrumento de los capitalistas para lucrar, desalojadora de los trabajadores. Y, sin embargo, la máquina es la gran liberadora del hombre en las condiciones de producción del socialismo”.<sup>219</sup> Mas para

---

<sup>218</sup> Discurso no encerramento do Exame de Saúde Final da Terceira Colheita do Povo, realizada no Teatro "Chaplin", no dia 27 junho de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f270663e.html>>. Acesso em: 27 de dezembro de 2023.

<sup>219</sup> Discurso no encerramento do Exame de Saúde Final da Terceira Colheita do Povo, realizada no Teatro "Chaplin", no dia 27 junho de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f270663e.html>>. Acesso em: 27 de dezembro de 2023.

uma mecanização bem-sucedida, alertou que era necessário “una organización muy superior y, además, una disciplina en la cosecha”<sup>220</sup> nas pequenas propriedades para alcançar as metas do governo.

Segundo Valdés Paz, a reforma da estrutura de posse da terra foi a primeira grande transformação da Revolução Cubana. Como vimos no capítulo anterior, a reforma de 1959 erradicou a propriedade estrangeira e os latifúndios maiores que 402 hectares. As terras foram entregues a quem trabalhava nelas, beneficiando mais de 100 mil camponeses. Após sua aplicação, 33% das terras passaram a ser administradas pelo governo e originou-se um setor nacionalizado da agricultura. A segunda reforma, promulgada em 3 de outubro de 1963, diminuiu o limite máximo de terra para 67 hectares e nacionalizou todas as propriedades e prédios maiores que essa medida. Com ela, o Estado passou a controlar cerca de 66% das terras, convertendo-se na base do desenvolvimento da agricultura (VALDÉS PAZ, 2011, p. 75).

Navarro destaca que esta lei eliminou a burguesia rural que financiava planos contrarrevolucionários e sabotava a produção de alimentos na ilha. Também ajudou a consolidar o processo de socialização da agricultura e a aliança entre operários e camponeses. A partir desse momento, o campo cubano ficou marcado por duas formas de propriedade, a socialista, predominantemente, com as granjas do povo, e a privada, com os pequenos agricultores (NAVARRO, 2010, p. 74-75). Pelo seu caráter socialista, a lei reforçou que as cooperativas deveriam ser transformadas em granjas, garantindo o controle total das terras pelo Estado (AYERBE, 2004, p. 68).

Um dia antes da promulgação de lei, Castro garantiu que ela seria implementada junto com os investimentos de mecanização da produção: “con la nueva Ley de Reforma Agraria, la mayor parte de las tierras estarán en manos del Estado; y aplicando una buena técnica y aplicando la mecanización, podemos lograr una abundancia extraordinaria de productos”.<sup>221</sup> Sua aplicação significava o fim de uma burguesia ainda remanescente na ilha: “entabla una batalla de clases más dura [...] afecta un número mayor de propietarios que la primera ley, de gente que tiene cierta preparación, cierta cultura, muchas amistades”.<sup>222</sup>

---

<sup>220</sup> Discurso no encerramento do Exame de Saúde Final da Terceira Colheita do Povo, realizada no Teatro "Chaplin", no dia 27 junho de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f270663e.html>>. Acesso em: 27 de dezembro de 2023.

<sup>221</sup> Discurso aos alunos do Escolas de Assistentes Administrativos, no Teatro Chaplin, no dia 2 outubro de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f021063e.html>>. Acesso em: 27 de dezembro de 2023.

<sup>222</sup> Discurso aos alunos do Escolas de Assistentes Administrativos, no Teatro Chaplin, no dia 2 outubro de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f021063e.html>>. Acesso em: 27 de dezembro de 2023.

Cabe destacar que, também em outubro, a passagem do ciclone Flora por Cuba provocou inúmeros danos materiais ao país. Mas a resposta rápida do governo, com a garantia de proteção e assistência à população atingida, foi decisiva para a aplicação pacífica da lei (VASCONCELOS, 2016, p. 194). Ao longo do ano, Fidel falou constantemente sobre o ocorrido, como mais uma prova das atuações bem-sucedidas do governo revolucionário.

No primeiro discurso do ano, como já era de costume, Fidel participou do comício em comemoração ao quinto aniversário da Revolução. Àquela altura, o 1º de janeiro já era uma das principais efemérides cubanas. Na ocasião, falou sobre o pagamento da indenização por parte do governo norte-americano pela invasão à Baía dos Porcos em 1961. Quando finalmente os Estados Unidos assumiram essa responsabilidade, a postura do presidente John Kennedy foi atacar a Revolução e dizer que estava pagando pelo resgate de cubanos que haviam sido presos pela própria “ditadura cubana”. O presidente norte-americano também comparou as ações dos contrarrevolucionários com as lutas de Martí e de outros nomes da independência. Criticando esse discurso de Kennedy, Castro esclareceu que:

“Todo el mundo conoce la historia de Martí, de aquel Martí con las ropas raídas; de aquel Martí que no recibió sus fondos de la tesorería yanki; de aquel Martí que recorría aquella emigración humilde, de proletarios, de tabaqueros, reuniendo centavo a centavo los fondos para comprar las armas, que cuando las tenía ya adquiridas les fueron arrebatadas por las autoridades yankis; de aquel Martí que no vino escoltado por la escuadra yanki, ni precedido en su desembarco por bombarderos yankis; de aquel Martí que en una noche tempestuosa, en un botecito de remos, desembarcó, casi solo, en las playas orientales. Comparar a aquel hombre íntegro, antimperialista, comparar el esfuerzo de aquellos patriotas con estos miserables es una ofensa a la memoria de aquellos hombres. Porque nuestros libertadores vinieron a libertar esclavos, a crear una nación, nación que el imperialismo frustró, nación que el imperialismo yanki pisoteó durante 50 años”.<sup>223</sup>

Nessa passagem, Castro criou uma narrativa longa e descritiva para defender Martí das agressões e comparações mal feitas. Quis mostrar que os cubanos não poderiam ser enganados, principalmente em relação à história do Apóstolo. Este fazia parte de uma memória coletiva revolucionária que vinha sendo construída desde 1959 e que já estava bem consolidada. Revelou também que os cubanos concordavam com a aproximação de Cuba com a União Soviética e nada que os Estados Unidos fizessem poderia mudar isso.

Castro também teve a intenção de fortalecer na população o dever de unidade naquele ano, uma unidade dentro dos princípios socialistas. Para despertar esse ideal, nada mais útil do que reivindicar Martí, um símbolo de união dos povos contra o imperialismo. E se a população

---

<sup>223</sup> Discurso proferido no Comício e Desfile do Povo Militares, para comemorar o Quarto Aniversário da Revolução Cubana, realizada na Praça da Revolução em 2 de janeiro de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f020163e.html>>. Acesso em: 1º de novembro de 2023.

conhecia bem a história de Martí, não iria decepcioná-lo.

Além disso, Fidel explicou por que aquele ano era o “ano da organização”. O governo revolucionário estava preparando, “en primer lugar, la organización del Partido Unido de la Revolución Socialista; el desarrollo de [...] nuestras organizaciones de masas; la organización en los organismos administrativos y [...] en los organismos económicos”.<sup>224</sup> A Revolução também não deixaria de lado as reformas na educação, “todos los años son años de la educación”.

No dia 15 de janeiro, no encerramento do Congresso das Mulheres Americanas, Castro criticou outros discursos de Kennedy e ações do governo norte-americano como a invasão à Baía dos Porcos e a Aliança para o Progresso. Em seu discurso, teve como intenção estimular as mulheres a convocarem a unidade em seus respectivos países, uma unidade do campo socialista. Para falar desse tema, ao invés de citar Martí para falar da união latino-americana, ele falou que “Marx y Engels lucharon por esa unión incansablemente [...] durante toda su vida. Y eso es lo que decimos nosotros, nuestra dirección política, nuestro Partido y nuestro pueblo: ‘¡Proletarios de todos los países: uníos!’”.<sup>225</sup> E afirmou também que o marxismo “es suficientemente rico en caudal ideológico y en experiencias para encontrar las formas adecuadas para superar”<sup>226</sup> os desafios da Revolução.

Apesar de focar no marxismo como a base de seus princípios, se tivermos um olhar mais atento, podemos perceber referências aos ideais políticos de Martí. Castro falou que a realização do Congresso era essencial na luta pela paz. Nesse sentido, os cubanos lutavam por ela se unindo e “siguiendo los caminos de la soberanía nacional, de la liberación frente a los explotadores y frente a los imperialistas”.<sup>227</sup> Apelavam para “las madres de todo el mundo en la lucha contra la miseria, el atraso, la incultura y la explotación imperialista”, convocando-as para “la liberación de nuestros pueblos, por el respeto a la autodeterminación y soberanía de los

---

<sup>224</sup> Discurso proferido no Comício e Desfile do Povo Militares, para comemorar o Quarto Aniversário da Revolução Cubana, realizada na Praça da Revolução em 2 de janeiro de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f020163e.html>>. Acesso em: 1º de novembro de 2023.

<sup>225</sup> Discurso proferido no encerramento do Congresso de Mulheres de Toda a América, realizado no Teatro Chaplin em 15 janeiro de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f150163e.html>>. Acesso em: 6 de novembro de 2023.

<sup>226</sup> Discurso proferido no encerramento do Congresso de Mulheres de Toda a América, realizado no Teatro Chaplin em 15 janeiro de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f150163e.html>>. Acesso em: 6 de novembro de 2023.

<sup>227</sup> Discurso proferido no encerramento do Congresso de Mulheres de Toda a América, realizado no Teatro Chaplin em 15 janeiro de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f150163e.html>>. Acesso em: 6 de novembro de 2023.

Estados, por el desarme general y completo, y por la consecución de un mundo de paz donde florezca el bienestar, el progreso, el poder creador”.<sup>228</sup>

Já no final de fevereiro, Castro fez um discurso no encerramento do Congresso Nacional de Medicina. Nesse dia, fez uma comparação entre os contextos do primeiro Congresso, no início do século XX, e o de 1963. O primeiro ocorreu quando “no podía, en realidad, hablarse de independencia [...] existía en la constitución de nuestro país una enmienda ignominiosa que le daba derecho a un gobierno extranjero a intervenir en sus asuntos internos”.<sup>229</sup> Já o daquele ano, “se realiza en el país plenamente independiente [...] se realiza con un espíritu nuevo” [...] la república de hoy no es una quimera, es una realidad”.<sup>230</sup> Através dessa comparação, quis mostrar o quanto Cuba estava mudando e se desenvolvendo, na direção da soberania plena.

Ao longo do pronunciamento, Castro fez uma incursão no passado e na história do país e em como os médicos cubanos viveram essas mudanças. Lembrou brevemente dos heróis da independência e da importância de suas lutas, mas não citou Martí. Os que lutaram no século XIX não eram mais evocados como figuras próximas dos cubanos e que o povo poderia se identificar. Se tornavam, cada vez mais, parte de uma memória, símbolos de uma história que parecia que já tinha sido superada e que tinha ficado para trás. Os próprios fatos históricos e a independência se tornavam cada vez mais distantes, discutidos com mais objetividade, porque “el mundo que vivimos no es el mundo de entonces, que el mundo de hoy ha cambiado mucho y seguirá cambiando”.<sup>231</sup>

O mesmo aconteceu no discurso do dia 13 de março, em comemoração ao aniversário do ataque ao Palácio Presidencial. Falando para os estudantes da Universidade de Havana, Fidel afirmou que “en un acto como este, hay que pensar sobre todo en el futuro, mirar hacia el futuro [...] Recordando aquel respeto con que nosotros pensábamos siempre en nuestros mártires [...]

---

<sup>228</sup> Discurso proferido no encerramento do Congresso de Mulheres de Toda a América, realizado no Teatro Chaplin em 15 janeiro de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f150163e.html>>. Acesso em: 6 de novembro de 2023.

<sup>229</sup> Discurso proferido no encerramento do X Congresso Nacional de Medicina e Estomatologia, 24 de fevereiro de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f240263e.html>>. Acesso em: 7 de novembro de 2023.

<sup>230</sup> Discurso proferido no encerramento do X Congresso Nacional de Medicina e Estomatologia, 24 de fevereiro de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f240263e.html>>. Acesso em: 7 de novembro de 2023.

<sup>231</sup> Discurso proferido no encerramento do X Congresso Nacional de Medicina e Estomatologia, 24 de fevereiro de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f240263e.html>>. Acesso em: 7 de novembro de 2023.

recordando la historia desde las luchas por la independencia”.<sup>232</sup> E para convocar os jovens para a organização da nova sociedade socialista, afirmou: “¡Los imperialistas tienen mucho más que perder que nosotros! Nosotros aquí, hoy, podemos decir aquello que dijeron Marx y Engels en su Manifiesto Comunista: ‘¡Los proletarios no tienen otra cosa que perder que sus cadenas!’”<sup>233</sup> Com essa citação, quis dizer que os cubanos não precisavam ter medo de se unir e lutar contra os imperialistas. O povo já tinha se libertado do antigo sistema de exploração e cabia aos jovens estarem preparados para os futuros desafios.

No discurso do dia 30 de março, para a população de Matanzas, Castro também falou sobre a construção do passado legítimo das lutas de independência. Segundo ele, diferentemente dos revolucionários que evocavam de forma honesta a memória de Martí, os antigos políticos de Cuba “empezarían aquí a hablar de Martí y de Maceo, porque no había discursos de politiqueros en que no empezaran hablando de Martí y de Maceo, invocando falsamente, cínicamente, hipócritamente, el nombre de nuestros apóstoles de la independencia”.<sup>234</sup> Nesse sentido, quis mostrar que era a Revolução que tinha a competência e a autoridade para difundir a verdadeira história do país. Ela estava criando uma memória do passado nacionalista e das lutas do século XIX que antes a legitimava e que nesse contexto, ajudava na formação de uma nova cultura.

Nesse dia, também falou em um poder político “que atienda los intereses locales, que resuelva los problemas locales”,<sup>235</sup> como pregava Martí.<sup>236</sup> Mesmo não sendo em uma data comemorativa, o ato deste dia reúne grande parte da população de Matanzas, província ao norte de Cuba que fica geograficamente muito próxima dos Estados Unidos. Como símbolos nacionalistas, Martí foi usado como uma estratégia para manter o apoio dessa população em

---

<sup>232</sup> Discurso proferido em o encerramento do evento comemorativo do VI Aniversário do assalto ao Palácio Conferência Presidencial, realizada nas escadarias da Universidade de Havana, no dia 13 Março de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f130363e.html>>. Acesso em: 9 de novembro de 2023.

<sup>233</sup> Discurso proferido em o encerramento do evento comemorativo do VI Aniversário do assalto ao Palácio Conferência Presidencial, realizada nas escadarias da Universidade de Havana, no dia 13 Março de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f130363e.html>>. Acesso em: 9 de novembro de 2023.

<sup>234</sup> Discurso aos membros do Partido Unido da Revolução Socialista de Matanzas, realizado no interior Deportivo "René Fraga", em 30 de março de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f300363e.html>>. Acesso em: 10 de novembro de 2023.

<sup>235</sup> Discurso aos membros do Partido Unido da Revolução Socialista de Matanzas, realizado no interior Deportivo "René Fraga", em 30 de março de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f300363e.html>>. Acesso em: 10 de novembro de 2023.

<sup>236</sup> Sobre resolver os problemas locais, ver as páginas 50 e 51 do capítulo 1.

uma área suscetível a receber os discursos anticomunistas. Era mais útil, nesse sentido, falar sobre um nome e ideias que eles estavam mais familiarizados do que sobre o marxismo-leninismo.

Entre abril e maio, Castro fez sua primeira viagem para a União Soviética. Visitou diversas cidades, discursou em eventos e recebeu o título de “Doutor Honoris Causa” pela Universidade Estatal de Moscou. Na maior parte das ocasiões, enfatizou a importância do suporte técnico que a União Soviética estava dando para Cuba, a amizade entre os dois povos e a capacidade dos soviéticos em se defender das agressões dos Estados Unidos e construir uma economia forte, dando vida às ideias de Marx, Engels e Lênin. Afirmou que estes eram os principais teóricos que os jovens deveriam seguir. A única referência a Martí foi no discurso de despedida no Estádio Lênin em Moscou:

“Claro que las revoluciones no tienen lugar en un laboratorio: son obras de las masas en la realidad viva de la historia, en condiciones difíciles y de encarnizada lucha de clases. Nuestro Apóstol de la independencia, José Martí, hombre extraordinario y universal, dijo que en las revoluciones no todo huele a clavellina. Los que tienen una concepción idealista de la historia, tienden a imaginarse que las revoluciones deben transcurrir como una sinfonía perfecta, sin tropiezos, dificultades ni errores. Ninguna revolución está exenta de errores [...] Todo en la revolución es experiencia útil, todo enseña. Por eso, el movimiento comunista es cada vez más fuerte moralmente, y el prestigio de las ideas marxista-leninistas se consolida cada vez más en todo el mundo, a pesar de la implacable campaña de los enemigos de los trabajadores”.<sup>237</sup>

Nesta declaração, Martí foi citado para dizer que as revoluções possuíam desafios e momentos difíceis, mas que toda experiência era um ensinamento. As agressões armadas e os bloqueios dos Estados Unidos, por exemplo, fizeram Cuba se aproximar da União Soviética e criar condições mais propícias para combater o imperialismo. Segundo Castro, o apoio soviético deixou claro que a fome e a exploração só seriam resolvidas com o desenvolvimento do campo socialista. E Martí era o ponto de partida dessa compreensão. Graças ao seu exemplo, os cubanos tinham a lucidez de perceber que a Revolução possuía erros e aprendia com as dificuldades. Isso mostrava para as autoridades soviéticas que Cuba estava fortalecendo e adaptando sua Revolução e era digna de ser apoiada pelo Partido Comunista da União Soviética.

No final de junho, Castro fez um discurso para os trabalhadores da construção civil em que também falou sobre os desafios em fazer uma revolução. Mas nessa ocasião, deixou claro que as dificuldades representavam algo do passado. O presente e o futuro eram de construção bem-sucedida do socialismo. Demonstrou confiança nesse processo e afirmou que a economia

---

<sup>237</sup> Discurso proferido no evento realizado no Estádio Lenin em Moscou, União Soviética, 23 de maio de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f230563e.html>>. Acesso em: 11 de novembro de 2023.

no socialismo estava baseada na disciplina, na técnica e na mecanização da produção. Portanto, sua missão nesse dia era encorajar e educar o trabalhador para a alta produtividade e a boa organização. Citou a guerra de independência como exemplo da superação dos problemas:

“la realidad es que no hemos tenido problemas realmente grandes e insolubles y podemos ahorrarnos también grandes dificultades en el futuro. Porque cuando uno oye algunas quejas y algunas cosas, y se acuerda de los trabajos que han pasado otros pueblos, incluso los trabajos que pasamos en la guerra, porque hubo veces que nosotros tampoco teníamos zapatos en la guerra y andábamos por las montañas y a veces tuvimos que buscarnos unos alambres y convertirnos en zapateros y amarrar con alambres los zapatos, porque teníamos que caminar, y en la Guerra de Independencia también ocurrió lo mismo, en nuestra Guerra de Independencia. Y nosotros tenemos espléndidas oportunidades de resolver nuestros problemas, ya se empiezan a ver los resultados, incluso a pesar de la tremenda sequía que hemos tenido y de la gran desorganización que había; hemos rebasado esa etapa, relativamente sin grandes problemas y ya se empiezan a ver los resultados en la producción”.<sup>238</sup>

No ato do dia 26 de julho, na Praça da Revolução, ao falar para a população e para as delegações estrangeiras, o tom do discurso mudou. Castro afirmou que a Revolução ainda tinha muitos problemas para resolver, relacionados à disciplina e à consciência da população e à organização de instituições e do PURS. Para ele, essas lutas dos cubanos eram parecidas com as lutas de Martí, Maceo e Gómez:

“¿Qué tipo de ciudadano será el ciudadano del mañana, cómo será el país de mañana? Nosotros tenemos que plantearnos esos problemas y luchar por eso. Por eso es que derramaron su sangre tantos hombres; por eso ha venido luchando nuestro pueblo desde la independencia, desde aquellos bravos mambises que lucharon 10 años, sin ver coronada la obra, desde los heroicos combatientes de la independencia que lucharon tan tesoneramente, para no ver a Cuba intervenida por los norteamericanos; por eso tantos hombres gloriosos y gigantes murieron, nuestros próceres de la independencia: Martí y Maceo, Gómez, cuyos nombres debemos venerar cada vez más y más en toda su grandeza, por lo que hicieron para que tengamos esto”.<sup>239</sup>

Ao evocar esses nomes durante a comemoração, Castro quis defender que os esforços de seu país para a construção do socialismo dariam certo. Afirmou, inclusive, que o povo cubano era “un pueblo firme, un pueblo revolucionario, un pueblo de una política, y un pueblo leal que sabe ser amigo de sus amigos, sin sombra de oportunismo en su política”.<sup>240</sup> Diante do

---

<sup>238</sup> Discurso proferido na Assembleia dos Deputados do Partido e dos Trabalhadores do Setor de Construção, realizadas nas dependências da Direção Nacional do PURS, 30 de junho de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f300663e.html>>. Acesso em: 14 de novembro de 2023.

<sup>239</sup> Discurso proferido na comemoração do 10º aniversário do 26 de julho, realizada na Plaza de la Revolución, 26 de julho de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f260763e.html>>. Acesso em: 17 de novembro de 2023.

<sup>240</sup> Discurso proferido na comemoração do 10º aniversário do 26 de julho, realizada na Plaza de la Revolución, 26 de julho de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f260763e.html>>. Acesso em: 17 de novembro de 2023.

seu alcance internacional, esse discurso era uma boa forma de legitimar a aproximação de Cuba com a União Soviética. Os elogios ao povo eram para mostrar externamente que a Revolução tinha bases sólidas e estava amadurecendo, portanto, os soviéticos poderiam confiar nela.

Em outro discurso para delegações estrangeiras e marinheiros, no início de agosto, Castro teve a intenção de agradecer a União Soviética pelo fornecimento de equipamentos navais. Graças a esse apoio, a marinha de guerra revolucionária conseguia cumprir o dever de todos os cubanos de “en función del presente y en función del futuro, identificar nuestros intereses con los intereses de la patria. Porque hoy la patria es de todos, ‘de todos y para el bien de todos’, como dijera nuestro gran apóstol José Martí”.<sup>241</sup> Mas o ideal de Martí foi citado apenas como um fim e não como um meio ou um guia pelos quais os cubanos lutavam. Segundo esse discurso, a base dos esforços dos marinheiros era a cooperação da União Soviética e a consciência comunista.

No dia 28 de setembro, Castro também falou no nome de Martí. A data marcava a fundação dos Comitês de Defesa da Revolução em 1960. E em 1963, o dia coincidiu com o Congresso da Associação Internacional de Arquitetos em Havana. No evento, Castro destacou que Cuba era um país democrático e que nenhum cidadão era proibido de sair e de visitar outros países. Mas ao mesmo tempo, criticou a covardia daqueles que iam para os Estados Unidos com medo dos feitos da Revolução.

Para isso, utilizou a linguagem política de Martí, descrevendo as características da “América Europeia”.<sup>242</sup> “los elementos vacilantes y cobardes, los elementos que tenían a los riesgos de la Revolución, [...] muchos de ellos habían renunciado a sus trabajos para irse, olvidándose de aquello que dijo Martí del ‘norte revuelto y brutal’”.<sup>243</sup> Enfatizou que esses “vendidos al enemigo” não definiriam o povo cubano, “ejemplo de dignidad y patriotismo, ejemplo de valor, ejemplo de heroísmo, de espíritu de sacrificio; nuestro pueblo es ese, es el que está construyendo la historia de Cuba”.<sup>244</sup>

Segundo Castro, os imperialistas aproveitavam a saída dessas pessoas para fazer campanhas contra Cuba, tirando do país muitos profissionais qualificados. Além dessa “gran

---

<sup>241</sup> Discurso proferido na Base Naval de Cabañas, em Pinar del Río, em 3 de agosto de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f030863e.html>>. Acesso em: 17 de novembro de 2023.

<sup>242</sup> Sobre a “América europeia”, ver as páginas 47 e 54 do capítulo 1.

<sup>243</sup> Discurso proferido na celebração do Terceiro Aniversário dos Comitês de Defesa da Revolução, realizada na Plaza de la Revolución "José Martí" em 28 de setembro de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f280963e.html>>. Acesso em: 19 de novembro de 2023.

<sup>244</sup> Discurso proferido na celebração do Terceiro Aniversário dos Comitês de Defesa da Revolução, realizada na Plaza de la Revolución "José Martí" em 28 de setembro de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f280963e.html>>. Acesso em: 21 de novembro de 2023.

maldad”, destacou a “gran estupidez” dos estadunidenses que “a veces se acogen al concepto marxista de las clases sociales, pero niegan el papel de las clases en la historia y en la marcha de la historia”.<sup>245</sup> Também falou que em Cuba, “no vemos esos problemas raciales que hay en Estados Unidos”.<sup>246</sup> Nesses trechos, pode-se perceber a ideia de conhecimento da história do país e a questão racial de Martí,<sup>247</sup> marcando as diferenças em relação aos Estados Unidos. Nessa efeméride, portanto, para criticar os Estados Unidos e definir o povo cubano diante dos estrangeiros, as ideias, a linguagem e o nome de Martí foram estratégicos.

Percebe-se que, ao longo de 1963, o nome de Martí foi citado mais vezes do que nos dois anos anteriores. Nesse contexto, Castro precisava fortalecer no povo a ideia de unidade diante da criação do PURS e da organização das forças produtivas para a mecanização do campo, a reforma agrária e o trabalho nas granjas. Enquanto um símbolo de união, de defesa da cultura nacional e contra o imperialismo, Martí era estratégico nesses casos. E mesmo quando seu nome não foi citado, suas ideias de soberania nacional e de poder criador foram retomadas.

Nota-se, também, que na maioria das vezes que Martí foi citado, em 1963, foi para públicos estrangeiros, principalmente, soviéticos. Nesses eventos, foi recorrente a questão da aproximação com a União Soviética, seja para agradecer pelos acordos firmados ou exaltar os esforços da Revolução para merecer essa amizade. Para manter o apoio da superpotência, Fidel precisava garantir que os soviéticos acreditassem que a construção do socialismo em Cuba daria certo e que a Revolução tinha boas intenções. Nesses casos, recorreu a Martí, para explicar quem ele era<sup>248</sup> e quem era o povo cubano, digno de ser apoiado pela União Soviética.

Cabe destacar que Martí foi usado nas principais efemérides do ano, o 1º de janeiro, o 26 de julho e o 28 de setembro. Nessas datas, Castro deixava um pouco de lado as pautas de construção do socialismo para reforçar a memória do país. Se propunha a condenar o imperialismo dos Estados Unidos, o inimigo histórico da Revolução, e discutir a própria história de Cuba. Nesse sentido, defendia a construção de um passado legítimo, evocado pela Revolução, e marcava bem as mudanças em relação a ele. Quando o assunto era a memória,

---

<sup>245</sup> Discurso proferido na celebração do Terceiro Aniversário dos Comitês de Defesa da Revolução, realizada na Plaza de la Revolución "José Martí" em 28 de setembro de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f280963e.html>>. Acesso em: 21 de novembro de 2023.

<sup>246</sup> Discurso proferido na celebração do Terceiro Aniversário dos Comitês de Defesa da Revolução, realizada na Plaza de la Revolución "José Martí" em 28 de setembro de 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f280963e.html>>. Acesso em: 21 de novembro de 2023.

<sup>247</sup> Sobre o conhecimento da história, ver a página 51, e sobre a questão racial, ver a página 54 do capítulo 1.

<sup>248</sup> Essa foi uma das únicas vezes no ano, inclusive, que chamou Martí de “Apóstol de la independencia”.

Martí era usado como um símbolo para os cubanos manterem na lembrança, uma figura que representava a antiga fase nacionalista.

Quanto ao anti-imperialismo nas efemérides, Fidel recorreu a Martí, o maior símbolo nacional, para diferenciar as duas Américas, desconstruir declarações de John Kennedy, manter o apoio do povo em uma área suscetível a receber os discursos imperialistas e criticar aqueles que iam para os Estados Unidos com medo da Revolução. Em geral, seja para falar da história ou do imperialismo, percebe-se uma certa objetividade na forma como Martí foi citado nessas efemérides. Ele não era mais o guia da Revolução, o Apóstolo cujo legado deveria ser honrado. Era um personagem histórico usado para marcar a divisão entre a fase nacionalista e a fase socialista da Revolução.

### 3.4 1964: ano da economia

Em 1964, se consolidou a nova estratégia de priorização do açúcar e a economia cubana passou a girar em torno do produto. Em 21 de fevereiro, foi assinado um convênio de médio prazo com a União Soviética, garantindo a produção de até cinco milhões de toneladas anuais de açúcar a um preço fixo (AYERBE, 2004, p. 68). Nesse período, também foi lançada a meta de 10 milhões de toneladas de açúcar para o ano de 1970. E em seus discursos, Fidel começou a falar constantemente sobre esse assunto, buscando aumentar a produção e mobilizar toda a população para que a Revolução fosse bem-sucedida nesse desafio.

Cabe destacar que, no discurso de comemoração do dia 1º de janeiro, Castro não falou em Martí, como era de costume. Diferentemente dos anos anteriores, o foco do discurso foi as transformações da economia em bases socialistas. Informou que com a reforma agrária de 1963, 70% das terras de Cuba estavam em produção através de empresas socialistas, ou seja, de empresas estatais pertencentes ao povo. Graças a isso, os cubanos poderiam desenvolver a agricultura, principalmente a canavieira, e continuar realizando a industrialização do país com os recursos do açúcar. Castro também falou dos investimentos em instrumentos de trabalho, tratores, máquinas agrícolas, fábricas, matérias-primas e artigos essenciais de consumo do povo.<sup>249</sup>

---

<sup>249</sup> Discurso proferido no Comício do Quinto Aniversário da Revolução, na Praça da Revolução, em 2 de janeiro de 1964. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f020164e.html>>. Acesso em: 24 de novembro de 2023.

Afirmou, inclusive, que os países socialistas não tinham contradições internas, como a exploração, as crises de fome, o desemprego e a superprodução do capitalismo. A economia socialista se desenvolveria de maneira estável, de acordo com planejamentos e a garantia de mercados seguros dentro do bloco. Por isso, Castro enfatizou que Cuba não estava sozinha e atestou o fracasso do bloqueio dos Estados Unidos. Os cubanos se sentiam, inclusive, “muy afortunados de no tener que necesitar de los imperialistas!”<sup>250</sup>

Ao contrário do capitalismo, a nova economia estaria pautada na convivência pacífica e na melhoria do padrão de vida do povo, sem se preocupar com mercados ou lucros. Nesse sentido, Castro exaltou “la Cuba cuyo entusiasmo no decae nunca, y la Cuba que confia en su porvenir, la Cuba que ansía un porvenir de paz, y la Cuba que tiene derecho a que se le respete en paz!”.<sup>251</sup> Essa paz significava o desenvolvimento da economia e o progresso para os pobres que só seria alcançado com o apoio da União Soviética.

No dia 1º de fevereiro, Castro fez um discurso para professores e estudantes na inauguração da Escola Nacional de Solos, Fertilizantes e Ração Animal. Esta tinha como objetivos o desenvolvimento da pecuária no país, a produção de carne e leite e a instrução revolucionária. Falando sobre os métodos de ensino da instituição, Castro destacou a necessidade de conhecer as especificidades do solo: “haya que estudiar el suelo, porque sin conocer el suelo, ¿qué van a producir?”.<sup>252</sup> Ao mesmo tempo, alertou os estudantes que eles poderiam ter contato com livros norte-americanos sobre técnicas agrícolas. Segundo Castro, “esos libros los vamos a estudiar con un sentido crítico, recogiendo todo lo que tienen de útil y de aprovechable para nuestras condiciones, y desechando todo aquello que no sea adecuado a nuestras condiciones”.<sup>253</sup>

Esses trechos nos remetem aos ideais de José Martí sobre educação.<sup>254</sup> Em “Nuestra

---

<sup>250</sup> Discurso proferido no Comício do Quinto Aniversário da Revolução, na Praça da Revolução, em 2 de janeiro de 1964. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f020164e.html>>. Acesso em: 24 de novembro de 2023.

<sup>251</sup> Discurso proferido no Comício do Quinto Aniversário da Revolução, na Praça da Revolução, em 2 de janeiro de 1964. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f020164e.html>>. Acesso em: 24 de novembro de 2023.

<sup>252</sup> Discurso proferido na inauguração da Escola Nacional de Solos, Fertilizantes e Ração Animal, 1º de fevereiro de 1964. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f010264e.html>>. Acesso em: 26 de novembro de 2023.

<sup>253</sup> Discurso proferido na inauguração da Escola Nacional de Solos, Fertilizantes e Ração Animal, 1º de fevereiro de 1964. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f010264e.html>>. Acesso em: 26 de novembro de 2023.

<sup>254</sup> Ver a página 51 do capítulo 1.

América”, ele destacou a importância do estudo dos fatores reais do país em que se vive. Conhecer o local e produzir e governar conforme esse conhecimento seria a melhor forma de resolver os problemas. Nos casos em que fosse necessário ter contato com referências externas para desenvolver alguma ideia, pelo menos “o tronco terá que ser o de nossas repúblicas” (MARTÍ, 1983, p. 197). Assim, pode-se afirmar que esse discurso de Fidel sobre a educação revolucionária estava pautado na noção de utilidade de Martí, do que era necessário para o país e do descarte do que não fazia sentido para a realidade cubana.

Em abril, em comemoração ao terceiro aniversário da vitória na Baía dos Porcos, Fidel quis denunciar as últimas agressões dos Estados Unidos. Entre elas, estava o apoio ao golpe civil-militar no Brasil, em março. Nesse discurso, em comparação com suas falas anteriores, ele fez mais referências ao internacionalismo revolucionário: “Somos y seremos un ejemplo. Y la fe puesta en nosotros por los pueblos explotados de este continente, incluso de otros continentes, esa fe no la defraudaremos jamás”.<sup>255</sup> Nesse trecho, Fidel quis mostrar sua confiança em relação ao futuro da Revolução, mesmo num momento delicado no cenário internacional. No final, prestou homenagens aos mortos na Baía dos Porcos, aos mortos nas tiranias e “a los caídos en nuestras guerras de Independencia”.<sup>256</sup>

Como o discurso foi feito, principalmente, para membros das forças armadas revolucionárias, a citação dos heróis da independência foi rápida e não precisou de maiores esclarecimentos. Fidel sabia que os revolucionários reconheciam a importância de homens como Martí, Maceo e Gómez. Deixando implícitos esses nomes, ele exaltou os cubanos por serem um exemplo para a América Latina e por terem feito a primeira Revolução socialista do mundo. Este último ponto é uma questão chave nesse discurso.

Naquele período, seu foco era mostrar o caráter da Revolução associado ao socialismo. Mesmo se ele elogiasse o povo na luta pela liberdade e pela soberania e em nome dos povos da América, o que importava naquele momento era descrever e legitimar a construção do socialismo. Martí e os outros heróis da independência recebiam essas breves homenagens como homens que deveriam ser mantidos na memória e que representavam o anti-imperialismo e a dignidade dos cubanos. Entre os revolucionários, essas questões já tinham sido bem trabalhadas

---

<sup>255</sup> Discurso proferido na noite solene para resumir os atos de celebração do Terceiro Aniversário da Vitória do Povo de Cuba em Playa Girón, apresentado no Teatro Chaplin, em 19 de abril de 1964. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f190464e.html>>. Acesso em: 27 de novembro de 2023.

<sup>256</sup> Discurso proferido na noite solene para resumir os atos de celebração do Terceiro Aniversário da Vitória do Povo de Cuba em Playa Girón, apresentado no Teatro Chaplin, em 19 de abril de 1964. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f190464e.html>>. Acesso em: 27 de novembro de 2023.

e não precisavam ser tão enfatizadas quanto nos discursos para a população em geral, por exemplo.

Na comemoração do dia internacional dos trabalhadores, em 1º de maio, Fidel fez um longo discurso na Praça da Revolução para os trabalhadores cubanos. Ele quis destacar, principalmente, a soberania de Cuba diante da União Soviética e valorizar a instrução dos trabalhadores para o desenvolvimento da economia açucareira. Tentou ao máximo mostrar ao povo a sua força e seus valores pacíficos, independentemente do apoio da União Soviética: “¡Así es nuestro pueblo, así es el pueblo de Martí, el pueblo que luchó 30 años por su independencia! ¡Así es el pueblo de Maceo! Y los derechos que este pueblo ha conquistado [...] ¡son derechos conquistados luchando, derechos conquistados peleando!”<sup>257</sup>

O nome de Martí e Maceo, nesse caso, foi usado para reforçar uma imagem dos trabalhadores, como o povo que Martí se orgulharia, e convencê-los a se mobilizarem para a produção. Essa estratégia foi mais vista nos anos iniciais da Revolução, principalmente em 1959, quando Martí era mais usado para criar uma ideia de continuidade em relação às lutas de independência. Mas em um discurso em uma efeméride e direcionado para a população trabalhadora, esse uso do passado foi retomado, inclusive com uma carga emotiva. Era uma forma de convencimento no ano em que Fidel se preocupava com o desenvolvimento da economia. Assim, o socialismo foi pouco explorado nessa ocasião em detrimento dos valores nacionalistas que eram mais familiares ao povo.

Já no evento do 26 de julho, Castro discursou para trabalhadores e camponeses em Santiago de Cuba. Como em outras efemérides, lembrou dos que morreram em Moncada e da luta pelo triunfo da Revolução. Segundo ele, a Revolução Cubana havia passado de sua fase inicial e havia crescido, graças ao esforço e à união do povo. Também fez um panorama dos últimos acontecimentos relacionados ao imperialismo na América Latina, relacionados aos acordos da OEA. A organização havia condenado Cuba por um suposto envio de armas para a Venezuela, mas que, segundo Castro, foram enviadas pelos próprios Estados Unidos. Uma das principais consequências desses acordos foi a suspensão da venda de medicamentos e equipamento médicos para Cuba.

Reforçando o caráter anti-imperialista de sua narrativa e sua confiança no futuro, Castro afirmou que: “los riesgos no nos importan [...] porque sabemos aquello que decía Martí: ‘Más vale morir de pie que vivir de rodillas’. Mientras vivamos de pie, ¡bien! Y si morimos de pie,

---

<sup>257</sup> Discurso proferido em comemoração ao Dia Internacional do Conferência dos Trabalhadores, realizada na Plaza de la Revolución "José Martí", no dia 1 Maio de 1964. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f010564e.html>>. Acesso em: 27 de novembro de 2023.

¡bien! ¡Pero de rodillas no viviremos nunca! Y esa es nuestra filosofía”.<sup>258</sup> Nesse trecho, Martí foi usado para fortalecer a consciência nacionalista e anti-imperialista do povo e para mostrar que não precisavam temer as próximas etapas da Revolução. Também quis estabelecer as bases para a declaração que apresentaria ao final do discurso. Nos últimos anos, essas intenções eram mais comuns nos discursos em efemérides, quando o imperialismo era um dos temas centrais.

No final do discurso, Castro leu para o público a proposta da Declaração de Santiago de Cuba. Segundo Navarro, a declaração, aprovada pelo povo, era uma resposta à OEA pela “falsa acusación de que Cuba seguía una política agresiva que ponía en peligro la paz del continente” (NAVARRO, 2010, p. 72). E mostrava, principalmente, “la disposición del pueblo cubano a defender, aun a costa de su propia vida, la independencia nacional” (NAVARRO, 2010, p. 73).

Entre os principais pontos da declaração estava a acusação de que a OEA não tinha moral para processar Cuba; de que os Estados Unidos, em cumplicidade com outros governos tirânicos da América Latina, estava promovendo a contrarrevolução; a afirmação de que todo o povo cubano condenava as sanções impostas e os atos de sabotagem; e que se as agressões não terminassem, “el pueblo de Cuba se considerará con igual derecho a ayudar con los recursos a su alcance a los movimientos revolucionarios en todos aquellos países que practiquen semejante intromisión en los asuntos internos de nuestra patria”.<sup>259</sup> Este último ponto era um argumento em defesa do internacionalismo cubano e do direito ao apoio aos revolucionários do continente. E terminou citando Maceo: “el pueblo [...] reafirma lo que dijera el gran guerrero de nuestra independencia, general Antonio Maceo: ‘¡Quien intente apoderarse de Cuba recogerá el polvo de su suelo anegado en sangre, si no perece en la lucha!’”<sup>260</sup>

Ao longo do ano de 1964, percebe-se apenas duas referências diretas a Martí. Essas citações ocorreram em datas comemorativas, no 1º de maio e no 26 de julho. No primeiro caso, o Apóstolo foi usado para reforçar a ideia de trabalho no próprio dia dos trabalhadores, definindo o povo cubano como aquele que, assim como Martí, lutava incansavelmente pelos seus objetivos. Essa foi uma forma de incentivar os trabalhadores a se mobilizarem para a produção no ano da economia, em que deveria ser alta a colheita de cana de açúcar. Já no 26 de

---

<sup>258</sup> Discurso proferido no comício em comemoração ao décimo primeiro aniversário de 26 de julho, realizado em Santiago de Cuba, 26 de julho de 1964. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f260764e.html>>. Acesso em: 3 de dezembro de 2023.

<sup>259</sup> Discurso proferido no comício em comemoração ao décimo primeiro aniversário de 26 de julho, realizado em Santiago de Cuba, 26 de julho de 1964. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f260764e.html>>. Acesso em: 3 de dezembro de 2023.

<sup>260</sup> Discurso proferido no comício em comemoração ao décimo primeiro aniversário de 26 de julho, realizado em Santiago de Cuba, 26 de julho de 1964. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f260764e.html>>. Acesso em: 3 de dezembro de 2023.

julho, Castro citou Martí para fortalecer a consciência nacionalista e anti-imperialista do povo, para então poder estabelecer as bases da Declaração de Santiago de Cuba.

Vale ressaltar que os ideais de Martí associados à educação também foram retomados nesse ano. Para estimular o estudo na inauguração de uma nova escola, Fidel usou as noções de utilidade, de conhecimento baseado na realidade do país e de senso crítico na hora de ter contato com referências externas. Essas ideias foram úteis em meio à necessidade de instrução dos trabalhadores para o desenvolvimento da economia açucareira. E são mais uma prova de que, a partir de 1962, a linguagem política de Martí era evocada, principalmente, quando o tema era educação.

Mas, em geral, a maioria dos discursos desse ano focaram na construção do socialismo e não citaram Martí e suas ideias. Cabe destacar, inclusive, que no início do ano, Fidel fez outra viagem para a União Soviética, onde falou bastante sobre o assunto. Como a prioridade do ano era construir as bases socialistas da economia, o nome de Martí não era tão útil quanto as ideias marxistas, por exemplo. Mesmo assim, nota-se o uso de seu nome para aumentar a produção nesse ano. Já o imperialismo, foi tema, principalmente, das efemérides.

### 3.5 1965: ano da agricultura

O último ano que me proponho a analisar foi decisivo para a Revolução Cubana. 1965 foi o ano em que o governo revolucionário optou pela estratégia da diversificação especializada da agricultura. Segundo Valdéz Paz, nesse período, o incremento da agricultura não açucareira permitiu o fornecimento racionado de alimento para satisfazer a demanda interna (VALDÉS PAZ, 2011, p. 80). Também foi o período em que o governo conseguiu desarticular os movimentos contrarrevolucionários, conferindo certa estabilidade à Revolução; criar o PCC, consolidando o unipartidarismo e o fim da luta contra o sectarismo; e firmar um acordo migratório com os Estados Unidos.<sup>261</sup>

Nos discursos deste ano, o tema da agricultura foi recorrente. Fidel elogiava as colheitas, falava sobre o desenvolvimento da pecuária, das árvores frutíferas e da produção de hortaliças para garantir condições ideais de alimentação e calçados. Também se comprometia com a intensificação da mecanização, incluindo fertilizantes e máquinas de cortar cana. Tudo isso

---

<sup>261</sup> Em outubro, o governo revolucionário permitiu a saída de cubanos que quisessem ir para os Estados Unidos, desde que em embarcações seguras ou em voos específicos que saíam de Varadero e iam para Miami (NAVARRO, 2010, p. 73-74).

estimulando a mobilização dos trabalhadores voluntários e falando sobre a criação de novos empregos no campo. Segundo ele, “hoy por hoy dependemos mucho del azúcar, pero en el futuro no dependeremos solo del azúcar, tendremos otros renglones, y hay que decir que tendremos otros renglones que valdrán más que el azúcar”.<sup>262</sup>

Sobre os movimentos contrarrevolucionários, Prado considera que até meados da década de 1960, Cuba passava por uma espécie de guerra civil interna. Somente em 1965 que as forças revolucionárias conseguiram desarticular os grupos de oposição armada e conferir uma relativa estabilidade ao país (PRADO, 2018, p. 23).

Navarro explica que, entre 1959 e 1965, esses grupos atuavam na ilha, principalmente na província de Las Villas, região montanhosa e de difícil acesso. Financiados pelos Estados Unidos e pela burguesia, expropriada em 1963, esses grupos criavam confusão e desconfiança na população rural sobre os feitos da Revolução e impediam a aplicação da reforma agrária nas áreas em que estavam instalados. Na chamada “luta contra el bandidismo”, a Revolução recrutou um exército formado por operários e camponeses enquanto as organizações de massa realizavam um trabalho de esclarecimento da população rural. Em janeiro de 1965, a campanha deu certo e foi decretada a desarticulação de toda a oposição armada no país (NAVARRO, 2010, p. 68). Para impedir a rearticulação desses grupos, Fidel também falou constantemente sobre o anti-imperialismo nesse ano.

Navarro também esclarece a centralização política em torno do PCC. Em meados de 1961, com a dissolução do M26-7, do DR e do PSP, se deu o primeiro passo para a integração de todos os revolucionários. Naquele mesmo ano, foram criadas as ORI, controladas por Aníbal Escalante. Diante das acusações de sectarismo nessas organizações e de favorecimento de ex-membros do PSP (NAVARRO, 2010, p. 138-139), se iniciou um processo de reorganização e de criação do PURS, em dezembro de 1963. O PURS, como uma organização única dos trabalhadores, estava baseado na consulta direta para a escolha de quais deveriam ocupar os principais cargos do partido (NAVARRO, 2010, p. 140)

Em setembro de 1965, o partido já havia se constituído em todos os níveis, nacional, regional e provincial. No dia 3 de outubro, após reuniões internas, o PURS resolveu adotar o nome de PCC e foi formado seu primeiro Comitê Central (CC) e seus órgãos de direção. Os

---

<sup>262</sup> Discurso proferido na reunião dos Secretários-Gerais dos 25 Sindicatos Nacionais, os Presidentes das Comissões Provinciais do Zafra e as Diretorias do INRA e MINAZ, para divulgar o Plano de Prêmios a atribuir pelo Governo Revolucionário, através da Comissão Organização Nacional da Colheita, aos melhores cortadores de cana do V Zafra del Pueblo, no Teatro do CTC "Lázaro Peña", Cidade de Havana, 21 de janeiro de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f210165e.html>>. Acesso em: 8 de dezembro de 2023.

principais jornais revolucionários, *Hoy e Revolución*, se fundiram em um único órgão oficial, o *Granma* (NAVARRO, 2010, p. 140-141). Na mesma ocasião, Fidel leu a carta de despedida de Guevara, redigida meses antes. O revolucionário renunciava aos seus cargos em Cuba para apoiar uma frente guerrilheira no Congo. Falou do orgulho em ter lutado ao lado de Fidel e expressou sua confiança no futuro de Cuba (NAVARRO, 2010, p. 100). E sobre a adoção do nome PCC, Castro afirmou que:

“Primero fuimos ORI, en los primeros pasos de la unión de las fuerzas revolucionarias, con sus aspectos positivos y sus aspectos negativos; después fuimos Partido Unido de la Revolución Socialista, que significó un progreso extraordinario, un extraordinario avance en la creación de nuestro aparato político. Esfuerzo de tres años en que, de la cantera inagotable del pueblo, se extrajeron incontables valores surgidos de entre las filas de nuestros trabajadores, para llegar a ser hoy lo que somos en cantidad, pero sobre todo lo que somos en calidad. Pero [...] Partido Unido da todavía la idea de algo que fue necesario unir, que recuerda todavía un poco los orígenes de cada cual. Y como entendemos que ya hemos llegado al grado tal en que de una vez por todas y para siempre ha de desaparecer todo tipo de matiz y todo tipo de origen que distinga a unos revolucionarios de otros, y hemos llegado ya al punto afortunado de la historia de nuestro proceso revolucionario en que podamos decir que solo hay un tipo de revolucionario, y puesto que es necesario que el nombre de nuestro Partido diga no lo que fuimos ayer, sino lo que somos hoy y lo que seremos mañana, ¿cuál es, a juicio de ustedes, el nombre que debe tener nuestro Partido? [...] ¡Partido Comunista de Cuba!”<sup>263</sup>

Portanto, para Fidel, a criação do PCC significava um avanço não apenas em relação à unificação, mas à homogeneização do aparato político. A origem dos revolucionários, antigos membros do PSP, do M26-7 ou do DR, não importava mais para o governo. O novo partido daria destaque apenas para o que eles tinham em comum, o objetivo comunista. E mostraria que a Revolução havia chegado em um momento histórico decisivo de fim do sectarismo e do conflito com a contrarrevolução. A partir de então, o PCC se tornou o único partido político de Cuba, consolidando definitivamente o poder de Fidel Castro como a principal liderança da Revolução, ainda como primeiro-ministro e, na década de 1970, como presidente.

No dia 2 de janeiro de 1965, na comemoração do aniversário da Revolução, Castro fez um discurso para a população de Havana. No comício, apresentou suas expectativas e objetivos para o ano que começava. Se no ano anterior, a produção de cana de açúcar já havia aumentado, considerou que 1965 seria um ano de ainda mais incentivo, estudo e criação de técnicas na agricultura. Também falou sobre as boas condições climáticas de Cuba e o potencial do mercado interno, se mostrando otimista com o “ano da agricultura”. Esta seria a base do desenvolvimento industrial e econômico do país.

---

<sup>263</sup> Discurso pronunciado no Ato de apresentação do Comitê Central do Partido Comunista de Cuba, realizado no Teatro “Chaplin”, em 3 de outubro de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f031065e.html>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2023.

Nesse sentido, ao longo de sua fala, pode-se perceber algumas influências do pensamento de José Martí. Castro afirmou que, mesmo Cuba seguindo o socialismo, a forma de governo deve concordar com a realidade e a constituição própria do país.<sup>264</sup> Destacou a importância de: “el saber aplicar la teoría a las realidades, el saber aplicar de una manera revolucionaria y dialéctica el marxismo-leninismo a las condiciones concretas de cada lugar y de cada época”.<sup>265</sup> Para ele, os governantes devem ter autonomia e capacidade de interpretar a doutrina socialista e saber aplicá-la corretamente em cada caso concreto. “Y hay que decir algo muy importante: ¡Que lo que cada partido deba hacer en cada circunstancia concreta no se lo ha de decir nadie desde ninguna parte!”<sup>266</sup> Por isso:

“no basta que existe el régimen social ideal, no basta sustituir el sistema capitalista por el sistema socialista; si esa oportunidad no se aprovecha bien, si no hay una concepción clara de las realidades, aunque tengamos socialismo, estaríamos desperdiciando enormes cantidades de recursos, estaríamos perdiendo magníficas oportunidades. No bastaba haber establecido el socialismo; hacía falta una concepción clara, realista e inteligente de nuestras posibilidades”.<sup>267</sup>

Castro também enfatizou a questão da criação de novas ideias na educação e na política. Falou da importância de “crear nuestras instituciones estatales”, “nuestras instituciones locales”, “el derecho constitucional nacional” e uma educação para “desarrollar conocimientos que han de ser útiles” e contra “la idea acomodaticia de que lo vamos a recibir todo de fuera, porque eso debilita nuestro espíritu revolucionario”.<sup>268</sup> Justificando seu ponto de vista, afirmou: “el socialismo es un sistema social nuevo que empieza con tremenda fuerza creadora, que desarrolla nuevas ideas, nuevas experiencias. Y en ese campo de las ideas [...] debemos crear nosotros, y llegar a la más cabal interpretación de las ideas de Marx, de Engels y de

---

<sup>264</sup> Sobre a formação do novo governo, ver a página 50 do capítulo 1.

<sup>265</sup> Discurso proferido no Comício do Sexto Aniversário da Revolução, realizada na Praça da Revolução, em 2 de janeiro de 1965. Disponível em <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f020165e.html>>. Acesso em: 8 de dezembro de 2023.

<sup>266</sup> Discurso proferido no Comício do Sexto Aniversário da Revolução, realizada na Praça da Revolução, em 2 de janeiro de 1965. Disponível em <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f020165e.html>>. Acesso em: 8 de dezembro de 2023.

<sup>267</sup> Discurso proferido no Comício do Sexto Aniversário da Revolução, realizada na Praça da Revolução, em 2 de janeiro de 1965. Disponível em <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f020165e.html>>. Acesso em: 8 de dezembro de 2023.

<sup>268</sup> Discurso proferido no Comício do Sexto Aniversário da Revolução, realizada na Praça da Revolução, em 2 de janeiro de 1965. Disponível em <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f020165e.html>>. Acesso em: 8 de dezembro de 2023.

Lenin”.<sup>269</sup>

Explicou que, em Cuba, deveriam ser criadas instituições próprias, sem imitar as dos outros países socialistas. Elas deveriam garantir ligações mais estreitas entre as massas e o partido e estar baseadas na ideia de democracia, dentro da ditadura do proletariado do socialismo. Os conceitos de ditadura e democracia não estavam em contradição, segundo ele. Nesse sentido, falou que “si desarrollamos nuestras ideas, si tenemos capacidad de pensar más profundamente, podemos entender esto”.<sup>270</sup> Esse trecho nos remete à ideia de Martí de que os povos devem viver se questionando e se criticando constantemente para aprimorar suas formas de governo.<sup>271</sup>

Na comemoração do dia 13 de março, em um discurso mais curto, Fidel se direcionou aos universitários reunidos na escadaria da Universidade de Havana. Sua intenção era reforçar nos jovens a união e o espírito revolucionário e internacionalista e defender sua posição de que os países socialistas deveriam oferecer ajuda ao Vietnã, assumindo todos os riscos. Naquele contexto, os Estados Unidos atacavam o Vietnã do Norte, de base socialista, com o apoio do Vietnã do Sul. Por isso, Castro quis mostrar que a divisão só enfraquecia a luta do povo, favorecendo o imperialismo, e que Cuba era um caso bem-sucedido de um povo unido e determinado em defender a Revolução. Destacou a autonomia e a originalidade do povo cubano, comparando com a luta dos libertadores do século XIX:

“no tenemos la menor relación con los imperialistas — es decir, que en materia de convicción y sinceridad revolucionarias no nos enseñó nadie, ¡que no nos enseñó nadie!, como nadie enseñó a nuestros libertadores de 1895, de 1868, el camino de la independencia y de la dignidad —, el pueblo de la Primera y de la Segunda Declaración de La Habana, que no copiamos de ningún documento, sino que fue pura expresión del espíritu profundamente revolucionario y altamente internacionalista de nuestro pueblo”.<sup>272</sup>

Como era comum nas efemérides, Castro criou narrativas sobre a história de Cuba. Para ele, a história do país ainda estava sendo escrita, no esforço e no trabalho diário de cada um.

---

<sup>269</sup> Discurso proferido no Comício do Sexto Aniversário da Revolução, realizada na Praça da Revolução, em 2 de janeiro de 1965. Disponível em <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f020165e.html>>. Acesso em: 8 de dezembro de 2023.

<sup>270</sup> Discurso proferido no Comício do Sexto Aniversário da Revolução, realizada na Praça da Revolução, em 2 de janeiro de 1965. Disponível em <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f020165e.html>>. Acesso em: 8 de dezembro de 2023.

<sup>271</sup> Sobre a crítica, ver as páginas 52 e 53 do capítulo 1.

<sup>272</sup> Palestra proferida no evento realizado nas escadarias da Universidade da Havana homenageando os mártires de 13 de março de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f130365e.html>>. Acesso em: 11 de dezembro de 2023.

Afirmou que os jovens presentes estavam em uma “marcha ascendente de nuestro pueblo en el camino de la historia”, “en el camino de la extraordinaria evolución de nuestras ideas”.<sup>273</sup> Esse caminho passava “por la historia gloriosa de nuestra patria”,<sup>274</sup> mas também pelas novas ideias marxistas-leninistas que faziam parte do futuro. Ao mostrar que a história era inacabada e que as pessoas comuns também eram atores sociais, a população percebia que Cuba estava evoluindo e que seus trabalhos faziam sentido, estavam fazendo a diferença na construção do socialismo.

Para Fidel, os jovens estavam honrando os que já morreram e seguindo a mesma linha revolucionária das gerações passadas. Recordando os mortos, chamou a atenção para a continuidade da luta e “que no se vuelva el recuerdo de las luchas de nuestro pueblo algo académico, que no se vuelva algo así como una historia fría [...] Recordamos esas fechas para redoblar el ímpetu, para redoblar la lucha”.<sup>275</sup>

Ao mesmo tempo, ele criou um afastamento em relação ao passado, falando sobre a constante evolução das ideias revolucionárias, e uma proximidade entre o passado e o presente, um ponto que é mais perceptível nos discursos até 1961. Mas, como essa era uma efeméride e falava sobre a defesa de uma proposta de internacionalismo, era interessante reivindicar essa aproximação. Esta ajudaria na legitimidade da proposta e na explicação de sua base, o anti-imperialismo cubano. O revolucionário continuou, afirmando que:

“esta lucha [...] comenzó hace prácticamente un siglo, comenzó con los primeros hombres que se levantaron en armas contra el coloniaje y la explotación de nuestra patria. Y ha seguido ese curso, ha seguido esa línea [...] Ese es su espíritu, esa es su tradición. Por el camino se han juntado todos los hombres dignos de esta tierra [...] Los primeros no eran marxista-leninistas. Carlos Manuel de Céspedes no lo era, Martí no lo era, porque en la época en que vivió y en las condiciones históricas en que se desarrolló su magnífica lucha no podía serlo. ¡Nosotros entonces habríamos sido como ellos, ellos hoy habrían sido como nosotros! [...] Y lo que puede decirse es que, desde entonces hasta hoy, largo ha sido el camino, larga ha sido la evolución de nuestro pensamiento revolucionario, porque a principios de la segunda mitad del pasado siglo no eran en nuestra patria las tareas de la revolución proletaria las que estaban planteadas: la lucha por la independencia contra el poder colonial español. Y surgimos a la vida a esa independencia cuando, por otra parte, surgía un poder mucho mayor y más temible: el imperialismo yanqui. La lucha contra ese poder [...] se convirtió en la gran tarea de nuestro pueblo, coincidiendo con tareas similares de otros

<sup>273</sup> Palestra proferida no evento realizado nas escadarias da Universidade da Havana homenageando os mártires de 13 de março de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f130365e.html>>. Acesso em: 11 de dezembro de 2023.

<sup>274</sup> Palestra proferida no evento realizado nas escadarias da Universidade da Havana homenageando os mártires de 13 de março de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f130365e.html>>. Acesso em: 11 de dezembro de 2023.

<sup>275</sup> Palestra proferida no evento realizado nas escadarias da Universidade da Havana homenageando os mártires de 13 de março de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f130365e.html>>. Acesso em: 11 de dezembro de 2023.

pueblos en este mismo continente y en Africa y en Asia y en Oceanía, y dondequiera que los pueblos luchan, cada vez más decididamente, contra el colonialismo y contra el imperialismo”.<sup>276</sup>

No mês seguinte, na comemoração da vitória na Baía dos Porcos, Fidel explicou que o dia 19 de abril já era uma data histórica para o país, assim como “el 24 de Febrero, en que se inició la revolución de José Martí”.<sup>277</sup> O nome de Martí foi citado, portanto, como um exemplo para demonstrar a importância das efemérides. E completou: “para que una fecha adquiriera carácter histórico es necesario que la idea que esa fecha representa se haga realidad”.<sup>278</sup> Nesse sentido, o dia 24 de fevereiro se tornou realidade com o triunfo da Revolução de 1959. Esta terminou o trabalho dos libertadores e estabeleceu as verdadeiras datas históricas, a verdadeira história do país. Mas o foco desse discurso foi o futuro, construído a partir da memória dessas efemérides:

“mientras soñamos con el futuro y trabajamos para el futuro, no debemos bajar la guardia en ningún instante [...] el pueblo ha aprendido mucho, es que la conciencia es cada vez mayor, es que a esa mayor conciencia se une una mayor organización en todos los órdenes, una mayor seguridad, una mayor confianza en el porvenir, ese porvenir hacia el que podemos mirar gracias a los que se sacrificaron aquel día en Girón”.<sup>279</sup>

No dia 16 de junho, na comemoração do quarto aniversário do Ministério do Interior, Castro chamou a atenção do público para as funções e os trabalhos realizadas por esse órgão. Entre as principais tarefas estava a descoberta e desarticulação de grupos armados e a reeducação e reabilitação dos prisioneiros contrarrevolucionários. Nesse sentido, afirmou que em ocasiões como essa ele lembrava dos “compañeros que, realizando tareas difíciles, duras, han ejercido ese heroísmo silencioso”,<sup>280</sup> dos homens que lutavam por uma causa, que

---

<sup>276</sup> Palestra proferida no evento realizado nas escadarias da Universidade da Havana homenageando os mártires de 13 de março de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f130365e.html>>. Acesso em: 11 de dezembro de 2023.

<sup>277</sup> Discurso proferido na comemoração da vitória de Playa Girón, realizado no Teatro Chaplin em 19 de abril de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f190465e.html>>. Acesso em: 11 de dezembro de 2023.

<sup>278</sup> Discurso proferido na comemoração da vitória de Playa Girón, realizado no Teatro Chaplin em 19 de abril de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f190465e.html>>. Acesso em: 11 de dezembro de 2023.

<sup>279</sup> Discurso proferido na comemoração da vitória de Playa Girón, realizado no Teatro Chaplin em 19 de abril de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f190465e.html>>. Acesso em: 11 de dezembro de 2023.

<sup>280</sup> Discurso proferido no quarto aniversário da fundação do Ministério do Interior, realizado no Teatro Chaplin em 16 de junho de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f160665e.html>>. Acesso em: 14 de dezembro de 2023.

cumpriam seu dever e que “ni siquiera luchan [...] por las glorias de este mundo. Martí decía que todas las glorias del mundo caben en un grano de maíz”.<sup>281</sup>

Usando essa metáfora, Castro quis mostrar que os membros da instituição seguiam as palavras de Martí. Eles eram como “heróis anônimos”, homens honestos, sem desejo de poder e que tinham como único propósito a defesa da Revolução. E todos os que estavam contra eles eram a favor do imperialismo e inimigos dos interesses do povo. Em 1965, no contexto de desarticulação dos grupos contrarrevolucionários, essa fala foi uma forma de legitimar a prisão de diversos inimigos e explicar seus crimes.

Dias depois, Castro fez um discurso para a delegação de jovens que iam para o IX Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes na Argélia. Nesse dia, se posicionou contra o golpe de Estado que derrubou o governo revolucionário de Ahmed Ben Bella naquele país. Castro destacou a relação de amizade entre Cuba e Argélia e o caráter imperialista do golpe, oferecendo sua solidariedade ao povo argelino. Deixou claro que o caso deveria servir de exemplo para a mobilização da juventude, com seu esforço e sua capacidade de criação. Aproveitando a ocasião, convocou os jovens para plantarem árvores e contribuírem para o reflorestamento de Cuba, pensando no futuro do país:

“si invitásemos a nuestros ancianos a sembrar los bosques con árboles que se van a cortar dentro de 10 ó dentro de 15 años, nos parecería un absurdo. Pero estoy seguro, incluso, de que muchos hombres, por el placer de crear, interpretando aquel bello sentimiento de Martí de que para ser un hombre se requería - para sentirse plenamente hombre - tres cosas: escribir un libro, tener un hijo y plantar un árbol; estoy seguro de que muchos plantarían un árbol por plantar un árbol, aunque nada esperasen de ese árbol. Pero, ¿acaso invitar a los jóvenes a esta tarea no es muy lógico? ¿A quién si no a los jóvenes de este país se ha de invitar para hacer aquellas cosas que ellos más que nadie son los que las van a disfrutar?”<sup>282</sup>

Na comemoração do dia 26 de julho, Castro continuou falando sobre a luta contra o inimigo imperialista e a contrarrevolução. Ressaltou que os Estados Unidos não conseguiriam interferir em todas as lutas pela libertação ao redor do mundo, nem impedir que Cuba fosse um exemplo para os outros países. Para Castro, as revoluções eram inevitáveis. O mundo vivia um momento de despertar do sentimento de liberdade e de justiça e o governo revolucionário continuaria trabalhando pelo futuro de Cuba e pela libertação da América. Ele também elogiou

<sup>281</sup> Discurso proferido no quarto aniversário da fundação do Ministério do Interior, realizado no Teatro Chaplin em 16 de junho de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f160665e.html>>. Acesso em: 14 de dezembro de 2023.

<sup>282</sup> Discurso aos delegados cubanos selecionados para representar Cuba no IX Festival Mundial de Jovens e Estudantes, no hotel Comodoro, 26 de junho de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f260665e.html>>. Acesso em: 14 de dezembro de 2023.

a união dos trabalhadores em torno do PURS na construção de uma democracia socialista e na batalha contra o espírito pequeno-burguês na administração pública: “eso es lo que nos permitirá aprovechar el inmenso caudal de trabajo, de energía y de iniciativa creadora de nuestro pueblo”.<sup>283</sup>

Nesse sentido, ao citar essa capacidade criadora dos cubanos, Castro fez referência indireta aos ideais de Martí de espírito inventivo, de soluções próprias e de criatividade na política.<sup>284</sup> Ele quis estimular o fortalecimento revolucionário da administração com instituições criadas “de nuestro espíritu, de nuestro pensamiento, de nuestra imaginación creadora. No copiaremos [...] copiar enerva el espíritu creador y la inteligencia de los pueblos”.<sup>285</sup> E continuou, afirmando que os cubanos tinham que “saber digerir, analizar, meditar las experiencias de todos los demás países, y aplicarlas aquí [...] solo cuando esas experiencias sean útiles [...] Y siempre aplicar estas experiencias con espíritu creador”.<sup>286</sup> Dessa forma, Cuba continuaria sendo um exemplo de “soluciones buenas, soluciones reales”<sup>287</sup> para os problemas internos e de luta contra o imperialismo: “El fenómeno imperialista lo aprendimos no en un libro; lo leímos en libros, pero lo aprendimos en nuestras propias carnes.”<sup>288</sup>

Nesse discurso, Castro também mencionou o nome de Martí. Falando sobre o espírito rebelde dos jovens, afirmou que à medida que forem aprendendo na prática e estudando, iriam se tornar revolucionários marxistas-leninistas. Segundo ele, foi isso o que aconteceu com a sua geração: “no podíamos llamarnos [...] marxista-leninistas conscientes. Pero el grupo de jóvenes que organizamos el Movimiento [...] estudiábamos a Marx y [...] a Lenin. Y entre los libros que

---

<sup>283</sup> Discurso pronunciado no aniversário do ataque Quartel de Moncada, na cidade de Santa Clara, em 26 de julho de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f260765e.html>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2023.

<sup>284</sup> Ver as páginas 51, 52 e 53 do capítulo 1.

<sup>285</sup> Discurso pronunciado no aniversário do ataque Quartel de Moncada, na cidade de Santa Clara, em 26 de julho de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f260765e.html>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2023.

<sup>286</sup> Discurso pronunciado no aniversário do ataque Quartel de Moncada, na cidade de Santa Clara, em 26 de julho de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f260765e.html>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2023.

<sup>287</sup> Discurso pronunciado no aniversário do ataque Quartel de Moncada, na cidade de Santa Clara, em 26 de julho de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f260765e.html>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2023.

<sup>288</sup> Discurso pronunciado no aniversário do ataque Quartel de Moncada, na cidade de Santa Clara, em 26 de julho de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f260765e.html>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2023.

nos ocuparon cuando el ataque al Moncada estaban los libros de Martí y los libros de Lenin”.<sup>289</sup> Isso mostrava que o caráter marxista-leninista representava uma evolução da consciência e da cultura revolucionária. Mesmo reconhecendo e utilizando as referências de Martí, Castro mostrava que os revolucionários naquele contexto estavam em uma nova fase, não apenas rebelde, mas socialista.

Em 21 de outubro, em um discurso para os jovens cubanos, Castro falou sobre os planos para a educação nos dez anos seguintes. Destacou a importância da alimentação gratuita nas escolas, da educação integral, da recreação e do fornecimento de roupas e assistência médica. O principal objetivo era a formação de futuras gerações cultas e anti-imperialistas que cumprissem o seu dever de ajudar outros povos e que não quisessem sair do país. Por isso, afirmou que “la Revolución se considera en el deber de amparar, sostener y garantizar la más completa educación a todo menor de cualquier sexo que, teniendo suficiente capacidad de discernimiento, no quiera abandonar a su patria para ir a vivir en las entrañas del monstruo”.<sup>290</sup> Nesse trecho, Castro fez referência à famosa frase de Martí sobre os Estados Unidos,<sup>291</sup> para justificar seu ponto de vista anti-imperialista.

Ao longo de 1965, pode-se afirmar que o nome, as expressões e os ideais políticos de Martí foram usados mais vezes em comparação com o ano anterior. Em pelo menos cinco ocasiões, Castro citou o nome de Martí, com diferentes intenções. Houve discursos em que ele quis defender uma política de solidariedade com países que estavam passando por conflitos causados pelo imperialismo, como a Guerra do Vietnã e o golpe na Argélia. Nesse sentido, quis legitimar, inclusive, o internacionalismo cubano mostrando suas bases autóctones e martianas. Em outros casos, buscou exaltar aqueles que trabalhavam na desarticulação dos grupos armados, legitimar a prisão dos contrarrevolucionários e convencer os jovens a não saírem do país e trabalharem no reflorestamento.

O que essas intenções têm em comum é que Martí foi usado como estratégia na luta contra o imperialismo e a contrarrevolução. No contexto de acirramento da Guerra Fria e de desarticulação dos grupos armados, as ideias martianas foram úteis para justificar a defesa da

---

<sup>289</sup> Discurso pronunciado no aniversário do ataque Quartel de Moncada, na cidade de Santa Clara, em 26 de julho de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f260765e.html>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2023.

<sup>290</sup> Discurso proferido no encerramento dos eventos realizados por ocasião do V Aniversário da Integração do Movimento Juvenil Cubano e a Inauguração dos I Jogos Desportivos Nacionais, no Estádio "Pedro Marrero", 21 de outubro de 1965. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f211065e.html>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2023.

<sup>291</sup> Sobre essa expressão, ver a página 32 do capítulo 1.

liberdade e da união entre os povos. E nesse anti-imperialismo, a questão do internacionalismo foi uma das pautas mais importantes. Foi nesse ano, inclusive, que o caráter internacionalista da Revolução esteve mais visível nos discursos desde 1959. Isso se deve também ao momento em que a Revolução estava passando, adquirindo certa estabilidade interna e podendo se comprometer com novas propostas de cooperação.

Em duas ocasiões, Castro também fez referência às ideias de Martí associadas à educação. Entre elas, estavam a criação de novas ideias, o espírito criador da juventude, a crítica constante e a noção de conhecimentos úteis, contra a imposição de modelos estrangeiros. Na política, a ideia de que o governo deveria concordar com a realidade do país também apareceu, demonstrando como deveria ser o socialismo em Cuba.

Percebe-se que, ao longo do ano, Martí foi utilizado para justificar, legitimar ou convocar o povo para alguma coisa. Essas intenções foram mais visíveis no início da Revolução, quando Martí foi evocado como estratégia de convencimento, de apelo ou de criação de uma imagem para o povo. Mas em 1965, Fidel precisava aproveitar o momento da unificação política para a realização de trabalhos coletivos, para prevenir novas articulações de grupos armados e defender suas propostas internacionalistas que considerava urgentes. O anti-imperialismo de Martí foi útil nesses contextos da contrarrevolução e das lutas por libertação em outros países.

Em relação às efemérides, em 1965 elas se centraram na história de Cuba, como ocorreu nos anos anteriores. Apesar de falar sobre a continuidade da luta de independência em uma ocasião, Fidel criou um afastamento em relação ao passado, mostrando a evolução das ideias revolucionárias em direção às teorias marxistas-leninistas. Em geral, a partir de 1962, Castro falava mais sobre o futuro da Revolução e seu caminho para o comunismo. O passado de Martí era algo para ser lembrado, mas de forma mais objetiva.

Portanto, ao longo desse capítulo, analisei os discursos entre 1962 e 1965, buscando as contribuições de Martí para a construção do socialismo em Cuba. Como já foi visto, o Apóstolo e as lutas de independência foram citados menos vezes nesse período em comparação com os anos anteriores. A influência de seus ideais políticos também se tornou mais sutil e o uso de sua linguagem mais pontual. Após a declaração do caráter socialista, Castro passou a enfatizar mais as teorias marxistas-leninistas, apesar de não aprofundá-las na maioria dos discursos.

Mesmo assim, Martí continuou sendo usado no processo de construção do socialismo. Em 1962, seu nome foi útil para explicar a construção do socialismo para a população, já que era um símbolo familiar para a maioria. Também foi usado para criticar o sectarismo e reforçar a política de condenação, diante das tensões nas ORI, e para promover uma aliança operário-

camponesa, no contexto de organização da sociedade para aumentar a produção e lutar contra os grupos armados. Já em 1963, Castro falou em seu nome para fortalecer a ideia de unidade, no contexto de criação do PURS e de implementação da reforma agrária. Além disso, foi mencionado para manter o apoio da população em locais suscetíveis a receber discursos anticomunistas, para agradecer a União Soviética e mostrar que o povo cubano era digno de seu apoio.

No ano seguinte, Martí foi citado poucas vezes para reforçar a mobilização dos trabalhadores para a produção agrícola e para fortalecer a consciência anti-imperialista antes de estabelecer os pontos da Declaração de Santiago de Cuba. Em 1965, as intenções ao usar Martí eram mostrar as bases do internacionalismo cubano, em meio aos conflitos da Guerra Fria, legitimar a prisão dos contrarrevolucionários, mostrar a evolução do processo revolucionário e convencer os jovens para o trabalho de reflorestamento e para não saírem do país, pensando no futuro de Cuba.

Para além da citação direta e explícita do nome de Martí, os ideais políticos de “Nuestra América” também foram utilizados. Em geral, foram mais recorrentes os ideais relacionados à educação e à luta contra o imperialismo. Quando Fidel falava sobre educação em Cuba, fazia referência às noções de utilidade, de criação de novas ideias, de potencial criador da nova geração, de crítica constante, de conhecimento da história e do que era necessário para o país e de descarte do que não fazia sentido para a realidade cubana. Esses ideais foram evocados, principalmente, nos discursos para professores e estudantes. Eram usados para valorizar o estudo na inauguração de novas escolas ou em formaturas e para preparar a formação de uma consciência socialista.

Relacionados a esses ideais sobre educação, Castro falou sobre a noção de criatividade na política. Em 1965, por exemplo, no contexto de criação do PCC, usou a ideia de formação de um governo que criasse soluções próprias e que estivesse de acordo com a história do país. Esses aspectos revelam a originalidade e a autoctonia na construção do socialismo em Cuba. Para Castro, o novo regime deveria ter bases nacionalistas, passando pela criação de instituições, organizações de massa e partidos adaptados à realidade local e não copiados do modelo soviético.

Em relação à luta contra o imperialismo, Fidel também explorou algumas ideias de Martí. Entre elas, estavam a união para alcançar a soberania e a libertação, as diferenças entre as duas Américas e o desprezo e o desconhecimento dos Estados Unidos em relação à “Nuestra América”. Também citou a expressão “más vale morir de pie que vivir de rodillas” e a ideia de “viver nas entranhas do monstro”, em referência à carta a Manuel Mercado.

Lembrando que, a partir de 1962, o imperialismo não foi um tema tão enfatizado quanto nos primeiros anos da Revolução Cubana. Castro estava mais focando na nova fase de construção do socialismo e na sua aproximação com a União Soviética. Mas o assunto aparecia quando Castro queria criticar alguma declaração de Kennedy ou ação dos Estados Unidos. Ou então, quando falava do internacionalismo, da luta contra os grupos armados ou queria recordar alguma agressão no contexto das efemérides.

Nessas datas comemorativas, espaço privilegiado para relembrar a história de Cuba, as menções a Martí eram frequentes. Os discursos foram feitos para grandes públicos, nas praças públicas das maiores cidades do país. Mas diferentemente dos anos anteriores em que Martí era citado como uma figura próxima com que a população se identificava, a partir de 1962, ele passou a ser retratado como uma imagem do passado, mais distante no tempo. Foi citado menos vezes como o Apóstolo ou o guia da Revolução, e, principalmente, como um personagem histórico que representava a antiga etapa nacionalista. Enquanto parte da memória da Revolução, construída ao longo dos primeiros anos, ele marcava as suas origens e a sua evolução em direção ao socialismo.

Sendo assim, entre 1962 e 1965, o nome de José Martí foi citado mais vezes em efemérides, como parte importante da história de Cuba. O foco, naquele período, não era falar do passado e se comover com ele, mas sim falar do futuro do país. Os ideais e a linguagem política de Martí foram utilizados, principalmente, quando os temas eram educação e imperialismo. Percebe-se que suas ideias ainda estavam na base da educação e nas críticas feitas aos Estados Unidos. Esses ideais foram os que mais continuaram influenciando o governo revolucionário em seu caminho para a construção do socialismo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para entender a Revolução Cubana e seu caráter nacionalista, é necessário recorrer ao pensamento de José Martí. Mesmo escrevendo em um contexto e em uma linguagem específica de seu tempo, seus ideais foram sendo utilizados em períodos posteriores e com diversas intenções e objetivos políticos. Um dos personagens históricos que mais se apropriou de suas ideias foi Fidel Castro, principal líder da Revolução que queria completar a luta de independência e, finalmente, garantir a soberania de Cuba.

Em “Nuestra América”, a linguagem de Martí era marcada por metáforas, pela criação de narrativas densas e pela descrição cuidadosa e poética. Articulava história, elementos da natureza, sentimentos e figuras representativas da América Latina. E incluía noções como alma, espírito, liberdade e mente, assim como falava de República, governo, razão e universidade. Apesar dessas inovações, sua forma de falar de política ainda estava inserida em um determinado contexto. Seus ideais políticos foram pensados durante o processo de descolonização de Cuba no final do século XIX e de busca por uma identidade e por alternativas à anexação aos Estados Unidos.

Mesmo assim, atesto a atualidade da obra de José Martí. Para além das questões de seu tempo, ele foi usado em contextos do século XX e ainda pode ser útil como base teórica ou inspiração para vários temas do século XXI. Entre esses temas, destaquei a educação crítica, os movimentos de resistência indígenas e camponeses e as experiências decoloniais, em voga no tempo presente. Se o imperialismo e o desconhecimento ainda são uma ameaça para a soberania da América Latina, Martí pode e deve ser utilizado como aporte.

Ao longo da análise dos discursos, percebi que Fidel, assim como Martí, criava narrativas e descrições elaboradas. Nos primeiros anos, estas se referiam, principalmente, à natureza, ao homem natural e aos sacrifícios das gerações revolucionárias. Fidel usava várias metáforas, inclusive as do próprio Martí, e não usava muitas palavras de ordem. Para tentar convencer a população de algo, ele preferia comover e apelar para alguma figura como o Apóstolo, o camponês ou os sentimentos da família.

Nesse processo, fui percebendo que nos dois primeiros anos, principalmente, Martí foi citado com bastante frequência.<sup>292</sup> Isso ocorreu em discursos em que Fidel buscava legitimar e justificar a Revolução, seu internacionalismo ou a reforma agrária; criar uma imagem para si

---

<sup>292</sup> Em 1959, por exemplo, Martí foi citado diretamente em 9 ocasiões, entre elas 2 efemérides, e em 1960, 7 vezes, também em 2 efemérides. Em contraposição, em 1964, ano em que foi citado menos vezes, ele apareceu em apenas 2 discursos, em efemérides.

mesmo; despertar o nacionalismo; definir uma identidade para o povo cubano; ou convocar a população para o trabalho. Eram discursos longos que, em geral, tentavam emocionar o público e criar uma continuidade entre o passado de lutas e o presente da Revolução.

Nesses anos, Martí era evocado constantemente como uma figura que estava presente, testemunhando o que ocorria em Cuba e que tinha muito em comum com os trabalhadores e guerrilheiros das décadas de 1950 e 1960. Essa aproximação era ainda mais enfatizada em discursos para a população mais pobre de Cuba e para estrangeiros, quando sua linguagem política internacionalista também estava mais presente. Por ser um símbolo próximo, que a população conhecia e se identificava, ele era útil em diversas ocasiões como estratégia de convencimento.

Além do nome de Martí, Fidel recorreu a diversos ideais de “Nuestra América”, em várias ocasiões. Entre esses ideais estavam a união dos povos latino-americanos; a definição de homem natural e de suas capacidades; a criação de novas ideias e da universidade americana; o estudo dos temas locais e a noção de utilidade na educação; o livre desenvolvimento do homem natural; a mudança de espírito; a igualdade racial; o governo lógico; a importância dos Estados Unidos conhecerem a América Latina e a ideia de soluções nacionais para os problemas econômicos.

A partir de 1962, Martí e seus ideais políticos foram sendo citados menos vezes e de forma mais pontual.<sup>293</sup> Em alguns casos, ele foi usado para justificar o socialismo, fortalecer a unidade, a política de condenação dos contrarrevolucionários e defender a aproximação de Cuba com a União Soviética. Mas Fidel quase não criava narrativas longas a partir de seu nome. Nesses casos, Martí foi citado poucas vezes como o Apóstolo e passou a ser retratado de forma mais objetiva, sem gerar muita comoção. Ele era como uma figura distante, mas que deveria ser mantida na memória. O passado de independência também passou a ser narrado com um certo afastamento, como uma etapa já superada.

Por isso, o nome de Martí foi sendo usado, principalmente, nas datas comemorativas, as efemérides. Eram dias específicos em que Fidel aproveitava para recordar a história de Cuba, criticar os Estados Unidos e reforçar a memória das lutas de independência, temas que não precisavam ser afirmados com tanta frequência na nova etapa da Revolução. Após a declaração do caráter socialista, o foco dos discursos passou a ser a preparação para o socialismo e a confiança no futuro, não mais a relação com o passado revolucionário.

Entre 1962 e 1965, os ideais de Martí foram retomados, principalmente, quando o

---

<sup>293</sup> A data de aniversário de Martí, inclusive, não foi comemorada entre 1962 e 1965.

assunto era educação e anti-imperialismo. Quando Fidel falava sobre educação, ele usava as noções de utilidade; de criação de novas ideias; de potencial criador da juventude; de crítica como saúde; de estudo da história do país e da capacidade de interpretar doutrinas estrangeiras e extrair apenas o necessário, descartando o que não fazia sentido para a realidade cubana.<sup>294</sup> Esses ideais continuaram presentes e explícitos, mesmo quando o nome de Martí e sua linguagem política eram mais sutis. Assim, as ideias de Martí continuaram influenciando a educação na nova etapa da Revolução, mas com novos objetivos, relacionados à formação da consciência socialista.

Quanto à pauta do anti-imperialismo, frequente nos contextos das efemérides, Fidel usava as noções de Martí de união dos povos, de desconhecimento dos Estados Unidos e das diferenças entre a América Latina e a “América Europeia”. Também usava o nome e a linguagem política de Martí<sup>295</sup> para dar credibilidade aos seus argumentos internacionalistas. O tema do internacionalismo, ligado ao anti-imperialismo cubano, foi importante, principalmente em 1959, quando Fidel buscava sair do isolamento e convocar outros povos para a luta. Em 1965, também foi um tema recorrente em meio aos conflitos e lutas por libertação durante a Guerra Fria.

Dessa forma, respondi a pergunta norteadora da pesquisa e analisei os usos políticos do passado anticolonial nos discursos de Fidel. Quanto a esse objetivo, a ideia não foi provar as influências de Martí que já se sabe que existiram. Tentei entender quando elas ocorreram, de ano em ano, e se houve uma diferença na forma ou na frequência com que Martí foi evocado após a declaração do caráter socialista. Analisar os usos políticos pressupõe entender as intenções e os objetivos políticos por trás da citação de Martí ou de suas ideias.

A partir da problemática, a primeira hipótese levantada foi que os ideais políticos de Martí foram retomados por Fidel entre 1959 e 1965, nas principais medidas tomadas em cada ano. Após o desenvolvimento da pesquisa, afirmo que entre os três primeiros anos, essa hipótese se confirmou. Mas nos quatro anos seguintes, as influências de Martí foram diminuindo. Uma das principais medidas nesse período, a segunda lei de reforma agrária, por exemplo, foi justificada como uma iniciativa marxista-leninista. A criação do PURS e do PCC, o projeto de industrialização, a mecanização e a diversificação da produção também foram justificadas a partir dessa base teórica.

---

<sup>294</sup> Noções que, em alguns casos, também eram usadas para se referir ao exercício do poder e à construção de um regime e de um governo adaptados aos elementos naturais do país.

<sup>295</sup> Destaco, principalmente, a associação dos Estados Unidos a um monstro, em referência à frase de Martí para Manuel Mercado.

A segunda hipótese era que Martí continuou sendo o principal teórico que Fidel recorreu, mesmo após o decreto do caráter socialista da Revolução. Após a análise dos discursos, percebi que entre 1962 e 1965, principalmente, Marx, Engels e Lenin foram mais usados que as teorias de Martí. Mesmo quando Fidel citava alguns ideais de Martí, para falar do governo, por exemplo, as noções de ditadura do proletariado e de fim da sociedade de classes eram mais enfatizadas. E mesmo essas teorias tendo sido pouco aprofundadas nos discursos, foram elas que Fidel recorreu para explicar as principais medidas e decisões tomadas nesses anos.

Já a terceira hipótese era que quando o nome e os ideais de Martí não estavam explícitos nos discursos, sua linguagem política estava presente. Essa hipótese também não se confirmou. A partir de 1962, a linguagem predominante era a marxista e a de Martí era mais usada em efemérides. Era nestes momentos que Fidel criava narrativas anti-imperialistas, usava mais metáforas e explorava mais as descrições e as diferenças entre as duas Américas. Enquanto nos anos iniciais da Revolução essa linguagem era recorrente para explicar a continuidade das lutas de independência, a partir de 1962, isso não era tão comum. Em diversas ocasiões, os ideais e a linguagem política de Martí não estavam presentes, em detrimento de uma linguagem marxista-leninista que representava a nova etapa da Revolução.

Por fim, reforço que a continuidade dos ideais de Martí é explícita, principalmente, nos primeiros três anos da Revolução Cubana. Apesar de não estar restrita a esse período, foi nessa época que Castro usava Martí em diversos contextos e para explicar várias medidas tomadas pelo governo revolucionário. A partir de 1962, em meio à influência marxista-leninista, o uso do nome e dos ideais de Martí foi diminuindo e se tornando mais sutil. As citações a ele foram se concentrando nas efemérides e em ocasiões que remetiam ao anti-imperialismo e à educação. E a forma de mencioná-lo também mudou. Passou a ser evocado como uma figura mais distante e para marcar a evolução do processo revolucionário e a divisão entre a fase nacionalista e a fase socialista.

A retomada de Martí em discursos sobre a educação e o anti-imperialismo mostra a continuidade de seus ideais para pensar a educação libertadora em Cuba e para desenvolver uma consciência anti-imperialista. Dentro deste tema, estava a questão do internacionalismo cubano e da necessidade dos outros países fazerem frente aos Estados Unidos. Mas era um assunto abordado de forma menos recorrente que a construção do socialismo e passou a ser direcionado mais para o bloco socialista e os conflitos da Guerra Fria, e não para os povos da América Latina.

Longe de esgotar o vasto debate historiográfico sobre o tema, esta dissertação complementa a ideia do caráter nacionalista da Revolução Cubana, especificando as influências

dos ideais políticos de Martí nos primeiros sete anos. Como foi visto, os objetivos foram atendidos e o problema foi respondido, considerando as hipóteses levantadas. A pesquisa foi conduzida com comprometimento, levando em consideração os prazos estipulados pelos orientadores e pelo programa de pós-graduação. E a análise das fontes foi feita de forma organizada e com base na teoria e na metodologia escolhida. Assim, a pesquisa foi desenvolvida dentro do prazo de dois anos.

Mas a discussão não acaba aqui. Diante da grande quantidade de discursos e da regularidade com que aparece o nome de Martí, novas pesquisas podem ser realizadas analisando outras palavras-chave referentes aos seus ideais políticos. Pode ser escolhido como objeto outro texto de sua obra, por exemplo, ou ser aprofundada a questão dos lugares de memória e da sua estátua no centro da Praça da Revolução.

Podem ser pesquisados também os usos políticos de outros intelectuais cubanos, como Julio Antonio Mella, Antonio Guiteras e José Antonio Echeverría, ou a influência da Revolução de 1933 na Revolução de 1959. Outra possibilidade é explorar mais os textos de autores que participaram do processo revolucionário. Entre eles, destaco Fernando Martínez Heredia, Tirso W. Sáenz, mencionados nesta pesquisa, e revolucionários como Armando Hart Dávalos e Antonio Núñez Jiménez. Dialogando com os discursos de Fidel, estes podem ser usados como fonte primária.

Também é possível pesquisar a influência dos ideais anti-imperialistas e de educação de Martí em outros anos, numa nova delimitação temporal, tendo em mente que os discursos disponíveis vão até o ano de 2008. Ou até, utilizar os discursos para entender as representações associadas a grupos como camponeses, negros e mulheres guerrilheiras naquele período ou analisar o papel das ORI, do PURS e das organizações de massa. São diversos os nomes, palavras e ideias que podem ser procuradas nos discursos e utilizadas como objeto de estudo. Mostro, portanto, a riqueza dos discursos como fonte histórica e sugiro novas possibilidades de pesquisa para que o tema não se encerre aqui.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

Discursos de Fidel Castro (1959, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964, 1965) disponíveis em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/>

### Referências

AARÃO REIS, Daniel. A revolução e o socialismo em Cuba: ditadura revolucionária e construção do consenso. In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha (org). *A construção social dos regimes autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

AGGIO, Alberto. Repensando a rebeldia da Revolução Cubana. *Estudos de História*. Franca: Unesp, v. 7, n. 2, 2000.

ÁLCÁZAR, Joan del. América Latina en el siglo XX. In: CARREDANO, Juan B. Amores. *Historia de América*. Barcelona: Editora Ariel, 2006, p. 801-855.

ALONSO JUNIOR, Odir. O processo revolucionário: 1953-1959. In: COGGLIOLA, Osvaldo (org.). *Revolução Cubana: História e problemas atuais*. São Paulo: Xamã, 1998, p. 51-64.

ÁLVAREZ, Benedicto Cuervo. Cuba: su difícil camino hacia la independencia (1845-1898). *La Razón Histórica*, nº 34, 2016.

ANCONI, Eliane. Antecedentes históricos de uma revolução anunciada. In: COGGLIOLA, Osvaldo (org.). *Revolução Cubana: História e problemas atuais*. São Paulo: Xamã, 1998, p. 9-19.

ANDRADE, Everaldo de Oliveira. O debate sobre a construção do Estado Socialista. In: COGGLIOLA, Osvaldo (org). *Revolução Cubana: História e problemas atuais*. São Paulo: Xamã, 1998, p. 113-123.

ARAUJO, Rafael. A América Latina e a história do tempo presente: teoria e olhares sobre uma história inacabada. In: SARMIENTO, Érica; AZEVEDO, André Nunes de (orgs). *Migrações e cidades nas Américas: processos históricos e análises do tempo presente*. Rio de Janeiro: Editora Ayran, 2022, p. 149-165.

ARAUJO, Rafael; ALONSO, Rafael. As relações entre Estados Unidos e América Latina (1889-1930): da Primeira Conferência Pan-Americana ao anti-imperialismo latino-americano. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, nº 25, jul-dez. 2018, p. 135-160.

ARAUJO, Rafael; SILVA, Tiago. Apropriações da Revolução Cubana pela esquerda latino-americana no início do século XXI. In: MENDES, Ricardo; SALES, Jean; ARAUJO, Rafael; SILVA, Tiago (org). *Revolução Cubana: Ecos, Dilemas e Embates na História e na Historiografia da América Latina*. 1 ed. Aracaju: Editora IFS, 2019, p. 274-301.

ÁVALOS, Martín López. Historiografía de la Revolución cubana. Entre los paradigmas y los discursos hegemónicos. In: SOLANO, Verónica Oikión, TRISTÁN, Eduardo Rey & ÁVALOS, Martín López (eds.). *El estudio de las luchas revolucionarias em América Latina (1959-1999)*. Santiago de Compostela: Editora da Universidade de Santiago de Compostela, 2014, p. 45-64.

AYERBE, Luis Fernando. *A Revolução Cubana*. São Paulo: UNESP, 2004.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BANDERA, Vinicius. O debate econômico dos anos 60. In: COGGLIOLA, Osvaldo (Org). *Revolução Cubana: História e problemas atuais*. São Paulo: Xamã, 1998, p. 81-94.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean François.

*Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998. p. 349-363.

BOBBIO, Norberto. *Teoria geral da política: a filosofia política e as lições dos clássicos*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

CALDAS, Camilo Onoda Luiz; LEITE, Maria do Carmo Luiz Caldas. Estado, Identidade e Educação: cento e cinquenta anos de resistências e lutas em Cuba. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, v.13, n.3, 2019, p. 234-270.

CALEGARI, Ana Paula Cecon. *Contrarrevolucionários e dissidentes nos discursos de Fidel Castro, 1959-1962*. 201 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. A data símbolo de 1898: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica. *História*, São Paulo, 22 (2), 2003, p. 35-58.

CARBONELL, Walterio. *Cómo surgió la cultura nacional*. Havana: Biblioteca Nacional José Martí, 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e poder: uma nova história política? In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012a, p. 38-54.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e textualidade. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012b, p. 225-241.

CARRERA DAMAS, Germán. Del Estado Colonial al Estado Independiente Nacional. In: VAZQUEZ, Josefina Z. *História General de América Latina*. Madrid: Editorial Trotta/UNESCO, v. VI, 2007, p. 31-62.

CARVALHO, Eugênio Rezende de. Idéias e identidade na América: quatro visões. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXIV, n. 2, dezembro 1998, p. 7-28.

CASAS, Alejandro. Pensamiento crítico y marxismo em América Latina: algunas trayectorias entre Bolívar e Mariátegui. [Colaboraciones]. In: FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto.

*Pensamiento de “Nuestra América”*: autoreflexiones y propuestas. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, 2006, p. 93-116.

CASTRO, Fidel. La história me absolverá. In: CENTRO DE ESTUDOS MARTIANOS. *José Martí*: el autor intelectual. La Habana: Editora Política, 1983.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. São Paulo: Editora Contexto, 1ª edição, 2008.

CHOMSKY, Aviva. *História da Revolução Cubana*. São Paulo: Veneta, 2015.

CIVEIRA, Francisca López; MENCÍA, Mario; TABÍO, Pedro Álvarez. *Historia de Cuba 1899-1958*: Estado Nacional, dependência y revolución. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 2015 (Tomo II).

CORRARELLO, Ana Maria. *Fundación de la memória revolucionaria: Cuba 1959-1962*. 2006. 127 f. Dissertação (Mestrado em Análise do Discurso) – Faculdade de Filosofia e Letras, Universidade de Buenos Aires, Buenos Aires, 2006.

COSTA, Elzimar Goettenauer de Marins. O papel dos intelectuais na América Latina. *Caligrama*, Belo Horizonte, n. 9, dezembro 2004, p. 29-56.

FALCON, Francisco. História das Idéias. In: CARDOSO, Ciro F; VAINFAS, Ronaldo (orgs). *Domínios da História*: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997a.

FALCON, Francisco. História e Poder. In: CARDOSO, Ciro F; VAINFAS, Ronaldo (orgs). *Domínios da História*: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997b.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FARHAT, Filipe Silveira; MIGLIOLI, Aline Marcondes; VIEIRA; Carlos Alberto Cordovano. Os primeiros trinta anos da Revolução Cubana à luz do pensamento martiano. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, v. 13, n. 3, 2019, p. 207-233.

FERNANDES, Florestan. *Da Guerrilha ao socialismo: A Revolução Cubana*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FERNANDES, Florestan. O que é Revolução? (1981) In: PRADO JUNIOR, Caio; FERNANDES, Florestan. *Clássicos sobre a Revolução Brasileira*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. Introdução a José Martí. In: MARTÍ, José. *Nossa América*: Antologia. Textos selecionados por Roberto Fernandez Retamar. São Paulo: HUCITEC, Associação Cultural José Martí, 1983.

FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. Martí em seu (terceiro) Mundo. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, v.13, n.3, 2019.

FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *Pensamiento anticolonial de “Nuestra América”*. 1 ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, 2016.

FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *Pensamiento de “Nuestra América”*: autoreflexiones y propuestas. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, 2006.

FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *Todo Calibán*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, 2004, p. 19-81.

FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. *Historia conceptual en el Atlántico: lenguajes, tiempos, revoluciones*. Madrid: FCE, 2021.

GILL, Rosalind. Análise de Discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (editores). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

GIRAUDO, Silvia. *Revolución es más que una palabra: Fidel Castro en la tribuna*. Buenos Aires: Biblos, 2010.

GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GUANCHE, Julio César. A democracia em Cuba. *Revista de Estudos Avançados*, v. 25, n. 71, 2011, p. 19-28.

GUERCIO, Maria Rita; CARVALHO, Dorisney de. Cuba e Estados Unidos: uma história de hostilidades. In: COGGLIOLA, Osvaldo (org). *Revolução Cubana: História e problemas atuais*. São Paulo: Xamã, 1998, p. 125-134.

GUEVARA, Ernesto Che. Guerra de guerrilhas, um método. IN: LÖWY, Michael (org.). *O Marxismo na América Latina*. São Paulo: Expressão Popular/Perseu Abramo, 2016, p. 299-308.

GUEVARA, Ernesto Che. Mensagem à Tricontinental. IN: LÖWY, Michael (org.). *O Marxismo na América Latina*. São Paulo: Expressão Popular/Perseu Abramo, 2016, p. 309-312.

HIDALGO, Rafael. As lições de Che Guevara. In: COGGLIOLA, Osvaldo (org). *Revolução Cubana: História e problemas atuais*. São Paulo: Xamã, 1998, p. 185-189.

IBARRA, Jorge. Historiografía y revolución. *Temas*, n. 1, 1995, p. 4-14.

JELIN, Elizabeth. *La lucha por el pasado: Cómo construimos la memoria social*. Buenos Aires: Siglo XIX Editores Argentina, 2017.

LINERA, Álvaro García. *¿Qué es una revolución? y otros ensayos reunidos*. Buenos Aires: CLACSO/Prometeo, 2020.

LÖWY, Michael. Pontos de referência para uma história do marxismo na América Latina. In: LÖWY, Michael (org.). *O Marxismo na América Latina*. São Paulo: Expressão Popular/Perseu Abramo. 4ª Edição. 2016, p. 11-67.

MAO JUNIOR, José. A crise do sistema oligárquico de dominação em Cuba: a Revolução de 1933. *Proj História*, São Paulo, (31), p. 207-236, dez. 2005.

MARTÍ, José. A alma da Revolução e o dever de Cuba na América. In: MARTÍ, José. *Nossa América: Antologia*. Textos selecionados por Roberto Fernandez Retamar. São Paulo: HUCITEC, Associação Cultural José Martí, 1983, p. 232-237.

MARTÍ, José. A Conferência Monetária das Repúblicas da América. In: MARTÍ, José. *Nossa*

*América: Antologia. Textos selecionados por Roberto Fernandez Retamar. São Paulo: HUCITEC, Associação Cultural José Martí, 1983, p. 202-211.*

MARTÍ, José. A verdade sobre os Estados Unidos. In: MARTÍ, José. *Nossa América: Antologia. Textos selecionados por Roberto Fernandez Retamar. São Paulo: HUCITEC, Associação Cultural José Martí, 1983, p. 245-248.*

MARTÍ, José. As ruínas indígenas. In: MARTÍ, José. *Nossa América: Antologia. Textos selecionados por Roberto Fernandez Retamar. São Paulo: HUCITEC, Associação Cultural José Martí, 1983, p. 153-160.*

MARTÍ, José. Bolívar. In: MARTÍ, José. *Nossa América: Antologia. Textos selecionados por Roberto Fernandez Retamar. São Paulo: HUCITEC, Associação Cultural José Martí, 1983, p. 238-244.*

MARTÍ, José. Carta a Manuel Mercado. In: MARTÍ, José. *Nossa América: Antologia. Textos selecionados por Roberto Fernandez Retamar. São Paulo: HUCITEC, Associação Cultural José Martí, 1983, p. 252-254.*

MARTÍ, José. Com todos e para o bem de todos. In: MARTÍ, José. *Nossa América: Antologia. Textos selecionados por Roberto Fernandez Retamar. São Paulo: HUCITEC, Associação Cultural José Martí, 1983, p. 219-228.*

MARTÍ, José. Mãe América. In: MARTÍ, José. *Nossa América: Antologia. Textos selecionados por Roberto Fernandez Retamar. São Paulo: HUCITEC, Associação Cultural José Martí, 1983, p. 186-193.*

MARTÍ, José. Minha Raça. In: MARTÍ, José. *Nossa América: Antologia. Textos selecionados por Roberto Fernandez Retamar. São Paulo: HUCITEC, Associação Cultural José Martí, 1983, p. 229-231.*

MARTÍ, José. Nuestra América. In: MARTÍ, José. *Nossa América: Antologia. Textos selecionados por Roberto Fernandez Retamar. São Paulo: HUCITEC, Associação Cultural José Martí, 1983, p. 194-201.*

MARTÍ, José. Professores Ambulantes. In: MARTÍ, José. *Nossa América: Antologia. Textos selecionados por Roberto Fernandez Retamar. São Paulo: HUCITEC, Associação Cultural José Martí, 1983, p. 83-86.*

MARTÍ, José. Vindicação de Cuba. In: MARTÍ, José. *Nossa América: Antologia. Textos selecionados por Roberto Fernandez Retamar. São Paulo: HUCITEC, Associação Cultural José Martí, 1983, p. 147-152.*

MARTÍNEZ HEREDIA, Fernando. Educación, cultura y Revolución Socialista. In: MARTÍNEZ HEREDIA, Fernando. *Pensar en tiempo de Revolución: antología esencial. Buenos Aires: CLACSO, 2018 (compilado por Magdiel Sánchez Quiróz), p. 59-72.*

MARTÍNEZ HEREDIA, Fernando. La noción de pueblo en La Historia me absolverá. In: MARTÍNEZ HEREDIA, Fernando. *Pensar en tiempo de Revolución: antología esencial. Buenos Aires: CLACSO, 2018 (compilado por Magdiel Sánchez Quiróz), p. 513-519.*

MARTÍNEZ HEREDIA, Fernando. Revolución Cubana, Fidel y el pensamiento

latinoamericano de izquierda. In: MARTÍNEZ HEREDIA, Fernando. *Pensar en tiempo de Revolución: antología esencial*. Buenos Aires: CLACSO, 2018 (compilado por Magdiel Sánchez Quiróz), p. 1175-1180.

MARTÍNEZ HEREDIA, Fernando. Socialismo. In: MARTÍNEZ HEREDIA, Fernando. *Pensar en tiempo de Revolución: antología esencial*. Buenos Aires: CLACSO, 2018 (compilado por Magdiel Sánchez Quiróz), p. 732-759.

MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Luiz Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MCGILLIVRAY, Gillian. Ascensão e queda do pacto populista em Cuba, 1934-1959. *Tempo*, v. 17, n. 33, jul-dez. 2012, p. 105-140.

MENDES, Ricardo Antonio Souza. América Latina – Interpretações da origem do imperialismo norte-americano, *Proj. História*, São Paulo, v. 31, 2005, p. 167-188.

MENDES, Ricardo Antonio Souza. Pensando a Revolução Cubana: nacionalismo, política bifurcada e exportação da Revolução. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, v. 1, 2009, p. 1-29.

MENDES, Ricardo Antonio Souza; CALEGARI, Ana Paula Cecon. Combate ao sectarismo: dissidências e embates políticos ao longo da Revolução Cubana (1959-1964). *Dimensões*, v. 35, 2015, p. 366-390.

MENDONÇA, Sonia Regina de; FONTES, Virgínia. História e teoria política. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 55-71.

MERGULHÃO RUAS, Luis Eduardo. Cuba: os caminhos do Poder Popular e as Reformas Políticas. In: MENDES, Ricardo; SALES, Jean; ARAUJO, Rafael; SILVA, Tiago (org.). *Revolução Cubana: Ecos, Dilemas e Embates na História e na Historiografia da América Latina*. 1 ed. Aracaju: Editora IFS, 2019.

MISKULIN, Silvia Cezar. *Cultura Ilhada: imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)*. São Paulo: Unesp, 2003.

MIZUKAMI, Eduardo de Souza; BUZETTO, Marcelo. Revolução inacabada. In: COGLIOLA, Osvaldo (org). *Revolução Cubana: História e problemas atuais*. São Paulo: Xamã, 1998, p. 65-79.

MORENO, Nahuel. *As revoluções do século XX*. São Paulo: Editora Sundermann, 2003.

MULLER, Carolina de Azevedo. A representação da atuação política de uma heroína da Revolução Cubana: o caso de Haydée Santamaría no documentário cubano *Nuestra Haydée*. In: CALEGARI, Ana Paula Cecon; GENEROSO, Lídia Maria de Abreu (org.). *Revolução Cubana: perspectivas históricas e desafios atuais*. Belo Horizonte: Initia Via, 2021, p. 296-312.

NAVARRO, José C. Cantón; LEÓN, Amaldo Silva. *Historia de Cuba 1959-1999: Liberación Nacional y Socialismo*. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 2010 (Tomo III).

NAVAS, Christian Paul Naranjo; NAVAS, Andrés David Naranjo; LABANDA, Cumandá Navas. Sobre el discurso alrededor de las ideas de revolución em América Latina. *IUSTA*, nº

49, julio-diciembre 2018, p. 169-192.

NETO, Daiana Pereira. 1898 como paradigma para a História Latino-Americana. In: FERNANDES, Estevam de Oliveira. *História da América: historiografia e interpretações*. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012.

NUNES, Tadeu Medeiros. Cuba livre (?). In: COGGLIOLA, Osvaldo (org). *Revolução Cubana: História e problemas atuais*. São Paulo: Xamã, 1998, p. 21-28.

ORLANDI. Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes Editores, 2013.

PASQUINO, Gianfranco. Revolução. IN: BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora da UNB, 1998, p. 1121-1131.

PÉREZ JR., Louis A. *Ser Cubano*. Havana: Editorial de Ciências Sociais, 2016.

PERICÁS, Luiz Bernardo. *Che Guevara e o debate econômico em Cuba*. São Paulo: Boitempo, 2018.

POCOCK. John. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

POCOCK, John. *Quentin Skinner: a história da política e a política da história*. Rio de Janeiro: Topoi, v. 13, nº 25, jul./dez., 2012, p. 193-206.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POMAR, Valter. Fidel Castro: a história o absolverá? In: COGGLIOLA, Osvaldo (Org). *Revolução Cubana: História e problemas atuais*. São Paulo: Xamã, 1998, p. 191-200.

PRADO, Gilliard. *A construção da memória da Revolução Cubana: a legitimação do poder nas tribunas políticas e nos tribunais revolucionários*. Curitiba: Appris, 2018.

PRADO JUNIOR, Caio. A Revolução Brasileira (1966) In: PRADO JUNIOR, Caio; FERNANDES, Florestan. *Clássicos sobre a Revolução Brasileira*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

REYES, Edmé Domínguez. La política soviética y cubana hacia Nicaragua. *Papers: Revista de Sociologia*, n. 35, 1990, p. 95-115.

RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RIBEIRO, Vicente; WASSERMAN, Cláudia. Cuba e a esquerda latino-americana. Entre o impacto da Revolução de 1959 e a Revolução bolivariana. *Cahiers des Amériques Latines*. v. 57-58, 2009, p. 75-86.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

RODRIGUES, Bruno Romano. ¡Habla Comandante! Estratégias de memória nos discursos de Fidel Castro (1959-2006). In: CALEGARI, Ana Paula Cecon; GENEROSO, Lídia Maria de Abreu (org.). *Revolução Cubana: perspectivas históricas e desafios atuais*. Belo Horizonte: Initia Via, 2021, p. 409-431.

RODRÍGUEZ, Justo Alberto Chávez. A educação em Cuba entre 1959 e 2010. *Revista de Estudos Avançados*, v. 25, n. 71, 2011, p. 45-54.

RODRÍGUEZ, Pedro Pablo. *Martí e as duas Américas*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

ROLLEMBERG, Denise. O apoio de Cuba à luta armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. Ano 1, n. 1, julho 2009.

SÁENZ, Tirso W. Che Guevara e sua contribuição ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico em Cuba. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, v. 13, n. 3, 2019, p. 37-66.

SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos. A revolução cubana e as intersecções de gênero, raça e sexualidade. In: CALEGARI, Ana Paula Cecon; GENEROSO, Lídia Maria de Abreu (org.). *Revolução Cubana: perspectivas históricas e desafios atuais*. Belo Horizonte: Initia Via, 2021, p. 258-281.

SCHACTAE, Andréa Mazurok. A Revolução Cubana e os espaços ocupados por homens e mulheres. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13º Congresso Mundos de Mulheres (Anais Eletrônicos)*, Florianópolis, 2017, p. 1-12.

SILVA, Izabel Pimentel da. “Nuestra América”: a Revolução Cubana e o internacionalismo das esquerdas revolucionárias da América do Sul. In: MENDES, Ricardo; SALES, Jean; ARAUJO, Rafael; SILVA, Tiago (org.). *Revolução Cubana: Ecos, Dilemas e Embates na História e na Historiografia da América Latina*. 1 ed. Aracaju: Editora IFS, 2019, p. 222-244.

SILVA, Izabel Pimentel da. Uma ilha, um farol: a Revolução Cubana e as esquerdas revolucionárias da América do Sul. In: CALEGARI, Ana Paula Cecon; GENEROSO, Lídia Maria de Abreu (org.). *Revolução Cubana: perspectivas históricas e desafios atuais*. Belo Horizonte: Initia Via, 2021, p. 97-117.

SILVA JUNIOR, José Antonio Ferreira da. O herói revivido: Martí e o discurso revolucionário cubano. *Temporalidades – Revista Discente UFMG*, 2012, p. 63-76.

SKINNER, Quentin. *Visões da política: questões metodológicas*. Lisboa: Difel, 2005.

STOCCO, Aline Fae. Cuba: continuidades e rupturas do socialismo. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, v. 13, n. 3, 2019, p. 345-387.

STRECK, Danilo R. *José Martí & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

TORRES, Ricardo Romo. Contribuciones en torno a una visión epistémico-poética desde “Nuestra América”. In: FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *Pensamiento de “Nuestra América”*: autoreflexiones y propuestas. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, 2006, p. 117-136.

TORRES-CUEVAS, Eduardo; LOYOLA VEGA, Oscar. *Historia de Cuba 1492-1898: Formación y Liberación*. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 2002 (Tomo I).

VALDÉS PAZ, Juan. A Revolução Agrária Cubana: conquistas e desafios. *Revista de Estudos Avançados*, v. 25, n. 71, 2011, p. 73-87.

VALENÇA, Daniel Araújo; CAVALCANTE, Giulia Maria Jenelle; FREITAS, Júlia Maria dos Santos de. Marxismo e América Latina: aportes para a compreensão de um continente em luta. In: VALENÇA, Daniel Araújo; JÚNIOR, Ronaldo Moreira Maia; GOMES, Rayane Cristina de Andrade. *Marxismo e América Latina: lutas políticas e novos processos constituintes*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2019, p. 1-18.

VASCONCELOS, Joana Salém. *História agrária da Revolução Cubana: dilemas do socialismo na periferia*. São Paulo: Alameda, 2017.

VILABOY, Sergio Guerra; GALLARDO, Alejo Maldonado. *Historia de la Revolución Cubana*. Quito: Ediciones de la tierra, 2005, p. 23-127.

WASSERMAN, Claudia. Percursos intelectuais latino-americanos: “Nuestra América” de José Martí, e “Ariel” de José Enrique Rodó – as condições de produção e o processo de repercussão do pensamento identitário. *Diálogos*, DHI/UEM, v. 8, n. 1, 2004, p. 51-66.

WINOCK, Michel. As idéias políticas. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 285.